

*entre Luas
e Segredos
Vozes e Livros*

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE
EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Lucas Carboni Vieira

**ENTRE LUAS E SEGREDOS, VOZES E LIVROS:
sujeitos em conflito, sentidos em disputa**

Porto Alegre
2019

**ENTRE LUAS E SEGREDOS, VOZES E LIVROS:
sujeitos em conflito, sentidos em disputa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Dóris Maria Luzzardi Fiss

Linha de Pesquisa: Arte, Linguagem e Currículo

Porto Alegre
2019

CIP - Catalogação na Publicação

Vieira, Lucas Carboni

Entre luas e segredos, vozes e livros: sujeitos em conflito, sentidos em disputa / Lucas Carboni Vieira. -- 2019.

243 f.

Orientador: Dóris Maria Luzzardi Fiss.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Sexualidade e Gênero. 2. Análise de Discurso. 3. Michel Pêcheux. I. Fiss, Dóris Maria Luzzardi, orient.

II. Título.

Lucas Carboni Vieira

**ENTRE LUAS E SEGREDOS, VOZES E LIVROS:
sujeitos em conflito, sentidos em disputa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 31 de julho de 2019.

Profa. Dra. Dóris Maria Luzzardi Fiss – Orientadora

Profa. Dra. Analice Dutra Pillar – UFRGS/PPGEDU

Profa. Dra. Solange Mittmann – UFRGS/PPGLET

Profa. Dra. Luciene Jung de Campos – UCS/PPGTURH

*Aos que são “muito mais”,
quer saibam disso ou não.*

AGRADECIMENTOS

É-me impossível não agradecer a vida. Pelos encontros transformadores, pelas pessoas tocantes, pelos saberes provocadores. Agradeço pelos cruzamentos do caminho e pelas parcerias incansáveis com quem desfruto o prazer de viajar atado pelos laços da amizade e do carinho. Indispensável, entretanto, dar nome a alguns desses afetos, em razão do brilho com que se manifestaram em minha caminhada. Se faz indispensável falar daquela que conheci como professora, depois como orientadora e que rapidamente, em razão da amorosidade, ocupou o posto de uma amiga mui querida, com que compartilho sonhos de um mundo mais justo e mais digno para todos nós. Obrigado, Dóris, pela tua incansável amizade e pelas “(des)orientações” (como costumamos dizer) tão ricas que fizeram e fazem de mim um professor e um pesquisador melhores. Agradeço também à minha família, pela compreensão e pelo apoio para que eu seguisse pelos caminhos da pesquisa e da educação em uma conjuntura nacional que, por estas funções, tem tão pouco apreço. Por fim, evoco as palavras de Violeta Parra, eternizadas na voz por uma de minhas cantoras favoritas, Mercedes Sosa:

*Gracias a la vida que me ha dado tanto,
Me dio dos luceros que cuando los abro
Perfecto distingo lo negro del blanco
Y en el alto cielo su fondo estrellado
Y en las multitudes el hombre que yo amo
Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado el oído que en todo su ancho
Cada noche y días
Grillos y canarios, martillos, turbinas
Ladridos, chubascos
Y la voz tan tierna de mi bien amado
Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado el sonido y el abecedario
Con el las palabras que pienso y declaro
Madre, amigo, hermano y luz alumbrando
La ruta del alma del que estoy amando
Gracias a la vida que me ha dado tanto*

*Me ha dado la marcha de mis pies cansados
Con ellos anduve ciudades y charcos Playas y
desiertos, montañas y llanos
Y la casa tuya, tu calle y tu patio
Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio el corazón que agita su marco Cuando
miro el fruto del cerebro humano
Cuando miro el bueno tan lejos del malo
Cuando miro el fondo de tus ojos claros
Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto Así yo
distingo dicha de quebranto
Los dos materiales que forman mi canto Y el
canto de ustedes que es el mismo canto
Y el canto de todos que es mi propio canto*

Grato sou.

“[...] quero fazer coisas grandes, coisas importantes no sentido de coisas que...impactem pessoas [...]

Lua Crescente

“[...] eu tenho muita fé na garra das pessoas, assim. Eu acredito nas pessoas. Eu acredito que... de alguma forma a gente via conseguir... pensando na conjuntura atual, que a gente vá conseguir ah... travar essa batalha dignamente [...]

Lua Cheia

Então eu acho que se eu olhasse pro espelho e voltasse a ser criança, eu falaria isso: nunca deixe de ser você mesma. Mesmo que doa de mais, mesmo que isso seja extremamente difícil [...]

Lua Minguante

“[...] tem coisas muito mais despuoradas e depravadas do que a sexualidade das pessoas, do que o amor dos outros [...] eu considero a fome, eu considero a miséria, muito mais agressiva do que o beijo de um casal homossexual [...] Amor nunca é terrível, entendeu. Nunca é feio [...]

Lua Nova

RESUMO

Nesta pesquisa, seguimos pelos caminhos teóricos da Análise de Discurso de Michel Pêcheux – disciplina de entremeio na qual descobrimos uma forma de conhecimento e um espaço de resistência. Ela corresponde à materialização de um gesto analítico comprometido com a compreensão dos sentidos produzidos por sujeitos que se constituem na movência. Seu objetivo geral é explicitar os gestos de interpretação dos sujeitos LGBTQ+, seus processos de identificação e suas filiações de sentidos, descrevendo a relação do sujeito com as memórias deste campo. Com este objetivo estão articulados três objetivos específicos: realizar uma “escuta discursiva” de experiências das pessoas LGBTQ+, compreendendo os movimentos de estabilização/desestabilização das redes de sentidos; compreender os dizeres dos sujeitos LGBTQ+ acerca de si mesmos desde suas condições de produção; analisar os processos pelos quais sujeitos e sentidos se (des)fazem, considerando a heterogeneidade constitutiva. Afetados, de modo contraditório e tenso, pela normatividade e pela insistência em existir apesar dela, tais sujeitos se constituem a partir de sua identificação, ou não, com saberes circulantes em Formações Discursivas antagônicas que nomeamos Formação Discursiva Inferno Social e a Formação Discursiva Liberdade Pessoal, sendo, ambas, manifestação de uma Formação Ideológica dos Costumes. Nos movimentos discursivos dos sujeitos entre o fogo do inferno social e as alegrias da liberdade pessoal, os sentidos já estabelecidos de preconceito e discriminação são arranhados de tal forma que se estilhaçam. Ressoam, da relação de forças entre as formações discursivas, quatro efeitos de sentido principais: Efeito de Sentido de Expurgo associado ao afastamento do convívio social, à solidão; Efeito de Sentido de Cerceamento vinculado ao efeito controlador da normatividade, que busca imputar ao próprio sujeito a razão da violência discriminatória de que é alvo; Efeito de Sentido de Esperança sustentado pela crença em um devir de felicidade, apesar da sociedade, apesar da violência; Efeito de Sentido de Humanidade relacionado à complexidade dos LGBTQ+. Estes sujeitos, afetados pela discriminação, constituem-se no movimento, de forma heterogênea, assumindo diversas posições-sujeitos, por vezes, em conflito entre si. Este assumir de diversas posições revela a constituição dividida do sujeito que, deslizando entre posições, materializa nos seus enunciados a correlação de forças sócio-históricas que o marcam como um sujeito afetado pela ideologia.

Palavras-chave: Michel Pêcheux. Análise de Discurso. LGBTQ

ABSTRACT

In this research, we follow the theoretical paths of Michel Pêcheux's Discourse Analysis - an intermedium discipline in which we discover a form of knowledge and a space of resistance. It corresponds to the materialization of an analytical gesture committed to the understanding of the senses produced by subjects that constitute themselves in the movement. Its general objective is to make explicit the gestures of interpretation of LGBT+ subjects, their identification processes and their sense affiliations, describing the relation of the subject to the memories of this field. With this objective, three specific objectives are articulated: to carry out a "discursive listening" of LGBT + people's experiences, including the stabilization / destabilization movements of the senses networks; understand the LGTB + subjects' sayings about themselves from their production conditions; to analyze the processes by which subjects and senses are (are), considering the constitutive heterogeneity. Affected, in a contradictory and tense way, by the normativity and the insistence on existing in spite of it, such subjects are constituted from their identification, or not, with circulating knowledge in antagonistic Discursive Formations – that we named as Discursive Formation Social Inferno and the Discursive Formation Personal Freedom , both being manifestation of an Ideological Formation of the Morals. In the subjects' discursive movements between the fire of social hell and the joys of personal freedom, the already established senses of prejudice and discrimination are scratched in such a way that they shatter. From the relation of forces between discursive formations, there are four main sense effects: Sense Effect of Purge, associated with the withdrawal from social life, to solitude; Sense Effect of Retrenchment linked to the controlling effect of normativity, which seeks to impute to one's own self the reason for the discriminatory violence of which it is targeted; Sense Effect of Hope sustained by the belief of coming happiness, despite the society, despite the violence; Sense Effect of Humanity, related to the complexity of LGBT+. These subjects, affected by the discrimination, constitute themselves moving, in a heterogeneous way, assuming various subjects' positions, sometimes in conflict with each other. This assumption of several positions reveals the divided constitution of the subject who, sliding between positions materializes in his statements the correlation of socio-historical forces that mark him as a subject affected by ideology.

Keywords: Michel Pêcheux; Discourse Analysis; LGBT+.

VIEIRA, Lucas Carboni. **Entre Luas e Segredos, Vozes e Livros: sujeitos em conflito, sentidos em disputa.** Porto Alegre, 2019. 254 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Notícia: Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo.....	34
Figura 2 - Notícia: “Brasil é país que mais mata travestis e transexuais no mundo”	35
Figura 3 - Notícia: Juiz federal do DF libera tratamento para “cura gay”	36
Figura 4 - Notícia: Promotor diz que não existe pedofilia na exposição: “Queermuseu’	37
Figura 5 - Notícia: “Queermuseu”: acusações de apologia e profanação não se aplicam à exposição fechada	38
Figura 6 - Notícia: Professora da UFBA é ameaçada de morte	38
Figura 7 - Notícia: Travesti é encontrada morta com a cabeça esmagada e várias facadas pelo corpo.....	39
Figura 8 - Notícia: Corpo queimado em canalial é de rapaz morto pela mãe por ser gay	40
Figura 9 - Notícia: Mãe e filha são agredidas em shopping de Brasília	40
Figura 10 - Notícia: Estudante Matheusa foi "julgada" antes de ser morta por traficantes	41
Figura 11 - Notícia: Direitos da população LGBTQI de RR emite nota de pesar por assassinato de travesti	42
Figura 12 - Notícia: Travesti é encontrada morta com a cabeça esmagada	43
Figura 13 - Produção de Sentidos em Livro das Sombras	55
Figura 14 - "Liberdade" e seus arredores discursivos.....	125
Figura 15 - Funcionamento catafórico do “assim”	132
Figura 16 - Formação Ideológica, Formações Discursivas e Posições-Sujeito.....	161
Figura 17 - As marcas linguísticas “coisa” e “coisas”, a movência do sujeito e os sentidos em disputa	166
Figura 18 - Enlaces discursivos entre “No mais” e “coisas”.....	167
Figura 19 - Sintagma liberdade: sentidos dicionarizados	168
Figura 20 - Formação Ideológica, Formações Discursivas e Posições-Sujeito – a FDLP.....	187
Quadro 1 - Sintagma segredo : sentidos dicionarizados.....	19
Quadro 2 - Sintagma segredo: deslizamento de sentidos.....	20
Quadro 3 - Questionário semiestruturado	54
Quadro 4 - Marcas linguísticas destacadas	56
Quadro 5 - Quantificação das marcas linguísticas.....	57
Quadro 6 - Sintagmas defender, lutar e ativamente: sentidos dicionarizados.....	58
Quadro 7 - Sintagma defender : deslizamentos.....	59

Quadro 8 - Sintagma lutar : deslizamentos	59
Quadro 9 - Sintagma sofrer: sentidos dicionarizados	66
Quadro 10 - Sintagmas informação e conscientização: sentidos dicionarizados	69
Quadro 11 - Sintagma normal: sentidos dicionarizados	71
Quadro 12 - O dizer de Phelan: sentidos dicionarizados	75
Quadro 13 - Sintagma assim: sentidos dicionarizados.....	131
Quadro 14 - Sintagma inferno: sentidos dicionarizados	140
Quadro 15 - Sintagma cercear: sentidos dicionarizados	151

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Análise de Discurso	FDIS – Formação Discursiva Inferno Social
BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações	FDI – Formação Discursiva Institucional
BIREMA – Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde	FDLP – Formação Discursiva Liberdade Pessoal
CP – Condição de Produção	FDN – Formação Discursiva da Norma
ESAD – Efeito de Sentido de Aflição e Desconforto	FDT – Formação Discursiva Transgressora
ESC – Efeito de Sentido de Cerceamento	FI – Formação Ideológica
ESCS – Efeito de Sentido de Controle das Sexualidades	FIC – Formação Ideológica dos Costumes
ESDA – Efeito de Sentido de Discreta Alegria	FIH – Formação Ideológica da Heteronormatividade
ESE – Efeito de Sentido de Expurgo	FPI – Família Parafrástica da Interdição
ESEm – Efeito de Sentido de Empoderamento	IES – Instituição de Ensino Superior
ESEp – Efeito de Sentido de Esperança	LGBT+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis, Transexuais e Transgêneros
ESFC – Efeito de Sentido de Feliz Certeza	PL – Projeto de Lei
ESH – Efeito de Sentido de Humanidade	PSA – Posição-sujeito ameaçada
ESM – Efeito de Sentido de Mal-estar	PSC – Posição-sujeito conservadora
ESRO – Efeito de Sentido de Reconhecimento do outro	PSCR – Posição-sujeito de Cautela e Receio
ESRSP – Efeito de Sentido de Resistência, Sobrevivência e Proteção	PSDR – Posição-sujeito Desejante de Reconhecimento
EST – Efeito de Sentido de Tranquilidade	PSEJ – Posição-sujeito de Esperança e Justiça
FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo	PSLI – Posição-sujeito libertadora
FD – Formação Discursiva	PSI – Posição-sujeito Institucional
FDGC – Formação Discursiva de Gênero Conservadora	PSIE – Posição-sujeito de Interdição do Eu
FDGT – Formação Discursiva de Gênero Transgressora	PSO – Posição-sujeito ousada
	PSP – Posição-sujeito progressista
	PSR – Posição-sujeito de resistência
	SD – Sequência Discursiva
	TRE – Tribunal Regional Eleitoral

SUMÁRIO

1. PRIMEIRO SEGREDO: SUJEITOS QUASE, SUJEITOS SEMPRE	16
2. SEGUNDO SEGREDO: RUMORES E RESSONÂNCIAS	24
3. TERCEIRO SEGREDO: VISLUMBRES	34
4. QUARTO SEGREDO: ELES SÃO FEITOS DE SOMBRAS	51
4.1. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	51
4.2. PRIMEIROS GESTOS: SOMBRAS, SILÊNCIO E TRANSGRESSÃO	53
4.2.1. Formação Discursiva de Gênero Conservadora.....	56
4.2.1.1. Efeitos de Sentido de Militância Guardiã e de Militância Sobrevivente.....	56
4.2.2. Efeitos de Sentido de Militância Impessoal e de Militância Manifesto	61
4.2.3. Efeitos de Sentido de Transformação e de Concessão	66
4.2.4. Efeitos de Sentido de LGBT+fobia Inconstitucional e de Militâncias Da Informação .	69
4.2.5. Efeito de Sentido de Militância da Informação Conservadora/Iludida e Efeito de Sentido de Militância da Informação de Ruptura.....	71
4.3 PERTURBAÇÕES NA REDE DE SENTIDOS.....	73
4.3.1. Efeito de Sentido de Luta	76
4.3.2. Efeito de Sentido de Violência	79
5. QUINTO SEGREDO: O AGORA É ECO	83
5.1. A ANÁLISE DE DISCURSO	87
5.2. SCIENTIA SEXUALIS: A CONFISSÃO DO SEXO.....	102
6. SEXTO SEGREDO: É PRECISO UM CAMINHO	116
7. SÉTIMO SEGREDO: AS VOZES DAS LUAS	123
7.1. FORMAÇÃO DISCURSIVA DE INFERNO SOCIAL (FDIS)	138
7.1.1. Efeito de Sentido de Expurgo: “[...] esse mundo não tá pronto [...]”	145
7.1.2. Efeito de Sentido de Cerceamento (ESC): “A transgeneridade não é libertadora socialmente. Muito pelo contrário. Ela é uma prisão pra gente, é um inferno [...]”	151
7.2. FORMAÇÃO DISCURSIVA DE LIBERDADE PESSOAL (FDLP)	159
7.2.1. Efeito de Sentido de Esperança: “eu tenho muita fé na garra das pessoas...”	172
7.3. EFEITO DE SENTIDO DE HUMANIDADE: “[...] EU ME SINTO AMADA”	180
8. OITAVO SEGREDO: A ILUSÃO DE FECHAR	192
REFERÊNCIAS	196
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	203

APÊNDICE B – ANÁLISE DE DISCURSO, ESTUDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE: UM GESTO DE ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM DISCURSOS LGBT.....	204
APÊNDICE C – “OPRESSÃO E RESISTÊNCIA: EFEITOS DE SENTIDO EM DISCURSOS LGBT”	215
APÊNDICE D - O SILÊNCIO QUE MATA: ESCOLA, CURRÍCULO E VIDAS LGBT	225
APÊNDICE E – “VIDAS DIVIDIDAS: TRANSGRESSÃO E NORMATIVIDADE NOS DISCURSOS LGBT”	237
APÊNDICE F – “SILENCIAMENTO E TRANSGRESSÃO: A DISRUPÇÃO NO DIZER LGBT”	238
ANEXO A – AGE OF AQUARIUS/LET THE SUNSHINE IN	239
ANEXO B – STAND!.....	240
ANEXO C – “THIS IS MY LIFE”	241

1. PRIMEIRO SEGREDO: SUJEITOS QUASE, SUJEITOS SEMPRE

Diante do “estranhamento” revelado pela banca de avaliação do Projeto de Dissertação e de considerações feitas por colegas, atentos e carinhosos, que contribuíram com uma leitura crítica do referido Projeto no âmbito da disciplina **Seminário Avançado Análise de Discurso em Michel Pêcheux: gestos, transgressões e vertigens**¹, acerca do sintagma **segredo**, este tornou-se uma marca linguística. É válido pontuar que “estranhamento” está sendo tomado do modo como é compreendido por Aracy Ernst-Pereira e Regina Maria Varini Mutti (2011), analistas de discurso gaúchas que têm realizado importante trabalho para o campo dos estudos da linguagem. Tais professoras e pesquisadoras propõem “estranhamento” como um conceito operacional, porque atado a uma operação de observação do *corpus*² de que deriva o reconhecimento de sequências discursivas pela sua imprevisibilidade e inadequação, pelo seu distanciamento daquilo que é esperado. As autoras esclarecem que se trata de:

[...] estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do excêntrico, isto é, daquilo que se situa *fora* do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significativa, marcando uma *desordem* no enunciado. Aqui se dá o efeito de *pré-construído* através do qual *um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado antes, em outro lugar, independentemente*, rompendo (ou não) a estrutura linear do enunciado. (ERNST-PEREIRA; MUTTI, 2011, p. 830) [grifos das autoras].

Para algumas pessoas (nas quais me incluo) ele pareceu adequado e provocativo ao aqui se apresentar, enquanto para outras sou deslocado e equivocado. Sendo assim, vi-me implicado a realizar, mesmo que de forma breve em razão das dimensões possíveis a este trabalho, uma análise discursiva que buscasse compreender o funcionamento da palavra **segredo**.

O *corpus* de que foi recortada a marca linguística **segredo** é esta dissertação que receberia o nome de **Livro dos Segredos: sujeitos divididos, sentidos em disputa**. Entretanto, novo título emergiu, ecoando a partir das análises. “**Entre Luas e Segredos**,

¹ Seminário Avançado oferecido no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pela professora Dóris Maria L. Fiss em 2018/1 e ministrado também por ela.

² Os conceitos basilares da Análise de Discurso, utilizados neste trabalho, são devidamente explorados em etapas posteriores. A fim de auxiliar o eventual leitor a situar-se nos postulados teóricos da AD, o Anexo XX oferece um glossário estilizado, contendo conceitos nucleares nesta disciplina de interpretação.

Vozes e Livros” surge a partir do enlace com o trabalho anterior, ao mesmo tempo em que aponta para o gesto analítico realizado no agora, atualizando a memória deste trabalho e me inscrevendo, mais uma vez, no repetível histórico como sujeito interpretante das "coisas da vida" e de seus ecos. A análise que segue faz referência ao título anterior, presente no Projeto, mas que ainda ecoa entre luas e segredos, vozes e livros, revirando sentidos, dizeres, discursos.

A condição de produção deste trabalho aponta para um momento político-ideológico de instabilidades e inseguranças, de perdas de direitos e uma retomada de discursos com a dominância de sentidos conservadores no que se refere a questões de gênero, sexualidade, raça/etnia, relação público/privado, educação, entre outras. Tal cenário vem se desenvolvendo desde antes do golpe institucional³ realizado contra a presidenta Dilma Rousseff, em agosto de 2016, e ganhou um novo capítulo com as eleições de 2018. Um expressivo movimento social, iniciado pelas mulheres brasileiras, que desencadeou a movimento de outros grupos sociais (como os/as LGBTQ+⁴), tomou a internet e as ruas, no desejo de proteção e garantia de direitos. O movimento Escola Sem Partido visibilizou-se, ganhando espaço em discursos enunciados nos mais variados lugares e por pessoas que pertencem a diferentes estratos sociais e econômicos. Tornou-se o Projeto de Lei (PL) 7.108/14, arquivado em dezembro de 2018, após uma ferrenha resistência de professoras e professores vinculados ao movimento Escola Sem Mordada e de parlamentares contrários ao PL⁵.

Instituições de Ensino Superior (IES) foram censuradas por tribunais eleitorais, tendo ocorrido apreensão de materiais⁶ e proibição de realizar eventos, como no caso da

³ Cf.: SANTOS, Boaventura de Sousa Santos. Democratas brasileiros, univ-os! Disponível em: < <https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2018/10/democratas-brasileiros-uni-vos-por-boaventura-de-sousa-santos/>> & SAFATLE, Wladimir. Um golpe nada mais. Disponível em: < <https://leonardoboff.wordpress.com/2016/03/26/um-golpe-nada-mais-por-vladimir-safatle/>>

⁴ É ampla a discussão acerca da sigla mais representativa para esta comunidade. Diversas transformações têm ocorrido desde a década de 90, com o surgimento da sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes). A sigla LGBTQ passa por algumas transformações, hora incluindo a letra Q (referindo-se a pessoas *queer*), a letra I (intersexuais), a letra A (assexuais, aromânticos) ou ainda a letra P (referindo-se a pansexuais e polisssexuais). Por fim o “+” pode ser adicionado para dar conta de outras expressões sexuais ou identidades de gênero não contempladas em letras. Para este trabalho, optei pelo uso do acrônimo LGBTQ+.

⁵ A Comissão Especial que se dedicou a discutir o projeto Escola Sem Partido (PL 7180/14) iniciou seus trabalhos em outubro de 2018, tendo realizadas 12 sessões, até seu arquivamento em dezembro de 2018. Apesar do parecer favorável do relator deputado Flavinho (PSC) e do apoio da maioria dos deputados membros da Comissão, a oposição conseguiu barrar o avanço do projeto. Necessário destacar que este arquivamento se deve em razão da atuação das deputadas Erika Kokay (PT-DF), Maria do Rosário (PT-RS). Professora Marcivânia (PCdoB-AM), Jandira Feghali (PCdoB-RJ) e Alice Portugal (PCdoB-BA), como também dos deputados Glauber Braga (Psol-RJ) e Chico Alencar (Psol-RJ). Vide: <https://www.brasildefato.com.br/2018/12/11/projeto-escola-sem-partido-que-propoe-censura-nas-escolas-e-arquivado-na-camara/>. Acesso: 17/02/2019.

⁶ Cf. <https://oglobo.globo.com/brasil/justica-eleitoral-apreende-materiais-faz-fiscalizacao-em-17-universidades->

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que foi proibida pelo TRE-RS de realizar um evento contra o fascismo e a favor da democracia⁷ em outubro de 2018. Casos de violência atravessaram o país no período eleitoral, sendo majoritariamente atribuídos a bolsonaristas⁸. Tal acontecimento preocupou a ONU, que ressaltou os riscos para pessoas LGBTQ+, mulheres, afrodescendentes e pessoas de posicionamentos políticos/ideológicos divergentes⁹. Professores e alunos de universidades foram ameaçados, como no caso ocorrido em novembro de 2018 na Universidade Federal de Pernambuco, em que carta anônima atacava uma lista de membros da comunidade acadêmica¹⁰. É dentro desse momento de profunda instabilidade e insegurança que o sintagma **segredo** aparece no título deste trabalho.

Sobre este “livro dos segredos” não é possível dizer que faça referência a segredos culinários, segredos estéticos, segredos da vitalidade, da educação etc. O sintagma **segredo** se vincula especificamente à experiência de vida de pessoas LGBTQ+, ou ainda, às sexualidades não-heterossexuais. Mesmo que os “outros segredos” exemplificados - anteriormente possam fazer interface com as vidas de pessoas LGBTQ+, eles não são o foco sobre o qual, aqui, me debruço. Este “livro dos segredos” versa sobre “segredos” das pessoas LGBTQ+, “segredos” das sexualidades não-normativas.

Neste parágrafo, coloco o sintagma **segredo** entre aspas, justamente, em razão do que aqui se apresenta: a dessuperficialização da materialidade linguística. A expressão que estou propondo – o “livro dos segredos das pessoas LGBTQ+/das sexualidades” – a fim de empreender esta análise do sintagma, certamente uma tal expressão aciona gatilhos de sentido imediatos em quem a lê. Todavia, estes gatilhos não têm valor de “verdade”; eles estão atados a posições assumidas no discurso, posições que apontam para inscrições ideológicas do/a leitor/a em certa rede de sentidos. Da mesma forma, a análise que aqui se desenha é materialização das posições que assumo como sujeito-pesquisador-analista de discurso.

Retomando as condições de produção deste trabalho, anteriormente apresentadas, surgem alguns questionamentos sobre as correlações possíveis entre LGBTQ+ e o cenário

de-nove-estados-23185086. Acesso: 19/12/2018.

⁷ Cf. <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2018/10/tre-rs-proibe-realizacao-de-evento-com-boulos-melchionna-e-tarso-na-ufrgs/>. Acesso: 19/12/2018

⁸ Cf. <https://exame.abril.com.br/brasil/apoiadores-de-bolsonaro-realizaram-pelo-menos-50-ataques-em-todo-o-pais/>. Acesso: 19/12/2018.

⁹ Cf. <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/12/onu-condena-atos-de-violencia-durante-pe-riodo-eleitoral-no-brasil.ghtml>. Acesso 19/10/2018.

¹⁰ Cf. <https://www.revistaforum.com.br/professores-e-alunos-da-ufpe-sao-listados-e-ameacados-por-posicionamento-politico-o-mito-vem-ai/>. Acesso: 19/10/2018

sócio-político brasileiro. Como estes sujeitos significam suas experiências de vida em tal cenário? Que sentidos podem ser produzidos acerca do “assumir-se” ou do não “assumir-se” não-heterossexual? Uma eventual “não saída do armário” seria uma omissão política ou estratégia de sobrevivência/resistência? Que outros sentidos seriam possíveis diante dessa situação? Como pensar a relação do silêncio fundador de sentidos e do silenciamento-censura que trabalham sobre os dizeres desses sujeitos? Tais sujeitos se sentem implicados a pensar sua existência como uma questão política neste contexto ou entendem que são questões não correlatas? Que relação se estabelece entre as (não) possibilidades ou ainda a (não) necessidade/desejo de dizer-se sujeito LGBTQ+? Possibilidades que se enredam em complexa trama junto ao sintagma **segredo**, pondo em xeque as noções unívocas do dizer, que juntam à palavra um sentido inquestionável. Tomando o sentido estabilizado como ponto de partida, busquei o Dicionário Aulete Digital¹¹, para elencar o que é dito como consolidado acerca do verbete **segredo**, haja vista, consoante lembra Mutti (2014, p. 350), alguns sentidos serem considerados legítimos: estes “[...] ficam guardados no dicionário, na memória das áreas do conhecimento, outros não”. Encontrei nove significados, tendo em vista que alguns subdividem-se, como está apresentado no Quadro 1:

Quadro 1 - Sintagma **segredo**: sentidos dicionarizados

1. O que ninguém deve saber ou não pode ser divulgado.
2. O que é sabido por poucos (segredo de Estado); (2.1) enigma, (2.2) mistério.
3. Causa desconhecida de algo (ex.: segredos da vida); sigilo.
4. Silêncio, discrição, sigilo.
5. Confidência, confissão que se faz a alguém.
6. Artimanha, técnica para se conseguir obter bom êxito em algo. (ex.: queria conhecer os segredos da boa forma).
7. A parte mais difícil e essencial de uma arte, ciência, etc. (ex.: os segredos da astronomia/da física quântica)
8. Dispositivo usado para fechar, por meio de um código. (ex.: comprou uma maleta com segredo)
9. Lugar, oculto, esconderijo.

Fonte: material elaborado pelo pesquisador.

Tais significados abrem formas outras de escrever o título deste trabalho. No Quadro a seguir, elenco variações possíveis a partir do deslizar do sintagma **segredo**, relacionando-o com as experiências de vida de LGBTQ+.

¹¹ Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>.

Quadro 2 - Sintagma segredo: deslizamento de sentidos

LIVRO		
(1) do que ninguém deve saber ou não deve ser divulgado	<i>sobre</i>	LGBT+ as sexualidades
(2) do que é sabido por poucos/enigma, mistério	<i>sobre</i>	LGBT+ as sexualidades
(3) da causa desconhecida	<i>dos/das</i>	LGBT+
	<i>das</i>	sexualidades
(4) do silêncio, da discrição, do sigilo	(4.1) <i>sobre</i>	LGBT+ as sexualidades
	(4.2) <i>dos/das</i>	LGBT+
	(4.3) <i>das</i>	sexualidades
(5) da confiança, da confissão que se faz a alguém	<i>dos/das</i>	LGBT+ (que se faz a alguém)
	<i>das</i>	sexualidades (que se faz a alguém)
(6) da artimanha, da técnica para se conseguir obter bom êxito em algo	<i>como</i>	LGBT+
	<i>como</i>	sujeito de sexualidade não-heterossexual
(7) da parte mais difícil e essencial da arte/ciência	<i>dos/das</i>	LGBT+
	<i>das</i>	sexualidades
(8) do dispositivo usado para fechar, por meio de um código	<i>aos/às</i>	LGBT+
	<i>as</i>	sexualidades
(9) do lugar oculto, do esconderijo	<i>dos/das</i>	LGBT
	<i>das</i>	sexualidades

Fonte: material elaborado pelo pesquisador

Diante de tal caminho interpretativo, que apresenta determinadas possibilidades do dizer acerca da marca linguística **segredo**, algumas direções parecem se delinear. Destaco dois efeitos de sentidos que se colocam em posições opostas, revelando a disputa ideológica que se estabelece: **efeito de sentido de controle das sexualidades (ESCS)** e **efeito de sentido de resistência, sobrevivência e proteção (ESRSP)**. O primeiro efeito aproxima os deslizamentos 1, 3, 4.1 e 8, enquanto o segundo aproxima os deslizamentos 2, 4.2, 5, 6, 7 e 9.

No **efeito de sentido de controle das sexualidades**, o “segredo” do qual trata este trabalho é colocado como algo que precisa ser contido, mantido fechado, enclausurado. Este “livro dos segredos”, percebido desde esta perspectiva vinculada à **Formação Discursiva da Norma (FDN)**, é um livro de “coisas proibidas”. Ninguém deveria ter acesso ao que tal escrito propõe sobre LGBT+ e/ou as sexualidades. Afinal, para a norma, encontrar o diferente sempre é um risco, sempre é uma ameaça – o conhecimento trinca o verniz da sua

naturalidade pretensamente inquestionável e “logicamente estabilizada” (PÊCHEUX, 1997), revelando uma possibilidade outra que ela afirma não existir. Ademais, este trabalho pode ser o “livro da causa desconhecida dos/das LGBT+ ou das sexualidades” (deslizamento 3), o que parece apontar para a preocupação dita científica de explicar as origens das sexualidades não heterossexuais. Preocupação esta que cresceu fortemente a partir da década de 90 como aponta João Silvério Trevisan (2018) na primeira parte de seu trabalho “Devassos no Paraíso”. Tal questão será retomada mais adiante neste trabalho. Estas “coisas que não se devem conhecer” possuem uma origem não explicada, uma origem que a ciência régia não consegue delimitar e, por consequência, tampouco entender. Algumas religiões cristãs conservadoras apresentam certas “origens” para estes sujeitos desviantes e estas sexualidades “estranhas”: o mal, o diabo, os demônios... Possível ainda dizer que o sintagma **causa** (deslizamento 3), poderia fazer referência ao que o conservadorismo brasileiro chama de “ditadura gay”: a **causa** de LGBT+ e das sexualidades é escusa, contra a moral e os bons costumes, contra a família, desejando a corrupção da infância etc.

Estas explicações, entretanto, só reforçariam a ideia da necessidade da não divulgação, de que um livro destes “segredos” precisaria ser mantido em silêncio, ser visto com discrição, tratado com sigilo, como indica o deslizamento 4.1: trata-se de um “livro **do silêncio/segredo/sigilo sobre as** sexualidades ou **sobre os/as** LGBT+”. Tal livro dos silêncios enclausura, dentro dele, informações, conhecimentos, questionamentos “fomentadores de pecado”, que precisam ser apartados do convívio social, seja para não incitar o desvio nas mentes sugestionáveis (por exemplo, as dos jovens e das crianças) como para não tentar os fortes com o pecado da carne. Neste efeito de sentido, o conservadorismo dita o funcionamento do dizer, tratando ainda, como propõe o deslizamento 8, das regras necessárias para “trancar” aos/às LGBT+ e às sexualidades não-heterossexuais. Afinal, é preciso um imbricado mecanismo que garanta o status da normatividade, que aparte do seu domínio as possibilidades de questionamento. Este “livro dos segredos” acabaria por tematizar os mecanismos sociais que iriam garantir este silêncio, este não divulgar.

Pressupondo que um sujeito interpelado por discursos conservadores se deparasse com este título, suas formações imaginárias poderiam produzir um tal gesto de interpretação que fariam deste trabalho um “livro das justificativas (motivos) para dispositivos que fecham aos/às LGBT+ ou às sexualidades”. Provavelmente, ao ler a explanação deste efeito de sentido, que nomeei como controlador, se sentiria provocado a trocar seu nome para “efeito de sentido de moralidade”, “efeito de sentido de preservação da família”, ou ainda “efeito de sentido de vitória/libertação espiritual” etc.

Disputando espaço no fio do discurso, o **efeito de sentido de resistência, sobrevivência e proteção** se desenha pelos deslizamentos que apresentam a luta de sujeitos LGBT+ e das sexualidades, sendo eles os itens 2, 4, 5, 6, 7 e 9. Ele se vincula a uma **Formação Discursiva Transgressora (FDT)**, indicando um lugar de enunciação daqueles sujeitos que desobedecem a norma. O “segredo”, aqui, toma outros matizes, revelando as resistências e contraposições ao estabelecido. Este seria um “livro do que é sabido por poucos sobre LGBT+, sobre sexualidades” – o que parece fazer referência à gíria “entendidos/entendidas” utilizada no Brasil nos anos de 1940 (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 58). Entender outras possibilidades de exercício da sexualidade, do prazer, seria um ato de atravessamento de fronteiras, ou ainda de desidentificação com a norma, com as regras de domínio das expressões sexuais segundo as quais apenas “os poucos que conhecem este segredo” conseguem dele se apropriar. Se poderia ainda colocar que ser um “entendido” geraria a libertação simbólica diante da normatividade. Tal deslizamento costura-se fortemente à ideia de uma “artimanha, de uma técnica para se obter bom êxito” sendo um sujeito desviante. Este bom êxito ecoa no “silêncio dos LGBT+/das sexualidades”, silêncio que pode ser entendido como um mecanismo, como técnica de sobrevivência em meio às dificuldades, uma forma de resistência em meio a própria normatividade. O sigilo e a discrição tornam-se ferramentas de sucesso na vida social – o que demonstra, também, a interface com a discriminação – é preciso calar para passar despercebido, para conseguir ter “bom êxito”. Estes recursos de resistência estabelecem um “lugar oculto, um esconderijo” para o sujeito LGBT+ ou para as sexualidades. Ademais: o próprio silêncio seria este lugar de proteção, este santuário; ou ainda, o conhecimento seria este lugar protegido: ser um entendido/a permite aproximar-se daqueles que também entendem e, por outro lado, afastar-se dos “desentendidos”.

Uma pessoa não-LGBT+, ao ler este parágrafo, e imaginando-a não ciente da LGBT+fobia, poderia se questionar sobre os motivos deste lugar oculto. Por que, ao tratar-se de experiências de pessoas LGBT+, ou das sexualidades, o sintagma **segredo** apresenta essa possibilidade de lugar oculto? Por que razão esses sujeitos precisariam ser silentes? Por que precisariam de uma artimanha para ter bom êxito? Ou ainda por que precisariam confessar-se? Enunciar sobre si mesmo acerca de sua sexualidade, de seus prazeres, de seus amores? Seria isso uma necessidade? Quais os efeitos de confessar-se ou não? Ainda mais: a quem seria (ou não) necessário e possível confessar-se? De minha parte, fico provocado a pensar uma dicotomia sobre o efeito do controle da sexualidade pelo excesso do dizer científico, como propõe Foucault (1993). A normatividade sobrecarrega o sujeito com

dizeres sobre como pode experienciar sua sexualidade de forma a ser considerado normal, a fim de condicioná-lo. Porém, em contrapartida, o sujeito não é autorizado a falar sobre – ele é apenas alvo do dizer, não autor. Seu único momento de fala parece ser aquele que aponta o desvio, ele não versa sobre a própria sexualidade. As sexualidades “desviantes” e os/as LGBT+, entretanto, ocupam lugar de enunciação: eles confessam que não cabem dentro da norma e, em razão disso, estabelecem novas posições para/do dizer.

O **Livro dos Segredos** parece ser um título provocativo, que evoca posições-sujeito contrastantes para o centro deste trabalho. Esta pequena análise é apenas um gesto de interpretação possível sobre a materialidade linguística **segredo** no contexto desta dissertação. Outros gestos, sem dúvida, apresentariam outros resultados. A marca linguística **segredo**, no contexto deste trabalho e em interface às experiências de vida de sujeitos LGBT+, parece ter uma natureza caleidoscópica, que coloca, nos avessos de uma mesma moeda, opressão e transgressão, morte e vida, desejo de subjugação e desejo de liberdade, silêncio-censura e silêncio-potência.

2. SEGUNDO SEGREDO: RUMORES E RESSONÂNCIAS

28 de Junho de 1969 – Greenwich Village, New York.¹²

When the moon is in the Seventh House, and Jupiter aligns with Mars then Peace will guide the planets and love will steer the stars...This is the dawning of the age of Aquarius...

A música e a conversa animada enchem o ambiente penumbroso. O tilintar brilhante dos copos parece complementar a melodia. Neles, servidos pelo bartender, a bebida adulterada e cara da máfia. Todos ali sabem disso, mas não há outro lugar para ir. Nenhum outro lugar os aceita. Os frequentadores são estranhos. Homens ou mulheres? Quem saberia dizer? Muitos parecem ser os dois ao mesmo tempo. Brancos, pretos, latinos, desabrigados, expulsos de casa, fugidos. Homens com gestos femininos. Mulheres com gestos masculinos. Alguns com pesadas maquiagens e vestidos. Outras com calças, blazers ou jaquetas. Quem são estes que se ocultam na escuridão daquele bar?

...Harmony and understanding, sympathy and trust abounding. No more falsehoods or derisions, golden living dreams of visions. Mystic Crystal revelation and the mind's true liberation. Aquarius...

Uma voz grita uma ordem. A realidade paralela trinca e se desmancha no ar. As luzes se acendem violentas, ferindo os olhos daqueles seres da noite que tentam fugir, esgueirando-se para longe da claridade. Oito pessoas anunciam a sua presença – são policiais. É a lei que se

¹² As páginas desta seção se constituem em uma narrativa inspirada nas falas dos entrevistados no documentário “Stonewall Uprising” que foi produzido e dirigido por Kate Davis e David Heilbroner. Lançado em 16 de junho de 2010 nos Estados Unidos, ele foi desenvolvido a partir do livro “Stonewall: The Riots that Sparked the Gay Revolution” de David Carter. As letras das músicas transcritas em tais páginas, bem como suas traduções, estão disponíveis nos Anexos A, B e C. Stonewall Inn é tomada, neste trabalho, como uma metáfora: não sendo o único movimento de liberação gay ocorrido na época, tampouco o primeiro, ele aponta para o conjunto de movimentos e para os sentidos que escoaram deles e foram produzindo perturbações nas redes de sentidos a partir das quais os homossexuais eram enunciados na sociedade.

faz presente. Para estes homens é evidente: aquele é um lugar de transviados. Os frequentadores e as frequentadoras do bar já sabem do que se trata. Não é a primeira vez que aquilo acontece.

As páginas desta seção se constituem em uma narrativa inspirada nas falas dos entrevistados no documentário “*Stonewall Uprising*” que foi produzido e dirigido por Kate Davis e David Heilbroner. Lançado em 16 de junho de 2010 nos Estados Unidos, ele foi desenvolvido a partir do livro “*Stonewall: The Riots that Sparked the Gay Revolution*” de David Carter. As letras das músicas transcritas em tais páginas, bem como suas traduções, estão disponíveis nos Anexos A, B e C. Stonewall Inn é tomada, neste trabalho, como uma metáfora: não sendo o único movimento de liberação gay ocorrido na época, tampouco o primeiro, ele aponta para o conjunto de movimentos e para os sentidos que escoaram deles e foram produzindo perturbações nas redes de sentidos a partir das quais os homossexuais eram enunciados na sociedade.

As batidas policiais são uma constante em espaços como aquele. Na semana anterior outro famoso bar fora invadido pelas autoridades. Nenhum lugar é realmente seguro, nenhum porto está totalmente protegido contra a norma. Mesmo no coração de Greenwich Village, a ação controladora do mundo estende suas garras. Afinal, é preciso limpar a cidade. Se, nas ruas, “justiceiros” caçam homens gays, que são estrangulados, baleados, chantageados e demitidos, nos bares, a polícia faz “o que deve ser feito”. Apesar da Era de Aquário, a harmonia, o entendimento e a simpatia não são concedidos àquela gente. Afinal, a ciência já apontara: sofrem de sérias psicopatias sexuais. Todos são empurrados para a segunda sala do bar e revistados. Travestis e *drag queens* levadas ao banheiro para que provem o seu sexo biológico. É crime estar travestido.

Let the sunshine, let the sunshine in, the sunshine in, oh, let it shine, c'mon. Now everybody just sing along: let the sun shine in. Open up your heart and let it shine on in. When you are lonely, let it shine on. Got to open up your heart and let it shine on in and when you feel like you've been mistreated and your friends turn away just open your heart, and shine it on in.

Todos ali sabem o que significa ser preso. É o começo do fim. A polícia pode divulgar o nome, a idade e o endereço do “criminoso” nos jornais de maior circulação. Tal publicização gera desdobramentos. Perda do emprego, expulsão de casa e da escola e, mesmo, cassação da licença de exercício profissional. A frustração, o desespero, a angústia e a vergonha invadem a

sala como fantasmas, arrancando dos presentes toda a esperança. Sly & The Family Stone cantam animadamente, mas ninguém dança. Pouco a pouco, todos são encaminhados para fora do bar, que seria fechado aquela noite. Algumas pessoas são presas e levadas para o camburão da polícia. Aquela cena não é incomum. Mas o que fazer? Como impedir a caça às bruxas?

Stand. In the end you'll still be you. One that's done all the things you set out to do. Stand. There's a cross for you to bear. Things to go through if your're going anywhere. Stand. For the things you know are right. It's the truth that the truth makes them so uptight. Stand. All the things you want are real. You have you to complete and there is no deal. Stand, stand, stand, stand.

Na rua, um profundo céu negro contrasta com o forte brilho da lua. Pessoas do lado de fora do bar veem as viaturas e começam a se agrupar. Uma lésbica é arrastada por policiais para dentro do camburão. Ela incita os espectadores assustados: é preciso reagir! Ela luta com ferocidade, tentando se soltar, e as agressões policiais se intensificam. Uma travesti negra grita por seus direitos civis. A indignação aumenta. A multidão, que cresce a cada segundo, começa a jogar moedas nos policiais, chamando-os de “porcos” e “centavos¹³”. Os policiais se veem cercados. A única saída é entrar no Stonewall Inn. Refugiam-se no odioso lugar, mantendo junto deles alguns dos frequentadores que ainda não haviam saído.

Stand! You've been sitting much too long. There's a permanent crease in your right and wrong. Stand! There's a midget standing tal and the giant beside him about to fall! Stand. stand, stand! Stand! They will try to make you crawl, and they know what you're saying makes sense and all. Stand! Don't you know that you are free, well at least in your mind if you want to be! Everybody: stand, stand, stand.

A egrégora de inquietação, de indignação, de raiva, explode. Garrafas se transformam em armas, enquanto os policiais se entrincheiram no bar, espantados: o que está acontecendo?

¹³ A palavra em inglês, utilizada pelos manifestantes, foi “pennies” que, em uma tradução literal, significaria “centavos”. O intento desta expressão era de classifica o valor moral/humano dos policiais: eles valeriam apenas centavos.

as bichas nunca reagiam, elas não eram homem suficiente para isso, como estão reagindo agora? Os carros dos oficiais são quebrados e a fúria emerge naquela gente marginal. Repentinamente, o fogo surge no bar. Algo fora arremessado contra ele. Uma *drag queen* começa a arrancar um parquímetro do chão. Outras a ajudam e fazem dele um aríete para arrombar a porta. Incontáveis pessoas, enfurecidas, gritam do lado de fora do Stonewall Inn.

Sirenes cantam abafadas pela emoção da multidão. O batalhão de choque da polícia chega. São cinco ônibus que descarregam policiais. Escudos, cassetetes e capacetes enchem a rua. Os revoltosos não cedem e marcham contra a polícia que é obrigada a recuar. A polícia ataca os manifestantes que explodem em fúria destruidora. O povo se transforma em uma hidra. Se uma cabeça é cortada, outra aparece. Inesperadamente, os policiais se veem flanqueados pelo outro lado da rua. Pedacos de madeira, tacos, cacos de vidro, lixeiras em chamas viram armas. Os carros da polícia são destruídos, pneus furados, vidros quebrados. As horas passam, mas a revolta não. A noite transcorre dessa maneira. Os manifestantes não cedem, não fogem. Eles lutam, batem, gritam, revoltam-se. Uma luta, nunca antes imaginada, ferve nas veias daquela gente estranha. O sangue gay mancha o chão de *Greewich Village*. A voz de Shirley Bassey parece ecoar ao tímido nascer do sol.

Funny how a lonely day, can make a person say: what good is my life! Funny how a breaking heart, can make me start to say: what good is my life! Funny how I of- ten seem, to think I'll find another dream in my life till I look around and see, this great big world is part of me And my life. This is my life. Today, tomorrow, love will come and find me, but that's the way that I was born to be. This is me! This is me! This is my life and I don't give a damn for lost emotions I've such a lot of love I've got to give Let me live! Let me live!

A luz dos postes ainda ilumina a cidade. O sol está prestes a nascer. Tecidos coloridos, vidros quebrados, escombros espalhados pela rua do Stonewall In. Os cacos, tocados pela artificial iluminação pública, refulgem como um tapete de diamantes. Os manifestantes da noite anterior se organizam e distribuem panfletos – algo está diferente. A máfia reabre o bar e, para surpresa de muitos, os frequentadores aparecem em multidão.

Gay power, gay power, gay power.

Um acontecimento (o fato novo, a reação nos bares e nas ruas) muda as possibilidades

do dizer no espaço de memória que ele convoca e perturba, mas o confronto discursivo permanece através dele.

*** **

Solidão. Sentimento que desde a infância. Ninguém à minha volta parecia ser como eu, ninguém em lugar nenhum parecia ser como eu. Meus olhos sempre procuravam na multidão, buscando alguma coisa. Não era exatamente a busca por alguém – o que eu procurava era gentileza. Não a gentileza dos mais velhos que olham para um jovem ou para uma criança, tampouco a gentileza que em verdade é comiseração: almejava a gentileza do autorreconhecimento. A gentileza e a parceria do olhar de um igual. Entretanto, os olhos que me fitavam de volta eram olhos vermelhos, debochados, hostis, que viam em mim mais do que eu mesmo poderia ver. Esses olhos me enxergavam ao longe, muito antes que eu os pudesse perceber, e se aproximavam, carregando uma ameaça iminente. Não havia nada mais desconfortável para mim do que estar fora das paredes da minha casa: havia olhos demais para me analisar.

Possivelmente foi essa constante observância à distância que desenvolveu em mim a habilidade de ver todos ao meu redor antes de ser percebido – precisei aprender a analisar quem estava por perto para saber se era seguro ou não entrar em determinados espaços. Minha infância e juventude foram marcadas por esse exercício: olhe muito bem ao redor, veja quem está por perto, assegure-se de que ninguém vai te notar. Nem sempre eu tive a clareza do porquê era notado, do porquê aqueles olhos me fitavam com desgosto, raiva ou deboche. Quando o assunto virou pauta em minha família, descobri o que era ser “bicha”. Ano após ano na escola, xingamentos e implicâncias apareciam e era impossível que meus pais não soubessem – eu não queria mais ir para aquele espaço.

O “pior” ainda estava por vir. De uma forma irônica e distorcida, pessoas “como eu” começaram a “aparecer” – ou eu comecei a percebê-las? Elas apareciam nos discursos, sob as mais diversas formas: nas piadas, nos deboches, nos dizeres religiosos sobre pecado e a punição divina na forma da AIDS, na patologização dos comportamentos... Na televisão, toda vez que alguma figura estranha e cheia de gestos exagerados entrava em cena, sentia um vácuo gelado tomar conta de mim: logo após alguém anunciaria, com escárnio e riso, o que era aquilo: “Uma bichona”. Toda vez que isso acontecia eu buscava, com os cantos dos olhos, ver se alguém me mirava. Buscava ver se alguém relacionava aquela criatura considerada “estranha” comigo, afinal, as mesmas palavras eram usadas contra mim. A sensação era ainda pior quando via

familiares e conhecidos fazendo uso de palavras que me cortavam para escarnecer daquelas pessoas. Diriam o mesmo de mim? Considerariam a mim tão desprezível quanto consideravam a eles?

Diversas e diversas vezes busquei entender o que me aproximava daqueles sujeitos. Para uma criança, esse subtexto parecia sempre um mistério. Ainda pior: essa era uma pergunta que eu não poderia fazer para ninguém. Evitava olhar muito para esses personagens, deliberadamente dissimulando qualquer interesse. Aprendi a fingir desinteresse por diversas coisas que poderiam me vincular a esses sujeitos indesejados (ou ao mundo feminino). Sujeitos que pareciam perdidos em uma vida de iniquidade e em uma névoa social. Eram quase uma lenda urbana, uma história para assustar crianças.

Em certo momento entendi o que aqueles xingamentos significavam e, para minha profunda angústia e desespero, descobri que eu era exatamente aquilo que me acusavam de ser. As ofensas nas escolas que frequentei continuaram, mas parei de contar isso para meus pais, afinal, se tantas pessoas dizem uma mesma coisa, só poderia ser verdade, não é mesmo? E eu sabia que era verdade. O mais angustiante dos momentos era o das “amistosas” conversas familiares sobre o caso – o do menino “estudioso, inteligente e comportado” que era chamado de “viado” pelos colegas. Diversas vezes, parentes preocupados em me consolar disparavam: “Tu tem que ignorar eles, porque eles não têm razão. Tu não é bicha, né? Então, tá tudo bem” (sic). Eu engolia um seco e respondia o que eles queriam ouvir. Hoje vejo que, para eles, o problema não era o fato de que eu sofria em um sistema escolar extremamente opressivo e pouco preocupado com esse tipo de assédio, em que professores e a direção – fosse por falta de formação ou por inscrição ideológica – compactuavam com meu sofrer, o mais importante é que as suspeitas não fossem verdadeiras. Bem Elas eram.

O tempo passou, entre angústias e nervosismos, entre olhares cruéis e palavras cortantes, e por mais que já tivesse acontecido antes, nunca consegui me acostumar. Toda vez que percebia um olhar prender-se em mim, eu sentia um frio atravessar meu corpo. A pessoa sabia. Na minha mente, nesses momentos, gostaria de poder fazer exatamente o que tantos personagens de desenhos animados faziam: ficar invisível. O terror não se balizava apenas pelo fato de que esta pessoa soubesse sobre mim – ou achasse saber – era a possibilidade de que ela dissesse algo, de que, com um comentário, com um apontar, com um dizer, ela trouxesse a lente do mundo para mim e colocasse em evidência algo que outras pessoas ao redor não tinham, ainda, percebido.

Em algum ponto da juventude, eu desejei ter nascido mulher. Se eu tivesse nascido com uma vagina, tudo ia ser diferente, eu não precisaria ter tanto medo, não precisaria sofrer, porque

aquilo que me atraía afetivamente não mais seria motivo de erro, de distorção. É preciso, aqui, destacar uma sutileza. Naquele momento, minha vontade de ter nascido em um corpo biológico feminino não tinha relação com a não identificação com o corpo masculino. Percebi que, se tivesse nascido em um corpo feminino, eu não seria gay: seria simplesmente normal. Eu poderia ser feliz, ser livre daquele sentimento de solidão e, ainda mais, da constante pressão de “mentir” para os meus pais. Inocência de minha parte que, àquele tempo, não tinha noção das terríveis opressões também sofridas pelas mulheres.

A sensação de mentira era algo constante e intenso. Estar ciente da minha sexualidade e não revelá-la parecia ser deliberadamente enganar meus pais, permitir que vivessem as fantasias familiares. Este peso foi o que me fez contar para minha mãe que me sentia atraído por outros homens. Eu já o sabia havia um bom tempo quando, aos quinze anos, resolvi me assumir. O ar fugia do meu peito como se fosse empurrado por um terrível martelo que o esmagasse. Quando a frase “Eu sou homossexual” se desenhou no meu cérebro, agulhas perfuraram meus lábios. Quando, finalmente, foi pronunciada, um adstringente medo tomou conta e deixou um gosto horrível na boca. Lágrimas correram dos olhos de minha mãe e eu afundei em um poço gélido.

As primeiras palavras que minha mãe disse foram: “Eu continuo te amando”. Afinal ela já sabia. Logo depois, seu medo justificou as lágrimas: o que o mundo faria comigo? Como as pessoas iriam me tratar? Como eu iria levar a vida? O que ela não havia percebido era que o mundo já estava me maltratando há muito tempo. E que ela, por mais que me amasse, jamais seria capaz de me proteger disso. No dia seguinte, meu pai trouxe-me de presente um dvd da cantora Cher. Eu não fazia ideia de quem ela era, mas eu entendi o que ele queria dizer – era sua forma silenciosa de dizer que estava tudo bem. Assistimos juntos “The Farewell Tour” (que sabemos que não foi a despedida da diva). Meu pai adorou o show, minha mãe ficou escandalizada: que mulher mais espalhafatosa e exagerada. Eu me encantei pela voz e pelos dançarinos dela. Um peso a menos no coração. Só havia o resto do mundo para enfrentar agora. Pelo menos, eu ainda tinha para onde voltar.

Quando comecei a assistir o seriado americano *Queer As Folk* (2005), por volta dos 16 ou 17 anos, percebi que o sentimento de solidão fazia referência ao fato de que eu não pertencia à grupo nenhum. Como gay eu não fazia parte de lugar nenhum. Não era do grupo dos meninos, não era do grupo das meninas, que, apesar disso, muitas vezes me acolheram. Ao ver os guetos americanos para gays, lésbicas, *drag queens*, transexuais e travestis, eu desejei aquilo com todo coração. Queria pertencer aquele grupo que mais parecia se constituir como grandes famílias. Era uma família formada por compartilharem o sofrimento, a dor, o abandono e, em muitos

casos, o sangue derramado. O que mais me fascinava era que eles se entendiam e podiam, por isso mesmo, falar, enquanto eu estava ancorado ao silêncio forçado: eu desejava falar, mas não tinha com quem. Apesar da aceitação da minha família, eu sabia: eles não tinham condição de tratar do assunto, então, eu não lhes cobrava isso e permanecia em silêncio. Teria que me virar sozinho.

Também através do *Queer as Folk* eu percebi outra coisa. O seriado representa a vida sexual de gays e lésbicas de forma aberta. O casal Melany e Lindsay protagonizavam cenas de sexo como qualquer outro personagem. Quando elas estavam juntas, um sentimento de desconforto imenso, que beirava o nojo, me tomava. Para meu espanto, percebi que era tinha preconceito contra lésbicas. Lembro claramente quando me dei conta de que era isso o que se passava. Lindsay e Melany beijavam-se com paixão e tesão em sua cama, nuas. Pausei o vídeo diante do choque do entendimento. Eu, que tanto havia sofrido preconceito, o replicava contra sujeitos que eram como eu: fora da norma, desviantes, homossexuais. Aquilo me fez entender a força da opressão.

Alguns encontros em minha vida, nos últimos anos do ensino médio e no curso técnico que fiz logo após seu término, aliviaram essa solidão. Encontrei, em diversas amigas, a possibilidade de falar um pouco de mim e de me sentir um “adolescente normal”. Apesar disso, eu pouco falava de mim e muito escutava – era sempre o conselheiro e não o aconselhado. Ao ingressar na universidade, como estudante de Pedagogia e posteriormente no DAFE, me fortaleci como sujeito LGBTQ+. Algumas velhas dores e cortes ficaram para trás. Cicatrizes, entretanto, nunca deixam a nossa pele: elas podem não doer, mas nos mostram que fomos feridos, ameaçados, caçados. A preocupação com a situação das pessoas LGBTQ+ encontrou guarida no pensamento científico. Tudo o que eu havia passado tinha nome e havia pessoas que se preocupavam com aquilo, que estudavam todo aquele sofrimento e injustiça, buscando transformá-lo. Eu quis ser uma dessas pessoas. Como professor, como pesquisador, como cientista, eu desejei impedir que outras crianças passassem pelo que eu passei, pois, nesse ponto, eu já sabia: muitas delas não aguentavam esse sofrimento, tantas outras eram expulsas de casa, outras, ainda, violentadas de formas mais cruéis do que aquelas que eu fora.

A partir do momento em que comecei a me resolver com a minha sexualidade, passei a perceber que, nas rachaduras da normatividade, haviam (imensas) avenidas de possibilidades. Se, para ser lido como heterossexual, eu deveria seguir uma estrita cartilha comportamental a fim de conservar meu status de macho, como gay eu estava livre de todas elas¹⁴. Eu poderia

¹⁴ Naquele momento, ainda não vinculado aos referenciais teóricos da AD, não compreendia este movimento como uma desidentificação ideológica e um deslizamento para um lugar outro, um “lugar gay”, onde eu não se- ria

“entender de cores”, poderia escolher minhas próprias roupas e demonstrar interesse por isso, sem resumir meu armário a bermudas tadel. Eu poderia saber como arrumar o cabelo, como cuidar dele e decidir como me agradaria usá-lo. A ideia do homem heterossexual e vaidoso não fazia parte do contexto em que vivi minha juventude e minha infância. Vaidade era domínio feminino. No mesmo momento, eu poderia usar gola “v”, que, tão logo saiu, foi atribuída aos gays. Logo depois, pude fazer uso do *undercut*, que recebeu a mesma taxaço. Diversas marcas culturais, ressignificadas ou criadas pela comunidade LGBTQ+, estavam à minha disposição. Elas passaram a produzir sentidos identitários para mim, reverberando como uma forma de expressão contra hegemônica. Tempos depois, algumas dessas marcas foram absorvidas pela cultura normativa, sofrendo transformações que me incomodaram profundamente e, naquele momento, me fizeram concordar com o dito popular de que homens heterossexuais possuem um gosto estético profundamente duvidoso. Vê-los tomar o que antes haviam desprezado e usado como motivo de deboche, para mim foi revoltante. O que indicou também o que parece ser um comportamento padrão das normatividades: absorver e deformar artefatos de diversos grupos culturais oprimidos, transformando-os em objetos vendáveis na roda capitalista.

Meu corpo era possibilidade. Para ele, um leque de novas opções se abriu. Ficou evidente, para mim, o esartejamento corpo-afeto perpetrado pela norma. Ele inflige ao homem uma frieza militarista, seca, indiferente, que obriga a emoço a secar nos olhos e a voz a murchar na garganta. Grilhões pesados buscam garantir no homem heterossexual a pouca mobilidade do corpo – os gestos são reduzidos e lineares. Curvas e ondas, o fluido, é feminino. Voz contida e agressiva é a masculina; o melíflu e o acolhedor é da mulher. Andar duro, rígido, quadril congelado, que não rebola, que não se mexe, que não vibra com o resto do corpo masculino – a bunda é uma parte que só as meninas movimentam. Como também, curiosamente, as mãos: elas possuem toda uma lógica de posicionamento, de gestual aceitável, de “movimentos más- culos”. Fora deles, a suspeita da norma se levanta: o que é isso? Que gesto é esse?! Passei a perceber, nos homens heterossexuais, uma capa de rigidez – tudo neles me parecia artificial- mente restrito, contido, controlado, quase robótico. Pode um corpo duro mover-se sem quebrar? O que pode um corpo duro?

Percebi que como gay eu poderia chorar. Poderia permitir que as emoções tocassem o meu corpo e nele se manifestassem, mesmo que, diante de outras pessoas. Poderia discutir meus sentimentos, pautar minhas sensações, minhas emoções, fazer do ritmo do meu coração um ponto de conversaço. Tratar do meu mundo mental e afetivo me era permitido. Eu poderia

cantar, apreciar a música e me sentir tomado por ela, poderia observar quadros, fotografias, pinturas, esculturas com atenção e cuidado sem medo de me interessar; poderia dançar, se assim o quisesse, e dançar com entusiasmo, com corpo, com movimento pleno. Poderia divagar pela Arte, afinal ela é “domínio das mulheres e dos gays”. Eu poderia me atravessar de Arte e de cor, porque tudo isso fazia parte do “pacote básico” do ser homossexual. Eu poderia sentir meu corpo e deixar que ele sentisse por mim. Apesar de todas as amarras da normatividade, em vigor mesmo após minha assunção, eu tinha um imenso espaço de experimentação, espaço negado a muitos outros, justamente para que não se tornassem desviantes. Encontrei felicidade nas fronteiras da opressão.

3. TERCEIRO SEGREDO: VISLUMBRES

O direito de ser e de viver das pessoas LGBTQ+ vincula-se a grandes e pequenas revoluções que, constituídas de gritos e silêncios, conquistaram possibilidades. Direitos esses que – na atual conjuntura política brasileira – periclitam, demonstram toda sua fragilidade. O conservadorismo irrompeu de forma aterradora, quebrando ilusões de inclusão e o verniz da aceitação, demonstrando novamente que, ao contrário do dito pelo senso comum, o brasileiro é um povo preconceituoso e profundamente contraditório na forma de experienciar seu preconceito.

Apesar de toda uma história de resistência e luta, (história essa que começa muito antes de *Stonewall Inn*) e de todos os avanços conquistados no Brasil e no mundo, nosso país é o que mais mata LGBTQ+s no mundo, com maiores índices entre travestis e transexuais¹⁵:

Figura 1 - Notícia: Brasil é o país que mais mata LGBTQs no mundo.

¹⁵ Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-LGBT+s-no-mundo-1-cada-19-horas>. Acesso: 19/09/2017.; <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/05/brasil-ainda-e-o-pais-que-mais-assassina-LGBT+s-no-mundo.html>. Acesso: 19/09/2017. <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/04/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais-no-mundo-diz-pesquisa.htm>. Acesso: 19/09/2017.

Fonte: Catraca Livre

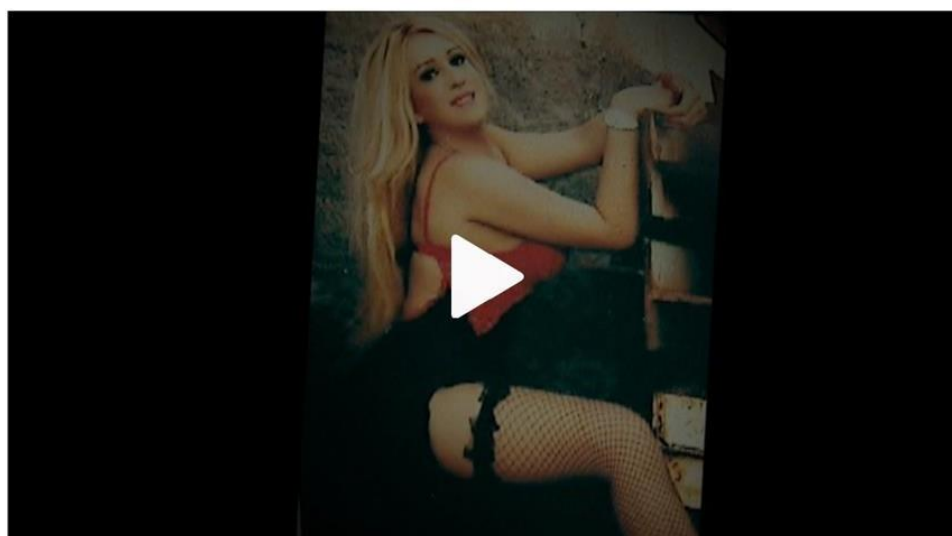


Figura 2 - Notícia: “Brasil é país que mais mata travestis e transexuais no mundo”

Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, diz pesquisa

Em 2016, foram 127 casos, ou um a cada 3 dias. A expectativa de vida é de 35 anos, menos da metade da média nacional, que é de 75 anos.

26/04/2017 23h30 - Atualizado em 27/04/2017 00h13



O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Em 2016, foram 127, um a cada 3 dias. A expectativa de vida deles é de 35 anos, menos da metade da média nacional, que é de 75 anos. Os dados são do Grupo Gay da Bahia, e não faltam histórias Brasil afora que os comprovem.

Fonte: Globo G1

Reverberações dessa violência contra LGBT+s se evidenciam na notícia de que a Justiça Federal do Distrito Federal, em 18 de setembro de 2017, liberou psicólogos para tratar gays e lésbicas como doentes. Tornou possível, dessa forma, realizar terapias de “reversão sexual”¹⁶:

¹⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/juiz-federal-do-df-libera-tratamento-de-homosse-xualidade-como-doenca.ghtml>. Acesso: 19/09/2017.

Figura 3 - Notícia: Juiz federal do DF libera tratamento para “cura gay”

G1 DISTRITO FEDERAL

Juiz federal do DF libera tratamento para 'cura gay' e diz que homossexualidade é doença

Ação popular questionava resolução do Conselho Federal de Psicologia que proibia tratamentos de reorientação sexual. Desde 1990, OMS deixou de considerar homossexualidade doença; homofobia não é considerada crime.

A Justiça Federal do Distrito Federal liberou psicólogos a tratarem gays e lésbicas como doentes, podendo fazer terapias de “reversão sexual”, sem sofrerem qualquer tipo de censura por parte dos conselhos de classe. A decisão, do juiz Waldemar Cláudio de Carvalho, é liminar e acata parcialmente o pedido de uma ação popular. Esse tipo de tratamento é proibido desde 1999 por uma resolução do Conselho Federal de Psicologia. O órgão disse que vai recorrer.

A ação popular foi assinada por um grupo de psicólogos defensores das terapias de reversão sexual. A decisão é de sexta-feira (15). Nela, Carvalho mantém a integralidade da resolução, mas determina que o conselho não proíba os profissionais de fazerem atendimento de reorientação sexual. Além disso, diz que os atendimentos têm caráter reservado.

Fonte: Globo G1


Essa ordem judicial contraria a norma do Conselho Federal de Psicologia que, desde 1999, proíbe tais terapias, como também contraria a decisão da Organização Mundial de Saúde, que, em 1990, retirou a homossexualidade da lista mundial de doenças. Ela ataca, assim, importantes conquistas dos movimentos LGBTQ+.

Em Porto Alegre, no dia 10 de setembro de 2017, o Santander Cultural fechou a exposição “*Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*” após ofensivas realizadas por movimentos ultraconservadores. As acusações apontavam que a exposição fazia apologia à pedofilia, à zoofilia e realizava profanação de símbolos sagrados. No dia 12 de setembro, a coordenadora do Centro de Apoio Operacional da Infância, Juventude, Educação, Família e Sucessões, Denise Villela, e o promotor da Infância e da Juventude de Porto Alegre, Júlio Almeida, visitaram a exposição e foram categóricos: as alegações foram infundadas¹⁷.

<http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/juiz-concede-liminar-que-permite-aplicacao-de-cura-gay-por-psicologos/>. Acesso: 19/09/20


¹⁷ Disponível em: <https://www.sul21.com.br/jornal/promotor-diz-que-nao-existe-pedofilia-na-exposicao-queer-museu/>. Acesso: 20/09/2017.
<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/arte/noticia/2017/09/queermuseu-acusa-coes-de-apologia-e-profanacao-nao-se-aplicam-a-exposicao-fechada-dizem-juristas-9895588.html>. Acesso: 20/09/2017

Figura 4 - Notícia: Promotor diz que não existe pedofilia na exposição: “Queermuseu’

Sul 21


Promotor diz que não existe pedofilia na exposição ‘Queermuseu’

Tweet
Share



Exposição foi suspensa dia 10 de setembro por pressão do Movimento Brasil Livre (MBL).

Da Redação

A coordenadora do Centro de Apoio Operacional da Infância, Juventude, Educação, Família e Sucessões, Denise Villela, e o promotor da Infância e da Juventude de Porto Alegre, Julio Almeida, visitaram, na tarde de segunda-feira (11), o Santander Cultural para conhecer a exposição “Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira”, suspensa pelo Santander no dia 10 após uma campanha capitaneada pelo Movimento Brasil Livre (MBL).

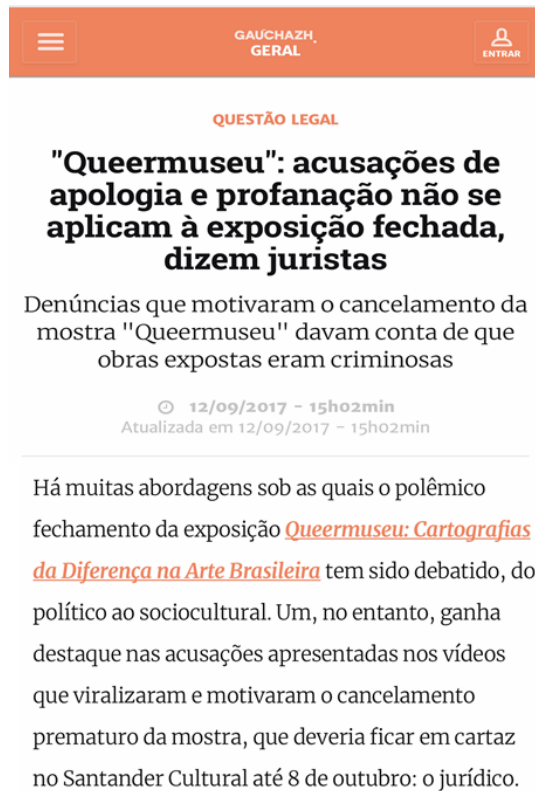
Denise Villela disse que, após uma avaliação detalhada das informações colhidas nesta visita, caso necessário, a Promotoria da Infância tomará as providências cabíveis. Em entrevista à rádio *Guaíba*, o promotor Júlio Almeida afirmou que não viu nenhuma referência à pedofilia na exposição. “Encontramos um porcentual ínfimo que poderia configurar alguma coisa como situação de sexo explícito, como exemplo

pornográfico, nos termos do Estatuto da Criança e do Adolescente. É um número bastante reduzido de peças e expressões artísticas diante do contexto”, disse. Quanto à suposta presença de pedofilia, o promotor afirmou:

“Pedofilia, por definição legal, é a utilização de criança e adolescente em cena de sexo explícito, reprodução de sexo explícito ou simulação de sexo explícito, ou ainda a exposição de genitália de criança e adolescente. Isso não existe na exposição. Pedofilia não acontece”.

Fonte: Sul21

Figura 5 - Notícia: “Queermuseu”: acusações de apologia e profanação não se aplicam à exposição fechada



GAÚCHAZH
GERAL

ENTRAR

QUESTÃO LEGAL

"Queermuseu": acusações de apologia e profanação não se aplicam à exposição fechada, dizem juristas

Denúncias que motivaram o cancelamento da mostra "Queermuseu" davam conta de que obras expostas eram criminosas

© 12/09/2017 - 15h02min
Atualizada em 12/09/2017 - 15h02min

Há muitas abordagens sob as quais o polêmico fechamento da exposição *Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* tem sido debatido, do político ao sociocultural. Um, no entanto, ganha destaque nas acusações apresentadas nos vídeos que viralizaram e motivaram o cancelamento prematuro da mostra, que deveria ficar em cartaz no Santander Cultural até 8 de outubro: o jurídico.

As alegações dos grupos organizados que promoveram o boicote e os ataques nas redes sociais são de que a exposição promovia apologia à pedofilia e à zoofilia, além da profanação de símbolos de culto. Tais crimes são tipificados nos artigos 208 ("Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso"), 286 ("Incitar, publicamente, a prática de crime") e 287 do Código Penal ("Fazer, publicamente, apologia de fato criminoso ou de autor de crime"), além dos artigos referentes aos crimes de abuso sexual de menor de idade. Juristas ouvidos por Zero Hora avaliam que enquadrar a exposição em qualquer desses artigos seria deturpar o que dizem tanto as leis, quanto as obras.

Fonte: GaúchaZH

Outra polêmica gerou-se ao redor da filósofa Judith Butler, chamada de “Papisa da Ideologia de Gênero” por conservadores brasileiros. Trezentas e vinte mil (320.000) assinaturas digitais foram coletadas para que a palestra, que seria proferida por Butler no SESC Pompeia, fosse cancelada. Na Universidade Federal da Bahia, professores e estudantes foram ameaçados de morte por pesquisarem questões relacionadas ao Gênero e à Sexualidade¹⁸.

Figura 6 - Notícia: Professora da UFBA é ameaçada de morte



salvador

Professora da Ufba é ameaçada de morte por causa de pesquisa

Mais dois professores foram coagidos; mestranda foi intimidada

Nilson Marinho, Gil Santos e Júlia Vigné
redacao@correio24horas.com.br
21.11.2017, 19:45:00

Ao menos três professores da Universidade Federal da Bahia (Ufba) foram ameaçados - um deles de morte -, recentemente, por conta do teor de pesquisas que desenvolvem dentro da instituição. Além do trio de docentes, uma aluna do mestrado também foi ameaçada dias antes da apresentação de sua dissertação.

Parte dos casos foi denunciada pelo reitor da universidade, João Carlos Salles, nesta segunda-feira (20), quando divulgou uma moção de repúdio contra os ataques, a maioria deles feita através das redes sociais. A carta, assinada pelo reitor, foi produzida e aprovada pelo Conselho Universitário da Ufba proposta pela conselheira Maria Hilda Baqueiro Paraíso, diretora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salles é presidente do conselho universitário.

No comunicado, o reitor se manifesta contra "a opressão diante das tentativas de cerceamento de todo um campo de produção do conhecimento científico", a qual ele atribui a uma onda de conservadorismo no país.

Fonte: Correio 24 horas

¹⁸ Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/professora-da-ufba-e-ameacada-de-morte-por-cao-de-pesquisa/>. Acesso: 16/08/2018.

Necessário ainda relatar alguns dos assassinatos e casos de violência física perpetrados entre 2017 e 2018. Em 2017, o caso de Dandara se tornou emblemático: a tortura foi gravada e veiculada na internet. Após brutalmente violentada, Dandara é assassinada a tiros¹⁹.

Figura 7 - Notícia: Travesti é encontrada morta com a cabeça esmagada e várias facadas pelo corpo

07/03/2017 16h45 - Atualizado em 08/03/2017 06h04

Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará, diz secretário

Travesti Dandara dos Santos, de 42 anos, foi agredida e assassinada. Polícia prendeu dois homens e apreendeu três jovens; um segue foragido.

Após **agressões com chutes e golpes de pau, a travesti Dandara dos Santos foi assassinada a tiros**, segundo o secretário da Segurança Pública e Defesa Social do Ceará, delegado André Costa. Os dois suspeitos de atirar em Dandara foram presos, conforme o secretário. Também foram apreendidos três adolescentes que aparecem no vídeo agredindo a vítima, e um sexto suspeito está foragido.

"Depois das agressões, levaram [Dandara] até outro local, próximo de onde foram feitas aquelas imagens. Como é visto nas imagens, ela foi brutalmente, covardemente, assassinada através de um disparo de arma de fogo", detalhou o delegado em entrevista nesta terça-feira (7).

Fonte: G1 - Globo

¹⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>. Acesso: 16/08/2018.

Em julho do mesmo ano, o caso de Itaberlly Lozano de 17 anos, morto em dezembro de 2016, veio à mídia: a mãe fora a assassina, que contou com a ajuda do padrasto e de mais três jovens²⁰.

Figura 8 - Notícia: Corpo queimado em canavial é de rapaz morto pela mãe por ser gay

<p>Cidades</p> <h2>Corpo queimado em canavial é de rapaz morto pela mãe por ser gay</h2> <p>De acordo com a Polícia Civil, Tatiana Ferreira Lozano Pereira teria assassinado o rapaz com a ajuda do padrasto</p> <p>Por Estadão Conteúdo</p> <p>14 jul 2017, 15h32 - Publicado em 14 jul 2017, 14h31</p>	<p>Um exame de DNA confirmou ser de Itaberlly Lozano, de 17 anos, morto em dezembro, o corpo encontrado carbonizado, em janeiro, em canavial de Cravinhos, no interior de São Paulo. De acordo com a Polícia Civil, o rapaz foi morto pela própria mãe, com a ajuda do padrasto, por ser gay.</p> <p>O laudo, do Instituto Médico Legal (IML) de São Paulo, ficou pronto na quinta-feira (13). Os restos mortais, que permaneciam no IML de Ribeirão Preto aguardando o resultado do DNA, foram liberados à família e serão sepultados nesta sexta-feira (14).</p>	<p>As circunstâncias do assassinato chocaram a cidade de 34 000 habitantes, na região de Ribeirão Preto. A Polícia Civil e o Ministério Público acusam a mãe do rapaz, a gerente de supermercado Tatiana Ferreira Lozano Pereira, de 33 anos, de ter tramado a morte do filho por não aceitar sua condição de homossexual. Ela contou com a ajuda de outros três jovens para o crime, executado na noite de 29 de dezembro, e do marido, padrasto do rapaz, para esconder o corpo.</p>
---	--	--

Fonte: Estadão

Em novembro, mãe e filha são agredidas em um shopping em Brasília, ao serem confundidas com um casal de lésbicas²¹.

Figura 9 - Notícia: Mãe e filha são agredidas em shopping de Brasília

Mãe e filha são agredidas em shopping de Brasília ao serem confundidas com casal gay

Por **EXTRA**

02/10/17 17:09 | Atualizado: 02/10/17 17:34

Uma mulher e sua filha foram vítimas de injúria e agressões físicas em um shopping de Brasília após serem confundidas com um casal homossexual. Solange Afonso, de 47 anos, e a filha, de 20, foram agredidas ao saírem do cinema no Liberty Mall, na Asa Norte da capital federal. De acordo com a secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal, a Polícia Militar encaminhou um homem, de 55 anos, para a delegacia. Ele foi autuado por injúria e lesão corporal.

De acordo com o relato de Solange em uma rede social, o caso aconteceu na noite de quinta-feira, dia 28 de setembro. Um homem, de 55 anos, parou as duas na saída do cinema e começou a agredi-las verbalmente.

"Ontem eu fui a um cinema, às 20h18 era a sessão, eu fui com a minha filha de 20 anos. Na saída do filme apareceu um louco que achou que a gente era um casal e simplesmente começou a agredir nós duas. Começou com agressão verbal: chamou a gente de cretinas e safadas porque ele achou que éramos um casal gay", contou em um vídeo publicado nas redes sociais.

Fonte: Extra

²⁰ Disponível em <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,corpo-queimado-em-canavial-e-de-razap-morto-pela-mae-por-ser-gay,70001890284>. Acesso: 16/08/2018.

²¹ Disponível em <https://extra.globo.com/casos-de-policia/mae-filha-sao-agredidas-em-shopping-de-brasilia-ao-serem-confundidas-com-casal-gay-21898781.html>. Acesso: 16/08/2018.

Em maio de 2018, no Rio de Janeiro, a estudante Matheusa é executada por traficantes, após passar por um 'tribunal'²².

Figura 10 - Notícia: Estudante Matheusa foi "julgada" antes de ser morta por traficantes

Estudante Matheusa foi 'julgada' antes de ser morta por traficantes, diz delegada

De acordo com depoimentos, ela entrou em 'surto' após festa e chegou ao Morro do 18 nua, onde foi executada por traficantes após passar por 'tribunal'. 'Ele tentou se defender', diz delegada.



Por Felipe Freire e Lilia Teles, RJTV
07/05/2018 19h16 - Atualizado 07/05/2018 20h33

Corpo queimado

Os policiais consideram que há "fortes indícios" de que o corpo da estudante tenha sido queimado após a execução por traficantes.

"O corpo do Matheus não foi encontrado. Nós acreditamos que ele tenha sido efetivamente incinerado, mas as investigação prosseguem para saber o que aconteceu dentro da festa, o que motivou esse surto e chegar à autoria do crime", explicou a delegada.

A polícia já sabe que a estudante de artes de Uerj Matheusa Passarelli, de 21 anos, foi "julgada" antes de ser morta por traficantes do Morro do 18, em Quintino, na Zona Norte. Ela estava desaparecida havia uma semana e o corpo ainda não foi encontrado. Mas os investigadores já sabem que bandidos a encontraram transtornada e nua na entrada da comunidade, onde foi capturada, ouvida e depois executada.

Matheus Passarelli, chamada de Matheusa por familiares e amigos, chegou ao Morro do 18 após sair de uma festa a dois quilômetros dali, na Rua Cruz e Souza, no Encantado, também na Zona Norte. De acordo com relatos, ela estava em surto, andava tirando a roupa e falando frases desconexas.

Fonte: Globo G1

²² Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/estudante-matheusa-foi-julgada-antes-de-ser-morta-por-trafficantes-diz-delegada.ghtml>

Em junho, Tyfanny Montel é encontrada morta em Boa Vista, Roraima²³.

Figura 11 - Notícia: Direitos da população LGBTQI de RR emite nota de pesar por assassinato de travesti

Conselho de Defesa dos Direitos da População LGBTQI de RR emite nota de pesar por assassinato de travesti

Conselho repudia todas as formas de preconceito e violência contra a vida humana.



Por G1 RR

11/06/2018 11h09 · Atualizado 11/06/2018 11h09

O Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da População LGBTQI de Roraima emitiu nesse domingo (10) uma nota de pesar pelo **assassinato da travesti Tyfanny Montel**. O corpo da jovem foi encontrado ontem por uma moradora no bairro Pintolândia, zona Oeste de **Boa Vista**.

Em nota, Sebastião Diniz, presidente do Conselho, lamentou o crime e criticou a ausência de políticas públicas de inserção social e o efetivo combate à homofobia. Segundo ele, essa falta permite o aumento da violência e **alto índice de mortalidade** de travestis e transexuais no Brasil.

"Lamentavelmente esse é mais um crime cometido contra a população LGBTQI que vem alimentar uma perversa estatística brasileira, na qual uma pessoa LGBTQI é assassinada a cada 24 horas, com maior violência praticada contra travestis e transexuais devido à sua vulnerabilidade, submetendo-as a uma expectativa média de vida de 36 anos de idade", se manifestou o Conselho em nota.

O Conselho de Defesa dos Direitos da População LGBTQI repudiou ainda todas as formas de preconceito e violência contra a vida humana.

"Esperando empenho e dedicação das autoridades responsáveis na identificação e prisão do/dos autores desse assassinato. Aos parentes e amigos de Tiffany Montel, apresentamos nossas condolências", concluiu.

Fonte: G1 Roraima

²³ <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/conselho-de-defesa-dos-direitos-da-populacao-LGBT+qi-de-rr-emite-nota-de- pesar-por-assassinato-de-travesti.ghtml>. Acesso: 16/08/2018.

Em julho, no Mato Grosso do Sul, uma travesti é encontrada morta com a cabeça esmagada e várias facadas pelo corpo²⁴.

Figura 12 - Notícia: Travesti é encontrada morta com a cabeça esmagada

Travesti é encontrada morta com a cabeça esmagada e várias facadas pelo corpo em estrada vicinal de Rio Brilhante, MS

No local do crime os policiais encontraram uma pedra de aproximadamente 15 centímetros com vestígios de sangue.

Uma travesti de 44 anos foi encontrada morta, com parte da cabeça esmagada e várias facadas pelo corpo em uma estrada vicinal do município de Rio Brilhante, a 150 quilômetros de Campo Grande, na madrugada deste domingo (8).

Segundo o registro policial, o corpo foi encontrado por um funcionário de uma usina sucroenergética que passava de caminhão pela região da estrada da estiva, por volta das 2h (de MS). Ele acionou a Polícia Militar, que por sua vez, comunicou a Polícia Civil.

O corpo estava com parte da cabeça esmagada e apresentava várias perfurações de instrumento perfurocortante no pescoço e nas costas. No local do crime os policiais encontraram uma pedra de aproximadamente 15 centímetros com vestígios de sangue.

A pedra foi recolhida e a polícia vai investigar se ela teria sido utilizada para golpear a travesti. Também foi encontrada no local uma motocicleta e um capacete.

Fonte: G1 Mato Grosso do Sul

Não obstante o quadro aterrador de violência física e psicológica a que as pessoas LGBT+ são submetidas, pude observar, nos últimos anos, posicionamentos profundamente

²⁴ Disponível em <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/travesti-e-encontrada-morta-com-a-ca-beca-esmagada-e-varias-facadas-pelo-corpo-em-estrada-vicinal-de-rio-brilhante-ms.ghtml>. Acesso: 16/08/2018

paradoxais dessa comunidade. No período de 2012 a 2017, participei das gestões eleitas para o Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação (DAFE) do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e entrei em contato com diversos movimentos sociais e estudantis. Encontrei, nesse tempo, coletivos com as mais diversas pautas, mas pouca foi a presença dos coletivos com temática LGBTQ+. Essa inquietação resultou em meu trabalho de conclusão de curso. Nele busquei evidenciar os sentidos manifestos nos discursos de pessoas LGBTQ+ acerca da LGBTQ+fobia, realizando interfaces com os sentidos de militância e ativismo. Durante tal pesquisa, os sentidos me surpreenderam com um marcante silêncio-censura no dizer desses sujeitos. Apesar de enunciarem desde o lugar de sujeitos autoidentificados LGBTQ+, o silenciamento era muito presente nos dizeres dos participantes que reconheciam a existência da opressão, mas a enunciavam como um acontecimento na vida do sujeito outro. Essa e outras marcas do silêncio, em funcionamento na pesquisa, apontaram a necessidade de estudos mais aprofundados em torno da questão. O silêncio, a que faço referência, remete ao trabalho de Eni Orlandi no livro **As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos** (1993). Nele, a autora propõe que o silêncio, nas suas múltiplas faces, pode ser origem, possibilidade, devir, significação, como também pode ser ferramenta de censura, exclusão, opressão. Sua proposta desloca o estatuto dado ao silêncio, defendendo ser mais importante a compreensão de que:

[...] 1. Há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio. Há silêncio nas palavras; 2. O estudo do silenciamento (que já não é silêncio mas “pôr em silêncio”) nos mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não-dito absolutamente distinta da que se tem estudado sob a rubrica do “implícito” (ORLANDI, 2015 p.11-12)

Durante a experiência do mestrado, pude ver a efervescência dos temas de Gênero e Sexualidade: uma profusão de pesquisadores e pesquisadoras os buscam de forma comprometida, criando variadas interfaces com as mais diversas áreas. Em contrapartida a esse crescimento acadêmico e à consolidação do debate nas universidades, nas redes sociais é bastante chamativa uma postura de “anti-militância/ativismo” por parte de pessoas LGBTQ+, que menoscabam problematizações sobre normas estéticas e comportamentais (debates que giram em torno da branquitude, do peso corporal, da afeminação/masculinidade de homens gays, por exemplo), vinculando-as a um falso moralismo. Mais aterradoras são as demonstrações de hostilidade e transfobia para com diferentes expressões de gênero, tratadas de forma debochada e apontadas como “motivo de

vergonha” para a “comunidade”.

Em razão do contexto sócio-histórico exposto anteriormente, que justifica a necessidade de pesquisas que estabeleçam interface entre estudos da linguagem, pela via da Análise de Discurso, e estudos de gênero e sexualidade, pela via das questões LGBT+, e das descobertas realizadas na monografia, o tema deste estudo, inicialmente, seria o silenciamento nos discursos LGBT+, a produção de efeitos de sentidos de discriminação, militância e orgulho. Contudo, ao avançar nos debates sobre Análise de Discurso e Gênero e Sexualidade, vi-me implicado a repensar esta abordagem.

Na monografia, o controle da normatividade se fez perceber através do silenciamento dos/das participantes. Fosse pelo efeito da interdição do dizer ou pelo colocar-se em silêncio (ORLANDI, 2015), a normatividade ecoou de forma intensa nos enunciados dos interlocutores da pesquisa. Não teria esta intensidade relação direta com a tematização da LGBT+fobia no trabalho? Dito de outra forma, pesquisar a LGBT+fobia, e não o/a LGBT+, não traria inexoravelmente o eco da normatividade para o centro do dizer desses sujeitos, deixando em segundo plano outras experiências vividas por eles/elas? Através dessa pesquisa, não provoqueei os colaboradores a enunciarem o que a norma fala deles/delas, dando destaque para suas experiências em relação à opressão? Tratar da LGBT+fobia parece implicar em trazer a visão da norma para o meio do debate, pois é sempre dessa posição – aquela que fala e condena a lésbica, o gay, a travesti, a pessoa trans, a assexual, o/a bissexual, a pessoa *queer* – que o preconceito se estrutura, resultando ser sempre desta posição de sujeito (oprimido, alvo da opressão) que o LGBT+ é convidado a enunciar. É verdade que, apesar da força silenciante da norma, é possível perceber a resistência desses sujeitos que encontram caminhos outros para produzir sentidos. Não seria interessante, porém, convidá-los a simplesmente falar sobre suas vidas? Endereçar um convite sem delimitar o foco do estudo na opressão, mas propondo deslizamento para a consideração das experiências vividas como um todo?

Em razão de tais reflexões, meu foco para dissertação viu-se deslocado: o epicentro não seria a opressão e sim a experiência de ser LGBT+, a pulsação da vida, do ser, do existir. Não tenho dúvidas de que a normatividade irá se manifestar nos dizeres dos entrevistados, porém, demover a norma do centro da discussão parece ser importante para permitir deslocamentos de posição-sujeito e perturbações, desordens nos discursos a partir dos quais os sujeitos LGBT+ são falados e se significam. Todavia, não tematizar diretamente o movimento ou a opressão não se configura em um desejo de fugir de tais temas. Muito pelo contrário! Indica, em verdade, uma profunda preocupação com as formas de existência das

peças LGBT+, que experenciam a resistência no seu dia a dia das mais diversas formas e, em muitos casos, mesmo que não o queiram. Inclusive, parece importante explicitar, o desafio de realizar uma abordagem não voltada unicamente para a opressão, dado o *modus operandi* com que me acostumei a tratar da questão – fosse pela leitura de pesquisas na área, fosse pela experiência da militância.

Meu desejo é apreender, no discurso de pessoas LGBT+, o que eles e elas têm a dizer sobre a própria história. Não desejo convidá-los/as a falar especificamente sobre a opressão, mas sobre o existir. Percebo essa mudança quase como uma questão epistemológica: como os sujeitos LGBT+ produzem dizeres sobre si mesmos? Que sentidos são evidenciados nesse convite a se dizer? O que significa ser LGBT+ para (e dito por) uma pessoa LGBT+? Como as suas experiências de vida são significadas por estes sujeitos? O objetivo geral desta pesquisa, em razão das perguntas que me coloco, é **explicitar os gestos de interpretação dos sujeitos LGBT+, seus processos de identificação e suas filiações de sentidos, descrevendo a relação do sujeito com as memórias deste campo**. Para este objetivo geral, apresento três objetivos específicos: **1) realizar uma escuta discursiva²⁵ de experiências das pessoas LGBT+, compreendendo os movimentos de estabilização e desestabilização das redes de sentidos, das memórias do dizer; 2) compreender os dizeres dos sujeitos LGTB, acerca de si mesmos, desde suas condições de produção; 3) analisar os processos pelos quais sujeitos e sentidos se (des)fazem, considerando a heterogeneidade constitutiva do dizer**.

Justificam esta pesquisa 1) as escassas produções que aproximam a Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux das questões LGBT+, apesar da grande potencialidade da disciplina fundada pelo filósofo francês em colaborar para este campo; 2) a possibilidade de contribuir com as discussões acerca das vivências de pessoas LGBT+, visibilizando-as e provocando um olhar deslocado da normatividade, ao mesmo tempo, estabelecendo uma relação menos ingênua com os discursos produzidos por esta comunidade.

Desenvolve-se, aqui, uma pesquisa qualitativa, a ser produzida com o uso de entrevistas semiestruturadas. Importante destacar que todo trabalho realizado desde a

²⁵ Maria Cristina Leandro Ferreira (2007, p. 107) sobre a “escuta discursiva” assim se pronuncia: “[...] a escuta discursiva, sob a forma de um gesto de interpretação, também vai na mesma direção exigir do analista do discurso um trabalho de “escuta” que consiste em fazer ver ao leitor, a partir das lentes de um dispositivo teórico-analítico, a opacidade do texto, desnaturalizando o que é natural, pondo em questão o que parece evidente e trazendo à presença o que mostra ausente”.

perspectiva da AD trata-se de um recorte que se estabelece em razão da relação entre o analista e a materialidade com que trabalha, como bem lembrou a professora Luciene Jung, através de seu parecer avaliativo da dissertação quando em etapa de Projeto. É na dialética entre *corpus* e teoria que o analista desenvolve seu trabalho, em um batimento constante que dá origem a um dispositivo analítico único. Tal unicidade revela as particularidades do analista de discurso, tratando-se de um gesto de interpretação sobre o *corpus* com que trabalha. Retomamos Mutti (2011, 2011, p. 819) ao afirmar que:

O saber do analista de discurso se reconstrói diante de cada análise; como bem marcou Orlandi (1999), os procedimentos da análise, imbricados com os princípios teóricos, atendem às especificidades de cada pesquisa, de tal modo que o estabelecimento do objeto de análise, o discurso, e do *corpus* que o representa, já consiste em uma das etapas analíticas. (2011, p. 819)

Dessa forma, cada análise realizada a partir da AD faz-se diferente de outra, mesmo que, eventualmente, o *corpus*, ou ainda, o analista, sejam os mesmos. Um *corpus* não se esgota em uma única análise, pois não se objetiva “[...] a exaustividade que chamamos horizontal, ou seja, em extensão, nem a completude, ou exaustividade em relação ao objeto empírico. Ele é inesgotável” (ORLANDI, 2012, p. 62). A própria escolha dos recortes das materialidades a serem estudadas já espelha o começo da análise: ela se operacionaliza a partir de uma postura assumida pelo analista em relação ao tema proposto.

O que se espera do dispositivo do analista é que ela lhe permita trabalhar não numa posição neutra mas que seja relativizada em face da interpretação: é preciso que ele atravesse o efeito de transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito. Esse dispositivo vai assim investir na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, isto é, no equívoco, na falha e na materialidade. No trabalho da ideologia. (ORLANDI, 2012, p. 61),

A posição que ocupa o analista de discurso, ao realizar seu estudo, não é a daquele que se coloca acima da ideologia, intocado por ela. É, ao contrário, daquele que em reconhecendo-se sujeito também interpelado, também afetado por dizeres outros, pelos esquecimentos, sabendo-se não ser origem do sentido, coloca-se de forma declaradamente não neutra diante de seu objeto de estudo. A produção de dados realizou-se a partir de entrevistas individuais, momento de escuta das experiências de vida de sujeitos LGBTQ+. Tal método foi escolhido no desejo de focar a escuta nas experiências de cada colaborador de

forma mais integral, criando um momento de dedicação exclusiva para ouvir a história de cada participante, um a um. O tópico guia da entrevista é apresentado no capítulo dedicado a metodologia.

Destaco que, do encontro de meus conteúdos de vida com minhas intenções de pesquisa, os interesses de estudos já explorados ou a serem abordados, propostos nesta dissertação, foram discutidos, preliminarmente, em três artigos já ou a serem publicados em Anais de Eventos – o 5º Encontro Rede Sul Letras “Letras no Século XXI” ocorrido na Universidade de Caxias do Sul (UCS) em novembro de 2017; o VI Fios ao Tear “Análise do Discurso: da inquietude ao incômodo lugar” ocorrido também na UCS em dezembro de 2017 e o XIX ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino “Para onde vai a Didática? O enfrentamento às abordagens teóricas e desafios políticos da atualidade” promovido pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em setembro de 2018. Soma-se a isso, a participação nos eventos III Encontro Nacional e II Jornada “História das Ideias: diálogos entre sociedade, sujeito e linguagem” ocorrido no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLet) do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em maio de 2018 e no 6º Sul Letras “(Inter) Nacionalização em Letras” ocorrido na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) em agosto de 2018, onde realizei apresentação de trabalhos.

Nos trabalhos “Análise de Discurso, estudos de gênero e sexualidade: um gesto de análise da produção de sentidos em discursos LGBT+”, “Opressão e resistência: efeitos de sentidos em discursos LGBT+”, “Silenciamento e transgressão: a disrupção no dizer LGBT+”, “Vidas divididas: transgressão e normatividade nos discursos LGBT+” e “O silêncio que mata: escola, currículo e vidas” foram apresentadas descobertas preliminares sobre assuntos que, estando relacionados ao tema da investigação, se fazem presentes também em estudos desenvolvidos ao longo dos anos de 2016, 2017 e 2018 como resposta às provocações feitas pelas Professoras Ana Zandwais, Dóris Maria Luzzardi Fiss e Solange Mittmann em Seminários oferecidos por elas tanto no PPGEDU quanto no PPGLet. Os artigos e os resumos podem ser encontrados nos Anexos.

A dissertação está organizada em oito “segredos”. No primeiro, apresento um gesto de interpretação acerca do sintagma “segredo”, que se tornou marca linguística nesta dissertação em razão da efervescência de sentidos que nele ecoa ao ser aproximado das questões LGBT+. O segundo, matiza esta dissertação com os ecos da Revolta de *Stonewall Inn*, tomado como um acontecimento discursivo. Desejei realizar esta aproximação desde uma perspectiva “poético- histórica”, apresentando, através de narrativas e músicas, as

memórias dos dizeres desta e sobre a nossa comunidade. De igual forma, acrescento um pequeno relato das minhas experiências de vida como homem gay, que reverberam diretamente nas formas como me produzo analista de discurso. O terceiro segredo dedica-se a apresentar a proposta desta pesquisa, delineando suas dimensões e especificidades, costurando experiências de vida e condições de produção dos sujeitos LGBT+s através de notícias jornalísticas. O quarto, traz a pesquisa realizada no trabalho de conclusão da graduação – **“Livro das Sombras: silêncio e transgressão nos discursos LGBT”** – bem como uma retomada do mesmo em atividade elaborada posteriormente como parte das tarefas desenvolvidas na **Disciplina LIN00010 - Fundamentos da Análise de Discurso** ministrada em 2017/2 pela Profa. Solange Mittmann no Programa de Pós-Graduação em Letras. Trata-se de uma exposição da história desta pesquisa que, de forma incipiente, iniciou-se em 2016, sofrendo diversas alterações e perturbações em razão da continuidade dos estudos.

A Análise de Discurso é tematizada no quinto segredo, onde encontra-se com os Estudos de Gênero e Sexualidade, realizando um percurso pela historicidade do sintagma “sexualidade” – trajeto discursivo que indica como este termo sofreu perturbações de sentido ao longo da história. O sexto segredo deste escrito dedica-se à metodologia de pesquisa, onde explano os caminhos percorridos no levantamento de dados, elencando o tópico-guia que o norteará. O corpus desta pesquisa foi organizado a partir de entrevistas realizadas com quatro pessoas LGBT+, residentes na cidade de Porto Alegre. Participaram desta pesquisa uma pessoa trans- gênero, autoidentificada como travesti não-binária e pansexual; uma mulher cisgênero bissexual; dois homens cisgênero homossexuais. As idades variam de 22 a 50 anos, com formações acadêmicas que abrangem do Ensino Técnico ao Mestrado.

O sétimo segredo, dedica-se às descobertas da pesquisa, onde surpreenderam-me duas Formações Discursivas (FD) conflitantes – a **Formação Discursiva Inferno Social** (FDIS) e a **Formação Discursiva Liberdade Pessoal** (FDLP), manifestações de uma **Formação Ideológica de Costumes** (FIC). A primeira, produz sentidos de condenação e punição dos sujeitos desviantes da norma, onde evidenciei o **efeito de sentido de expurgo** (ESE) e o **efeito de sentido de cerceamento** (ESC). A segunda, em contraposição, demonstra a resistência e a luta dos sujeitos LGBT+ que, mesmo ainda afetados por discursos conservadores – pois é ainda a partir deles que a sexualidade e o gênero são pensados de modo mais frequente em nossos país – encontram caminhos para produzir sentidos outros acerca da suas experiências de vida, ressignificando os sentidos sedimentados de

discriminação e preconceito, estilhaçando o controle da normatividade, na busca de liberdade pessoal. Desta formação discursiva, emergiram o **efeito de sentido de esperança** (ESEp) e o **efeito de sentido de humanidade** (ESH).

A título de efeito de fechamento, um parar momentâneo em razão das limitações específicas do trabalho que aqui se apresenta – gesto, entretanto, consciente da sua incompletude e da natureza intermitente do trabalho do analista de discurso – é possível concluir que os sujeitos LGBT+s se produzem no espaço da movência, da inquietação, da tensão, nas fronteiras do preconceito e da busca da liberdade. Fazem-se sujeitos livres na desidentificação da normatividade, na ruptura com uma ideologia de viés controlador e que busca invisibilizar as possibilidades de liberdade existentes no *já-lá*, possibilidades essas que remontam aos mais diversos movimentos de luta no Brasil e no mundo de pessoas LGBT+. Estes tais sujeitos, “inquietaos e inquietadores”, raspam constantemente sentidos estabilizados associados à normatividade, encontrando, na heterogeneidade das formações discursivas, no embate de posições-sujeito e de sentidos, possibilidades de uma vida humana, alimentada por uma constante esperança.

4. QUARTO SEGREDO: ELES SÃO FEITOS DE SOMBRAS

4.1. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Para melhor compreender a produção acadêmica que tematiza a aproximação da Análise de Discurso com as questões LGBT+, que aqui proponho, desenvolvi uma pesquisa bibliográfica com a abrangência de cinco anos. O levantamento considerou as produções realizadas no recorte temporal de 2014 a 2018. Esta investigação foi efetuada em três repositórios virtuais: 1) Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações²⁶ (BDTD) vinculada ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; 2) *Scientific Electronic Library Online*²⁷ (SCIELO), resultado de uma parceria da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo²⁸ (FAPESP) e do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde²⁹ (BIREME), hoje vinculada ao CAPES e CNPQ; 3) Repositório Digital da UFRGS (LUME)³⁰. Realizei a pesquisa com dois grupos descritores chave (“Sexualidade” e “LGBT”), que se transformaram em grupos de descritores por levantamento. Assim, ao todo, foram utilizados os descritores “Sexualidade”, “Sexualidade e Discurso”, “Sexualidade e Análise de/do Discurso” para o grupo 1; para o grupo 2 foram utilizados os descritores “LGBT”, “LGBT e Discurso” e “LGBT e Análise de/do Discurso”. Percebi que a utilização “de discurso” ou “do discurso” apresentava os mesmos resultados. Todas as pesquisas foram executadas através da opção de “Busca/Pesquisa Avançada” disponibilizada pelos repositórios.

Em razão das características de cada plataforma, da maneira como os trabalhos são vinculados a elas e das suas possibilidades de refino de pesquisa, algumas expressões foram adicionadas aos marcadores padrão. O LUME, por permitir a visualização direta dos trabalhos, ao invés da necessidade de baixar os arquivos, possibilitou o acréscimo – no terceiro conjunto de marcadores do grupo 1 e 2 – de “Michel Pêcheux” como expressão, pois realizava a busca no trabalho como um todo, auxiliando expressivamente na identificação de trabalhos vinculados à AD pecheuxtiana. Apesar dos recursos de refino, foi imperativo, em alguns casos, abrir os trabalhos e averiguar a presença dos estudos de Pêcheux. Verificando as referências bibliográficas ou, em casos de maior dúvida, realizando leituras de partes dos textos. Isso se fez necessário, pois percebi, através da leitura do resumo e posterior confirmação na forma como

²⁶ BDTD - <http://bdttd.ibict.br/vufind/>

²⁷ SCIELO - <https://www.scielo.org/>

²⁸ FAPESP - <http://www.fapesp.br/>

²⁹ BIREME - <http://regional.bvsalud.org/bvs/bireme/homepage.htm>

³⁰ LUME - <https://lume.ufrgs.br/>

o referencial da AD era utilizado no trabalho, que, em algumas pesquisas, a AD correspondia somente a uma metodologia a ser empregada como ferramenta de análise, não se constituindo no coração teórico do trabalho.

Foram contabilizados trabalhos de conclusão de curso (graduação e especialização), dissertações, teses e artigos publicados. O LUME, especificamente, disponibiliza a busca de diversas modalidades de trabalhos realizados na UFRGS (como livros, capítulos de livros, resumos publicados em eventos, anais de eventos etc.). Para manter parâmetros de pesquisa com os outros repositórios, fiz o recorte para as modalidades de trabalho listadas. Em todos os repositórios, a quantidade de produções se comportou de forma semelhante: o número de trabalhos apresentados nos descritores gerais (“Sexualidade” e “LGBT”) é muito maior do que os trabalhos indicados para “Sexualidade e Análise de Discurso” e “LGBT e Análise de Discurso”. De certa forma, este resultado seria o esperado, já que, ao passar dos descritores gerais para os cruzamentos mais específicos, o efeito de afunilamento é inevitável, entretanto, a diferença entre uma categoria e outra é mais expressiva do que presumira.

Na BDTD, por exemplo, utilizando o descritor “Sexualidade” são listados, no período pesquisado, o total de 3.238 trabalhos. Ao utilizar “Sexualidade e Análise de Discurso”, este número cai para um total de 20 trabalhos. Tomando o marcador “LGBT”, a discrepância parece ser menor, mas em razão da menor produção de trabalhos que fizeram uso desta sigla: um total de 178 no período averiguado, em comparação à 4 que aproximam a AD e utilizam LGBT como indicativo de pesquisa. Necessário ressaltar que, no uso da plataforma BDTD, alguns trabalhos não foram contabilizados nos números totais por problemas nos seus sites de origem, que não permitiam a consulta ao texto; outros ainda apareciam duplicados – ou até triplicados – na pesquisa.

Observando os dados do LUME, sobre as produções da UFRGS que propõem a aproximação realizada nesta dissertação, nota-se a sua escassez. Tomando 2.129 trabalhos realizados com a temática “Sexualidade”, este número cai para um total de 8 quando se trata de “Sexualidade e Análise de Discurso”. Em 2016, foram produzidos 5 trabalhos com esta temática – uma tese, duas dissertações e dois trabalhos de conclusão, sendo a minha monografia um deles. No ano seguinte, nenhum trabalho foi produzido, em nenhuma das modalidades, e, em 2018, três trabalhos (duas teses e uma dissertação) foram escritos. Para o marcador “LGBT”, foram identificados 454 trabalhos, enquanto para “LGBT e Análise de Discurso” o total de produções cai para 3. Nos anos de 2014, 2017 e 2018, nenhum trabalho foi produzido com estes marcadores. Encontrei um trabalho de conclusão de curso em 2015; em 2016, uma monografia (realizada por mim) e uma tese.

Realizando o levantamento de artigos no SCIELO, o total de trabalhos com o marcador “Sexualidade” é de 471, caindo para 0 com o uso do marcador “Sexualidade e Análise de Discurso” – apesar da pesquisa indicar 18 trabalhos, nenhum deles fazia uso do referencial pecheuxtiano. Com o marcador “LGBT”, identificam-se 71 trabalhos, que são reduzidos para 3 ao se buscar aqueles vinculados à AD. Também foi possível averiguar que as temáticas vinculadas ao feminismo, às experiências das mulheres, a questões de gênero são temáticas bastante recorrentes em trabalhos com a Análise de Discurso francesa, possivelmente indicando uma presença marcante de pesquisadoras nesta filiação teórica. Considerando os números apresentados na BDTD e no LUME, a modalidade de formação em que há maior concentração de pesquisas realizadas no campo da sexualidade em interface com a AD é o mestrado. A diferença, entretanto, é pouca: de 2014 a 2018 foram produzidas 18 dissertações, enquanto no mesmo período foram escritas 13 teses. A diferença já passa a ser maior quando levantamos este dado para a graduação – apenas 4 monografias foram escritas neste período.

Os dados, que aqui se apresentam, apontam na direção da necessidade deste estudo. A potência de análise da AD enriquece de maneira ímpar o debate acerca das questões da sexualidade, das experiências de vida de pessoas LGBT+, tornando-se um campo fértil para estudo.

4.2. PRIMEIROS GESTOS: SOMBRAS, SILÊNCIO E TRANSGRESSÃO

A fim de apresentar o trajeto de estudos que possibilitou a pesquisa proposta nesta dissertação, dedico estas páginas ao trabalho desenvolvido na monografia. A seguir, apresento também um segundo gesto de interpretação realizado a partir do mesmo *corpus*, reaproximação que já apontou a necessidade de novos aprofundamentos e novas perspectivas de pesquisa. O presente escrito constituiu-se a partir dos encontros e surpresas advindos destes dois trabalhos, tornando-se importantes para melhor entender os caminhos escolhidos para a escrita desta dissertação. Algumas posições anteriormente assumidas foram repensadas, reviradas, refeitas, transformadas, fortalecidas ou complexificadas na medida em que avancei os estudos teóricos no mestrado. Seguindo o espírito pecheuxtiano de não se furtar ao retrabalho e tampouco esconder os “repensares”, acredito relevante a história deste caminho de pesquisa.

Em **Livro das Sombras: silêncio e transgressão nos discursos LGBT³¹**, realizei uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. A produção dos dados foi feita através de

³¹ Durante a escrita da monografia utilizei a sigla LGBT, atualizada para LGBT+ na dissertação a fim de dar maior representatividade. Em razão disso, nesta parte do texto, a sigla utilizada será LGBT a fim de manter a

questionário semiestruturado que continha dez questões, aplicado através da plataforma virtual *Survey Monkey*. As três primeiras questões levantavam dados sociodemográficos: os participantes indicavam o gênero e a orientação sexual com o/a qual se identificavam, sua cidade de residência, idade, profissão e formação. As perguntas restantes organizavam-se em dois eixos de três questões, solicitando que dissertassem acerca da militância LGBT e da LGBTfobia, e uma questão optativa ao final por meio da qual convidei os participantes a narrarem experiências pessoais como sujeitos LGBT. Seguem as perguntas que compuseram o questionário:

Quadro 3 - Questionário semiestruturado

EIXO 1

Questão 4: Para você o que é militância

Questão 5: Para você militância e ativismo têm o mesmo significado? Quais são suas semelhanças ou diferenças em termos de significado?

Questão 6: Para você o que significa política?

EIXO 2

Questão 7: Existe homofobia? Se sim, você sofre com isso?

Questão 8: Você acha que a homofobia pode ser combatida? Como?

Questão 9: Se você acredita que é possível combater a homofobia, o que você faz para combatê-la?

QUESTÃO OPTATIVA

Consideramos as vivências algo muito especial. Por isso, gostaríamos que compartilhasse uma história da sua trajetória pessoal que tenha relação com a sua experiência como sujeito LGBT. Aqui qualquer relato é bem-vindo: afetivo, profissional, familiar, positivo ou negativo. A Vida é feita de diversas experiências e valorizamos todas elas. Obrigado por participar desta pesquisa, respondendo às questões propostas e por compartilhar conosco a sua história!

Fonte: Material elaborado pelo pesquisador

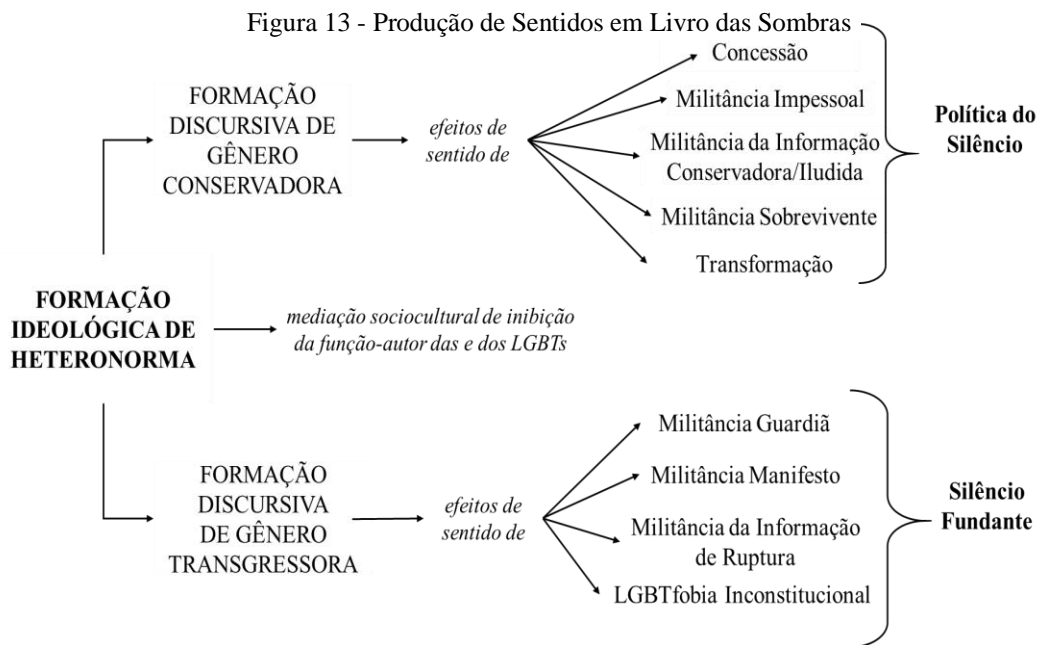
Foram produzidos 108 enunciados a partir desse questionário. Destaco os dizeres derivados da questão 10. Poucos sujeitos responderam a ela, sendo que, desses, grande parte optou por uma resposta genérica e impessoal. Por que os respondentes, tendo ciência de que o pesquisador é também um sujeito LGBT e de que sua participação naquela pesquisa se dava exatamente por se identificarem como LGBTs, se refutaram a tratar de experiências pessoais? Essa inquietação acabou por revirar o modo com que olhei o *corpus*. Um grande grito se evidenciou: o silêncio. Os sujeitos LGBTs, apesar dos avanços conquistados, digladiam-se, ainda, entre o silenciamento, a ocultação do dizer e o se revelar.

Dentre os dezesseis participantes, contei com uma pessoa a-gênero, duas do gênero feminino, treze do gênero masculino, dentre os quais haviam lésbicas, pansexuais, bissexuais, assexuais e homossexuais. A faixa etária abrangia dos 19 aos 39 anos, e os níveis de

linguagem utilizada naquele momento.

escolaridade iam desde o Ensino Médio completo até o Mestrado. Os/as participantes moravam em Porto Alegre, Alvorada, Canoas e Gravataí.

Nessas condições, com esse *corpus*, com os enunciados produzidos por esses participantes, pudemos evidenciar duas formações discursivas (FD) antagônicas – FD de Gênero Conservadora (FDGC) e FD de Gênero Transgressora (FDGT). Sendo uma Formação Discursiva definida como “[...] aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2012, p. 43), cabe destacar a Formação Ideológica da Heteronormatividade (FIH) que remonta aos sentidos estabilizados acerca da homossexualidade como uma condição de sofrimento, dor e desconforto que força a invisibilidade. Sendo assim, aquele que se revolta sofre as consequências da resistência à norma e é exposto pelo que é. Ainda é a partir desta Formação Ideológica da Heteronormatividade que LGBT+s enunciam – a norma resiste ao desvinculamento dos sujeitos LGBT+s do seu jugo, somos transgressores³² porque ainda marginalizados pela heteronormatividade. Inscritos nas duas formações discursivas identificadas, encontramos nove efeitos de sentido. Esse movimento está representado na Figura 13:



Fonte: material elaborado pelo pesquisador.

³² Necessário explicar o porquê da mudança de pessoa verbal no texto. Apesar de a escrita ser realizada na primeira pessoa do singular, em determinados momentos, farei referência a condições sociais em que pessoas LGBT+s se encontram ou ainda apontarei parte da história desse grupo social. Como homem gay, pareceu-me estranho falar em “os/as LGBT+s” como algo que se aparta da minha própria trajetória, como se eu não fizesse parte dessa comunidade. Assim sendo, peço, aos leitores, a compreensão quanto a tal desarmonia gramatical, que me parece necessária a fim de manter a coerência entre o modo de dizer e o que é proposto neste trabalho: uma “assunção orgulhosa” do que é ser LGBT+.

Os efeitos de sentido surpreendidos nas tramas do discurso demonstraram que é na vida silente que sobrevivem travestis, transexuais, lésbicas, assexuais, bissexuais e homossexuais. Silente porque atravessada pela violência e pela brutalidade física, psicológica e social. Restam, no silêncio, dois caminhos – calar ou achar rupturas. No silenciar, os efeitos de sentido de Concessão, Militância Impessoal, Militância da Informação Conservadora, Militância Sobrevivente e de Transformação foram encontrados. Eles mostram os caminhos que a heteronormatividade encontra para realizar a manutenção de seu domínio no dizer. Nas rupturas, na corrosão do silenciamento, os efeitos de sentido de Militância Guardiã, Militância Manifesto, Militância de Ruptura de Informação e LGBTfobia Inconstitucional³³ se inscrevem. Esses efeitos de sentido demonstram como, mesmo nas tentativas reiteradas do controle normativo, a resistência se fez, contrapondo-se à dominação. Apresento, a seguir, as análises dos supracitados efeitos de sentido organizados a partir de saberes em circulação em cada uma das duas FDs identificadas como materialização da Formação Ideológica da Heteronormatividade.

4.2.1. Formação Discursiva de Gênero Conservadora

4.2.1.1. Efeitos de Sentido de Militância Guardiã e de Militância Sobrevivente

No primeiro eixo de análise, são três as palavras que causaram estranhamento: **defender** (presente em três enunciados), **lutar** (presente em sete enunciados) e **ativamente** (presente em dois enunciados). **Lutar**, nas sequências discursivas (SDs), apareceu sob diversas formas – em alguns casos como substantivo, em outros como o verbo na terceira pessoa do singular, ou ainda no gerúndio e no infinitivo, como nos exemplos a seguir apresentados. Para dar conta dessas diferentes aplicações, optei por utilizar sua forma infinitiva.

Quadro 4 - Marcas linguísticas destacadas

SUBSTANTIVO	Questão 5 – SD6: [...] a militância me parece propor uma luta pelos ideais próprios ou de um grupo [...]. (Bellona ³⁴)
VERBO – 3º PESSOA	Questão 5 – SD8: [...] A militância e o ativismo se mesclam, vez ou outra, já que os dois lutam por um ideal de sociedade no qual

³³ O nome desta FD foi assim colocado no intento de provocação. O conceito de inconstitucionalidade se aplica apenas a casos em que ações ativas ferem direitos protegidos pela constituição. A omissão não é considerada uma ação ativa contra a CF.

³⁴ A fim de preservar a identidade dos colaboradores e das colaboradoras da pesquisa, foram conferidos nomes fictícios a eles/elas. Optamos por nomes de matriz celta, a fim de aproximá-los/as à proposta simbólica do paganismo presente neste trabalho.

	acreditam. [...]. (Arela)
GERÚNDIO	Questão 4 – SD16: [...] No momento em que recusamos rótulos, expectativas alheias, padrões, estamos militando, estamos lutando pelo direito de sermos quem quisermos ser. (Jarvis)
INFINITIVO	Questão 4 – SD3: É defender uma causa e lutar ativamente a favor dela. (Garwin)

Fonte: material elaborado pelo pesquisador.

Defender e **lutar** me provocaram em razão da sua ausência. Enquanto sujeito que experienciou intensamente a militância através do Diretório Acadêmico do Curso de Pedagogia (FACED/UFRGS), esperava que essas palavras aparecessem com mais frequência, esperava que elas, de alguma forma, tomassem um espaço maior do *corpus* ao se tratar da militância. Para mim, militância é um termo atravessado por tais palavras. Isso, entretanto, não aconteceu: apenas 12 respostas, das 48 produzidas desde as três perguntas do eixo, fizeram referência a **defender** e **lutar**. Apenas uma resposta relaciona as três palavras (SD3/Questão 4).

Quadro 5 - Quantificação das marcas linguísticas

	DEFENDER	LUTAR	ATIVAMENTE
QUESTÃO 4	SD1, SD2 e SD14	SD3, SD6, SD9 e SD16	SD3 e SD14
QUESTÃO 5	0	SD6, SD8 e S1D6	0
QUESTÃO 6	0	0	0

Fonte: material elaborado pelo pesquisador

A fim de apreender os sentidos estabilizados dessas expressões, recorri ao dicionário virtual Caldas Aulete³⁵. Esse movimento é importante, porque tais significados também constituem a memória discursiva desses termos, caminhando sempre no intervalo entre estabilização e renovação dos sentidos. Sobre a importância da passagem pela língua enquanto momento inerente ao processo analítico-discursivo, é o próprio Pêcheux que, ao descrever os processos acionados na análise do enunciado “*On a gagné*”, lembra que o enunciado é profundamente opaco: “[...] sua materialidade léxico-sintática [...] imerge esse enunciado em uma rede de relações associativas – paráfrases, implicações, comentários, alusões etc. – isto é, uma série heterogênea de enunciados, funcionando sob diferentes registros, e com uma estabilidade lógica variável” (PÊCHEUX, 1997, p. 23). Portanto, sendo todo enunciado léxico-sintaticamente determinado, é importante observar, a partir da análise da materialidade linguística e de suas relações prováveis com o interdiscurso, como os sentidos trabalham sobre os sentidos. Nesse momento de passagem pela superfície linguística, encontrei os seguintes

³⁵ Disponível em: <http://www.aulete.com.br>. Todos os sentidos dicionarizados utilizados neste trabalho foram retirados desse dicionário virtual.

significados:

Quadro 6 - Sintagmas defender, lutar e ativamente: sentidos dicionarizados

Defender: proteger-se de ataque; manifestar-se favoravelmente a; lutar em favor de, advogar em benefício de; afastar risco, perigo, de si mesmo ou de alguém.

Lutar: desferir golpes, brigar; participar de combate ou batalha; fazer frente a, resistir a algo ou alguém; trabalhar com afinco, para sobreviver ou obter compensações.

Ativamente: adv. || de modo ativo. || (Gram.) Em sentido ativo, na voz ativa.

Fonte: material organizado pelo pesquisador.

No que concerne, especificamente, ao advérbio *ativamente*, é importante lembrar que, segundo Barros (1985), os advérbios em geral são palavras adjuntas, modificadoras, porque podem ser determinantes do adjetivo, do advérbio, do pronome, do verbo e, mesmo, de orações e substantivos. Acrescenta, igualmente, que “[...] só o contexto caracteriza e define o advérbio. Só o contexto lhe indica as circunstâncias” (BARROS, 1985, p. 203). No que concerne aos advérbios em **-mente**, sublinha que eles não apenas comunicam ideia de tempo, de modo, mas também de qualidade. “A anteposição comunica ao advérbio o valor adjetival que atinge o sujeito e a oração inteira” (BARROS, 1985, p. 305).

Bomfim (1988), ao discutir o mesmo assunto, indica o caráter subjetivo da maioria dos advérbios, que não se comportam meramente como a gramática tradicional os posiciona na frase, ligando-se, isto sim, ao sujeito da enunciação, ao emissor responsável pelo enunciado. Argumenta-se que a linguagem gramatical logicamente organizada não é jamais independente da linguagem afetiva, havendo sempre ação de uma sobre a outra. A autora pretende esclarecer a necessidade de incluir nos estudos do enunciado a relação destes com elementos externos, pragmáticos, presentes no ato da comunicação. Sublinha que as palavras podem estar ligadas ao texto, algumas revelando a avaliação que o falante faz sobre o enunciado produzido.

Pensar no funcionamento sintático do advérbio **ativamente**, tomando a SD na qual ele foi utilizado, obriga evocar, também, o que Luft (2000) destaca quando fala a respeito. O autor explica que os elementos com valor adverbial não são rigorosamente necessários à compreensão básica do enunciado, tendo a (sub)função de determinar, qualificar e modificar outros termos. Destaquei, do *corpus*, a sequência discursiva de **Garwin** que, ao responder à questão 4, apresentou os três itens lexicais selecionados:

SD3 – É defender uma causa e lutar ativamente a favor dela.

No caso da formulação em estudo, fica evidenciada a função de modificador e de intensificador do advérbio que, uma vez considerado o funcionamento sintático, influencia outros elementos – **defender** uma causa e **lutar** a favor dela haja vista ter sido agregado às ações de defender e lutar um significado que aponta para atividade realizada de modo ativo, profundamente intencional. O sujeito que luta ou defende ativamente é um sujeito que toma a frente na ação de forma diferente daquele que simplesmente luta/defende, pois haveria, nesses casos, a possibilidade da instabilidade do agir. Dito de outra forma, a luta poderia não ser sistemática ou ainda profunda o suficiente para envolver o sujeito. Lutar ativamente, ou defender ativamente, denota uma entrega e uma decisão pessoal profundas. O sujeito é, invariavelmente, atravessado pelo seu próprio fazer e pelas implicações que dele advém.

Na SD utilizada como exemplo, um sujeito LGBTQ+ aponta que a militância é o exercício da defesa – ativa, intensa, profunda – de uma causa. É possível escrever este enunciado de outra forma, no momento em que substituímos os itens lexicais “defender” e “lutar” por um de seus significados estabilizados. Apresentarei os deslizamentos dos sentidos que podem, sempre, ser outros. É possível dizer, a partir desta SD, que militância:

Quadro 7 - Sintagma **defender**: deslizamentos

Deslizamento 1 Item lexical: Defender...	A) ... é proteger-se de ataque em favor de uma causa e lutar ativamente a favor dela.
	B) ... é afastar o perigo em favor de uma causa e lutar ativamente a favor dela.

Fonte: material elaborado pelo pesquisador.

A partir dessa transformação do dito, desde o deslizamento 1, surgem outras questões como: de quem ou do que é preciso se proteger? Quem é este sujeito atacante que exige do militante uma ação de proteção? Que perigo é esse que precisa ser afastado pelo militante para que a sua causa tenha andamento? A militância parece ser um processo de combate ao perigo, de resguardo daquele que a pratica, pois ele (ou a causa que defende) sofre ataques intensos com poder suficiente para destruí-la.

Passei, então, para o deslizamento 2, onde substituí o termo **lutar**, usando as mesmas alterações lexicais já realizadas com o termo **defender**, o que permitiu 6 combinações possíveis de deslizamento:

Quadro 8 - Sintagma **lutar**: deslizamentos

Deslizamento 2 Item lexical: Lutar...	A) ... é proteger-se de ataque em favor de uma causa e participar de combate/batalha ativamente a favor dela.
	B) ... é proteger-se de ataque em favor de uma causa e resistir

	(ativamente) a algo/alguém ativamente a favor dela.
C)	... é proteger-se de ataque em favor de uma causa e trabalhar com afinco para sobreviver ativamente ³⁶ a favor dela.
D)	... é afastar o perigo em favor de uma causa e participar de combate/batalha ativamente a favor dela.
E)	... é afastar o perigo em favor de uma causa e resistir (ativamente) a algo/alguém ativamente a favor dela.
F)	... é afastar o perigo em favor de uma causa e trabalhar com afinco para sobreviver ativamente a favor dela.

Fonte: material elaborado pelo pesquisador.

Podemos ver que, através dos sentidos estabilizados, militância, além de ser um ato de proteção que envolve afastar o perigo eminente, real e intenso, que ameaça de forma efetiva a causa daquele que se coloca na situação de militância, trata-se de uma situação de sobrevivência (um trabalho realizado com afinco), de resistência, de combate. O sentido de ameaça se intensifica. O militante não é só aquele que está sob perigo, sob risco de uma ação que lhe é violenta, mas também aquele que sobrevive, que subsiste, que resiste não por mero interesse em se contrapor, mas porque a sua própria existência depende dessa oposição. Militar é uma questão de vida ou morte.

Considerado, agora, como objeto discursivo que escapa às armadilhas da suposta transparência da língua, evidencio dois efeitos de sentidos: **militância guardiã** e **militância sobrevivente**. Efeitos de sentidos que se interpenetram, que dialogam profundamente, pois a militância guardiã assume este posto de protetorado em razão da ameaça destruidora que recai sobre o militante, ou sobre a causa de sua proteção. Diferente da condição de sobrevivente, a militância guardiã está mais empoderada do seu papel e da sua identidade de militante e, por isso, consegue tornar-se protetor de outrem – ele milita não apenas para si mesmo, mas para o grupo que representa, compreendendo que militar, por si mesmo, reverbera na proteção de todos.

Digo “ameaça destruidora”, pois não é qualquer espécie de oposição que demanda uma “batalha intensa”, um “trabalho dedicado pela sobrevivência”. Sobreviver é sobrepor-se a uma fatalidade, a uma força que, em muitos casos, pode ser maior que aquele que contra ela luta. No dicionário, sobreviver está definido como “permanecer vivo após desaparecimento de outros, ou após passar por perigo mortal, doença, dificuldades”. Esse perigo mortal, representado pela oposição à causa do militante, a meu ver, só pode ser considerado mortal por afetar dimensões do sujeito militante que se costuram à própria essência do seu viver. Tomemos, por exemplo, a causa LGBT: aqueles que atacam a causa LGBT, atacam o próprio direito de ser dos gays, das

³⁶ As palavras sobrescritas correspondem às adequações frasais.

lésbicas, dos bissexuais, das travestis e dos/das transexuais. De igual forma, aqueles que atacam a causa dos negros e negras afetam o direito de ser negro e negra. O mesmo raciocínio pode ser aplicado ao caso das mulheres³⁷. Isso obriga que as mulheres, os negros e as negras, como também os LGBT, “afastem o perigo em favor de uma causa e trabalhem com afinco para sobreviver”. Outros e outras já desapareceram antes, foram derrotados/as pela ameaça. Aqueles que militam são guardiões da própria existência e da existência de sua causa, como também militam no esforço do sobreviver.

4.2.2. Efeitos de Sentido de Militância Impessoal e de Militância Manifesto

Outra ausência ou outro silêncio que se destacou aos meus olhos, quando me debrucei sobre o *corpus*, foi o sujeito de ação da militância nas sequências discursivas dos participantes da pesquisa. Apenas dois enunciados (**SD8** e **SD16/Questão 4**) colocam o “eu” (presente através da terceira pessoa do plural) como sujeito da militância, incluindo o respondente do questionário como alguém que milita, que produz militância. Buscando subsídios na gramática, quando se refere aos pronomes pessoais, Neves (2000, p. 449-450) esclarece que:

O **pronome pessoal** tem uma natureza **fórica**, isto é, ele é um elemento que tem como traço categorial a capacidade de fazer **referência pessoal**: a) a uma pessoa ou coisa que foi (**função anafórica**) ou vai ser (**função catafórica**) referida no texto; é o caso, especialmente, dos **pronomes de terceira pessoa** [...]; b) a um dos interlocutores (**função exofórica** ou **dêitica**), isto é, a uma pessoa que pertence ao circuito de comunicação; é o caso da **primeira** e da **segunda pessoas** [...]. [grifos da autora].

De certa forma, isso permite especular que, ao falarem “[...] É não aceitar mais submeter-se às posições que se esperam **da gente**. É uma experiência libertadora, além de um mecanismo para a mudança que **a gente** espera da sociedade” (**Areia - SD8/Questão 4**) e “[...] No momento em que **recusamos** rótulos, expectativas alheias, padrões, estamos militando, **estamos lutando** pelo direito de **sermos quem quisermos ser**” (**Jarvis – SD16/Questão 4**) -, os respondentes se assumem como parte da luta desde uma posição que se quer reconhecida. Através dos verbos **recusamos**, **estamos**, **sermos** e **quisermos**, evidenciei um **nós** oculto no qual, por sua vez, se revela um **eu** que, conquanto não verbalizado, segundo a gramática, aponta para um dos interlocutores. O mesmo posso dizer a respeito de **da gente** e **a gente** na **SD8**, “[...] É não aceitar mais submeter-se às posições que se esperam **da gente**. É uma experiência libertadora, além de

³⁷ Importante ressaltar que, apesar desta aproximação que proponho, reconheço que há particularidades em cada uma dessas pautas, exigindo abordagens e perspectivas diferenciadas de ação.

um mecanismo para a mudança que **a gente** espera da sociedade”, haja vista ser possível substituir tais expressões por **de nós** e **nós** - “[...] É não aceitar mais submeter-se às posições que se esperam **de nós**. É uma experiência libertadora, além de um mecanismo para a mudança que **nós** espera[mos] da sociedade”.

Nesses termos, o **eu** oculto em um **nós**, também não explicitado, nos enunciados desempenha função fórica clara no momento em que remete a uma “pessoa que pertence ao círculo de comunicação” composto em função da produção de dados para esta pesquisa. Esse **eu/nós** não apenas integra o círculo de comunicação, como faz questão de que isso seja, de algum modo, dito e registrado.

Todos os demais enunciados colocam no outro o ato da militância que é, por sua vez, considerada como uma luta do outro, uma resistência do outro, uma sobrevivência do outro. Alguns exemplos desse outro militante foram recortados das SDs derivadas da questão 4:

SD4: “Militância é o movimento realizado por uma “minoría” da sociedade que busca seus direitos” (**Voughan**)

SD10: “[...] é quando se defende uma ideologia através de ações. [...]” (**Nolan**)

SD12: “Estar organizado coletivamente em torno de uma causa que possui agenda e justificativa enquanto demanda sócio-política.” (**Phelan**)

SD14: “Defender ativamente uma causa.” (**Killian**)

Estabeleço vínculos também com a Questão 8 (“Você acha que a LGBTfobia pode ser combatida? Como?”), pois encontrei reverberações deste distanciamento do **eu** da ação de combate à LGBTfobia em SDs por ela provocadas:

SD5: “Pode ser combatida com a união dos LGBTs e outros [...]” (**Airell**)

SD8: “Acredito que sim, em diversas esferas. A principal, seria na relação com as leis – criminalizar a LGBTfobia é urgente. Além disso, é preciso que os oprimidos se unam e consigam, juntos, enfrentar seus opressores.” (**Arela**)

SD9: “Acredito que a LGBTfobia pode e é combatida pelas pessoas que se sensibilizaram à problemática.” (**Tristan**)

SD13: “Creio que sim. Mostrando que essas relações são normais e que amor é melhor que ódio.” (**Morgan**)

Comparando essas oito SDs (respostas às questões 4 e 8) com as de **Arela** e **Jarvis**, respostas à questão 4, fica muito evidente o silenciamento do **eu**. Interessante notar que a própria **Arela** acaba realizando tal deslizamento de sentidos, quando responde à questão 8, ocultando o **eu**. Nesse movimento, surgem as questões: quem irá combater a LGBT+fobia, se não eu, enquanto sujeito LGBT+? Quem irá criminalizá-la? Quem são as pessoas que se

sensibilizaram pela problemática? Quem mostrará que as relações LGBTs são normais e que o amor é melhor que o ódio? Os sujeitos escapam da posição em que seriam implicados a realizar tais ações, silenciam a sua necessidade de fazê-lo, colocando em um interlocutor desconhecido a responsabilidade de lidar com essas situações.

Ao ampliar o estudo para o funcionamento discursivo, o trabalho se dá com o já-dito, sendo possível relacionar materialidade discursiva com exterioridade (interdiscurso). Assim sendo, o analista se desloca para um trabalho com recortes discursivos, unidades discursivas que se constituem fragmentos correlacionados de linguagem e situação. Portanto, não se limita à interioridade textual, mas se remete à exterioridade discursiva. Nesses termos, e desde a posição de analista de discurso, percebo um **efeito de sentido de militância impessoal** a reverberar nas SDs, pois essa luta por sobrevivência, esse combate para afastar o perigo parece não envolver os participantes da pesquisa. Envolve outros grupos dos quais os respondentes não afirmam claramente fazer parte, o que é intrigante se eu considerar que eles são parte da comunidade LGBT+, fato que inclusive justifica sua participação nesta pesquisa.

Analisando mais detidamente a resposta de **Vougan** para a questão 4, fiquei bastante instigado pelo jogo de sujeitos que se estabeleceu:

SD4: Militância é o movimento realizado por uma "minorias" da sociedade que busca seus direitos. A militância é procurar tomar providências, realizar movimentos e entregar ao mundo mensagens para que entendam que somos humanos e só queremos viver do mesmo modo que outros humanos vivem. (**Vougan**)

O ato de militar, ou seja, a militância é realizada por “eles”, são os outros que compõem uma minoria, que buscam os seus direitos. É lá, na distância, que a ação do militante se corporifica, pois são eles que precisam realizá-la. Entretanto, em uma curiosa “virada” dos sujeitos, os militantes – que são os outros – precisam “entregar ao mundo mensagens para que entendam que **somos humanos e só queremos [...]**”, aparecendo o Eu incluído na primeira pessoa do plural. Assim, o outro-militante precisa movimentar-se para que o Eu-sujeito possa ser humano e viver como outros humanos.

Essa impessoalidade diante do ato de militar se torna ainda mais provocativa quando olhamos para a questão 7: “Você considera que existe LGBTfobia? Você sofre com isso?”. Os dezesseis respondentes concordam que a LGBTfobia existe, mas apenas cinco indicam que sofreram diretamente com ela. Será mesmo que os outros onze sujeitos não sofreram LGBTfobia ou não souberam identificar situações de discriminação?

Parece emergir uma invisibilidade característica: o assumir-se LGBT+ como sujeito que

sofre. Aproximando estas duas questões, reverbera um **efeito de sentido de fuga da homo, da bi, da trans ou da pansexualidade como identidade alvo de ataques ou passível de sofrimentos**, como se não fosse – como de fato é em muitos contextos – um risco à vida ser LGBT+. Dessa forma, ser militante só se configura necessidade para aqueles que sofrem risco, que sofrem ameaça: negando a existência da ameaça – materializada na LGBTfobia – nega-se a necessidade de militância. Militar, olhando pelo outro lado do prisma, poderia ser uma afirmação contundente de homossexualidade/transsexualidade. Seria o atestado final da identidade LGBT+ – aquele que se envolve na militância é aquele que confirma ao mundo estar sob risco, logo “escancara o armário” e grita: “Estou em risco e luto para sobreviver por ser LGBT+”.

Como afirmei antes, o **eu militante** é silenciado, restando vestígios de luta pela presença desses Outros nas SDs – **LGBTs e outros, pessoas que se sensibilizaram à problemática, atividades e movimentos, leis, uma minoria da sociedade que busca seus direitos**. Pensando sobre o processo discursivo e os sentidos provocados por essa tensão entre o eu-sujeito e o outro-militante, será coerente ouvir nas respostas analisadas mais do que a menção a um processo de luta contra a LGBTfobia nesses tempos ainda recentes. Será possível ouvir também, no silenciamento do eu-sujeito, vestígios discursivos de uma luta difícil, exigente e perigosa. Em outras palavras, é forte, nesses dizeres, a presença de já-ditos que remetem a um discurso de preconceito ainda hegemônico, ainda ameaçador, articulado e disseminado em nossa sociedade. Já-ditos que tentam restringir, através da interdição coercitiva e (in)visível de pessoas LGBT+, a invenção de uma história diferente pela palavra. Enfim, a possibilidade de assumirem a palavra dita como sua, a luta enunciada como sua. Nesses já-ditos, batimentos no interdiscurso, essa mesma possibilidade é, de modo recorrente, negada. Contudo, percebo ainda outro efeito de sentido, fronteiro ao de **militância impessoal**: o de **militância manifesto**.

O sentido de **militância manifesto** reverbera em SDs nas quais identifiquei relações estabelecidas pelos sujeitos entre a militância e o grande efeito de lutar por uma causa, lutar pela causa LGBT+ – o sujeito militante declara-se plena e completamente sujeito desviante. Aquele ou aquela que milita não aguarda que a norma faça a sua denúncia diante do outro, ele não aguarda que a “Lei” denuncie a sua inconformidade com o esperado. Ele corre à frente e se posiciona como defensor, como combatente dessa causa – e da própria sobrevivência – que o coloca em posição de orgulho diante daqueles que, pelo seu silenciamento, não declaram a si mesmos como LGBT+ - eles são acusados/denunciados pela heteronorma. Surge, assim, esse **efeito de sentido de militância manifesto**, em razão do impacto gerado pela autoafirmação. Se, no processo da heteronormatividade, cabe a ela gerar as acusações e buscar a correção dos

sujeitos, o militante impossibilita – em parte – a sua ação e declara, de forma indiscutível, a sua identidade: ele não abre brechas para o ataque, pois assume a motivação primeiro de tornar-se alvo: o desvio. Por outro lado, me parece que, ao desafiar a norma abertamente, mecanismos outros de opressão, mais violentos, são acionados, no objetivo de recondução à norma, podendo mesmo levar à morte – à eliminação – daquele sujeito que não se enquadra, que não se submete. Encontrei ecos desse sentido nas respostas dos participantes para a questão 9 (“Você acha que a LGBTfobia pode ser combatida? Como?”). Foi, justamente, a autodeclaração, o “manifesto de si mesmo” que se destacou como método de combate à homofobia.

SD2: No momento eu acredito que não faça nada efetivo, **além de não tentar mais esconder quem eu sou em redes sociais ou na "vida real". (Alden)**

SD3: Eu tento combater a homofobia **sendo eu mesmo e mostrando que ser gay é apenas um rótulo** e não define minha totalidade como pessoa. [...] **(Garwin)**

SD4: **Não tendo vergonha de mostrar quem e como sou [...]** **(Vougan)**

SD10: Eu faço questão de **me inserir como "gay" em todos os ambientes** que preciso estar, e faço questão que todos entendam que sou gay [...] **(Nolan)**

SD12: **Me afirmo** diante da sociedade **(Phelan)**

SD13: A minha maneira velada de combater a homofobia **é mostrar que tenho valores mesmo sendo gay (Morgan)**

SD16: **Eu vivo! Eu existo, eu trabalho, eu estudo, eu produzo, eu “arrazo”, eu sou linda, eu me manifesto, eu tenho fãs! (Jarvis)**

Aqui emerge a memória discursiva que se constrói em Stonewall e, posteriormente, no Brasil das décadas de 60 e 70: renova-se o dizer do empoderamento, da afirmação, do “assumir-se”. Não basta apenas ser, é preciso – e é motivo de alegria – dizer-se. No **efeito de sentido de militância manifesto**, reencarnam as palavras de ordem de Stonewall, reencarnam as músicas, o canto e as danças dos *Dzi Croquettes*³⁸, reencarnam vidas e esperanças de gays, de lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais que transgrediram a possibilidade do dizer no seu tempo e irromperam para a possibilidade do dizer outro, do dizer diferente.

Outro elemento a ser destacado, a partir desse trabalho analítico, é o deslocamento discursivo do sujeito LGBT+ evidenciado, por exemplo, em Vougan (SD4/Questão 4): “Militância é o movimento **realizado por uma "minoria" da sociedade que busca seus direitos**. A militância é procurar tomar providências, realizar movimentos e entregar ao mundo mensagens para que **entendam que somos humanos e só queremos viver do mesmo modo que outros humanos vivem**”. Ainda que se trate do mesmo indivíduo enquanto corpo físico,

³⁸ Dzi Croquettes foi um grupo de teatro que, a partir de 1972, utilizando música e dança, chocou o Brasil. Em palco, homens vestidos com roupas femininas tecem diversas críticas às normas sociais. Em 2009, Tatiana Issa e Raphael Alvarez dirigiram um documentário, com o mesmo nome do grupo, que apresenta a trajetória dos artistas.

não falo de um mesmo sujeito se considerado como posição discursivo-enunciativa conforme propõe a AD. Esse deslocamento evidencia a divisão do sujeito. Evidencia a possibilidade de divisarmos, num mesmo sujeito, vozes que se opõem, se complementam, se desafiam à medida que ele assume posições diferentes (tal qual aconteceu com Arela, quando comparamos as SDs que são respostas dadas às questões 4 e 8). Faz escolhas diversas. Reflete diferentemente sobre suas responsabilidades. E, assim, revela comprometimentos ideológicos também variados. Da mesma forma, e lembrando que o próprio Pêcheux (1997) fala sobre uma exterioridade que é constitutiva do sujeito, no discurso de Vougan se revelam tanto as marcas das interdições gestadas nessa exterioridade quanto à forma como ele se coloca diante de tais interdições, ou seja, seu modo de funcionamento. Ainda que o eu militante se apresente silenciado, Vougan não está conformado com um silenciamento que ressoa no modo como a sociedade estigmatiza e recrimina a pessoa LGBT+. Em outras palavras, nesse silenciamento ecoa a indignação potente carregada de memórias interdiscursivas que falam de uma história vivida entre perseguições e lutas, entre silêncios e transgressões.

4.2.3. Efeitos de Sentido de Transformação e de Concessão

Próximo ao **efeito de sentido de militância manifesto** ressoa o **efeito de sentido de transformação**. Esse sentido me surpreendeu na questão 7 (“Você considera que existe LGBTfobia? Você sofre com isso?”). Nas respostas a essa pergunta, como dito anteriormente, foi impressionante a quantidade de sujeitos que alega não sofrer LGBTfobia apesar de todos concordarem – com muita ênfase – na sua existência. Destaquei do *corpus* o item lexical **sofrer**. No dicionário encontrei os seguintes significados:

Quadro 9 - Sintagma sofrer: sentidos dicionarizados

Sofrer: experimentar mal físico, afetivo ou moral; padecer, experimentar, passar por dano, abalo; **passar por alteração ou mudança** (exemplo: **sua personalidade sofreu uma grande modificação**); **admitir, permitir** (exemplo: **apresentava-se de tal maneira que não sofria restrições**);

Fonte: material produzido pelo pesquisador

Os sentidos em negrito foram destacados por mim em razão da possibilidade de relação que se abre quanto aos enunciados dos sujeitos da pesquisa, catalisados pelos dois exemplos apresentados no dicionário. Sofrer, além de significar a experiência do mal físico, afetivo ou moral, pode estar relacionado com transformações, mudança, valendo também para a

personalidade. Sofrer homofobia, então, está atrelado à transformação da identidade, da personalidade, do sujeito que transiciona de um ponto para outro. Nesse caso, do ponto de correção para o ponto de transgressão. Tal como o **efeito de sentido de militância manifesto**, o **efeito de sentido de transformação** se coaduna com um movimento de autodeclaração dos sujeitos, que “se (d)enunciam” LGBT, “inimigos da norma”, “foras da lei”. Essa autodeclaração, entretanto, não apresenta sentido positivo, sentido a ser festejado, comemorado, já que a heteronorma ainda age sobre a constituição de compreensão de heteros e LGBTs. Aqui ressoam anos e anos de construção discursiva, de memória do dizer, que encontram sua gênese, talvez, nos trabalhos de Freud³⁹ e na consolidação da ideia do heterossexual como normal, como saudável do discurso médico.

Se no **efeito de sentido de militância manifesto** o sujeito, por empoderamento, se impunha à norma, demarcando seu espaço e sua forma de ser, o **efeito de sentido de transformação** demarca aqueles que passaram pela mudança, é a heteronorma que os declara, exercendo seu papel de controle. Sofrer a LGBTfobia passa a ser um alerta, uma indicação, uma marcação: aquele ou aquela que é seu alvo deve ser sujeito das atenções, da cautela, da observação cuidadosa. Isso porque foi percebido, apreendido, pela norma que o sinaliza como desviante.

Através dessas análises, chego a duas conclusões herdeiras da Análise de Discurso pecheuxtiana. Primeiro, os sujeitos não se sustentam numa posição única. Capturados por enunciados produzidos em momentos anteriores e colhidos pelo seu dizer, os sujeitos e os sentidos se constituem na movência, na errância, o que faz lembrar da compreensão de Eni Orlandi (2012) segundo a qual o discurso é palavra em curso, em movimento. Segundo, o já-dito abre espaço para o diferente na medida em que perturbações não previstas são surpreendidas, podendo ocorrer (e de fato ocorrendo) a filiação a redes de sentidos outras. Enfim, nos movimentos discursivos articulados pelos sujeitos LGBT se gestam processos relacionados aos seus modos de ser e existir enquanto fenômenos que não são datados assim como também se constituem oportunidades de atualização e reviramento das memórias discursivas que tanto se fazem espaço de sedimentação quanto de descascamento de sentidos cristalizados.

No mesmo item lexical **sofrer** ecoa o **efeito de sentido de concessão**. Tomei, a título de exemplo, o enunciado de S1: “Acredito que sim [que existe LGBTfobia]. Não **sofro** [com

³⁹ Como colocam Facchini e Simões (2009), a postura de Freud com relação à homossexualidade foi ambígua. Se, por um lado, a homossexualidade poderia ser entendida como uma etapa natural do desenvolvimento da sexualidade, a permanência nela indicaria uma parada no desenvolvimento sexual.

isso]”. Pelo não-dito, o entrevistado está enunciando que, apesar de acreditar na existência da LGBTfobia, ele – enquanto sujeito LGBT – “não sofre restrições”. Esse sentido ganha força quando volto meu olhar para a resposta de Bellona e Albion para a questão 7. Nessas respostas, ambos os participantes destacam a intensidade do preconceito contra LGBTs, contudo, pontuam que não são alvo desse preconceito.

SD6: Existe sim um preconceito enraizado na sociedade [...] Sofri quando era mais nova, dentro da família e na escola. Atualmente não sinto tanto problema (apesar de não ser assumida perante minha família). **Mas talvez não sinta por não me expor mais tanto. (Bellona)**

SD7: Sim, demasiado, creio que é incrivelmente presente no Brasil e creio que o conservadorismo é um dos inimigos do problema. **Nunca fui alvo direto desse sofrimento por não ser aberto com isso [...]** (Albion)

Aqui, “não ser aberto”, “não anunciar-se” faz com que a heteronorma conceda um aval de convívio. A norma permite que o sujeito, apesar de desviante na sua identidade, esteja resguardado da sua opressão. Desde que se mantenha incógnito: a concessão é dada em troca do silêncio. Como aponta S6 ao relatar homofobia em sua infância: no momento em que “parou de se expor”, a lesbofobia parou de fazer-se presente. A norma lhe concedeu passagem, permissão para estar em sociedade, sem sofrer a “corrigenda da lei”. Em outras palavras, a norma tolera. Mas em tolerância pode não reverberar respeito.

No que concerne a Albion, a sua forma de estar, a sua forma de se portar não o denuncia, não chama para si a ação da norma. Ele, enquanto sujeito, que se faz oculto em meio a outros LGBT+s que não se apresentam de maneira “silenciosa”, passa pela norma sem ser atingido. Ecoam, aqui, memórias discursivas que referenciam o famoso bordão segundo o qual “pode ser gay, mas não precisa ser *viado*”, posto por muitos como uma demonstração de aceitação da homossexualidade. Ser gay, gostar de outro homem não é o problema. O problema é a expressão identitária com características não masculinas, ou ainda, femininas. Aqui denuncia-se o ponto de encontro entre a homofobia e o machismo: o problema do *viado* é fazer referência ao feminino. Essa realidade é tão intensa que se tornou um marcador de pesquisa para violência contra homens gays: no **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil em 2013**, 73% dos homens homossexuais que sofreram discriminação expressam sua identidade em aspectos femininos (BRASIL, 2016). O homem afeminado renuncia a sua “natureza masculina superior” e apresenta trejeitos da “natureza inferior feminina”. É assim, de imediato, percebido pela heteronorma.

4.2.4. Efeitos de Sentido de LGBT+fobia Inconstitucional e de Militâncias Da Informação

A questão 8 (“Você acha que a LGBT+fobia pode ser combatida? Como?”) foi pensada de tal forma que, indagando sobre as possibilidades de superação social da LGBT+fobia, levasse os interlocutores da pesquisa a exporem ações de militância, sem, entretanto, usar este termo. Emergem, então, do *corpus* efeitos de sentido sobre militância, mas também sobre LGBT+fobia. Em primeira instância destacaram-se duas expressões – **informação** (presente em SD1, SD3, SD9, SD11, SD12, SD14) e **conscientização** (presente em SD4, SD7, SD14). Visitando os sentidos estabilizados para estas palavras encontramos:

Quadro 10 - Sintagmas informação e conscientização: sentidos dicionarizados

Informação: 1. Ação ou resultado de informar (-se); 2. Conjunto de dados sobre algo ou alguém; 3. Relato de acontecimentos ou fatos, transmitido ou recebido; 4. Dados ou notícias tornados públicos através dos meios de comunicação.

Conscientização: 1. Ato ou efeito de conscientizar (-se) II Conscientizar: Tornar (-se) consciente, informado, ciente (de algo); 2. Tornar (-se) capaz de compreender seus direitos e deveres como cidadão, a realidade política do país e do mundo, as causas e processos das mudanças históricas; tornar-se consciente, politizado.

Fonte: material produzido pelo pesquisador

Os sujeitos da pesquisa evidenciam que é preciso “relatar os acontecimentos, os fatos”, é preciso “dar notícias, publicizar” ou ainda “tornar consciente” sobre os e as LGBTs para que o preconceito diminua. Isso porque os LGBTfóbicos não estão informados, não possuem informações suficientes, não estão conscientes acerca de gays, lésbicas, bissexuais e pessoas trans. Em um sentido ainda mais impactante, o sujeito LGBTfóbico não é capaz de “[...] compreender seus direitos e deveres como cidadão, a realidade política do país e do mundo, as causas e processos das mudanças históricas”. Neste efeito de sentido, configura-se o ataque social exercido pelo LGBTfóbico: ele descumpra seu papel de cidadão. Quando retomo a Constituição Federal (CF) brasileira, que proíbe a discriminação de qualquer ordem, percebo a realidade dessa concepção. Mais grave ainda: não é apenas o sujeito LGBTfóbico que está em falta com a sua cidadania: o Brasil, como nação, está inconstitucional, pois permite – através do silêncio concordante – que o artigo 3º da CF seja desrespeitado. A não criminalização da homofobia ainda deixa no ar a não necessidade de respeito às pessoas LGBT. Configura-se aqui o **efeito de sentido de LGBTfobia inconstitucional**. A LGBTfobia é, em verdade, a manifestação do desrespeito à Constituição brasileira, é um sentido que recorda a necessidade

de uma intervenção, não apenas em termos culturais, mas também em termos legais. Esse sentido se manifesta também, de forma mais clara, quando, ao responder à questão 8, diversos participantes enunciam a necessidade desta intervenção de ordem legal:

SD2: “[...] Além disso também acho válido **leis que possam nos proteger** de abusos físicos/verbais cuja motivação seja o repúdio a um membro da comunidade LGBT+.” (**Alden**)

SD3: “[...] a LGBT+fobia pode ser combatida através de atividades e movimentos que levem mais informação às pessoas, e também com **leis que defendam** os direitos dos LGBT+.” (**Garwin**)

SD8: “[...] A principal, seria na relação com as **leis** – criminalizar a LGBT+fobia é urgente. [...]” (**Arela**)

SD9: “[...] O preconceito pode ser combatido [...] **com programas institucionais de proteção dos direitos** e das pessoas LGBT+.” (**Tristan**)

SD12: “[...] A única estratégia que vejo dar um mínimo resultado é informação, **legalidade** e resistência.” (**Phelan**)

SD15: “[...] Pode ser combatida [...] no âmbito político/institucional, no **estabelecimento de políticas públicas.**” (**Kendall**)

SD16: “[...] essa luta deve mesclar **leis, punições,** campanhas publicitárias, educação, etc. [...]” (**Jarvis**)

Retomando o ponto de partida da sequência de análises, os participantes da pesquisa enunciaram a importância da informação e da conscientização dos sujeitos. Entretanto, relatar que acontecimentos? Dar notícias do quê? Em verdade, muito se fala e muito se relata a cerca de gays, lésbicas, bissexuais, homens e mulheres trans. Seja na grande mídia ou não, esses sujeitos estão presentes nos discursos sociais. A resposta surge em outros enunciados:

SD2: Acho que quanto maior visibilidade (positiva) tivermos, mais pessoas vão se conscientizar que somos **cidadãos normais** como qualquer outro, estudamos, trabalhamos e pagamos nossos impostos e etc. [...] (**Alden**)

SD4: [...] temos o mesmo modo de viver, trabalhando, estudando e batalhando todos os dias para **manter uma vida como qualquer outra.** (**Vougan**)

SD11: [...] É necessário que as pessoas se acostumem que este modelo de família **é tão normal e possível** quanto o tradicional imposto. (**Owyn**)

SD13: [...] Mostrando que essas relações **são normais** e que amor é melhor que ódio. (**Morgan**)

Ressoa um efeito de sentido acerca da militância: **efeito de sentido da militância da informação**, em outras palavras, uma militância que deve levar a notícia de que os e as LGBT+s são normais. A militância, aqui, deve ser a ação que diz da vida LGBT+ desde um lugar da normalidade, que aproxima os e as LGBT+s dos heterossexuais, que aproxima estas formas de ser e estar na vida. Entretanto, a adjetivação “normal” provocou-me a seguir pelo fio discursivo e foquei meu olhar, não no efeito de sentido da militância da informação, mas sobre as duas possibilidades de caminho que este efeito poderia trilhar a partir desse termo. Deparei-me,

então, com um caminho parafrástico da militância de informação e um caminho polissêmico: o primeiro seria o de **militância da informação conservadora** ou ainda **iludida**, o outro seria o da **militância da informação de ruptura**.

4.2.5. Efeito de Sentido de Militância da Informação Conservadora/Iludida e Efeito de Sentido de Militância da Informação de Ruptura

Lembrando que, consoante adverte Mutti (2014, p. 350), nos “[...] dicionários encontram-se inventariadas as acepções das palavras da língua que já estão legitimadas socialmente”, como movimento inicial, observei os sentidos estabilizados da palavra **normal** no dicionário:

Quadro 11 - Sintagma normal: sentidos dicionarizados

Normal: 1. Que é natural ou habitual (reação normal); 2. Que é segundo a norma ou padrão

Fonte: material produzido pelo pesquisador

Em um dos sentidos possíveis, a notícia que devemos divulgar é a de que os LGBTs estão na norma. Este efeito de sentido retoma dizeres que estão no interdiscurso da história da militância LGBT – seu começo, nos EUA, na década de 40, onde a preocupação dos grupos militantes era construir uma imagem respeitável para os gays. Essa imagem respeitável desejava a inclusão na sociedade e, por consequência, a inclusão na norma. Inclusão, porém, impossível pelos moldes da heteronorma, pois seu intento não é agregar sujeitos e identidades e sim padroniza-los, controla-los, contê-los, submetê-los. Existe, nesse efeito de sentido, uma via dupla que demonstra a crueldade do processo da opressão.

Deseja-se levar a informação à sociedade para que tome consciência de que, enquanto LGBTs, somos pessoas normais, pois, como apontam **Alden** e **Vougan**, em resposta à questão 8, “[...] trabalhamos, estudamos, pagamos nossos impostos, etc. [...]” (**Alden**), enfim, “[...] temos o mesmo modo de viver, trabalhando, estudando e batalhando todos os dias para manter uma vida como qualquer outra” (**Vougan**). Entretanto, a verdade é que não somos normais. O simples fato de que nossa normalidade precisa se tornar pauta de notícia, assunto nas mídias, já demonstra que o dito que afirma a dita normalidade também é aquele que, contraditoriamente, a questiona, duvida dela.

Não somos normais pela natureza da norma na qual “desejamos nos inserir”, desde sua

perspectiva sempre seremos desviantes, poderemos, no máximo, ser tolerados, mas nunca seremos sujeitos plenos. Sempre seremos aceitos parcialmente, sempre escondidos. Contudo, o mecanismo opressor da heteronormatividade empurra os sujeitos LGBT a desejar a aceitação, a inclusão social, o respeito dentro dos seus moldes, dentro das suas regras. Estrutura-se, assim, um ciclo torturante de aceitação e repulsão, que prende os e as LGBTs em um caminho de frustração e insucesso, um caminho do/no qual sempre desejarão fazer parte, mas nunca terão o necessário para serem aceitos. Por isso o caráter conservador (parafrástico) e ilusório desse efeito de sentido: ele retoma uma perspectiva já superada em termos do histórico da militância LGBT e aprisiona o sujeito enunciante na ilusão de que o contexto social o aceitará da forma em que está agora, de que nenhuma transgressão deverá ser provocada para que exista a aceitação.

O caminho polissêmico que objetiva informar/conscientizar acerca da condição normal dos LGBTs seria o do sentido de natural, de habitual, de comum. Ser LGBT faz parte das diversas possibilidades da natureza, da vida social, da existência e, além disso, é comum, corriqueiro. Mas, então, o que não é normal? Anormal não seriam os sujeitos LGBTs e sim a norma que busca condicionar, não apenas as e os LGBTs, mas toda a sociedade: a heteronormatividade. Gerando a conscientização de que as formas não-heterossexuais de relacionamento são tão naturais, corriqueiras e comuns quanto a própria heterossexualidade, se provoca uma rachadura na norma/regra, levando para o centro todas as identidades que, até então, eram marginalizadas. A informação, a conscientização, aqui surge não como uma ferramenta de concordância com a heteronorma, mas como estopim da sua quebra, da sua desconstrução. Ataca-se, justamente, a estrutura basilar da heteronormatividade: a normalidade exclusiva da heterossexualidade. Se ser bissexual, ser lésbica, ser homossexual, ser transexual ou ainda ser pansexual e ser assexual também passar a ser considerado normal, onde a heteronormatividade irá se sustentar? Sem este eixo, toda a sua construção de opressão, de sofrimento e submissão – que atormenta a todos, de uma forma ou de outra – se despedaça por completo.

Nesses termos, ressoam dos itens lexicais **normais**, **normalizem** e **normal**, em “somos cidadãos **normais**” (Alden), “creio que seja a melhor forma, produzir mídias que **normalizem** essa ideia” (Albion) e “este modelo de família é tão **normal** e possível quanto o tradicional imposto” (Owyn), efeitos de sentido em conflito, vozes em confronto haja vista ser possível que uma mesma palavra da língua faça “[...] referência a sentidos pertencentes a posições discursivas em confronto” (MUTTI, 2014, p. 348). Conforme explica Orlandi (2001, p. 9),

Os processos de produção do discurso implicam três momentos igualmente relevantes:

1. Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
2. Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e
3. Sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições.

Na formulação, a memória se atualiza, os sentidos se estabelecem, o sujeito se faz e desfaz. Na errância, na movência, sujeitos e sentidos se constituem ao mesmo tempo no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. A memória discursiva, o interdiscurso, se organiza por meio do esquecimento: esquecemos de que modo os sentidos se constituem, pressupondo que somos a origem deles. O sujeito necessita dominar os sentidos, necessita de universos logicamente estabilizados através dos quais essa ilusão do Um se confirma. A sociedade busca administrar a relação do sujeito com os sentidos, sustentando tal intenção numa divisão social do trabalho de interpretação (ORLANDI, 1996) e de autoria (FISS, 1998).

Todavia, mesmo existindo mecanismos de controle da fundação de sentidos outros onde já existem sentidos estabilizados, os sentidos deslizam, os discursos não possuem limites traçados de forma fixa. Como lembra Orlandi (1998, p. 134), “[...] suas fronteiras são móveis, uma vez que, em função da existência dos processos discursivos, o que se têm são estados desses processos, que estão sempre em movimento e em inter-relação constante”. Dessa forma, o que se liga a um discurso enquanto parte constituinte só se define assim devido à sua relação com o que se liga a outros discursos que o delimitam. Há que se considerar, sempre, está relação entre discursos na análise dos enunciados e, então, a presença de vozes que terminam por deixar marcada no discurso a presença de outras enunciações feitas em outro tempo e espaço. Isto significa que a análise, por se dar para além da superfície linguística, torna possível a identificação de sentidos contraditórios que travam uma luta permanente nas relações que estabelecem.

Ainda instigado pelos enunciados dos participantes desta pesquisa e provocado pela potência analítica da AD, realizei novo gesto de interpretação, evidenciando sentidos outros para além dos anteriormente reconhecidos. Esse movimento aponta na direção de uma nova incursão pelos dizeres dos participantes da pesquisa, ocorrendo em outro momento de formação acadêmica, o mestrado, e, portanto, irrompendo meu dizer de analista de discurso em condições de produção também outras.

4.3 PERTURBAÇÕES NA REDE DE SENTIDOS

Ainda implicado pelo silêncio que reverberou nas formulações dos participantes da investigação sobre a qual discorro em meu Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, desejei me reaproximar daqueles (não) dizeres. É preciso que se faça, aqui, uma reflexão acerca das formações imaginárias que, possivelmente, afetaram os interlocutores da pesquisa. Reconhecendo a especificidade deste trabalho, voltado para as questões da LGBT+fobia, os sujeitos que dele participaram foram convidados especificamente por pertencerem e se identificarem como membros desse grupo social. Dessa forma, respondendo ao questionário proposto por mim, indubitavelmente são afetados pelas questões que fazem a si mesmos – quem sou eu: para participar desta pesquisa; para dar esta resposta; para falar deste jeito etc. As respostas dadas por cada um dos colaboradores estão permeadas por tais indagações que colocam em evidência uma das muitas posições de sujeito que ocupam – o fato de que não são heterossexuais.

Isso significa dizer que, em outras palavras, o referido trabalho enfoca aquilo que os “torna desviantes” ante o olhar da heteronormatividade e, em decorrência disso, evoca as consequências que enfrentam pelo seu desvio. Quando metade dos participantes não responde à questão dez, preferindo não compartilhar suas experiências pessoais, esse silêncio demonstra uma formação imaginária que afeta o sujeito LGBT+: ele/ela sabe que seu sofrimento, seu incômodo, suas experiências de dor em razão da discriminação, são menoscabadas na nossa cultura. Ainda mais, não apenas menoscabadas, como em muitos casos, esse sofrimento é visto como uma forma de “regeneração” da sexualidade desviada, de corrigenda, e a morte, “justificada” diante da não recuperação do sujeito. Perspectiva cultural comprovada em casos noticiados na mídia, como o do pai que estuprou a filha que se assumira lésbica no ensejo de provar-lhe que sexo com homens era melhor⁴⁰; do pai que espancava o filho de oito anos para “ensiná-lo a virar homem”, resultando na morte da criança⁴¹; da mãe que matou o filho a facadas e, com ajuda do padrasto, ateou fogo ao corpo do adolescente de 17 anos⁴². Então, quando se perguntaram: “quem sou eu para participar desta pesquisa/dar estas respostas?”, uma das respostas possíveis pode ter sido: “sou alguém que, por ser LGBT+, poderia/pode ter sido/ser

⁴⁰ Notícia disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/pai-e-condenado-por-estuprar-filha-que-se-assumiu-lesbica/>

⁴¹ Notícia disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/12/homem-que-matou-filho-no-rio-por-ser-afeminado-vai-juri-popular.html>

⁴² Notícia disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,mae-confessa-ter-matado-filho-de-17-anos-a-facadas-parentes-falam-em-homofobia,10000099650>

espancado/espancada, estupro/estuprada, assassinado/assassinada...”. Essas formações imaginárias parecem se condensar no enunciado de **Phelan**⁴³ ao responder à décima questão: “Minha história é feita de resistência, dor, afirmação, preconceito e superação”. Tal enunciado é tão representativo que encontra ressonância nas respostas de outros participantes para as questões 7, 8, 9 e 10. Surpreenderam-me, assim, dois efeitos de sentido antagônicos: efeito de sentido de luta e efeito de sentido de violência.

Busquei, então, os sentidos dicionarizados⁴⁴ para as palavras que **Phelan** utilizou na descrição de sua história como pessoa LGBTQ+: resistência, dor, afirmação, preconceito e superação. Propus alguns deslizamentos a partir da sequência discursiva (SD), substituindo os itens lexicais por seus sentidos estabilizados. Essas transformações dão maior materialidade para a SD, auxiliando na compreensão mais clara sobre a situação que **Phelan** enuncia. Pequenas mudanças, em itálico e postas entre parênteses, foram propostas, apenas para “ajustar” as frases.

Quadro 12 - O dizer de Phelan: sentidos dicionarizados

Minha história é feita...	...da capacidade de suportar.	Resistência
	...da luta sustentada contra um ataque.	
	...de sofrimento moral ou psicológico causado por amargura, agonia, perda.	Dor
	...de arrependimento, remorso.	
	... do sentimento de quem se afirma, se impõe, se realiza.	Afirmação
	...da opinião preconcebida por alguém (<i>sobre mim</i>) sem conhecimento ou reflexão.	Preconceito
...da discriminação ou rejeição de pessoas, grupos, ideias, etc... em relação à (<i>minha</i>) sexualidade.		
... de dominar, vencer, livrar-me, afastar, remover (<i>as dificuldades, a dor, o preconceito...</i>).	Superação	

Fonte: material produzido pelo pesquisador

A partir destes deslizamentos, colocando-os em relação ao *corpus*, pude observar como dois efeitos de sentido se produziram. O primeiro aproxima “resistência”, “afirmação” e “superação”, enquanto o segundo condensa “dor” e “preconceito”. Um efeito enuncia a contrariedade à heteronormatividade, enquanto o outro enuncia o peso e a dor advindos da sua ação e do seu controle.

⁴³ Mantive, nesta etapa do trabalho, os mesmos nomes fictícios selecionados para os/as participantes na monografia.

⁴⁴ Foi utilizado o dicionário virtual Aulete. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>

4.3.1. Efeito de Sentido de Luta

Neste efeito de sentido de luta, o sujeito manifesta a tomada de uma ação que gera uma ruptura no funcionamento da heteronormatividade. O objetivo da norma é condicionar aqueles que buscam afastar-se dela, demarcando muito claramente os limites que não devem ser atravessados. Para tanto, utilizam-se diversas ferramentas socioculturais que constantemente chamam a atenção dos sujeitos para que se mantenham na normatividade. As piadas são uma manifestação muito clara deste efeito. Quando um homem cisgênero⁴⁵, supostamente heterossexual, manifesta comportamentos que fogem ao normativo, aqueles ao seu redor não partem para a agressão física de imediato – eles usam da ironia, do deboche para “chamar a atenção” do sujeito. Será no caso da “transgressão recorrente” que entram em vigor mecanismos de repressão mais intensos, que superam a intervenção verbal, adentrando o campo da agressão física – e, em alguns casos, resultando em assassinato.

Os sujeitos enunciam seus movimentos de resistência à heteronormatividade, destacando o peso que o ato de “assumir-se” tem no tecido social e o consequente papel de “esclarecer” os que estão ao seu redor sobre a vida das pessoas LGBTQ+. Observa-se, através das formulações destes sujeitos, a quebra do efeito da censura: empoderam-se de sua identidade, construindo valores e significados outros a partir do reconhecimento da não-heterossexualidade. Essa assunção de uma forma de ser e estar na sociedade, de uma possibilidade outra de viver as experiências afetivas/sexuais, bota em cheque o efeito de silenciamento da heteronormatividade que tenta, a todo custo, coibir o acesso a uma tal forma de ser/estar no discurso e na sociedade. **Phelan**, ao descrever sua história como marcada pela “resistência”, pela “superação” e pela “afirmação”, pareceu condensar, em um só enunciado, as diversas formas de luta e resistência apresentadas pelos outros participantes. Como podemos observar em respostas dadas à questão 9, nas seguintes SDs:

Garwin	Eu tento combater a homofobia sendo eu mesmo e mostrando que ser gay é apenas um rótulo e não define minha totalidade como pessoa.
Vougan	Não tendo vergonha de mostrar quem eu sou , e mostrando para essas pessoas que as armas que elas usavam contra os homossexuais já não funcionam mais, que estamos muito mais seguros em sair as ruas e mostrar quem somos com todos os traços de nossa personalidade sem medo de viver quem somos .
Nolan	Eu faço questão de me inserir como gay em todos os ambientes que preciso estar, e faço questão que todos entendam que sou gay, e isto não faz a mínima diferença.

⁴⁵ Cisgêneros são os indivíduos que se identificam com a identidade de gênero atribuída ao sexo biológico com que nasceram, enquanto transgêneros são aqueles que não se identificam com a identidade atribuída ao seu sexo biológico.

Jarvis	Eu vivo! Eu existo, eu trabalho, eu estudo, eu produzo, eu “arrazo”, eu sou linda, eu me manifesto, eu tenho fãs!
Amadeus	Esclareço as pessoas que conheço.
Tristan	Tento levar informação para quem demonstra alguma forma de preconceito.

Os sujeitos enunciam acerca da “capacidade de suportar” os efeitos da heteronormatividade, da “luta sustentada contra os seus ataques”, através da “afirmação”, da “imposição” da sua identidade. Eles “dominam, vencem, livram-se, afastam, removem” a mortalha, não do preconceito, mas da norma, que os silencia. Percebo, aqui, uma retomada do importante acontecimento discursivo de *Stonewall Inn*. Quando, naquele 28 de junho de 1969, a comunidade (ainda não chamada de) LGBT+ se revolta contra a opressão policial, quando as vozes gritaram por liberdade e o lema “*gay power*” foi escrito nas paredes do bairro, uma profunda ruptura no tecido social acontece. A possibilidade de dizer-se gay rasga o domínio da heteronormatividade absoluta e uma nova forma de existir é possível: a luta, a resistência, a transgressão. Mesmo que não tenham ciência disso, os entrevistados resgatam o “espírito” de *Stonewall Inn* no momento em que assumem suas personalidades socialmente. Cada um e cada uma que se coloca como não-heterossexual, “assumindo seu desvio”, faz uso discursivo do “*gay power*”, provocando mudanças no interdiscurso acerca das homossexualidades. Invocam também a história do movimento homossexual brasileiro que funda, em nossas terras, um outro lugar de enunciação com a possibilidade de dizer-se não-heterossexual

A marca dessa resistência, dessa luta, se manifestou em respostas à questão 10:

Alden	Eu acho que sofri bastante com a influência das pessoas que tem preconceito contra homossexuais, durante minha adolescência me fechei com qualquer pessoa só pelo medo de ser rejeitado [...] Comecei me assumindo aos poucos , primeiro para meu irmão e depois para minha mãe, que não aceitou tão facilmente (me proibiu de contar ao meu pai) e durante esse período comecei a me abrir mais comigo mesmo , me aceitar e deixar de impor tantas barreiras sobre como eu devo me vestir, falar, agir, como eu devo me portar perante a sociedade.
Vougan	[...] fui me tornando mais seguro de meus atos e minha personalidade no exato momento em que contei para minha família (que não ficou nada surpresa) e que me deram e dão todo o apoio possível para ser quem sou.
Arela	Acredito que a história de quando me assumi lésbica (explicar a assexualidade e a polirromanticidade pode ser complicado para quem não é do meio) à minha mãe foi, até hoje, a mais marcante .

As SDs parecem indicar exatamente a ruptura e o afastamento da norma, como um feito que libera os sentidos para os sujeitos, permitindo novamente seu fluir pelos sentidos disponíveis. As formações discursivas determinam o que pode e deve ser dito em seu fluxo histórico, entretanto, Orlandi aponta que:

A censura estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, *não* deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala. A relação com o “dizível” é, pois, modificada quando a censura intervém: não se trata mais do dizível sócio-historicamente definido pelas formações discursivas (o dizer possível): não se pode dizer o que foi proibido (o dizer devido). Ou seja: não se pode dizer o que se pode dizer. (1993, p. 79).

Está disponível no interdiscurso a possibilidade de dizer-se homossexual – a história do movimento LGBT+ mostra todas as rupturas e provocações que demarcaram esse novo lugar. A heteronormatividade, entretanto, persiste, interditando a memória do discurso, buscando impedir seu acesso. Nessa correlação de forças, a arma de controle da norma é a não assunção do desvio. Ela mantém o controle no momento em que os sujeitos não forçam as barreiras do silenciamento a fim de acessar o dizer possível que está censurado. Não se manifestando fora das possibilidades por ela estabelecidas, o sujeito não é alvo de reprimendas. Podemos observar esse funcionamento nos ditos populares segundo os quais “pode ser gay, mas não precisa ser viado/bixa”. O “viado” é aquele que escancara o trabalho da política do silêncio. Na medida em que ele se torna “gritante”, “chamativo”, “incômodo” por ser afeminado, por ser “escandaloso”, ele descortina a norma: ele só é incômodo porque existe uma norma, que ele descumpre. Da mesma forma as travestis e transexuais, ou as lésbicas masculinizadas. Esses sujeitos revelam claramente os padrões e são visíveis justamente porque os quebram. Trevisan fala sobre um tal efeito da normatividade, ao tratar da mídia que abre concessões a sexualidades desviantes da norma, dando-lhes um ar glamoroso e exótico: “[...] um ato de condescendência que tolera apenas sob rigorosas circunstâncias, aceitando uma homossexualidade *clean*, da qual esteja depurado todo e qualquer resquício de “rebeldia” (TREVISAN, 2000, p. 20).

O ato de assumir tem efeito semelhante: ele distende e tenciona as margens da censura ao mesmo tempo que as faz visíveis. E de tal forma o faz, que é “natural” identificar os gestos, as palavras, as roupas, a maneira de andar, que escapam da norma. Os sujeitos dominam inconscientemente as regras da heteronormatividade. O participante Jarvis enuncia o peso da assunção da sexualidade para a política do silêncio: “Eu vivo! Eu existo, eu trabalho, eu estudo, eu produzo, eu “arrazo”, eu sou linda, eu me manifesto, eu tenho fãs!” O mero fato de “manter-se vivo, durar, existir, passar a posteridade, aproveitar a vida”, como indica o dicionário para o verbete viver, desde a posição de sujeito LGBT+, é uma afronta aos domínios da norma, um embate contínuo com/contra eles.

4.3.2. Efeito de Sentido de Violência

A resistência e a luta manifestas nos dizeres de LGBTs+ veem-se sempre margeadas pela tentativa da heteronormatividade de se apoderar mais uma vez do dizer, realizando novos cortes de censura. Ao que parece, o sujeito LGBT+ ainda não consegue enunciar desvinculando-se da possibilidade da opressão – que a cada dia reforça sua realidade. O medo de ser alvo do “preconceito” e da “dor”, que **Phelan** demarcou em sua história, transparece nos discursos dos colaboradores de forma mais ou menos direta. A violência é um sentido pulsante em seus dizeres. Podemos observar esses funcionamentos nas respostas dadas às questões 7 e 10:

Questão 7

Alden	Sim. Existe e podemos observar em diversos veículos midiáticos. Eu não sofro com isso diretamente, porém influencia nas minhas atitudes sociais
Arela	Sofro com a LGBT+fobia mais no sentido de me assumir na relação com os familiares, já que sei que eles jamais aceitariam quem eu realmente sou.
Morgan	Sei que existe, pois já sofri na infância. Agora não mais. Mas temo sofrer. [...]
Kendall	Sim. Sofro no quesito cotidiano, mas nenhuma violência física me atingiu. Ainda.

Questão 10

Alden	Eu acho que sofri bastante com a influência das pessoas que têm preconceito contra homossexuais [...] só fui “acordar” para a vida com 21 anos , pois me dei conta que a vida de todos andava normalmente e eu estava deixando a minha de lado por conta de opiniões de pessoas que não importavam.
Vougan	[...] Durante a escola o ensino fundamental foi de fato difícil não porque os outros estudantes não me aceitavam mas porque eu não me aceitava , a partir do momento em que passei a entender quem eu era e como faria para o ser, as coisas pareceram ficar mais fáceis e mais leves não me importando mais tanto com comentários e risadas [...]
Albion	Não gosto de compartilhar.
Owyn	Cresci no meio LGBT+, então ser gay sempre foi normal pra mim. [...] A única vez em que quis ser outra pessoa fui quando fui agredido quando estava chegando em casa. Pode parecer absurdo, mas chegar em casa sangrando por ser quem você é faz com que alguns conceitos e posturas sejam questionados.
Morgan	A história mais relevante que tenho para contar não é sobre o sofrimento da rejeição por ser gay na infância e na adolescência ; ela tem ligação com o sofrimento da cobrança interna que isso me provocou. Eu não consegui nem sequer tocar em outro menino antes de ter condições emocionais fortes o suficiente para contar para alguém da família que sou gay. [...] Consegui me relacionar com um menino pela primeira vez aos 25 anos (2016)

Juntam-se a estas sequencias discursivas as diversas respostas não dadas para a questão 10, única em que alguns participantes se abstiveram de responder. Parece pulsar, nesse não enunciar, um efeito de sentido de violência, que prefere não se dizer, não se materializar. O dizer LGBT+ está marcado pela violência de todas as formas – seja no passado, em experiências

vividas; seja no presente, sofrendo as ações das imposições culturais; seja no devir, com o medo de ser alvo dela no futuro. Observando as marcas da violência nos discursos LGBT+, chega-se aos efeitos que a heteronormatividade e seus mecanismos de controle condensam nos sujeitos. A violência não é uma realidade distante ou impossível, muito pelo contrário – ela é uma certeza, um fato concreto, que há de acontecer em algum momento da história dos LGBT+. Seja na infância, no trabalho, na família, em outros locais, junto a outros grupos. Se não o foi no passado, acontecerá seja no presente ou no futuro. Ser LGBT+ é reconhecer a eminência da discriminação e do preconceito que, a qualquer momento, pode se manifestar.

A verdade é que a civilização sempre precisou de reservatórios negativos que possam funcionar como bodes expiatórios nos momentos de crise e mal-estar, quando então, por um mecanismo de projeção, ela ataca esses bolsões tacitamente tolerados. Em outras palavras, sempre que a minha situação não tem saída, a saída é atacar o mal fora de mim. As periódicas perseguições aos judeus tem sido, secularmente, claro exemplo dessa projeção ideológica. [...] A homossexualidade inscreve-se como mais um desses reservatórios negativos. Como a permissividade social é basicamente oportunista, a tolerância varia de época para época, dependendo de fatores externos, que acrescentam à prática homossexual maior ou menor grau de periculosidade, conforme as necessidades circunstanciais. Por isso, apesar de tolerada no Brasil, a prática homossexual acabou se tornando frequentemente um caso de polícia, ainda que não seja proibida por lei. (TREVISAN, 2000, p. 22)

A aceitação social está sempre em tênue situação, colocando a comunidade LGBT+ em um constante sinal de alerta – não há certezas sobre o respeito no amanhã. Soma-se a isso os efeitos emocionais que afetam os sujeitos. Como **Morgan, Alden** e **Vougan** enunciaram, não foi o sofrimento causado por colegas de escola o maior peso que carregaram – foi a tortura íntima da dúvida, da vergonha, da incerteza, do medo paralisante de “ser aquilo” que de fato eram acusados de ser. A violência subjetiva que coíbe o sujeito ao não-ser é uma constante nos discursos LGBT+.

Percebo aqui um novo reviramento histórico, que retoma as formas de entender a sexualidade e a pressão social pelo controle dela, que remete ao Brasil colônia e aos tempos de inquisição. A história da sexualidade em terras brasileiras é pulsante e transgressora. Ela se transformou em motivo de preocupação e desgosto do clero europeu, que reconhecia, no Brasil, uma terra onde as regras se dissolviam. A inquisição esteve em vigor na Terra do Cruzeiro até 1821 e possuía uma mecânica específica de funcionamento. Começando com o Autos-de-fé, cerimônias de abertura do processo, sendo sucedidas pelo Tempo de Graça. Esse período de algumas semanas dava espaço para que os pecadores confessassem suas faltas, recebendo punições atenuadas. Ademais, era obrigação e direito de qualquer cidadão denunciar os pecados de outrem, estabelecendo um clima de controle e vigilância constantes – qualquer um poderia

denunciar um pecador que seria chamado diante da inquisição e responderia a processo público. As punições inquisitoriais eram das mais diversas: multas, prisões, confisco de bens, banimento da cidade ou do país, trabalho forçado (nas galés ou não), passando por marca com ferro em brasa, execração e açoite público até a castração, amputação das orelhas, morte por força, morte por fogueira, empalamento e afogamento. A sodomia, por implicar o máximo de desordem possível na procriação,

[...] era considerada como um pecado gravíssimo, que não prescrevia jamais, continuando digno de punição por muito tempo. Como se tratava de um desvio ditado diretamente pelo demônio, a Igreja e a Inquisição associavam a prática da sodomia com a bruxaria e as heresias dos cátaros e templários. (TREVISAN, 2000, p. 110).

A relação que se estabelece no dizeres dos participantes desta pesquisa é justamente acerca do medo instaurado pelos processos inquisitoriais. A violência – ou dito de outra forma, a “corrigenda da norma” – sobre os sujeitos LGBT+ advém de diversos pontos, retomando os medos do século XVIII-XIX da danação espiritual, da expulsão física e da morte. A heteronormatividade, repaginando-se ao longo dos tempos, faz uso de diversas forças de inquisição, sustentando o medo premente da violência. O controle religioso mais conservador ainda atormenta as sexualidades com discursos acerca do inferno e das possessões demoníacas; o risco de morte e violência física é constantemente retratado nas mídias, mesmo que deliberadamente ignorado pelas autoridades. Preciso, ainda, adicionar, outra marca da história da sexualidade no Brasil, remontando à década de 1920. A medicina transforma em questão psiquiátrico-policial a prática homossexual, demandando tratamento constante e intervenção em prol da saúde social (TREVISAN, 2000).

É desse conjunto de memórias discursivas que o sujeito LGBT+ é alvo. Digladiando-se na busca de sentidos outros, que remetam à libertação e à valorização de uma forma outra de ser e de amar, esses sujeitos enfrentam a política do silêncio da norma, enfrentando séculos de discriminação e retomando as vozes daqueles que, antes de nós, lutaram por direitos de existir. Neste trabalho, ainda encontro duas formações discursivas que disputam a dominância dos sentidos. A FD de Transgressão⁴⁶, em que o efeito de sentido de luta se inscreve, onde ressoam as vozes de Stonewall Inn, do grupo brasileiro *Dzi Croquettes*, do jornal o Lampião, primeiro periódico gay do país. A outra, a FD da Normatividade, busca a todo custo fazer valer o controle

⁴⁶ Nesta segunda aproximação do trabalho, senti a necessidade de repensar o nome dado às formações discursivas apresentadas no trabalho de conclusão. Apesar de pertencerem ao mesmo campo do saber, circunscrevendo as mesmas possibilidades do dizer, tratá-las como ‘FD de *Gênero* Transgressora/Normativa’ poderia acarretar em confusões conceituais. Dessa forma, os termos FD de Transgressão e de Normatividade, parecem expressar com maior clareza o arcabouço de possibilidades de tais formações discursivas.

da sexualidade e das formas de viver em sociedade. Remontando à inquisição, à medicina patologizante e policialesca, busca mecanismos diversos no tecido social para coibir os sujeitos de acessarem plenamente as possibilidades do dizer e do enunciar, enclausurando-os em sentidos únicos.

Apesar da história de militância, de luta, de resistência da nossa comunidade, ainda somos afetados profundamente pela heteronormatividade. Ambas as formações discursivas veem-se vinculadas à Formação Ideológica da Heteronormatividade. Ainda é a partir da norma que os sujeitos LGBT+ enunciam sobre a forma com que sentem desejos e amores, pois a marca do “desvio”, da “ruptura” ainda é dominante. O efeito de controle da normatividade ainda assoma poderoso, afetando LGBT+s e heterossexuais que se veem limitados nas suas possibilidades de experienciar, de vivenciar e de sentir. Tudo indica que a resistência, a superação e a afirmação de Phelan ainda produzirão sentidos nos dizeres LGBT+, que ainda precisarão retomar o coral das vozes que lutaram antes de nós para construir um mundo mais justo e seguro para todos nós.

Este (re)trabalho reforçou a ideia de que é na movência e no embate que o sujeito LGBT+ se constitui. Vendo-se constantemente ameaçado pela normatividade, este sujeito precisa romper com a força da censura para poder dizer aquilo que, pelo fio do discurso, poderia ser dito, mas que está enclausurado. Em ambos os trabalhos, os sujeitos mostraram toda sua descontinuidade, sua movência, seu caráter intervalar. Confrontados por sentidos de controle, em alguns momentos não conseguem escapar dele, mas em outros rompem com as amarras discursivas e retomam sentidos de embate e empoderamento que ecoam do passado.

5. QUINTO SEGREDO: O AGORA É ECO

Instrumentos afinados. Suspensão do respirar. Os olhos da plateia se voltam para a orquestra que, ao sinal de seu *maestro*, se coloca atenta. Movimento de mãos. A música começa. As notas se entrelaçam uma após a outra: ritmo, harmonia, melodia. Músicos, regente, plateia, todos afetados pela mesma materialidade, a música. Entretanto, sentidos diferentes. Diferentes sonoridades (suaves, intensas, graves, agudas) se aproximam, se harmonizam, se antagonizam e se afastam, compondo uma complexa e imbricada peça. O momento de “segurar a respiração”, de expectativa diante do começo da sinfonia, parece ser o mesmo que se faz quando a sexualidade é ponto de pauta. Todos os olhos se voltam para ela. Estáticos. Ansiosos.

O que virá dali?

O que será revelado?

O que será dito?

O que será sentido?

Quando começa a “música”, uma nova torrente de pensamentos, leituras, interpretações, silêncios, toma o sujeito de tal forma que, em muitos casos, ele se vê desorientado, confuso, abismado. Por vezes, gera tanto desconforto que desencadeia reações agressivas. Reações que buscam cessar a música, coibir o som.

A sexualidade é um tema efervescente que pulula no imaginário social, transformando-se e remodelando-se ao longo do tempo e do espaço. “Quando” e “onde” são especificidades que afetam diretamente o que e como se fala sobre sexualidade. Deslocando o assunto pelo eixo do tempo, vemos as mais diversas compreensões acerca das práticas sexuais e do prazer. Movimentando o eixo do espaço, se percebe que, em um mesmo momento histórico, os sentidos sofrem transformações aqui e ali, possibilitando sentidos outros que, em outros lugares, não são possíveis. Também a Análise de Discurso filiada ao filósofo francês Michel Pêcheux, e devedora dele, parece estarrecer e desacomodar aqueles que com ela se encontram dado seu potencial. Balizando-se em denso dispositivo teórico, ela propõe compreender o discurso ou, como explica Zandwais (2015, p. 78), Pêcheux desenvolveu uma teoria que envolveu

[...] refletir em torno do funcionamento concreto da língua em seu trabalho discursivo e descrever o modo como aquela se inscreve nas práticas sociais, configurando processos discursivos que emergem em determinadas condições históricas através das relações de desigualdade, subordinação, antagonismo e de aliança entre as classes, observadas no interior dos aparelhos institucionais.

O filósofo francês realizou uma série de reformulações conceituais a partir das ciências que compõem seu quadro epistemológico – Linguística e Ciências Sociais. Conforme destaca Laggazi (2015, p. 91), “O texto de 69 nos apresenta gestos teórico-analíticos fundadores de uma prática que se contrapôs fortemente ao conteudismo subjetivista pelo investimento no conceito de língua, trazido de Saussure, e no conceito de condições de produção, a partir do materialismo histórico”. Conceitos como língua, história, discurso, sentido, sujeito, ideologia são reformulados e recebem estatutos outros, possibilitando a articulação de uma teoria materialista do discurso, atravessada por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. A proposta que me faço, como analista de discurso é a aproximação destes dois terrenos: o dos Estudos da Sexualidade e o da Análise do Discurso.

Em razão dos caminhos de pesquisa aqui propostos, a partir do escopo teórico da Análise de Discurso, o conceito de história torna-se crucial. A fim de situar o eventual leitor quanto ao modo como a história é compreendida na/pela AD, destaca-se que ela está na língua haja vista os fatos históricos existirem sob efeito da interpretação. Uma vez que se entende a inscrição da língua na história, a exterioridade não corresponde a um exterior empírico. Dito de outra forma, a história não é significada como relato de acontecimentos com caráter de descrição empírica, cronologia; ela é vista como sentido – o que implica, em se tratando da AD, no compromisso de ir além daquela “língua saussuriana”, fechada em si mesma, e observar as relações de força, as afetações sociais, a fim de compreender como o discurso se estabelece. O ponto de partida do filólogo e linguista suíço é o elemento linguístico, nele permanecendo. Seria dizer que, ao ouvir ou pronunciar uma palavra, por exemplo, a palavra sexualidade que é considerada neste capítulo, não é feita qualquer remissão ao contexto histórico ou à realidade social em que ela se constitui. Assim sendo, não é excesso buscar argumentos em Dóris Fiss e Solange Mittmann, duas autoras que, ao longo dos tempos de leitura e estudo a respeito da AD, oferecem esclarecimentos importantes sobre este aspecto, relacionando-o com compromissos que, necessariamente, precisam ser assumidos pelo analista de discurso. Enquanto Mittmann (2010, p. 86) adverte que, desde a visada da AD, o “[...] discurso se dá no cruzamento do eixo vertical, da materialidade histórica, com o eixo horizontal, da materialidade linguística”, Lima e Fiss (2018, p. 72) acrescentam que considerar a

[...] passagem da mirada da superfície linguística para a mirada do objeto discursivo e dos processos discursivos envolve atentar para aquilo de que se ocupa o analista de discurso: o funcionamento da materialidade linguística do discurso de que parte o analista em direção à discussão sobre a sua materialidade histórica.

O sujeito na AD é tomado pela história, ou seja, ele é interpelado como sujeito em razão das condições históricas que o determinam, a ideia de um sujeito autônomo é uma ilusão: segundo Pêcheux (2014, p. 73), “o essencial da tese materialista é colocar a independência do mundo exterior [...] em relação ao sujeito e simultaneamente a dependência do sujeito com respeito ao mundo exterior”. Portanto, o sujeito não está fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado. Ele tem existência em um espaço social e ideológico. Da mesma forma, ele não é o centro organizador de seu dizer, não é o centro de seu dizer. Os sentidos, assim, são produzidos desde lugares ocupados pelos sujeitos, considerando condições sócio-históricas e ideológicas de produção do discurso: “Os sujeitos têm um papel ativo e determinante na constituição dos sentidos, mas este processo escapa ao seu controle e às suas intenções” (ORLANDI, 1996, p. 135). Isso demanda pensar que sentidos os discursos sobre sexualidade fizeram desencadear ao longo do tempo, qual a historicidade deste termo, já que os diferentes dizeres acerca da sexualidade afetaram diretamente os ditos sobre as pessoas LGBT+ e as formas com que experienciavam sua sexualidade. Afinal, é a partir da relação de forças entre o enunciar possível e o impossível, entre o dito e o não-dito, que os sujeitos LGBT+ se constituem. Dessa forma, o objetivo deste capítulo é acompanhar o movimento dos sentidos que ressoam da palavra sexualidade que, ao mesmo tempo, num batimento, é capturada pelo interdiscurso, se constituindo em memória, em estabilização dos sentidos, e, ao cair no fio do discurso, no intradiscurso, se desfaz e refaz em sentidos outros, haja vista o sujeito enunciador sempre inscrever o dizer no repetível histórico.

A sexualidade, como termo científico, surge apenas no século XIX, tornando-se um dispositivo médico-legal. Disso resulta toda uma aparelhagem médica, biologicista, jurídica e moral que passa a afetar diretamente a produção de sentidos sobre as formas de exercício do prazer. Se, antes deste momento, os atos e as práticas sexuais eram o foco das preocupações, serão os sujeitos que passam a ser o centro das atenções. Essa mudança do estatuto da sexualidade resulta em uma série de transformações nos discursos sobre o sexo, reformulando por completo as possibilidades de inscrição dos sujeitos nesta ou naquela forma de experienciar sua sexualidade. A criação do homossexual e do heterossexual é um dos diversos acontecimentos discursivos que reformulam a produção de sentidos sobre sexualidade, o que, sob certo aspecto, envolvendo perturbações na rede de memórias, faz lembrar a definição de acontecimento proposta por Michel Pêcheux (1997, p. 17) no livro **O discurso – estrutura ou acontecimento**: “[...] o acontecimento é o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória”.

A esse respeito, é importante esclarecer que Katz (1996) é o autor que aborda a invenção da hetero e homossexualidade. No entanto, a essa informação precisam se somar alguns argumentos que melhor esclarecem os motivos por que se está falando em uma tal invenção como acontecimento discursivo. Em termos discursivos, foi, de fato, uma criação. Antes deste ponto não existia uma forma específica para se referenciar a sujeitos que se envolvessem com pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto. O termo sodomia não se restringia a prática homossexual, mesmo que “[...] comumente associado, na legislação civil, ao amor entre pessoas do mesmo sexo” (TREVISAN, 2018, p. 160). Conclui-se daí que o acontecimento “criação do heterossexual e do homossexual” foi discursivizado, passando a configurar a retórica que se mantém até os dias atuais e, consoante Zandwais (2015, p. 1), podendo se tornar “[...] objeto de diferentes leituras, [...] e, até mesmo, de interpretações controversas”.

Cavalcante (2018, p. 60), quando arrisca pensar sobre a análise das materialidades discursivas a partir da consideração do acontecimento, perspectiva que é necessário

[...] buscar o acontecimento histórico social que possibilitou sua objetivação. Entendido como práxis dos homens, em determinada conjuntura social e política, o discurso não nasce do psiquismo individual; ele emerge, a partir de acontecimentos, numa dada sociedade, produzindo sentidos historicamente determinados, que não resultam de propriedades linguísticas nem de puros arranjos sintáticos.

Sendo assim, o estudo dos processos de produção de sentidos relacionados à sexualidade reivindica um entendimento sobre a sociedade na qual os discursos emergem, uma vez que são constituídos desde acontecimentos, como, no caso desta pesquisa, a criação do heterossexual e do homossexual, a revolta de *Stonewall In*, dentre outros, numa dada sociedade, irrompendo sentidos historicamente definidos. Portanto, a interpretação de qualquer materialidade discursiva implica na consideração de suas condições de produção – o momento histórico de surgimento do discurso e a memória que ele convoca, haja vista ser “[...] no jogo contraditório entre atualidade e memória no qual se realiza a articulação entre língua, história e memória que se constitui a historicidade do dizer” (CAVALCANTE, 2018, p. 60-61).

Levando em consideração o exposto, este capítulo está organizado em duas seções. A primeira parte se dedicará a apresentar o escopo teórico da Análise de Discurso, destacando a importância da história para o trabalho de Pêcheux. Cabe, aqui, destacar que história não corresponde, para a AD, à sucessão de fatos no tempo, à temporalidade, mas à historicidade. A história é constitutiva da produção dos sentidos, passando a fazer parte dos fatos, e a historicidade resulta da inscrição da língua na história. Especificamente no tocante à noção de

historicidade, busco subsídios em Eni Orlandi (**Análise de Discurso: princípios e procedimentos**, p. 68) para esclarecer a que me refiro:

Quando falamos em historicidade, não pensamos a história refletida no texto mas tratamos da historicidade do texto em sua materialidade. O que chamamos historicidade é o acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele. Sem dúvida, há uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto (trama de sentidos nele) mas essa ligação não é direta, nem automática, nem funciona como uma relação de causa e efeito.

No segundo momento, a escrita se voltará para a questão da sexualidade, onde apresento a contribuição de Michel Foucault e Jeffrey Weeks para o debate. Faço, também, um resgate da sexualidade no Brasil em alguns momentos históricos, contando com a colaboração de Regina Facchini e Júlio Assis Simões e João Silvério Trevisan. Dito de outra forma, pretendo delinear o trajeto dos sentidos do item lexical **sexualidade**, considerando seu percurso histórico haja vista não ser possível compreender a língua independente da realidade social, das relações históricas: a língua se (re)produz e se transforma a partir de tais relações.

5.1. A ANÁLISE DE DISCURSO

No contexto do ápice do pensamento estruturalista, Michel Pêcheux tece profundas críticas à prática científica de seu tempo. Intentando provocar as ciências sociais, Pêcheux envereda em uma jornada teórica densa e cheia de reviramentos, que resultou na Análise de Discurso. Sendo aluno de Louis Althusser, sorve do trabalho de seu mentor, responsável pela releitura do trabalho de Karl Marx e pela reflexão sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Este vínculo se manifesta na AD através da preocupação de Pêcheux com a questão da dialética e a busca constante pela compreensão do funcionamento da ideologia. Apesar de ter sido aluno de Althusser, não seguiu as reflexões de seu professor à risca, propondo – como foi característico de sua conduta científica – transformações nos conceitos apresentados por ele. A esse respeito, convém referir o que dizem Orlandi (2012) e Ferreira (2003): concordando com o fato de que Pêcheux é um herdeiro não subserviente de outros campos, Ferreira (2003, p. 190) acrescenta que

A Análise do Discurso de tradição francesa (AD) apresenta, como é sabido, um quadro teórico-conceitual constituído de categorias que circulam livremente em outros aparatos teóricos. [...]. Ocorre que tais conceitos, ainda que vinculados a uma região de origem específica, ao migrarem para a análise do discurso, vão ser incorporados à teoria que os acolheu e encontrarão aí um território próprio, com escopo definido e limites diferenciados. (2003, p. 190).

O momento inicial de suas reflexões dá-se sob o pseudônimo Thomas Herbert, através do qual publica dois artigos, Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia geral (1966) e Observações para uma teoria geral das ideologias (1968). No primeiro artigo, a preocupação de Pêcheux era a fragilidade científica das ciências sociais, que demandavam um instrumento científico bem consolidado; enquanto no segundo, partindo das conclusões do primeiro, trata dos movimentos internos necessários a uma ciência para a sua consolidação como tal. Vale destacar as primeiras palavras do autor acerca deste movimento:

A proposição geral sobre a qual nos apoiamos é que *toda* ciência – qualquer que seja seu nível atual de desenvolvimento e seu lugar na estrutura teórica – é produzida por um trabalho de mutação conceptual no interior de um campo conceptual ideológico em relação ao qual ela toma uma distância que lhe dá, num só movimento, o conhecimento das errâncias anteriores e a garantia de sua própria cientificidade. Nesse sentido, toda ciência é inicialmente ciência da ideologia da qual ela se destaca. (HERBERT, 1995, p. 63-64).

Aqui, Pêcheux acaba por “anunciar” uma singularidade presente em seu próprio empreendimento que envolve aproximação, provocação e batimento com a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise que acabaram por compor a Análise de Discurso. Também ele produziu uma teoria do discurso e a Análise do Discurso por um caminho que envolveu “mutação conceptual” e “errância”. No intervalo destas publicações, escreveu os artigos *Análise de conteúdo e teoria do discurso* (1967) e *Por uma técnica de análise de discurso* (1968), sob o nome de Michel Pêcheux. Este movimento demonstra a clareza e a plasticidade científica de Pêcheux, ao reconhecer que “[...] um filósofo não é um psicólogo experimentalista e que, inversamente, um psicólogo experimentalista também não é um filósofo” (HENRY, 1993, p. 20), aumentando seu leque de debates teóricos, enriquecendo o escopo de seu interesse maior: a elaboração da Análise de Discurso. Enquanto Herbert evidenciava engajamento no projeto althusseriano de construção de uma teoria geral das ideologias, Pêcheux endereçava seu interesse maior para a elaboração da Análise de Discurso. Portanto, a análise do discurso pode ser considerada como um projeto teórico de Michel Pêcheux que nasceu no interior da elaboração de uma teoria geral das ideologias, na esteira de Louis Althusser, e desta teoria não pode prescindir⁴⁷.

Nesse processo de materialização de um tal projeto, Pêcheux mobiliza conceitos

⁴⁷ A esse respeito, conferir: NARZETTI, Claudiana Nair Pothin. **A formação do projeto teórico de Michel Pêcheux: de uma teoria geral das ideologias à análise do discurso**. Araraquara: UNESP, 2008. Dissertação de Mestrado. UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Letras. 191 p.

originários da teoria marxista (relida por Althusser) e da psicanálise freudiana (relida por Lacan) a fim de repensar a língua desde a compreensão apresentada por Ferdinand de Saussure e formular um novo objeto: o discurso. Em *Observações para uma teoria geral das ideologias*, já é possível encontrar referências frequentes a essas outras disciplinas nos argumentos apresentados por Thomas Herbert. Será através de um gesto epistemológico comum, o da subversão nos respectivos domínios disciplinares, que se possibilitará a aproximação de Pêcheux, Lacan e Althusser⁴⁸. Dito de outra forma, acompanhando Pêcheux e Fuchs (2010, p. 163-164), o quadro epistemológico da AD se compõe a partir da articulação de três campos do conhecimento científico atravessados por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica:

4. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
5. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
6. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Configura-se, dessa forma, uma teoria do discurso de leitura não subjetiva da subjetividade, uma teoria materialista dos sentidos. Considero, neste ponto, interessante realizar uma breve retomada conceitual que esclarece as vinculações científicas e políticas de Pêcheux. É possível apreender o caráter materialista da Análise de Discurso ao realizar a leitura do texto “Reprodução espiritual e racional da realidade” de Karel Kosík (2010). Em um tal texto, Kosík explica que a dialética, questão essencial para a AD, é inicialmente desenvolvida por Marx, ao tratar da luta de classes e do fetiche. Posteriormente é discutida por Lênin, seguido de teóricos que continuaram suas discussões, como Lukács (de quem Kosík é discípulo) e Voloshinov. Será após este acúmulo de reflexões sobre a dialética que Althusser⁴⁹, seguido por Pêcheux, tratará do assunto. Este é um importante destaque a ser feito, pois corporifica a longa tradição de pensadores de que, direta ou indiretamente, Pêcheux se torna herdeiro, matizando a Análise de Discurso como uma disciplina com compromissos políticos e sociais bastante específicos. Pêcheux, em *Semântica e Discurso*, fala da AD como uma “ciência do proletariado”, definição que denota o espectro político da teoria. Tal tomada de posição de Michel Pêcheux, assumida e não negada, aponta para um efeito de identificação dele com uma teoria que considera o político junto ao linguístico, reforçando a dimensão de luta política e teórica de seu trabalho

⁴⁸ Althusser, Marx, Lênin, Voloshinov, Lacan, são autores que Michel Pêcheux traz para sua reflexão no trabalho que se propõe de desenvolver uma teoria do discurso. Por isso, tais autores são citados neste trabalho, mesmo que não sejam, neste momento, lidos diretamente por mim.

⁴⁹ Althusser não lê Voloshinov, porém Pêcheux busca os textos do linguista russo.

como também do trabalho do analista de discurso que constitui um lugar de enunciação desde a AD.

Em seu escrito, Kosík - filósofo marxista de origem tcheca - trata das possibilidades de apreensão da realidade pelo homem, destacando também a nociva intervenção do pensamento positivista, que limita a compreensão do mundo à univocidade. Para conhecer as coisas, o homem “[...] deve primeiro transformá-las em coisas para si; para conhecer as coisas como são independentemente de si, tem primeiro de submetê-las à própria *práxis*” (KOSÍK, 2010, p. 28). Dito de outra forma, o conhecimento demanda envolvimento ativo, o que implica em intervir na realidade. Essa intervenção nada mais é do que a interpretação. O sujeito, ao tentar conhecer as coisas, a realidade, se serve, ao mesmo tempo, da representação e, ao representar a realidade em sua dialética, tem condições de poder intervir sobre o real.

O autor segue falando sobre os modos de apropriação do mundo pelo homem, caracterizando-os em sentido subjetivo e sentido objetivo e destacando que é através da produção de sentidos que se faz possível descobrir a realidade e o sentido dela. Tais sentidos são produtos histórico-sociais. Kosík afirma, então, que

O homem sempre vê *mais* do que aquilo que percebe imediatamente. A casa diante da qual me encontro, não a percebo como um conjunto de formas geométricas, de qualidades físicas do material de construção, de meras relações quantitativas; dela tomo consciência antes de tudo como habitação humana e como harmonia, não claramente percebida, de formas, cores, superfícies etc. (KOSÍK, 2010, p. 30) (grifo do autor).

O que serve de alerta para a complexidade da compreensão das coisas: apesar da possibilidade de apreender o todo, o pleno, ele não é imediatamente cognoscível. Apesar da possibilidade de “ver mais”, o gesto de interpretação “recorta” o todo, significando partes dele. Foi nessa especificidade do processo do conhecimento que o pensamento positivista inferiu, transformando a concepção da parte em todo, em única. Essa deliberada circunscrição do conhecimento a uma única possibilidade afetou (e afeta) largamente a capacidade humana de se relacionar com o mundo que o rodeia, empobrecendo a possibilidade de produção de conhecimento e a qualidade daqueles que são produzidos. Para Kosík, a

[...] teoria não é nem a verdade nem a eficácia de um outro modo não teórico de apropriação da realidade; ela apresenta a sua compreensão *explicitamente reproduzida*, a qual, de retorno exerce a sua influência sobre a intensidade, a veracidade e análogas qualidades do modo de apropriação correspondente. (2010, p. 32)

Tal reflexão parece ser mais um vestígio da preocupação de Pêcheux ao tratar da sua teoria. Ele

nega a univocidade positivista como um todo no momento em que convoca três áreas que, até então, não dialogavam, para compor uma teoria outra. Teoria essa que, apesar de composta pela psicanálise, pela linguística e pelo marxismo, subverte suas áreas convidadas em um gesto fundante de novas possibilidades.

Detendo seu olhar sobre a Linguística, Pêcheux tenciona as reverberações, os ecos teóricos das conceituações de Saussure acerca da língua. Ao determinar a supremacia da língua e a sua cisão da fala, instaura-se por consequência a retomada do “sujeito falante como *subjetividade em ato*” (PÊCHEUX, 1993, p. 71), capaz de conscientemente fazer o melhor uso daquilo que está a seu dispor. Este sujeito plenamente consciente, “senhor dos sentidos”, não pode ser o sujeito da Análise do Discurso, já que esta soberania do subjetivo dispensa os conceitos de história e de ideologia. A língua, tomada desde a perspectiva “saussuriana”, não abre espaço para a dialética, refutando, por consequência, a *práxis* da interpretação das “coisas do mundo”, como coloca Kosík, já que não há espaço para gestos interpretativos do sujeito que se vê limitado ao uso “plano” da língua fechada, encontrando na fala seu momento de liberdade.

A consciência é constituída da unidade de duas formas que se interpenetram e influenciam reciprocamente, porque, na sua unidade, elas se baseiam na *práxis* objetiva e na apropriação prático-espiritual do mundo. (KOSÍK, 2010, p. 32).

Pêcheux realiza o “[...] deslocamento do texto para a língua e o deslocamento da função para o funcionamento.” (LAGGAZI, 2015, p. 86). Tais deslocamentos trouxeram o discurso para o centro da AD, tendo no enunciado a sua unidade e na língua a sua materialidade. Eni Orlandi aponta que: “O discurso é [...] palavra em movimento, prática de linguagem [...] Na Análise de Discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (2012, p. 15).

Este “compreender a língua”, do qual fala Orlandi, é consciente da autonomia relativa da mesma, da sua incompletude. Ela é afetada pelas relações históricas e, por isso, é insuficiente para a AD debruçar-se sobre a língua como sistema fechado em si mesmo. Fadados à interpretação, é no jogo languageiro do dito e do não-dito, nos espaços do silêncio, que o homem interpreta o mundo ao seu redor: a linguagem é uma mediação indispensável.

O discurso, objeto histórico-social, é processo que permite observar relações entre língua e ideologia, toando a primeira como base material comum. Tratar o discurso como objeto sócio-histórico implica dizer que ele é constantemente afetado pelas relações de poder, fruto da luta de classes. Sua materialização no enunciado “fala” muito mais do que o sujeito deseja

deixar falar, “[...] considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade” (ORLANDI, 2012, p. 16). Através do discurso é possível compreender como o material simbólico produz sentido, como também se apreende a constituição do sujeito interpelado pela ideologia. É nele que podemos observar “[...] as relações entre ideologia e língua, bem como os efeitos do jogo da língua na história e os efeitos desta na língua” (FERREIRA, 2003, p. 193).

O esquema informacional proposto por Roman Jakobson⁵⁰ envolve emissor, receptor, código, canal, referente e mensagem. Nesse esquema, o emissor transmite uma mensagem para o receptor através de um canal e com a utilização de um código (a linguagem), referindo algum elemento da realidade, o referente. Para a AD, o processo não se resume à transmissão de informação, tampouco comunicar é um ato linear que se dá de forma ordenada. Consoante Pêcheux (1993, p. 82), ao problematizar a teoria da informação em *Análise Automática do Discurso (AAD69)*, ainda que ela coloque em cena os protagonistas do discurso assim como seu referente, “[...] leva a falar de *mensagem* como transmissão de informação” (destaque do autor) – ideia de que o autor francês discorda, pois, ao fazer uso do conceito de discurso, são os efeitos de sentido que entram em jogo. A “[...] língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc.” (ORLANDI, 2012, p. 21). Esse processo se dá simultaneamente e, ao invés da mensagem, a AD pretende pensar o discurso.

A linguagem serve para comunicar e para não comunicar, inter-relacionando sujeitos que se inscrevem em diferentes posições em diferentes momentos, intervindo nos sentidos: “[...] as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados” (ORLANDI, 2012, p. 21). Orlandi coloca a definição de discurso como “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2012, p. 21). Entretanto, no objetivo de pedagogizar a AD, tal definição parece insuficiente para tratar do caminho trilhado por Pêcheux que, na esteira de predecessores como Foucault, Althusser e Volochinov, começou a

[...] refletir em torno do funcionamento concreto da língua em seu trabalho discursivo e descrever o modo como aquela se inscreve nas práticas sociais, configurando processos discursivos que emergem em determinadas condições históricas através de relações de desigualdade, subordinação, antagonismo e aliança entre as classes, observadas no interior dos aparelhos institucionais. (ZANDWAIS, 2015, p. 78).

⁵⁰ As referências realizadas ao trabalho de Roman Jakobson são feitas a partir do trabalho de Pêcheux em AADD69. Texto disponível em livro organizado por F. Gadet e T. Hak, intitulado “Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux”.

É permitido especular que, mais do que efeito de sentido entre (inter)locutores, o discurso pode ser compreendido como “[...] processo ancorado em deslocamentos e desarranjos contínuos da fixidez da base linguística em virtude dos acontecimentos históricos em que ela se inscreve” (ZANDWAIS, 2015, p. 78). O discurso é tratado por Pêcheux, segundo a ótica de Zandwais, ao mesmo tempo como objeto e como processo “[...] atado à história e ao acontecimento, ou seja, à condição de devir”. A língua passa a ser o campo de possibilidades do discurso, não sendo ela inequívoca e fechada em si mesma e nem sendo o discurso totalmente livre no seu fazer-se. Parafraseando Ferreira (2003), a AD se ocupa do exame das questões linguísticas considerando dimensões históricas e ideológicas, tendo a língua uma natureza instável, heterogênea e contraditória.

A subversão teórica de Pêcheux, dirigida à linguística, torna a história elemento indispensável para a língua que precisa dela para significar, compreender como, na relação da língua, história e sujeito, o discurso funciona, produzindo sentidos. Como esclarece Pêcheux (1997, p. 78),

[...] os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento, mas com a condição de acrescentar imediatamente que esse funcionamento não é integralmente linguístico [...] e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto do discurso [...].

Esta concepção do funcionamento discursivo invoca a consideração imprescindível da opacidade da linguagem, ou seja, o reconhecimento de que sentidos outros são sempre possíveis a partir de condições de produção (CP) também outras. “Um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas” (PÊCHEUX, 1997, p. 77) que apontam para o sujeito (posição dos protagonistas do discurso e formações imaginárias) e para a situação de surgimento do mesmo (relações sócio-históricas nas quais aparece o discurso). Na AD, a história é uma protagonista indispensável: dada a ruptura entre o exterior e o interior da língua, não há mais limites entre o linguístico e o extralinguístico. Apesar de a língua ser a base de todos os processos discursivos, ela não se sustenta sozinha. Em razão disso, a AD necessita inscrever em seus domínios as materialidades históricas, pois retira a perspectiva positivista da questão histórica, trincando a homogeneidade e abrindo espaço para a contradição.

Importante agregar, nesta discussão, as contribuições de Paul Veyne acerca da história. Reflexões essas que juntam vozes às colocações feitas por Kosík. Veyne, em seu texto “Apenas uma narrativa verídica”, de imediato adverte: “a história só é o que é porque escolheu um modo de conhecimento” (VEYNE, 1998, p. 17). Nesta afirmação, aparentemente simples, se inscreve

uma complexa gama de perspectivas que refutam a ideia da “história oficial” como sendo a portadora da verdade. De um modo outro, fala sobre a não-univocidade do mundo, da multiplicidade de interpretações possíveis. Tratando da relação entre eventos e documentos, aponta um limite para o historiador – nenhum evento é apreendido de maneira direta e completa (é sempre incompleto e lateralmente apreendido), pois os documentos utilizados para tal fim são indícios do fato, estando sujeitados à memória social. A “história é filha da memória” (VEYNE, 1998, p. 19) justamente por estar sujeita a interpretações. Ela não é neutra, está sempre iluminada por um foco da memória e sujeita a ordem da contradição. Veyne segue tratando da relação entre evento e diferença, onde o diferente assim é considerado por ser um destaque em um fundo uniforme. Apresenta esta questão no intento de demonstrar que: 1) mesmo o conceito de evento, daquilo que se diferencia do todo, irá variar de espectador para espectador: o que é fato interessante/evento para um, pode não o ser para outro, a depender de suas experiências pregressas; 2) esta variação nos provoca a buscar olhares diversos que se debrucem sobre uma mesma comunidade, grupo social, momento histórico, possibilitando apreender suas contradições, disparidades, diferenças.

[...] se, no estudo de uma civilização, nos limitamos a ler o que ela relata sobre si própria, ou seja, a ler as fontes referentes à sua civilização, ser-nos-á mais difícil nos espantarmos com aquilo que, aos olhos dessa civilização, era corriqueiro. [...] (VEYNE, 1998, p. 20-21).

Ainda tratando do diferente, é preciso destacar que nenhum evento, por mais que ocorra tal qual a primeira vez, será o mesmo. As condições históricas não são as mesmas, logo as afetações contextuais sobre ele já não são iguais as da sua primeira ocorrência. A individuação dos eventos não diz respeito ao que é único e sim às possibilidades de variação interpretativa, que se tornam múltiplas em razão das contingências históricas. Para a Análise de Discurso isso se aplica na necessidade de individuação do objeto que se discursiviza: pode ser o mesmo enunciado, porém por ter sido dito “aqui e não lá”, “hoje e não ontem”, é indelevelmente alterado. Há ainda um outro domínio, que a “história oficial”, a serviço da superestrutura, torna, ao leitor, inexistente: o das historicidades não-factuais, que Veyne define como “[...] os eventos ainda não consagrados como tais: a história das localidades, das mentalidades, da loucura ou da procura da segurança através dos tempos. Denominar-se-á, portanto, não-factual a historicidade da qual não temos consciência como tal” (VEYNE, 1998, p. 29). Este lugar do não-reconhecido é provocativo para a AD, disciplina que reconhece na falha, na incompletude, no equívoco características indissociáveis do dizer. Serve ainda como reforço dessas noções, pois se a

história possui espaços não-ditos, “não transformados em história”, como dizer que o sentido é absoluto e único? A sexualidade, numa instância ou em outra e apesar dos estudos acerca dela, ainda é tratada pela história oficial como este campo não existente. Os livros escolares, por exemplo, tendem a apagar esta dimensão das relações humanas.

Olhar para a história, fora do espectro positivista, torna-a muito mais complexa. De igual forma, o espectro do discurso se complexifica fora da Linguística, pois torna-se também histórico e psicanalítico. A história se faz presente de uma tal forma, sendo tão “[...] onipresente ao ponto de não o distinguirmos, tão exposto ao olhar que escapa à ordem do visível” (CARRETERO, 2010, p. 31)⁵¹, que os sujeitos não se identificam como históricos, ignorando que a valoração simbólica que utilizam para realizar seus gestos de interpretação do mundo que os rodeia se dá em razão dessa imersão histórica. É por conta dessa relação com a história – e toda sua contradição – que se é possível dizer. Se discurso é língua em funcionamento e a língua é capaz de significar porque se inscreve na história, dizer que a história, mesmo sendo apenas uma parte, sendo incompleta, marca também as particularidades do seu observador, que dela não pode fugir, aponta o porquê da possibilidade dos sentidos sempre serem outros. Reforça também a indispensabilidade das condições de produção, para que o analista de discurso possa compreender seu objeto de estudo. Retomando o que Veyne fala sobre a necessidade da busca do olhar do outro para melhor entender uma civilização, a AD parece incorrer em movimentos semelhantes na busca da compreensão do funcionamento dos discursos. Sua constituição balizada na Psicanálise, no Marxismo e na Linguística parece indicar o caráter desta busca. É preciso percorrer as fronteiras, as franjas do discurso, percebendo prolongamentos, furos, falhas, limites, regularidades e dispersões.

Em se tratando da sexualidade, se recorrêssemos aos documentos da medicina, que desde o século XIX se outorgou o direito à palavra final sobre o assunto, não seríamos capazes de identificar o avesso do estabelecido: encontraríamos apenas a relação do patológico e do

⁵¹ Professor da Universidade Autônoma de Madri (de cuja Faculdade de Psicologia foi Decano) e pesquisador da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Argentina). Realizou sua doutoração na Espanha e pos-doutoração no Canadá e nos Estados Unidos, onde foi convidado a lecionar, assim como em outras universidades europeias e latino-americanas. Especialista no estudo do desenvolvimento cognitivo e sua relação com a educação, realizou uma contribuição marcante para a compreensão e para o ensino das Ciências Sociais, sobre a qual tem pesquisado e publicado intensamente nos últimos vinte anos, tanto em língua espanhola quanto em inglês. Algumas de suas obras foram traduzidas também para o português, no Brasil. Dirigiu inúmeros projetos de pesquisa de entidades públicas e privadas (por exemplo, em 1997, recebeu a Bolsa Guggenheim, para realizar um projeto sobre ensino das Ciências Sociais e identidade nacional na América Latina). Realizou amplo trabalho de formação de professores (através de cursos virtuais) e de cooperação universitária internacional no âmbito dos Projetos Alfa e Erasmus-EU. (Tradução livre a partir das informações disponibilizadas no site do autor. Disponível em: < <http://www.mariocarretero.com/index.html> > Acesso: 20/09/2018.

normativo, da doença e da cura; da criminalização de formas outras de viver o prazer e o amor, entendida neste domínio como “medidas protetivas” ao próprio sujeito. O conceito de historicidade, na sua ruptura com o pensamento positivista, é o que permite ao analista deslizar pelo fio do discurso com o olhar profundo e minucioso que a AD demanda. Dito de outra forma, lembrando considerações de Ernst-Pereira e Mutti (2011), o analista apreende, na análise, o modo como as materialidades registram as imbricações do social na linguagem.

A compreensão de sujeito por Michel Pêcheux passou por um processo envolvendo reconfigurações. Em *AAD69*, o autor aponta para um sujeito assujeitado que se crê como sujeito-origem do dizer e do sentido. Em *Semântica e Discurso*, “[...] é pela forma-sujeito que o sujeito do discurso se inscreve em determinada formação discursiva, com a qual ele se identifica, constituindo-o enquanto sujeito” (SANTOS, 2014, p. 229), portanto, a forma-sujeito é o sujeito do saber de determinada formação discursiva. Ainda que, nessa obra, Pêcheux não adense muito na articulação entre ideologia e inconsciente, ele produz uma consistente e importante argumentação que possibilita avançar um pouco no entendimento da relação entre inconsciente (no sentido freudiano) e ideologia (no sentido marxista) desde a tomada que empreende da tese fundamental de Althusser segundo a qual “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”. Diz Althusser que: “[...] o indivíduo é interpelado como sujeito [livre] para submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto [livremente] sua submissão [...]” – o que remete a uma identificação plena postulada por ele.

Parece-me que Pêcheux propõe uma leitura bastante particular da noção althusseriana de interpelação. Teixeira (1997) pontua quatro aspectos que, desde a compreensão dela, podem ser referidos considerando a leitura empreendida por Pêcheux:

- a) o fundador da AD francesa faz intervir o discurso haja vista, consoante ele, os indivíduos serem “[...] interpelados em sujeitos falantes pelas formações discursivas que representam, na linguagem, as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (TEIXEIRA, 1997, p. 66);
- b) o Sujeito (com S maiúsculo) – sujeito absoluto e universal – althusseriano pode ser identificado com o Outro (com O maiúsculo) lacaniano uma vez que, se aceita a tese de Lacan segundo a qual o “inconsciente é o discurso do Outro”, pode-se discernir de que modo o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados na interpelação e na identificação: “Ideologia e inconsciente são, para o autor, estruturas-funcionamentos que constituem o sujeito” (TEIXEIRA, 1997, p. 67), sendo elemento comum entre elas o fato de operarem ocultando sua existência;
- c) Pêcheux, ao utilizar a noção de pré-construído (o elemento que, consoante Paul Henry, irrompe na superfície discursiva como se estivesse sempre-já-aí), a toma como noção possível

de compreender enquanto correspondente ao sempre-já-aí da interpelação ideológica que, além de fornecer, impõe à realidade o seu sentido sob a forma de universalidade: “O autor considera o efeito de pré-construído como a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito, ao mesmo tempo em que é sempre-já-sujeito. [...] isso implica que o sujeito resulta como causa de si de uma rede de significantes que é dada antes, em um ‘fora’ anterior, havendo um apagamento necessário desse fato” (TEIXEIRA, 1997, p. 67);

d) Pêcheux aproxima a noção de interpelação das de esquecimentos haja vista o sujeito se constituir pelo esquecimento daquilo que o determina – pelo esquecimento nº 1, natureza ideológica, ele se coloca como origem do que diz; pelo esquecimento nº 2, natureza referencial, ele tem a ilusão da transparência do sentido. Segundo Teixeira (1997, p. 69), “[...] aquilo que o autor [em *Semântica e Discurso*], continua a chamar *de esquecimento no 2* cobre exatamente o funcionamento do sujeito do discurso na FD que o domina, sendo aí, precisamente, que se apoia sua ‘liberdade’ de sujeito-falante, liberdade que nada mais é do que a aceitação (livre) de sua submissão”.

Em resumo, o sujeito, assim como é considerado por Pêcheux e Fuchs, em **A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas**, e, depois, por Pêcheux, em **Semântica e Discurso**, assume uma posição com “toda liberdade”, mas essa “tomada de posição” é “efeito” da FD e FI que são “exteriores” ao sujeito, um exterior excluído de seu campo de visão pelo que é designado **esquecimento**. Portanto, Pêcheux recusa e supera a visão de sujeito como ser transparente a si mesmo, acrescentando que a forma-sujeito “[...] é, de fato, um efeito e um resultado, isto é, precisamente, tudo menos um ponto de partida” (PÊCHEUX, 2014, p. 168) visto que este ponto de partida, não sendo o homem, o sujeito, a atividade humana, corresponde às condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção. Como afirma Pêcheux (2014, p. 145), “sob a evidência de que eu sou realmente eu [...] há o processo da interpelação-identificação que produz o sujeito [...]”.

Já, em **Discurso: estrutura ou acontecimento**, ao explorar os sentidos tomados no acontecimento, o estudioso se depara com um sujeito em movimento. É preciso esclarecer, ainda, a razão do caráter **não subjetivo da subjetividade**. Pêcheux não toma os sujeitos como plenos e totalmente cômicos da sua própria condição, não se trata do sujeito estrategista que, fazendo uso de todas as suas potencialidades, domina o dizer e manipula os sentidos como deseja. O sujeito pecheuxtiano é o sujeito incompleto e do escape, que se relaciona com a língua e com a história, sendo interpelado pela ideologia. Tampouco refere-se à presença física de organismos individuais, uma pessoa empírica. Tratam-se de lugares determinados na estrutura de uma formação social – o lugar do professor, o lugar de aluno, de pai, de mãe, de mulher, de

homem e assim por diante.

Esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. O lugar se encontra presente, mas transformado por formações imaginárias. No tocante a tais elementos, assim se coloca Pêcheux (1993, p. 82): “[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. Decorre disso que certas questões, possivelmente pensadas, sem serem necessariamente verbalizadas, pelo analista e pelos interlocutores de pesquisa quando em situação de interação, apontam para tais formações imaginárias, revelando como a posição dos protagonistas do discurso intervém ao modo de condições de produção do discurso.

Para esta pesquisa, voltada aos discursos de pessoas LGBT+, algumas possíveis perguntas forjadas ao abrigo das formações imaginárias são: Quem sou eu, pesquisador, para fazer estas perguntas a estas pessoas? Quem sou eu para questioná-las desta e não daquela maneira? Quem são os meus entrevistados para que eu lhes dirija estas perguntas? Quem são para que eu entenda, como pesquisador, que estas questões farão sentido? É possível ainda, extrapolar um pouco estes questionamentos, indagando, de que formas a minha pesquisa produz sentido para os entrevistados? De que maneiras as minhas experiências de vida se entrelaçam nas experiências dos/das participantes da pesquisa? Quais são os gestos interpretativos que realizam a partir de tais vivências? Como estes gestos produzem sentidos para estes sujeitos?⁵² Formações imaginárias, entretanto, se dão em relação às condições de produção que funcionam, por sua vez, consoante certos fatores que Orlandi (2012), ao retomar Pêcheux, entende como relações de força (o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz: como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer), relações de sentido (sustentação de um discurso sobre um discurso prévio) e relações de antecipação.

Conquanto o conceito tenha sido afetado por um processo de descascamento promovido por Pêcheux, é possível intuir que, para a Análise de Discurso, o sujeito é fluido, dividido, descentrado. É fluido, porque pode ocupar diversas posições de sujeito, diversos lugares para enunciar aquilo que diz. Dividido, porque, na medida em que pode agir sobre a história e a língua, deve submeter-se a elas para se constituir. “Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à” (ORLANDI, 2012, p. 49). Dito de outra forma, desde estudos desenvolvidos por Ferreira (2003), o sujeito do discurso, como uma posição entre

⁵² Tais indagações acerca das formações imaginárias dos sujeitos participantes da pesquisa afetaram o planejamento das técnicas de produção de dados para esta pesquisa.

outras, na sua relação com a língua, está sempre a se constituir e, ao mesmo tempo, a constituir a língua na qual a história está inscrita. Se não se submeter – se assujeitar – à língua e à história, os sentidos também não se constituem. Essas posições de sujeito ocupadas para que o dizer seja possível não são uma forma de subjetividade, e sim um *locus* a ser ocupado para permitir a enunciação. Ao assumir este ou aquele lugar, o sujeito não tem acesso a tudo aquilo que constitui aquele lugar, ou seja, ele não tem acesso ao interdiscurso, tudo o que se fala naquela/daquela posição de sujeito. É por isso que os sujeitos são intercambiáveis, pois podem ocupar – muitas vezes no mesmo enunciado – diversas posições e lugares.

Ao falar de subjetividade, a AD reconhece a incompletude de fazê-lo a partir das questões histórico-linguísticas; é preciso considerar também a dimensão histórico-psicanalítica. Aponta assim que, ao longo da história, os homens e as mulheres passaram por diferentes tipos de subjetividade e de subjetivação. Se, na Idade Média, falamos em forma-sujeito religioso, em que os ditos da Igreja Católica eram as grandes bases fundantes das personas, com a modernidade passaremos a falar sobre a forma-sujeito jurídico, surgindo das transformações relacionadas ao contexto econômico e à transferência da dominância da religião para as leis de estado. O capitalismo – com suas ideias liberais – reformula a maneira com que os sujeitos se constroem sujeitos. “Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabe-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento” (ORLANDI, 2012, p. 50). Esta conceituação de sujeito adverte o analista para que não busque o “sujeito completo” e infalível a toda prova, como se buscasse enxergar o “real da intenção” daquele que enuncia.

A Análise de Discurso ressignifica, também, o conceito de ideologia, a partir de uma concepção discursiva. Mesmo sendo herdeira do materialismo histórico e dialético, a AD é insubmissa e aplica certa transformação ao conceito de ideologia, estabelecendo que ela “[...] não é um conjunto de representações nem a ocultação da realidade, nem tampouco um “defeito” dos que não têm consciência” (FERREIRA, 2003, p. 191). Na Análise de Discurso, a ideologia é resultante da interação da língua com a história, no processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos. Isso se atesta no fato de que não há sentido sem interpretação, o homem é provocado a buscar significados diante de qualquer objeto simbólico, busca entender aquilo que significa. Pelo funcionamento do processo ideológico, este sentido apreendido parece estar sempre lá, sendo acessado/compreendido por aquele que dele se aproxima da mesma forma que o será por todos que dele se aproximarem. O funcionamento da ideologia gera a sensação de evidência de sentidos (os sentidos são sempre evidentes, óbvios) e de que os sujeitos são a origem do que dizem. Com isso, temos a impressão de que não estamos interpretando, pois entendemos que

os sentidos já estão dados, mas, em verdade, o fazemos de forma inconsciente e contínua. Consoante destaca Orlandi (2001, p. 105), “[...] não é em x que está a ideologia, é no mecanismo imaginário de produzir x, sendo x um objeto simbólico. Isso tudo derivando do fato de que não há sentido se a língua não se inscreve na história”. Portanto, ideologia não aponta para ocultação, mas para produção de evidências: a de sujeito e a de sentido.

A evidência de sujeito borra o fato de que somos sempre interpelados pelas ideologias para nos tornarmos sujeitos, não somos sujeitos desde sempre. É na aproximação com a ideologia – e, por isso mesmo, com a língua e a história – que nos constituímos sujeitos. Por outro lado, a evidência de sentido é a sensação de que as palavras, desde sempre, possuem significados e de que elas – isoladas da sua historicidade – possuem sentido. Ignora-se, assim, que o que dá sentido às palavras são redes de formações discursivas, que, em se relacionando, passam a significar o simbólico. Por fim, é importante destacar que a realidade só existe em razão da ideologia, já que é ela que permite os sentidos e o ato da interpretação. Em resumo, a ideologia, pensada a partir do âmbito discursivo, adquire o sentido de produção interpretativa do efeito de evidência. Em função disso, o sentido, marcado por determinadas circunstâncias, surge como “o sentido”. Para que isso seja possível, como dito anteriormente, e reiterado agora, o sujeito é afetado por dois esquecimentos fundantes: o ideológico, da ordem do inconsciente, e o referencial, da ordem da enunciação.

O **esquecimento número 1**, também chamado de esquecimento ideológico, provoca a ilusão de que somos a origem daquilo que dissemos, enquanto, em realidade, somos afetados e atravessados por sentidos já existentes no interdiscurso. “Embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade” (ORLANDI, 2012, p. 35). Por outro lado, o **esquecimento número 2**, ou referencial, nos faz acreditar que aquilo que dissemos se faz a partir de uma relação direta entre a palavra e o mundo, gerando a impressão de que o que foi dito não poderia ter sido dito de outra forma. Este esquecimento, entretanto, sofre oscilações, pois, sempre que acreditamos ser necessário, recorremos a recursos linguísticos para adaptar o nosso discurso, “esclarecê-lo”, numa tentativa de prender o sentido, colocando diques a interpretações outras: “Na medida em que o sujeito se corrige para explicitar a si próprio o que disse, para aprofundar o que pensa e formulá-lo mais adequadamente, pode-se dizer que esta zona nº 2, que é a dos *processos de enunciação*, se caracteriza por um funcionamento do tipo pré-consciente/consciente” (PÊCHEUX, 1993, p. 177).

O sentido é uma relação do sujeito com a história de que não é exterior a língua, desde

uma vez que o sujeito guarda a impressão de que detém (controla) os sentidos que enuncia. Os sentidos não estão presos às palavras. É o gesto de interpretação que demonstra a relação do sujeito com a língua na produção destes sentidos. Isso ocorre dentro das possibilidades da rede de memórias, ocorre na exterioridade – a história, por isso o “[...] sentido nunca é individual, nem tampouco apresenta-se como já produzido” (FERREIRA, 2003, p. 193), pois ele é acessado e interpretado pelo sujeito que dele se aproxima, tornando-o, assim, passível de estabilização-reforço ou desestabilização-renovação de sentidos.

Seria dizer que o sujeito intervém em sentidos que estão administrados haja vista habitarem um espaço de memórias interdiscursivas, não sendo de posse do falante nem existindo soltos. Essa noção quebra, pois, a ideia de posse dos sentidos pelo sujeito, estabelecendo o conceito básico e fundante de língua como não transparente. São os efeitos de sentido entre locutores que estão na origem do discurso (ORLANDI, 2012), são eles que, em sua relação, estabelecem o discurso. Por isso que, na perspectiva linguística, é inútil perguntar a um sujeito como os sentidos trabalham sobre os sentidos: desde a compressão linguística proposta por Saussure, a língua considerada por uma suposta literalidade não possibilita ao falante perceber a extensão dos sentidos possíveis do que foi enunciado nem seria esse o seu objetivo. Já, em se tratando de Análise de Discurso, o compromisso assumido pelo analista envolve compreender como um texto funciona, produz sentidos, tendo clareza de que não há um sentido em si tampouco o sentido equivale a um conteúdo: pela Análise de Discurso é reconhecida a impossibilidade de acesso a um sentido escondido em alguma parte dos textos, pois “[...] a questão do sentido torna-se a questão da própria materialidade do texto, de seu funcionamento, de sua historicidade, dos mecanismos dos processos de significação” (ORLANDI, 2001, p. 21).

Ainda sobre os sentidos, faço considerações quanto ao seu modo de existência, ao seu caráter material, considerando ponderações de Pêcheux (2014, p. 146) quando, ao esclarecer que esse caráter material do sentido está em estreita relação com as formações ideológicas, destaca que “[...] as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições [...]”. O caráter material do sentido, mascarado por sua evidência transparente para o sujeito, depende constitutivamente do sentido das formações ideológicas, estando tal postulado em relação com duas teses pecheuxtianas: o sentido não existe em si mesmo e toda FD dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência em relação ao complexo das FI. Somando-se a tais argumentos, Eni Orlandi (2001) lembra que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo. A movência do sentido

corresponde à movência do sujeito de uma posição para outra.

5.2. SCIENTIA SEXUALIS: A CONFISSÃO DO SEXO

A sexualidade é uma invenção do século XIX. O estranhamento gerado por esta frase demonstra um dos muitos efeitos da construção da “*scientia sexualis*” no Ocidente, como coloca Foucault no primeiro volume de *História da Sexualidade: a vontade de saber* (1988). Os discursos sobre o sexo se organizaram de tal forma, a partir deste momento, que parece inconcebível – no senso comum – que a forma como entendemos hoje a sexualidade seja tão recente. Na produção de sentidos reservada ao sexo e às suas mais diferentes práticas, o gesto interpretativo dominante, ao se tratar do passado, é o de uma homogeneização das vivências que destaca o sujeito sobre quem é permitido falar: o homem, branco e indubitavelmente heterossexual. Weeks trata da questão nos seguintes termos:

A linguagem da sexualidade parece ser avassaladoramente masculina. A metáfora usada para descrever a sexualidade como uma força incansável parece ser derivada de suposições sobre a experiência sexual masculina. [...] Mesmo seu uso da metáfora ("penetra") sugere uma devoção incrivelmente inconsciente aos modelos masculinos de sexualidade. Em certo nível, isto pode parecer uma crítica injusta, dado que os sexólogos tentaram, de fato, reconhecer a legitimidade da experiência sexual feminina. De fato, os sexólogos frequentemente perpetuaram uma tradição antiga, que via as mulheres como "o sexo", como se seus corpos estivessem tão saturados de sexualidade que nem havia necessidade de conceptualizá-la. Mas é difícil evitar a sensação de que, em seus escritos e talvez também em nossa consciência social, o modelo dominante de sexualidade é o masculino. Os homens são os agentes sexuais ativos; as mulheres, por causa de seus corpos altamente sexualizados, ou apesar disso, eram vistas como meramente reativas, "despertadas para a vida" pelos homens, na significativa frase de Havelock Ellis. (WEEKS, 1999, p. 38-39)

O que, na AD, movimentava o conceito de formações imaginárias: de que forma, no imaginário coletivo, se estabelecem as noções acerca de sexo e vivência do prazer? O sexo na história é sempre falado deste viés: é o prazer do homem que é cinematografado, transformado em cenas em seriados televisivos, em *clips* de música, em filmes. Andam de mãos dadas o machismo e a heteronormatividade. Este conceito refere-se à ideia de uma “heterossexualidade compulsória”, funcionando de tal forma que “[...] faz crer que a heterossexualidade é a forma mais natural, normal e saudável de viver a sexualidade. Quando o sujeito foge a essa norma, ele é tido como desviante, anormal, doente, incompleto, imaturo” (BALESTRIN, 2017, p. 18). Estas atribuições patologizantes são filhas do pensamento médico-legal que conceitua a sexualidade como campo da saúde e da lei.

A fim de melhor compreender as formas de enunciação sobre a sexualidade, pretendo

partir das contribuições de Michel Foucault e Jeffrey Weeks, finalizando, então, com alguns recortes da sexualidade no Brasil. O primeiro trata do processo de controle da sexualidade, problematizando a ideia de repressão do falar/tratar sobre sexo. Propõe exatamente o contrário, que não foi a supressão do assunto que gerou o controle, mas sim uma imbricada e complexa teia de dizeres que engessou as possibilidades das práticas sexuais, a partir do momento em que as discursivizou dentro do escopo da medicina, da pedagogia, da justiça, tomando-a do discurso religioso e confessional. Jeffrey Weeks, em seu artigo “O Corpo e a Sexualidade” (1999), preocupa-se em historicizar a sexualidade de tal forma que se possa perceber as relações de força e o desenvolvimento do conceito ao longo tempo. Não tratando do viés discursivo desta disputa de conceituação, Weeks demonstra como os mecanismos científicos da época percorreram o caminho de produção de verdades sobre o sexo. Este artigo serve também para atribuir um dos possíveis conceitos contemporâneos para a sexualidade desde o viés dos Estudos de Gênero e Sexualidade.

Michel Foucault (1993) defende que a interdição da vivência sexual se deu através do dito e não da censura do dizer. Foi este conjunto de enunciados que demarcou, seccionou, estruturou e hierarquizou a normalidade e a anormalidade acerca das práticas sexuais. A tomada do sexo pela ciência, transformando-o em objeto de pesquisa, em artefato científico, é significativa para Foucault: será dentro da “assepsiada e neutra” ciência positivista que irá se falar sobre os prazeres do corpo. Este “lugar seguro” para tratar de algo tão fugidio e inquietante poderia ser interpretado como a necessidade dos cientistas de tratarem do sexo desde um lugar protegido, em que estivessem hermeticamente isolados daquele objeto tão polêmico e inconstante. Interessante lembrar o caso de Alfred Kinsey⁵³ (1894-1956), biólogo americano e sexólogo, que, nos anos 40 e 50, nos Estados Unidos, gerou grande controvérsia. Em parte, a polêmica se dava pelo envolvimento direto de Kinsey nas práticas sexuais dos participantes de suas pesquisas. Este envolvimento direto com o objeto de seu estudo – e ainda mais com os participantes de suas pesquisas – torna-se uma afronta direta a uma ciência régia que se orgulha da sua imparcialidade e do seu distanciamento daquilo que se torna seu foco de interesse e estudo. Para além desta necessidade de distância, Foucault demarca os imperativos da moral de então, que se materializaram nas normativas médicas.

Na impossibilidade de dizer sobre as suas práticas sexuais, os cientistas voltaram seus

⁵³ Alfred Charles Kinsey (1894-1956), foi um biólogo norte-americano, professor de entomologia e zoologia e sexólogo. Em 1947 fundou o Instituto Kinsey para Pesquisa do Sexo, Gênero e Reprodução. É conhecido pela “Escala de Kinsey”, escala através da qual media a hetero/homossexualidade dos participantes da pesquisa. Esta escala apareceu nos livros *Sexual Behavior in the Human Male* (1948) e *Sexual Behavior in the Human Female* (1953).

olhares para o aberrante, o estranho, o pervertido, o extravagante, empurrando para o outro o campo da sexualidade. Richard von Krafft-Ebing (1840-1902), psiquiatra alemão, é um exemplo interessante deste movimento. Ao tomar do escritor austro-húngaro Karl Maria Kertbeny (1824-1882) os termos homossexual e heterossexual, transforma-os em doenças, em 1886, no seu livro *Psychopathia sexualis*. Ao contrário do objetivo de Kertbeny, que tratava homossexuais e heterossexuais como variações naturais e positivas da sexualidade, Krafft-Ebing compreende-os, ambos, como patológicos (KATZ, 1996). Seu olhar sobre o sexo atribuía ao desejo de procriação a única forma salutar de exercício. Logo heterossexuais eram aqueles que cediam ao desejo pelo sexo oposto pela mera busca de prazer. A delimitação do normal se dava da relação fronteira com o anormal: o foco não era compreender o funcionamento da “prática saudável do sexo”, e sim “iluminar” os desviantes. Este discursivizar do sexo pela ciência serviu para transcrever, em termos de normativas e prescrições, os preconceitos e medos tradicionais. Materializam-se, então, em uma nova relação de doença-cura.

Foucault coloca que, nos processos de estudo de organização da “ciência da sexualidade”, o que precisa ser considerado não são as ilusões conscientes ou inconscientes que se sobrepuseram no processo científico. É preciso voltar os olhares para a fundação dos regimes de verdade acerca do sexo. É preciso considerar que

[...] a formação progressiva (e também as transformações) desse ‘jogo da verdade e do sexo’, que o século XIX nos legou, e do qual nada prova, mesmo que o tenhamos modificado, estarmos liberados. Desconhecimentos, subterfúgios, esquivas só foram possíveis e só tiveram efeito baseados nessa estranha empresa: dizer a verdade do sexo. (FOUCAULT, 1993, p. 56).

Os sentidos de sexualidade estabelecidos por esta ciência régia foram de tal forma dominantes que se pode tratar a heteronormatividade como um regime invisível (LOURO, 2001), imperceptível dada a sua predominância – colocando a norma como algo que não consegue ser visto e, por isso, encontra-se dificuldade em desafiá-la. Foucault segue o trajeto de seu pensamento, retomando a ritualística da confissão católica, implementada em 1215, no Concílio de Latrão. A partir deste momento, os cristãos deveriam confessar todos os seus pecados a fim de atingir a redenção. Estabelece, então, uma relação entre a confissão e o encontro da “verdade real”, dito de outro modo: a verdade legítima do sujeito passa a ser valorada a partir daquilo que é extraído via confissão. Esta perspectiva altera a lógica de pensamento acerca das pessoas, já que o indivíduo,

[...] durante muito tempo, foi autenticado pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem (família, lealdade, proteção); posteriormente passou a ser autenticado pelo discurso de verdade que era capaz de (ou obrigado a) ter sobre si mesmo. A confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder. (FOUCAULT, 1993, p. 58).

A individualidade passa a ser estabelecida desde outro prisma – o da revelação daquilo que jaz eclipsado em cada um. O Ocidente passa a funcionar a partir de uma lógica da confissão, que se prolongou para os mais diversos campos do saber, o ato de confessar-se circula nas mais diferentes instâncias da vida privada e pública. Desde a Idade Média, o correlato a confissão é a tortura, considerado o mecanismo final e genuíno de extração da verdade. Foucault provoca o pensamento ao questionar se a vinculação do sexo à confissão não gerou a necessidade da ocultação do primeiro, da construção do segredo, do algo a ser confessado, fazendo do sexo o espúrio, o oculto, aquilo que precisa ser isolado no mais recôndito de cada um de nós. A sociedade brasileira demonstra uma relação interessante neste sentido: o país que mais mata transexuais no mundo é o que mais consome pornografia trans, o índice é 89% maior que a média mundial de acessos nesta categoria⁵⁴. Apesar desta “verdade oculta”, que evita a todo custo a sua confissão, pois revelaria a “real forma dos indivíduos”, a tortura e a morte se materializam no corpo travesti que passa a ser significado nas fronteiras do aberrante e do desejado: não é homem, mas também não é mulher; possui peitos, mas também possui pênis. Corpo que quebra fronteiras e mexe com as noções mais íntimas de brasileiros e brasileiras.

A confissão vinculada à penitência, como forma de redenção administrada pelos padres como emissários do divino, sofre transformações passando pela Contrarreforma, pela pedagogia do século XVII e a medicina do século XIX, extrapolando a relação padre/fiel e materializando-se entre crianças e pais, alunos e pedagogos, doentes e psiquiatras, delinquentes e peritos. “As motivações e os efeitos dela esperados se diversificaram, assim como as formas que toma: interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas ou cartas [...]” (FOUCAULT, 1993, p. 62). Ela adentra a discursividade científica, compondo a forma com que a ciência lida com a sexualidade. Foucault, então, se questiona sobre as maneiras como a ciência conseguiu oficializar aquilo que chamou de “extorsão de confissão sexual” e manter seu estatuto científico. Aponta para esta questão quatro caminhos: 1) **Através de uma codificação clínica do “fazer**

⁵⁴ Para acesso a notícia completa, acessar os sites:

1) Huffpost Brasil: https://www.huffpostbrasil.com/2016/02/19/o-brasil-e-o-pais-mais-violento-contra-transexuais-e-o-que-mais_a_21683563.

2) Pragmatismo Político: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/02/o-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-transexuais-e-o-que-mais-assiste-porno-trans.html>

3) Revista Fórum: <https://www.revistaforum.com.br/brasil-e-o-pais-em-que-mais-se-procura-pornografia-trans-e-que-mais-se-mata-pessoas-trans/>

falar”: no intento de decifrar sintomas e sinais combina-se a confissão com o exame; 2) **Através do postulado de uma causalidade geral e difusa**: o sexo, em sua natureza perigosa, poderia afetar as mais diversas áreas da vida, demandando então uma perscrutação minuciosa; 3) **Através do princípio de uma latência intrínseca à sexualidade**: o funcionamento do sexo é obscuro, o que implica dizer que nem mesmo o próprio sujeito sabe “o que confessar”, há coisas que, mesmo para ele, não são cognoscíveis. Desta forma é a interação indispensável com a ciência que possibilitará trazer este lado ao entendimento; 4) **Através do método de interpretação**: a verdade não é resultado unicamente do sujeito que fala sobre si, e sim do trabalho advindo do encontro entre o sujeito confessante e o confessor, aquele que, do seu lugar de conhecimento, versa acerca do que lhe é confessado; 5) **Através da medicalização dos efeitos da confissão**: recodificação das confissões em operações terapêuticas. O que transfere o sexo da lógica da culpa/pecado para a do regime da norma e do patológico.

Esta trajetória desenhada por Foucault serve para apontar a diferença entre o Oriente e o Ocidente. Enquanto o Oriente desenvolveu uma *ars erótica*, em que os segredos do sexo eram passados de mestre para aprendiz, em uma relação de valorização do acúmulo de saberes sexuais, o Ocidente funda a *scientia sexualis*, que pouco vincula-se a vivências deste prazer experienciador, mas estabelece lógicas assépticas para falar acerca do que passa a ser considerado sexualidade. Nossa sociedade atribuiu-se a tarefa de produzir “discursos verdadeiros” sobre o sexo, tentando ajustar, não sem dificuldade, o antigo procedimento da confissão às regras do discurso científico. A *scientia sexualis*, desenvolvida a partir do século XIX, paradoxalmente, guarda como núcleo o singular rito da confissão obrigatória e exaustiva, que constituiu, no Ocidente cristão, a primeira técnica para produzir a verdade do sexo. Observando este movimento de constituição do discurso da sexualidade desde o viés positivista: como é possível considerar este fazer científico neutro? Como é possível dizer-lhe asséptico, quando é herdeiro de uma concepção profundamente afetada e posicionada política e religiosamente?

O texto de Foucault fica particularmente interessante para o analista de discurso ao afirmar que “[...] a história da sexualidade – isto é, daquilo que funcionou no século XIX como domínio de verdade específica – deve ser feita, antes de mais nada, do ponto de vista de uma história dos discursos” (FOUCAULT, 1993, p. 67). É preciso compreender a constituição dos discursos sobre a sexualidade, suas fronteiras, suas franjas, seus atravessamentos, a fim de que se possa tratar deste tema de forma complexa e profunda.

Jeffrey Weeks inicia seu artigo trazendo a figura de uma pessoa com AIDS. O faz para estabelecer um ponto de provocação: a cultura dos corpos perfeitos atormentados pela epidemia

de uma doença altamente degenerativa. Chamada de “câncer gay”⁵⁵ nos primeiros anos de surgimento, a AIDS era tomada (como ainda é por setores conservadores da sociedade) como manifestação da punição divina, que revelava uma perversidade sexual inerente naquele que se contaminara. O regime de revelação da verdade do qual fala Foucault, se faz presente na relação com esta doença. Weeks questiona-se sobre

Qual é a relação entre, de um lado, o corpo, como uma coleção de órgãos, sentimentos, necessidades, impulsos, possibilidades biológicas e, de outro, os nossos desejos, comportamentos e identidades sexuais? O que é que faz com que esses tópicos sejam tão culturalmente significativos e tão moral e politicamente carregados? (WEEKS, 1999, p. 36).

Estas questões iniciais servem para estabelecer a necessidade de superação da sexualidade desde um viés biologicista: ela é mais do que o mero funcionamento do corpo. Inscreve-se na complexidade de cultura, vinculando-se a crenças, ideologias e imaginações, estabelecendo um sentido não intrínseco com os corpos: “[...] a melhor maneira de compreender a sexualidade é como um construto histórico” (WEEKS, 1999, p. 36). Destacando as transformações no uso da linguagem sobre as práticas sexuais, demarca a mudança acerca do léxico sexual. O percurso dos dizeres e as transformações de concepção são marcadamente não-naturais, resultantes no interior de relações definidas de poder. Relações essas que são atravessadas por marcadores como gênero, raça e classe, complexificando ainda mais as implicações acerca da sexualidade. Weeks define sexualidade como “[...] uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas [...]” (WEEKS, 1999, p. 40), sua proposta aproxima-se da AD por destacar a necessidade do contexto histórico a fim de compreender a sexualidade. Abrindo espaço para uma concepção não unívoca de sexualidade – ela se estabelece numa relação causal com a história.

Weeks retoma as contribuições de Foucault acerca da discussão da sexualidade, demarcando a direção das críticas do filósofo francês: elas se voltam aos sexólogos e aos pensadores essencialistas do sexo, que, no seu esforço científico de estabelecimento do saudável e do patológico, contribuíram fortemente para a importância que hoje se dá ao comportamento sexual. A dimensão social da sexualidade faz com que atos sexuais fisicamente idênticos sejam significados diferentemente em diferentes culturas e períodos históricos. Jonathan Ned Katz,

⁵⁵ Acerca do surgimento da AIDS nos EUA, Ryan Murphy (conhecido por Glee, American Horror Story, Pose) dirigiu, em 2014, o filme “*The Normal Heart*” escrito por Larry Kramer dramaturgo norte-americano que compôs peça teatral homônima em 1985. “*The Normal Heart*” relata o momento de surgimento do “câncer gay” e a negligência governamental em tratar da questão como um problema de saúde pública e não de moralidade.

historiador norte-americano, provoca o leitor com alguns relatos da história em seu livro *A Invenção da Heterossexualidade* (1996). Tais recortes narram momentos em que a heterossexualidade não era a base de validação das práticas sexuais. Um dos exemplos trata-se do caso da Nova Inglaterra no período de 1607 a 1740, momento em que a preocupação social era a procriação em razão da necessidade de sustentabilidade. Esse traço cultural era tão marcante que “[...] os colonos da Nova Inglaterra casavam mais cedo do que os da antiga Inglaterra, e a sua norma de maximizar a procriação deu origem a uma taxa de nascimentos colonial mais elevada do que na Inglaterra ou na Europa da época” (KATZ, 1996, p. 48). Criaram-se, nesta sociedade, mecanismos de regulação de ordem religiosa e legal do uso da capacidade de procriação e não da heterossexualidade, já que o termo só surgiria 200 anos depois. Assim sendo, o sexo anal, a zoofilia, a masturbação e o adultério contrariavam a ordem reprodutiva dominante e, por isso, eram combatidos e punidos.

A pena de morte por sodomia, comum em todas as colônias, e a execução pública de alguns homens por esse crime, representava violentamente o grande pecado de qualquer eros considerado contrário à reprodução. O contraste operante nessa sociedade era entre a fecundidade e a esterilidade, não entre o erotismo de sexos diferentes e iguais. (KATZ, 1996, p. 49).

O homem, entendido então como a fonte da fertilidade, que desperdiçasse sua “semente” em atos não procriativos era sumariamente castigado, ao passo que a mulher, apesar de também ser compreendida como fértil e fonte de criação, não era tão vigiada na sua sexualidade, por considerar-se que não havia desperdício de seu poder criador. Este exemplo é interessante para estabelecer paralelos entre o ato homossexual entre dois homens em diferentes momentos históricos. Se hoje a relação sexual entre homens “torna” ambos homossexuais (inclusive gerando o apagamento da possível bissexualidade dos envolvidos), a história demonstra que essa lógica de significação não foi sempre vigente: em alguns momentos da história do Brasil (como também da Grécia e Roma antigas, o que implica em uma reverberação discursiva) o homem malvisto era o que se deixava penetrar e obtivesse prazer neste ato. Trinca-se, dessa forma, a noção de universalidade da sexualidade.

Dentro das teorias de construção social da sexualidade⁵⁶, encontram-se diversas vertentes. Algumas delas afirmam, inclusive, que a direção do desejo sexual em si (por exemplo, a escolha do objeto ou a hetero/homossexualidade) não é intrínseca ou inerente ao indivíduo, mas que é construída. Outras, de orientação mais radical, entendem que não há

⁵⁶ Termo que Jeffrey Weeks utiliza para tratar das abordagens teóricas não essencialistas da sexualidade.

nenhum impulso/energia sexual atribuídos ao corpo, eles também são construídos pela cultura e pela história. Essa grande variação de compreensões sobre a sexualidade abre um grande leque de possibilidades de gestos interpretativos para a questão, todos eles, entretanto, contrapondo-se à lógica do sentido único para a sexualidade. Dessa forma, a preocupação dos debates sobre sexualidade desloca-se dos motivos/origens da homo ou heterossexualidade para os porquês e os mecanismos utilizados por determinada cultura para privilegiar e marginalizar esta ou aquela expressão sexual.

O encontro dos portugueses com os índios, na terra que viria a chamar-se Brasil, foi um enfrentamento de sentidos acerca das práticas sexuais. Os lusitanos, carregados da religiosidade cristã e dos tormentos dos atos pecaminosos, depararam-se com os silvícolas que possuíam sua forma de entender o sexo. Foi com espanto que os dogmas católicos enxergaram a Terra do Cruzeiro, espantados com as práticas “promíscuas e luxuriosas” dos indígenas. A sexualidade indígena, vista pelos europeus como descontrolada, rendeu-lhes o apelido de “devassos no paraíso”, dado pelo historiador Abelardo Romero (TREVISAN, 2000, p. 64). Toda a lógica de funcionamento dos indígenas acerca das suas práticas sexuais subvertia os conceitos europeus. Não davam importância à virgindade, condenavam o celibato, não vinculavam-se em relacionamentos estritamente monogâmicos, o que resultou na contestação de poliandria e poligamia entre os indígenas. Tudo implicava uma ordem outra de entendimento das relações afetivas, levando o jesuíta José de Anchieta a atestar que nunca ouvira falar em caso de assassinato por adultério ou ciúmes entre os índios. Havia registros, para espanto e surpresa europeias, de índias que arranjavam novas amantes para seus maridos.

Mas entre os costumes devassos dos habitantes desse paraíso tropical, nada chocava mais os cristãos da época do que a prática do “pecado nefando”, “sodomia” ou “sujidade” – nomes então dados à relação homossexual [...] Tal horror era compreensível: para os europeus – católicos ou reformados – a sodomia inscrevia-se entre os quatro *clamantia peccata* (“pecados que clamam aos céus”) da Teologia Medieval. (TREVISAN, 2000, p. 65).

Relatos sobre diferentes tribos apontam que os autóctones não viam no “pecado nefando” nada de afrontoso, a ponto de contarem seus feitos abertamente; destacando ainda casos de índios que possuíam tendas em que se relacionavam com homens, estabelecendo alguma relação semelhante à prostituição masculina, certamente com sentidos outros, diferentes daqueles atribuídos pelos brancos. Em 1549, Manoel da Nóbrega relatou que muitos colonos tomavam índio como mulheres, “[...] seguindo os costumes da terra”. Trevisan relata ainda sobre o xingamento *tivira* (ou *tibirô*) utilizado entre os índios brasileiros, que, na língua tupi,

significa “homem de traseiro roto”. Apresenta também a existência, entre os índios guaicurus, de homens castrados que assumiam ocupações femininas, chamados *cudinas*. Para guaicuru-caduveos, os *cudinas* ou *cudinhas* (nomes designativos dos animais castrados) exerciam, nas tribos, o papel de prostitutas. No Nordeste brasileiro, entre os índios botocudos, os papéis de gênero não se demarcavam da forma como conhecemos, não eram demarcados pelas diferenças anatômicas, e sim por questões comportamentais, o que dava a designação de homens-mulheres e mulheres-homens. Por consequência, as noções de masculinidade e feminilidade não são tomadas da mesma maneira que eram na Europa.

Interessante pontuar que Peter Fry e Edward MacRae (1991) falam de tribos indígenas no Paraguai e nos Estados Unidos que apresentavam esta flexibilização acerca dos conceitos de gênero e de sexualidade. Os guaiáqui do Paraguai identificavam as funções da tribo através do arco e do cesto. Arcos para os homens, que se constituíam como sujeitos na caça. Cesto para as mulheres que se constituíam na coleta. Era vergonhoso para um gênero tocar em objetos do outro. Entretanto, os autores apresentam dois casos que nos ajudam a compreender este sistema. O primeiro refere-se a Chachubutawachugi, que não possuía arco e tampouco sabia caçar, que ao ficar viúvo não foi aceito por outros membros da tribo. Sem poder exercer o ofício designado ao seu gênero, teve de “pegar o cesto”. Tornou-se então um sujeito passível de deboche e menos respeitado pelos mais jovens. O segundo caso trata de Krembégi, que também não possuía interesse/habilidades na caça, contudo sua postura diante do fato foi diferente: deixou seus cabelos crescerem, vivia entre as mulheres, aprendeu a fabricar adornos e, além disso, gostava de relacionar-se com outros homens como o passivo da relação. Krembégi “atravessou” a fronteira do gênero, passando a ser lido na tribo como mulher, sem sofrer demérito de qualquer ordem. Os homens que com ele se relacionavam, sendo os ativos da relação, não tinham sua masculinidade questionada.

Entre os índios da América do Norte encontrou-se conceito semelhante às mulheres-homens e aos homens-mulheres:

Em muitas tribos indígenas, como entre os guaiáqui, era perfeitamente possível um homem se “transformar” em mulher e até casar com outro homem. Estas pessoas eram conhecidas como homens-mulher. Inversamente, mulheres também se transformavam socialmente em homens, também chegando muitas vezes a se casar com outras mulheres. São as mulheres-homens. Estes *berdaches*, como são chamados genericamente, como Krembégi, em geral eram bem aceitos e em muitos casos lhes eram atribuídos poderes excepcionais de cura e de profecia. (FRY; MACRAE, 1991, p. 37).

Entre tribos indígenas brasileiras do tempo colonial, a noção de magia e cura também

se vinculava às práticas sexuais com o pajé, como também à transferência de seus conhecimentos do místico e do oculto. Ademais, Trevisan descreve casos de mulheres indígenas que exerciam papéis, assim como eram entendidos pelos portugueses, masculinos, conhecidas como *tribades*. Tais mulheres utilizavam cabelos curtos, exerciam funções militares, podendo até mesmo se casar com outras mulheres, assumindo, em um tal relacionamento, todas as funções sociais devidas aos homens. Este comportamento das índias era interpretado pelos europeus como resultado da entrega dos homens à sodomia, “[...] resultado do paganismo e da frouxidão dos costumes” (TREVISAN, 2000, p. 68). Importante destacar que o pecado nefando era, normalmente, associado ao pecado maior da incredulidade ou da heresia, o que nos autoriza pensar que se estabelecia uma relação discursiva entre as práticas sexuais e a crença ou não na bíblia e na divindade, o pecado, dessa forma, tornava-se diretamente uma ofensa ao divino. Todas estas particularidades da vida sexual no Brasil colonial fundiram-se de tal forma às crenças europeias que afetaram as formas como os brancos viviam, aqui, a sua sexualidade.

Neste contexto devasso, opera-se uma metamorfose moral: suspende-se a culpa. Em sua famosa carta sobre a descoberta do Brasil, o escrivão Pero Vaz de Caminha comentava que as mulheres índias andavam com “suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha”. No século XVII, a partir de suas vivências no Brasil, o historiador holandês Caspar van Baerle [...] universalizou uma curiosa observação, que se tornaria paradigmática: *ultra equinoxialem non peccari* – “depois do equador, não há pecado”. Entre os estrangeiros aqui chegados nos séculos seguintes, criou-se um consenso não deliberado, ultrapassando os limites de nacionalidade e doutrina: parecia como se os trópicos colocassem os deveres morais cristãos entre parênteses e nada mais era proibido. Assim, a cidade do Recife tornou-se o maior centro de prostituição da América, no século XVII, durante o período holandês. (TREVISAN, 2000, p. 69).

A prostituição era muito presente na colônia, fosse em grandes cidades ou em vilarejos. Na Bahia e no Rio de Janeiro, era considerada incontrolável, ao ponto de damas portuguesas enfeitarem suas escravas para prostituí-las nas ruas. O clero brasileiro passou a ser conhecido como o mais desprezível, por envolver-se sem delongas com as práticas sexuais da colônia. A situação parece ter pouco mudado com a chegada do rei de Portugal, D. João VI, em 1808, tampouco com a independência em 1822, sob o regime de D. Pedro I, conhecido por ter muitas amantes, mesmo depois de casado com a arquiduquesa Dona Maria Leopoldina da Áustria. Neste caldo cultural entre europeus e autóctones, entra um terceiro elemento, advindo de um terceiro continente: os negros. Trazidos para o Brasil como escravos, arrancados de suas terras, de suas famílias e culturas, os africanos compõem a história do país como um todo. Calcula-se que, em 1584, num total de 60.000 habitantes do Brasil, 14.000 tenham vindo da África. “No

século XVIII, só o estado da Bahia passou a importar da África 25.000 indivíduos por ano” (TREVISAN, 2000, p. 115). Os escravos brasileiros exerciam as mais diversas funções que iam de afazeres braçais até sexuais. Era prática da época que os senhores se relacionassem com escravas, sendo também elas que iniciavam os filhos dos senhores de engenho. De igual modo era corrente que os meninos brancos, na submissão dos meninos negros de sua idade, se iniciassem nas práticas sexuais. Nesta sociedade tão marcada pelo sexo, dava-se importância especial ao falo, justificando que patriarcas mandassem espionar os pretendentes de suas filhas, a fim de saber o tamanho de seu pênis, caso contrário não permitiam o casamento. Tal preocupação afetava, inclusive, a escolha de escravos negros: aqueles que eram considerados mal dotados ou malformados, eram tidos como escravos pouco viris. As doenças venéreas encontraram terreno fértil nesta cultura altamente sexual e pouco atenta a questões de higiene ou de saúde pública. A sífilis

[...] tornara-se a doença brasileira por excelência, tanto na casa-grande quanto na senzala. Era transmitida pelos senhores às escravas e destas para os filhos dos senhores – tanto durante a amamentação dos bebês, quanto da iniciação sexual dos mocinhos brancos, já que as mucamas negras cumpriam ambas as funções, em diferentes épocas da vida. (TREVISAN, 2000, p. 117).

Ao redor da sífilis, toda uma relação simbólica sobre a vida sexual dos homens se estabeleceu. As marcas corporais da doença foram significadas como marcas de virilidade, como uma prova de um desenvolvimento ativo da sua masculinidade, evidenciada na pele em razão da intensa vida sexual. Aqueles que não apresentavam tais marcas eram motivo de deboche, pois seriam menos viris. Nesta amalgama sexual, o catolicismo reinava como religião dominante. Terços, rezas, santos, relicários, medalhas, igrejas, procissões compunham o mundo simbólico dos brasileiros deste tempo, marcados pelas doenças venéreas. Como Trevisan aponta, “[...] dentro das casas, faziam-se orações pela manhã, à hora das refeições e à noite, no quarto dos santos; a essas obrigações compareciam indistintamente os senhores, seus familiares, agregados e escravos. Havia orações para tudo” (TREVISAN, 2000, p. 118). Neste clima sacro-profano, o Brasil vivia entre os prazeres do sexo e as rezas do divino.

Como esperado, em tempos de Reforma, a igreja católica reagiu e a Inquisição ergueu seu bastião de “purificação”. O Tribunal do Santo Ofício começa a funcionar em Portugal em 1536, permanecendo em atividade até 1765. Em razão da escassa documentação acerca da presença da Inquisição nas colônias portuguesas, admite-se que a primeira visita tenha sido feita em 1591 na Bahia. Entretanto, o poder da Inquisição na colônia portuguesa se estende até 1821, quando ela é oficialmente extinta. Durante os processos de visitação da Inquisição, o clima

“leve e sem pecado” do Brasil transformava-se em um clima de tensão e preocupações constantes. O funcionamento dos processos inquisitoriais se instaurava dentro de determinadas etapas. O Tempo de Graça era o período de algumas semanas em que os pecadores poderiam assumir suas culpas e confessar-se diante do Tribunal, tendo suas penas atenuadas. Era também o período de obrigação das delações: todos eram responsáveis pelas condutas individuais. Aquele que estivesse a par de um crime religioso e não denunciasse, era também passível de punição.

Feitas as denúncias, iniciavam-se as confissões dos culpados, com auxílio dos assim chamados *familiars*, que eram pessoas contratadas pelo Tribunal especialmente para levantar informações e descobrir suspeitos. Para os interrogatórios, os inquisidores usavam listas já prontas, que continham 71 tipos de delitos, dentro dos quais podiam ser enquadrados duzentos tipos de réus. (TREVISAN, 2000, p. 131).

Pessoas de todas as camadas sociais eram afetadas pelos tribunais da Inquisição, que se preocupava, sumariamente, com os delitos relacionados à fé católica e aos seus dogmas, mas julgava, também, crimes contra a moral e os costumes. A sodomia encaixava-se em um delito contra a fé, recebendo pesadas punições que poderiam chegar a pena de morte. A história das práticas sexuais no Brasil é, em parte, atravessada por este clima de insegurança, incerteza, desconfiança e pecado.

A partir da terceira década do séc. XIX, o Estado liberal e civilizador sentia a necessidade de prolongar seu controle social. Trevisan (2000) aponta que a conscientização da incapacidade da família patriarcal de proteger seus membros provocou o Estado a agir sobre este núcleo social, usando de prescrições científicas dos campos da saúde e da educação. O processo de higienização se instaura desde o viés da medicina, imiscuindo-se na família. “Partindo da ideia de um corpo saudável, fiel aos ideais de superioridade racial da burguesia branca, criavam-se rigorosos modelos de boa conduta moral, através da imposição de uma sexualidade higienizada” (TREVISAN, 2000, p. 172). Estabelecem-se vínculos entre o casamento e a fidelidade, reforçados pelo direito ao prazer sexual dentro do casamento: vinculação necessária para superar a sexualidade extraconjugal a fim de diminuir a alta incidência de doenças venéreas. Tais ideais circunscreviam-se em um discurso de superioridade patriótica, a qualidade do Brasil passava a depender da qualidade da “nova família” que se instituía, moral e socialmente delimitada. A masculinidade e a feminilidade entrelaçam-se nos conceitos de paternidade e maternidade, dando liberação à medicina para identificar os anormais – aqueles e aquelas que desviavam da norma: “[...] os libertinos, celibatários e homossexuais, tidos como cidadãos irresponsáveis e adversários do bem-estar biológico-social,

à medida que desertavam do supremo papel de homem-pai” (TREVISAN, 2000, p. 173). Aqui os celibatários não são os religiosos, mas sim aqueles que permaneciam solteiros.

A medicina passa a atribuir sintomas para estes sujeitos que, em razão do seu afastamento do normal, faziam-se passíveis de doenças físicas e psíquicas. Desta trindade de degenerados, o homossexual era o mais grave, por refutar sua “vocação natural de homem”. Este novo momento do discurso sobre o sexo, agora desde o viés da sexualidade, demandava uma nova figura. Não mais se falaria do sodomita; mas, do pederasta. Aquele que se efeminara, que não exercera sua disposição viril de forma adequada, levando-o a este “vício degradante”. O pederasta passa a ocupar espaço duplo no discurso da medicina: era desvio a ser catalogado, mas também a ameaça diante do desrespeito à norma. O homem que desrespeitasse seu lugar e as funções da masculinidade corria o iminente risco de degenerar-se. Parece instaurar-se uma espécie de pânico moral no imaginário dos sujeitos, que são responsabilizados individualmente pela sua não padronização comportamental dentro das regras estabelecidas do que significa ser homem.

Se o padrão higiênico-burguês colaborou para extinguir os bestiais castigos do período colonial, também é verdade que cobrou seu preço, ajudando a criar um cidadão auto-reprimido, intolerante e bem-comportado, inteiramente disponível ao Estado e à Pátria. A nova ordem que a normatização higiênica instaurou utilizava o cientificismo para exercer um *controle terapêutico* que substituísse o antigo *controle religioso*. Ao se distanciar progressivamente do universo da lei (secular ou religiosa), a ideologia higienista colocava seus referenciais no terreno da norma científica. Agora, os cidadãos deviam obediência menos a Deus do que ao médico. E, em lugar do dogma cristão, passou a imperar o padrão da normalidade. Por essa brecha é que a psiquiatria pode entrar, para aprimorar o controle da ciência sobre pessoas com prática sexual considerada desviante. (TREVISAN, 2000, p. 175).

Com o avançar da sexologia e o aprofundamento do domínio da psiquiatria sobre o campo do sexo, os dispositivos jurídicos utilizam-se da medicina legal para vincular os desviantes definitivamente ao campo da saúde mental. O pederasta se transforma no doente, não apenas no anormal, o que implica um olhar outro sobre este sujeito que “[...] não era mais culpado por transgredir a norma, o que significava a sua inimizabilidade, do ponto de vista jurídico” (TREVISAN, 2000, p. 177). No direito criminal, surgem as abordagens fundamentadas na psiquiatria, alertando para o crescimento da pederastia e para as práticas do “onanismo anal com mulheres, do coito antinatural”.

Foucault aponta este movimento de organização do discurso científico através da absorção de marcas do discurso religioso. Ao tratar da questão da confissão, aponta como os mecanismos médico-legais do dizer, da constituição da noção de uma realidade verdadeira a ser descortinada, penetram na sociedade, transformando sua lógica de funcionamento. Das

mãos da Igreja para as mãos da Medicina, o sexo reconfigura-se. Se antes era objeto de controle moral, passa a ser objeto de estudo científico, o que implica em profundas reformulações na concepção das práticas sexuais, do prazer (seria ele do corpo ou do espírito?) e dos sujeitos.

6. SEXTO SEGREDO: É PRECISO UM CAMINHO

Todo caminho leva a algum lugar. Ao longo do trajeto, o caminhante irá se deparar com bifurcações, novas veredas, novos andares. Para que lado seguir? Para onde levar seus passos? Seguir ou parar? Estas escolhas definem não apenas o percurso, mas as reverberações que a viagem terá sobre o próprio peregrino. Em alguns casos, um beco sem saída se mostra à frente. Nova escolha é demandada. Se o desejo insistir, é preciso decidir: retomar os passos? Abrir um caminho onde não há passagem? Ou fazer do aparente limite o próprio lugar da exploração? Seja qual for a escolha, o viajor perceberá outros elementos e outros matizes não vistos anteriormente. Mesmo que retome seus passos, a fim de tomar caminho outro, seu olhar já foi transformado pela experiência. O caminhar sempre transforma o andarilho.

Aquele que caminha, constrói, na movência, um estado de permanente mutação – e, por isso, seu olhar é sempre mais inquiridor, mais perscrutador, mais inquieto. Constitui-se um tal estado de espírito investigativo que as ferramentas de apreensão do mundo e de si mesmo são afinadas. Neste afinar dos instrumentos é que se dá a transcendência do viajante, que, pelo caminhar, se faz mais do que ele próprio é como sujeito empírico. Expande as fronteiras de si mesmo e consegue apreender além delas. Na transcendência do caminho, o peregrino se deixa afetar. No caso de um analista de discurso, transcender exige, por exemplo, compreender que os sentidos sempre podem ser outros – e aqui não se trata de uma mera compreensão do conceito pecheuxtiano: é preciso encharcar-se deste/neste entendimento para que, no exercício da metodologia de pesquisa, se sinta, na materialidade do corpo e da alma, que o sentido sempre pode ser outro. A transcendência do caminhar – ou, dito de outra forma, a constituição do sujeito científico através da metodologia – implica fazer do corpo lugar de reverberação da compreensão: os conceitos ressoam dentro do viajante e são eles que matizam sua forma de interpretar o que analisa.

O “transcender do caminhar”, que aqui proponho, não significa superação da própria realidade de tal forma que o sujeito-investigador/viajor esteja apartado da sua história e, por isso, se torne onipotentemente capaz de tudo analisar sem implicações. Muito pelo contrário. A transcendência é exatamente o reconhecimento e a tomada de consciência das afetações que a história de cada um borrija sobre a pesquisa que o sujeito se propõe a fazer. Transcender é assumir a si mesmo como sujeito da e na história, assumir-se como sujeito ideológico, reconhecendo que todo fazer deste tal sujeito, tão afetado pelo seu “tempo e lugar” no mundo, não poderia ser neutro. Este reconhecer resulta no entendimento de quatro características gerais apresentadas por Minayo (2007) ao tratar das Ciências Sociais: 1) o objeto das Ciências Sociais

é histórico; 2) este objeto possui consciência histórica; 3) existe uma identidade entre sujeitos e objeto de pesquisa; 4) as Ciências Sociais são intrínseca e extrinsecamente ideológicas. Dessa forma, a pesquisa que proponho fazer é profundamente afetada pela minha constituição como sujeito histórico-social. Ela é matizada por todos os marcadores que me constituem como sujeito (homem, branco, gay, pedagogo, gaúcho, mestrando em educação, analista de discurso pecheuxiano etc.), da mesma forma que será afetada ao entrar em contato com as especificidades dos colaboradores desta pesquisa. Como colocam Lüdke e André (1986, p. 3), “[...] é importante lembrar que, como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador”.

Sendo a metodologia “[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MINAYO, 2007, p. 14), as escolhas do viajor devem costurar-se aos objetivos do empreendimento. Por vincular-se ao trabalho de Michel Pêcheux, a proposta que aqui se apresenta só poderia se configurar como um estudo qualitativo, tendo em vista que é nesta modalidade de estudo que se trabalha “[...] com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” de um nível da realidade que “[...] não pode ou não deveria ser quantificado” (MINAYO, 2007, p. 21). A AD não intenta quantificar eventos ou fatos, seu desejo é compreender os processos discursivos, portanto, como os sentidos são produzidos, como os gestos de interpretação dos sujeitos ressoam sobre a realidade, possivelmente transformando-a, como colocou Kosík (2010). Corroboram, ainda, Gerhardt e Silveira (2009, p. 32) quando apontam que:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.

A produção de dados envolveu entrevistas individuais realizadas com os/as colaboradores da pesquisa, sendo registradas com gravador de voz e posteriormente transcritas. No intento de abordar as experiências de vida de pessoas LGBTQ+, parece inevitável que, em algum momento, pontos sensíveis das histórias dos/das participantes apareçam. Tal situação se deu no questionário virtual realizado no trabalho de conclusão do curso de graduação. A décima questão, que convidava o respondente a compartilhar um pouco de sua experiência de vida, relacionando-a ao fato de ser LGBTQ+, foi acompanhada por um silêncio por parte dos respondentes. O que me convocou a empenhar especial atenção ao momento de pensar sobre o

espaço de escuta discursiva a ser constituído na etapa da interação com os interlocutores e, depois, na análise de seus dizeres.

Acredito que a entrevista qualitativa pode ser um espaço potente que permite ao participante explicar com tranquilidade e tempo os pontos que enuncia da própria trajetória. Este momento de entrevista é uma entrega genuína do sujeito entrevistado – ele se revela através dos ditos e dos não-ditos. Sua história (uma parte e um lado dela) é pouco a pouco encenada pelo tecer das palavras e dos silêncios, sejam eles escolhidos ou escapes para enunciar a si mesmo. Com o foco que escolher, enunciará seu próprio interpretar do mundo. Compreendo que, diante de tal entrega, compete-me uma escuta sensível e integral, que se dedique com afeto e respeito. Acredito imprescindível uma abordagem profundamente cuidadosa com os sujeitos colaboradores a serem entrevistados por mim. Como coloca Gaskell (2002, p. 75),

Fundamentalmente, em uma entrevista em profundidade bem-feita, a cosmovisão pessoal do entrevistado é explorada em detalhe. Embora tais pontos de vista pessoais reflitam os resíduos ou memórias de conversações passadas, o entrevistado possui o papel central no palco. É a sua construção pessoal do passado. No decurso de tal entrevista, é fascinante ouvir a narrativa em construção: alguns dos elementos são muito bem lembrados, mas detalhes e interpretações falados podem até mesmo surpreender o próprio entrevistado. Talvez seja apenas falando que nós podemos saber o que pensamos.

Trabalhando com AD, reconheço que “[...] resíduos ou memórias de conversações passadas” não se tratam de um “embora” – são condições da possibilidade do dizer. O sujeito, para poder dizer, recorre à memória, ao interdiscurso, o que torna ainda mais fascinante a escuta dos entrevistados. Sigo a classificação de Minayo (2007, p. 64), apontando que foi realizada uma entrevista semiestruturada, “[...] que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão [...]”. A entrevista individual foi organizada em três momentos, como disposto abaixo:

MOMENTO 1 – ORIENTAÇÕES INICIAIS

- 1) Apresentação do pesquisador e da temática da pesquisa.
- 2) Entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) em duas vias, uma das quais fica com o participante, contendo a assinatura do participante, a do pesquisador e a da orientadora do trabalho.
- 3) Garantia do anonimato e sigilo das informações, esclarecendo que o participante não terá sua identidade revelada durante a pesquisa ou depois de ela ser concluída.

MOMENTO 2 – PRODUÇÃO DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

1) Levantamento das informações: idade, gênero e sexualidade com o qual o/a participante se identifica, pronome com o qual deseja ser referenciado, cidade de nascimento e residência, formação acadêmica, situação profissional.

MOMENTO 3 – ENTREVISTA

Nesta etapa, de realização da entrevista propriamente dita, fez-se uso de algumas perguntas para nortear a conversa, no intento de atingir os objetivos estabelecidos para este trabalho. Tais perguntas, entretanto, são tópicos de conversação a fim de permitir a possibilidade de outras indagações. Algumas delas foram esboçadas previamente e foram chamadas de *pergunta-reação*, que ocorreram, ou não, na medida do desenvolver da conversação. A própria formulação das questões sofreu alterações a fim de adequá-las a um tom mais coloquial e mais propício a uma conversação. A seguir apresento as perguntas norteadoras e algumas possibilidades de *pergunta-reação*.

<i>Pergunta Norteadora 1</i>	<i>Pergunta-reação 1</i>
<i>Tomando como referência a sua experiência de vida, o que significa ser um/uma homem/mulher/pessoa gay/lésbica/bissexual/pan...?</i>	<i>Tomando como referência a sua experiência de vida, o que significa ser LGBT+?</i>
<i>Pergunta Norteadora 2</i>	<i>Perguntas-reação 2</i>
<i>Quais momentos da sua experiência de vida, você considera marcantes?</i>	<i>Por que você considera este momento marcante? O que neste momento fez com que ele viesse à sua mente agora? Que sentimentos estão presentes nestes momentos marcantes?</i>
<i>Pergunta Norteadora 3</i>	<i>Perguntas-reação 3</i>
<i>Imagine que você está diante do seu “eu-criança”. O que você diria, ou que conselhos daria, para esta criança?⁵⁷</i>	<i>Quantos anos o seu “eu-criança”, a quem você deseja se reportar, tem? Como era a vida dele naquele momento? Por que você escolheu este momento?</i>
<i>Pergunta Norteadora 4</i>	<i>Pergunta-reação 4</i>
<i>Agora imagine que o seu “eu do futuro” veio falar com você. O que você gostaria que ele lhe dissesse?</i>	<i>Como você gostaria que a sua vida estivesse no momento do seu “eu do futuro”? Com quantos anos ele está?</i>

A pergunta norteadora 1 adequa-se à identidade de gênero e orientação sexual do/da

⁵⁷ Esta questão foi inspirada no *reality show* norte-americano *Rupaul’s Drag Race*. Nele a *drag queen* apresentadora do programa, RuPaul, pergunta às participantes finalistas o que diriam caso se encontrassem com suas “versões criança”.

participante. Seu intento foi dar destaque às experiências de vida do colaborador da pesquisa, como ele/ela as interpreta. Em um primeiro momento de planejamento da entrevista, a pergunta inicial seria “O que significa ser LGBT+?”. Esta questão, entretanto, passou a ser considerada uma pergunta-reação por compreender que o uso do termo LGBT+ remete a comunidade, a grupo, o que poderia deixar em segundo plano as experiências do sujeito respondente. De igual forma, é preciso considerar que algumas pessoas não se sentem representadas pela sigla/comunidade, o que poderia gerar apagamentos das experiências destes sujeitos. A pergunta-reação teve como desejo aproximar sentidos de experiência pessoal de uma sexualidade não normativa, com os possíveis sentidos atribuídos pelo respondente ao conceito de comunidade. Ser LGBT+ é a mesma coisa que ser um homem gay ou uma mulher lésbica?

A pergunta norteadora 2 tentou focar a narração em experiências de vida do participante. Que momentos são escolhidos para serem narrados? Por que este e não outro? Que sentimentos envolvem esta lembrança, este momento? Que relações estes momentos têm com o fato de que o respondente é um sujeito não-heterossexual? As perguntas-reação tiveram por objetivo aprofundar as ideias do participante sobre aquilo que achou relevante compartilhar. As perguntas norteadoras 3 e 4 propuseram uma projeção imaginativa convidando o sujeito a “deslocar-se no tempo”. A escolha do momento a que irá se reportar e pelo qual foi interpelado, vindo do futuro, foram questões provocativas. Por que este momento foi visitado no passado ou por que aquele momento se tornou o visitado no futuro? Que expectativas para o amanhã escapam de seu dizer tendo em vista o passado e presente deste sujeito?

Foram utilizados durante a entrevista dois disparadores. O primeiro disparador, apresentado no início da conversa, é a música *I Know Where I've Been*⁵⁸ apresentada no seriado *Glee*⁵⁹, criado e produzida por Ryan Murphy, Brad Falchuk e Ian Brennan. A cena, que ocorre na sexta temporada, no episódio sete, é liderada pela personagem trans Unique (interpretada pelo ator Alex Eugene Newell) e conta com a presença de um coral, composto unicamente por pessoas transgênero. Este episódio, nomeado *Transitioning*, tematiza a transição de gênero passada pela treinadora do time de futebol americano da escola, Shannon Beiste, que se reconhece como um homem transgênero. *I Know Where I've Been* é uma das músicas principais do musical *Hairspray*, que se passa nos Estados Unidos da década de 60 e que tematiza a superação de preconceitos e a busca pelos sonhos. O trecho passado para os participantes mostra o momento de performance da canção, com legendas em português. A letra original e uma

⁵⁸ O vídeo pode ser visto no *Youtube*, no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Bw2g_LOwTJA>

⁵⁹ O seriado *Glee*, é uma comédia musical, produzida pela Fox. Conta com 6 temporadas, foi transmitido para mais de 60 países entre 2009 e 2015.

tradução livre seguem:

I Know Where I've Been

There's a light in the darkness
Though the night is black as my skin
There's a light burning bright
Showing me the way
But I know where I've been

There's a cry in the distance
It's a voice that comes from deep within
There's a cry asking why
I pray the answer's up ahead, yeah
'Cause I know where I've been

There's a road we've been traveling
Lost so many on the way
But the riches will be plenty
Worth the price, the price we had to pay

There's a dream in the future
There's a struggle that we have yet to win
And there's pride in my heart
'Cause I know where I'm going, yes, I do
And I know where I've been, yeah

There's a road we must travel
There's a promise we must make
But the riches will be plenty
Worth the risk and the chances that we take

There's a dream in the future
There's a struggle that we have yet to win
Use that pride in our hearts to lift us up to
tomorrow
'Cause just to sit still would be a sin

I know it, I know it, I know where I'm going
Lord knows I know where I've been
Oh, when we win, I'll give thanks to my God
'Cause I know where I've been

Eu sei onde andei

Há uma luz na escuridão,
Apesar da noite ser negra como minha pele
Há uma luz acesa que brilha me mostrando o
caminho
Mas eu sei por onde estive

Há um grito ao longe
É uma voz que vem de dentro
Há um grito pedindo por isso, peço-te a resposta à
frente, sim. Porque
"Eu sei onde eu estive

Há um caminho que tenho viajado
perdido tantos a caminho
Mas as riquezas serão em abundância
Vale o preço, o preço que teve que pagar

Não é um sonho no futuro
Há uma luta que ainda temos de ganhar
E há orgulho em meu coração. Porque
'Eu sei para onde estou indo, sim, eu faço
E eu sei onde eu estive, sim

Há um caminho que deve viajar
Há uma promessa que deve fazer
Ah, mas as riquezas, as riquezas serão em
abundância
Vale os riscos e as chances que nós tomamos

Há um sonho no futuro
Há uma luta que ainda temos de ganhar
Use esse orgulho em nossos corações para nos
levantarmos amanhã
Porque só para ele ainda seria um pecado

Eu sei, eu sei, eu sei onde estou indo
O Senhor sabe que eu sei onde eu estive
Oh, quando ganhamos, eu vou dar graças a meu
Deus.
Pois eu sei onde eu estive

O segundo disparador, apresentado no meio da entrevista, antes da proposta de realizar projeções do passado e do futuro, foi uma cena do seriado *Sex Education*, da Netflix. O recorte faz parte do sétimo episódio da primeira temporada da série e apresenta o personagem Erick Effiong (interpretado por Ncuti Gatwa) – adolescente negro, gay, que tensiona a cisgeneridade

através de suas roupas – em diálogo com seu pai (interpretado por Deobia Oparei). Na cena, Eric, após sofrer uma reviravolta emocional em razão de ser violentado por homofóbicos, resolve ir ao baile do colégio, vestindo um terno com estampas africanas, maquiagem dourada, batom, turbante, brincos, unhas pintadas e salto alto. Seu pai o segue, perguntando se o filho tem certeza de querer ir ao baile vestindo tais roupas. Eric reafirma sua decisão, o pai, por sua vez, fala do medo que sente pelo filho que “mostra-se demais”. Eric argumenta que o medo paternal não o protege, apenas o enfraquece. Mr. Effiong exalta a coragem do filho, apontando que está aprendendo com ele. A cena pode ser vista na plataforma *Netflix*, como também – porém sem legendas – no *Youtube*⁶⁰. Estes disparadores foram escolhidos em razão da sua densidade emocional, da possibilidade de identificação e exploração durante as entrevistas.

⁶⁰ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=hxpn6_kPsb8 >

7. SÉTIMO SEGREDO: AS VOZES DAS LUAS

No firmamento quatro luas. Quatro símbolos que despontam no céu noturno. Cada fase com seus sentidos, com suas reverberações e afetações. Nenhuma delas, entretanto, desconectada da outra: as fases, que momentaneamente se foram, constituem o dizer da fase vigente, na medida em que ela deixa de ser o que um dia foi (contraditoriamente, sem deixar de sê-lo totalmente) para ser coisa-outra (que sempre guarda um pouco do que se supõe esmaecido), antecipando o dizer logo a seguir. Os quatro sujeitos participantes dessa pesquisa entrelaçaram-se como o ciclo lunar – sem um único começo, sem um fim, cambiando constantemente, transicionando – deslizando. Sujeitos do intervalo, da não-fixidez, da movência. Compuseram esta pesquisa **Lua Nova**, **Lua Crescente**, **Lua Cheia** e **Lua Minguante** – nomes escolhidos para preservar as identidades dos colaboradores da pesquisa. Nomes que, também, pareceram encontrar ressonância nos sentidos atribuídos a essas fases da lua, no simbolismo pagão.

A **Lua Nova** é aquela que se dispõe a iniciar novos projetos, a transformar, a trazer mudanças, invocar novos começos. Sob a sua regência, o novo e o inesperado surgem, emergem, principiam. Representa o momento de novas jornadas, novas aventuras, novos projetos. A **Lua Crescente**, por sua vez, traz a expansão, o crescimento, a nutrição, o fortalecimento. Após a organização das novas possibilidades, é momento de materializar, de corporificar essas experiências. A **Lua Cheia** é a fase da completude, da realização, dos sonhos, do romance. É o “ciclo de plenitude” que, entretanto, traz em suas fronteiras, ao mesmo tempo, o crescimento que levou até ela e a eminente decaída que a espreita. A **Lua Minguante** simboliza o declínio, a morte que antecede a vida nova: é tempo de silêncio, de quietude, de avaliação. Ela tem uma simbologia complexa, pois não significa a morte como fim absoluto e sim como repouso, como tempo de reorganização. Simbolizando a Anciã, a Sábia, apresenta as características da introspecção, da limpeza, da libertação dos excessos. E o ciclo recomeça, deslizando sentidos, possibilidades, indo e vindo, agregando e desagregando. Há, ainda, no paganismo, um quinto momento – a Lua Negra. Refere-se aos três dias que antecedem a Lua Nova. Nesse momento, nenhuma lua é visível no céu, é momento de cautela no agir e no pensar. Representa a Senhora do Submundo, traz reflexões e poder de confrontarmos os medos e as sombras que margeiam as experiências humanas. Conhecedora dos mistérios da vida e da morte, a Lua Negra representa a lembrança da nossa finitude, da relação indispensável do criar e destruir como catalisador do recomeçar.

Este movimento de deslocar-se pode ser visto na forma como os sujeitos LGBTQ+ desta

pesquisa produziram sentidos acerca de suas experiências. Alegrias e dores, encantamentos e sofrimentos, revolvendo-se, disputando espaço no dizer, na dominância dos sentidos. Sombras e medos tornando-se catalisadores de criação, renovação e questionamento – no dizer deles: de “liberdade” de que escapam sentidos de transgressão, coragem, estilhaçamento do estabilizado na norma. A tal liberdade, aqui referida, não se trata de libertação absoluta, o que é impossível desde a perspectiva da AD, afinal para fazer-se sujeito é preciso assujeitar-se, inscrever-se em uma formação discursiva que permita o sentido “fazer sentido”. Para a AD, há resistência, brechas, fissuras, erosão do estabilizado que, sempre atualizado, sempre retorna na forma de outro... não, liberdade. “Liberdade” se constitui, assim, como sintagma importante para esta pesquisa, sintagma enunciado desde posições ideológicas assumidas pelos sujeitos entrevistados, sintagma de que escoam sentidos diversos que deixam vestígios sobre as formas como estes sujeitos produzem sentidos – o que pode ser reconhecido em sequências discursivas como as recortadas do *corpus* empírico e apresentadas a seguir:

Lua Nova	(<i>Após disparador 1</i>) Nossa, é... eu me emocionei... porque vem de encontro com... essa vida que eu escolhi... onde eu ainda não me sinto totalmente livre pra... abrir... totalmente... [grifos meus]
Lua Crescente	[...] Quando eu fiquei com meu noivo ah... eu fiquei muito feliz evidentemente, mas a maior sensação de todas era de que... é... tinha conquistado, digamos assim, uma liberdade . Então tipo, era uma coisa que eu queria fazer há muito tempo, eu nunca tinha ficado com outro cara...e... foi justamente dessa primeira vez e daí eu fiquei com ele esse tempo inteiro. Então foi essa sensação de... de liberdade , de ter consigo fazer uma coisa que eu queria fazer há muito tempo. [grifos meus]
Lua Minguante	[...] primeiramente, eu vivencio essa identidade e essa expressão por uma questão de liberdade , eu me sinto livre ... ah... me identificando dessa maneira e me expressando assim. [...] assumir essa identidade travesti não-binária, entendeu, e assumir essa feminilidade em mim, porque... isso me libertou de alguns armários, assim sabe? Eu sempre me sentia preso (sic). [...] Então viver como travesti não-binário (sic) pra mim é muito libertador . [grifos meus]
Lua Cheia	[...] eu acho que quando... eu pude falar de... relacionamentos ou de alguma atração por outro cara dentro de casa. Sabe? [...] isso é uma coisa que todo LGBT passa assim, como que é dentro de casa assim, do âmbito mais assim, né fechado da tua vivência assim, né... Tu poder ser livre dentro da tua própria casa quando tu ainda mora com teus pais, por exemplo, é algo que... é emancipador, assim. [grifos meus]

Mobilizando os conceitos de *falta*, *excesso* e *estranhamento* (ERNST-PEREIRA; MUTTI,

2011), é possível se aproximar do sintagma “liberdade”, e de verbetes correlatos (nesse caso, as palavras “livre” e “libertador”), desde o viés do *excesso*. Considero, aqui, que,

[...] numa dada conjuntura histórica frente a um dado acontecimento, aquilo que é dito demais, aquilo que é dito de menos e aquilo que parece não cabe ser dito num dado discurso, constitui-se numa via possível, mesmo que preliminar e genérica, de identificação de elementos a partir dos quais poderão se desenvolver os procedimentos de análise do *corpus* [...] (ERNST-PEREIRA; MUTTI, 2011, p. 827).

O item lexical “liberdade” foi enunciado em 9 SDs e “livre” irrompeu 10 vezes no discurso dos interlocutores desta pesquisa. Em função desse dizer demais, produzi uma nuvem de palavras que permite perceber não apenas esse *excesso*, mas com que outras palavras “liberdade” (e “livre”) se enlaça com maior frequência:

Figura 14 - "Liberdade" e seus arredores discursivos



Fonte: material elaborado pelo pesquisador durante reunião de orientação

O que leva estes sujeitos a falar tanto em liberdade? O que faz com que este sintagma seja tão indispensável? Que ele constitua tanto os dizeres destes sujeitos? Esta “liberdade”, que habita um devir-desejoso (“hei de ser **livre** quando...”), que habita a fronteira (“é **libertador**, porém...”), que marca etapas da vida (“senti-me **livre** no momento em que...”), irrompe no discurso dos sujeitos entrevistados dada a provável necessidade de fixação deste efeito de sentido como possível – ou, ademais, necessário – para os sujeitos LGBT+. Constitui-se num “[...] acréscimo necessário ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreporem” (ERNST-PEREIRA; MUTTI, 2011, p. 830). Tal necessidade de acréscimo aponta para o sentido de uma

fragilidade, de algo periclitante, não consolidado, não sedimentado. Dito de outra forma, um efeito de sentido que constantemente é tensionado. Cabe, nesse caso, indagar que sujeitos são estes que vivem uma liberdade tão frágil? Quem, ou o quê, ameaça constantemente esta liberdade? Por que, para estes sujeitos (os/as LGBT+), a liberdade é um efeito de sentido tão indispensável ao enunciar suas histórias? Por que precisa ser excessivamente enunciado? Sua presença indica o conflito das forças que se materializam nas relações sociais – situando, de um lado, a tradição, a contenção das possibilidades de viver a sexualidade e o afeto de formas não-heterossexuais, e, de outro lado, os desejos, pulsões de afeto, de prazer, de vivência, de experimentação, de possibilidades outras.

Enunciar este sintagma (e seus correlatos) constantemente funciona como uma interpelação, um lembrete, um incômodo social. É como se as quatro **Luas** dissessem: “Por que ainda não posso ser livre? Por que ainda não posso viver com tranquilidade?”. Tal funcionamento aponta na direção da memória das vidas e lutas LGBT+: a possibilidade de viver livre existe no *já-lá*. Já ocupa lugar e produz sentido na história desta comunidade. Ela aproxima a atualidade, onde ser livre ainda é uma problemática a ser pensada, de diversos momentos históricos em que ser “livre” passou a ser um sentido possível para “pessoas não-heterossexuais”. Como **Lua Nova** diz: “[...] eu **ainda** não me sinto totalmente livre pra... abrir... totalmente [...]” [grifo meu]. O advérbio de tempo “ainda” não fala só por Lua Nova. Se, dito por ela, desde suas condições de produção, indica uma afirmação: “Não me é possível neste momento, mas espero que seja no futuro!”, considerado desde o interdiscurso, “ainda” transforma-se em uma pergunta a ela direcionada: “Você ainda não se sente totalmente livre?” que poderia ser seguida de outra questão: “Por quê?”. Seria como um momento de encontro entre todos aqueles e aquelas que lutaram pelos direitos LGBT+, ecos do presente e do passado revelando sentidos em conflito: liberdade e opressão enlaçados à esperança que não se faz na espera, mas no esperar, no sentido de “esperançar” que ecoa de “ainda”, se impondo como insistência em resistir, insistência em existir. Sob certo aspecto, no “ainda” escuto vozes de Franz Fanon (1967, p. 168), em **Os Condenados da Terra**, quando este autor, atravessado por dizeres da psicanálise lacaniana, ao falar sobre o desejar, adverte que:

No momento em que desejo, estou pedindo para ser levado em consideração. Não estou meramente aqui-e-agora, selado na coisitude. Sou a favor de outro lugar e de outra coisa. Exijo que se leve em conta minha atividade negadora na medida em que persigo algo mais do que a vida e na medida em que batalho pela criação de um mundo humano que é um mundo de reconhecimentos recíprocos.

Nessa correlação de forças, nessas margens entre liberdade e opressão, a resistência mostrou

possibilidades outras de produção de sentidos, em que os sujeitos produzem valores outros, que se contrapõem à normatividade e que, mais ainda, trincam sua lógica nessa busca para que sejam levados em consideração a partir de um lugar de reconhecimento recíproco. Apesar dos diferentes caminhos tomados nas entrevistas, diferenciação própria do método de produção de dados, destacou-se o convergir de alguns sentidos. Similitudes se estabeleceram ao redor dos termos “liberdade pessoal” e “inferno social”. Sobre tais termos, similitudes e antagonismos, falaremos a seguir.

Participaram da pesquisa dois homens gays, uma mulher bissexual e uma travesti não-binária que se identificou como pansexual, com idades variantes de 20 a 50 anos. Todos residem em Porto Alegre e possuem formação que abrange do ensino técnico ao mestrado.

O trabalho de análise, a partir das concepções pecheuxtianas, possui características artesanais: podemos encontrar semelhanças, porém nunca dois gestos analíticos iguais. Isso se dá em razão da natureza dialética da proposta da AD – na medida em que nos aproximamos do material coletado, constituímos um *corpus*, somos por ele provocados a repensar o dispositivo de análise. Estabelece-se uma espécie de dança em que bailamos do *corpus* à teoria, da teoria ao *corpus*, num *continuum* de afetações, de batimentos, de transformações. Como coloca Orlandi, “[...] a construção do *corpus* e da análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas” (ORLANDI, 2012, p 65.). É preciso dessuperficializar o *corpus*, ir além da materialidade linguística a fim de compreender as propriedades discursivas que se operacionalizam neste ou naquele dizer, os processos discursivos.

Nesse ir e vir, a surpresa nos toma. Durante a realização das entrevistas, questionamentos diversos se impuseram, aos moldes daqueles feitos por Pêcheux (1993), ao pensar a questão das formações imaginárias: quem sou eu para lhes fazer estas perguntas? Quem sou eu para lhes questionar sobre as suas experiências de vida? O que eu espero que esta pessoa diga de suas vivências, tendo em vista as formações imaginárias que eu construo sobre o que penso saber delas? Que vivências serão narradas? Quais considerarei relevantes ou impactantes? Quem são eles para que eu assim lhes questione? O reverso, da parte dos entrevistados para o entrevistador, também se aplica: quem é ele para que me faça tais perguntas? Quem sou eu para respondê-las? O que ele, como pesquisador, deseja que eu diga? O que eu, como entrevistador, deveria ou desejo dizer? O que será relevante que seja dito? O que será desconsiderado? Tais indagações permeiam o processo da entrevista, sendo direta ou indiretamente (re)feitas no caminhar do diálogo. Deste lugar de sujeitos fadados a significar, vi-me surpreendido por entrevistas que me impactaram pessoalmente.

Vi-me deparado com uma questão outra: como trabalhar com este material? Como lidar com experiências que mostram minha própria limitação como homem gay, como pesquisador da AD? Como sujeito que, sim, sofre e sofreu preconceito, mas que também goza de privilégios atrelados à minha cor, à minha identificação como sujeito cisgênero, ao fato de ser lido socialmente como homem e, por isso, usufruir dos privilégios garantidos pelo machismo. Como buscar compreender a produção de sentidos de uma mulher bissexual? Ou ainda de uma pessoa trans? Como buscar compreender as experiências de um homem gay não-branco – seja ele negro ou de traços indígenas? Esses questionamentos, advindos do impacto que em mim causaram as entrevistas, alertaram-me para a necessidade – ainda maior – da escuta atenta e sensível, como também de uma aproximação cuidadosa do *corpus*, disposta a deixar-se afetar, deixar-se tocar e, ainda mais, deixar-se revelar, deixar-se expor.

Tive de me permitir a exposição ao *corpus*, evidenciando os privilégios que me são garantidos pelos motivos já apresentados e as formas como sou por eles beneficiado, concordando ou não com seus mecanismos. Tal assunção – a do privilégio – reforça o compromisso da empatia e, por consequência, coloca-me como um analista de discurso que se vê provocado a pensar o *corpus* desde meu reconhecido lugar da incompletude: a mim faltam vivências para plenamente entender o que meus interlocutores e minhas interlocutoras apresentaram. O que antes era uma suspeita, a da necessidade de ouvir não apenas homens gays, em razão da similitude com as minhas experiências, parece se confirmar: é exatamente pela incompletude constitutiva dos sujeitos que ouvir pessoas trans, mulheres LGBT+s, LGBT+s negros e negras fez-se tão necessário para mim. Apenas na escuta dessas experiências é que posso complexificar a forma como compreendo a produção de sentidos dessa comunidade. Em razão disso, é essencial afirmar que a análise que aqui se apresenta é um gesto, uma possibilidade, uma visada analítica, afetada diretamente por aquilo que me atravessa como sujeito. Não se trata de uma tentativa de trazer verdades – afinal a AD não se dedica a tal fim – mas de um desejo de compreender os itinerários instáveis (e inesgotáveis) dos sentidos, formas de enunciar vidas tão cheias de “cor e de dor”.

Como movimento primeiro, recorri ao dicionário, como local de estabilização social dos sentidos. O dicionário utilizado foi o Caldas Aulete Digital⁶¹. Oportuno agregar a reflexão de Siveris (2018, p. 10) acerca deste instrumento linguístico que visa, em geral, à “[...] gramaticalização e à instrumentalização de uma língua [...], um lugar em que os sujeitos sociais inscrevem-se e inscrevem a língua, pois eles são também autores no processo de compreensão

⁶¹ Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/>>

de uma língua dicionarizada”. Argumento com que Petri (2018, p. 55) concorda quando, ao discorrer sobre seu projeto de pesquisa, assim se coloca a respeito dos dicionários:

[...] importantes instrumentos linguísticos [...], objetos discursivos a ler [...], a partir dos quais se pode resgatar traços do que designamos como “A surpreendente história das palavras”, explicitando, através da Análise de Discurso francesa, características próprias aos processos de produção de sentidos que engendram as palavras em uma ou mais redes de significância.

Importante destacar, também, que, como lembra Regina Mutti (2014, p. 347), por mais que o dicionário possa corresponder a um “universo logicamente estabilizado”, ele não tem poder de domínio sobre a língua viva e os muitos sentidos que dela ressoam, pois “[...] as palavras, no uso, estão sujeitas a reformulações do sentido, de acordo com a historicidade dos sujeitos”.

Sobre a importância da passagem pela língua enquanto momento inerente ao processo analítico-discursivo, é o próprio Pêcheux (1997, p. 23) que, ao descrever os processos acionados na análise do enunciado “*On a gagné*”, lembra que o enunciado é profundamente opaco:

[...] sua materialidade léxico-sintática [...] imerge esse enunciado em uma rede de relações associativas – paráfrases, implicações, comentários, alusões etc. – isto é, uma série heterogênea de enunciados, funcionando sob diferentes registros, e com uma estabilidade lógica variável.

Portanto, sendo todo enunciado léxico-sintaticamente determinado, é importante observar, a partir da análise da materialidade linguística e de suas relações prováveis com o interdiscurso, como os sentidos trabalham sobre os sentidos. Importante destacar, igualmente, que “[...] sentidos pré-construídos podem sofrer desestabilização a partir de enunciações novas, sob a interferência dos sujeitos” (MUTTI, 2001, p. 162). A esse respeito Pêcheux oferece contribuições interessantes, principalmente, em seus dois últimos trabalhos – **O papel da memória e Discurso – estrutura ou acontecimento**, produzidos em 1983. Lembra o autor que, em se tratando de estabilização/desestabilização dos sentidos,

[...] a memória tende a absorver o acontecimento [...], mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa ‘regularização’ e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior. (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Portanto, como esclarece Fiss (1998; 2003), mesmo sentidos supostamente fixos, como é o caso dos sentidos dicionarizados, jogam nesse movimento que inclui tanto a regularização

do pré-existente quanto a desregulação perturbadora da rede de sentidos. Tais processos remetem, por sua vez, a um “[...] real constitutivamente estranho à univocidade lógica” (PÊCHEUX, 1997, p. 43). Dito de outro modo, ao real da língua, à alíngua preenchida por processos de equivocação ligados ao reviramento dos sentidos, a pontos em que a consistência da representação lógica cessa, ao discurso-outro que marca a “[...] insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica” (PÊCHEUX, 1997, p. 55).

Lua Minguante, ao dizer que “[...] a transgeneridade não é muito libertadora socialmente. Muito pelo contrário. Ela é uma prisão pra gente, é um inferno [...] pessoalmente é muito libertador, socialmente é um inferno [...]”, fala de um jogo social, no mínimo, inquietante. Na medida em que toma do discurso para enunciar a situação das pessoas trans, neste enunciado, ela aproxima os dois extremos a que estão submetidas as vidas LGBT+: liberdade pessoal e inferno social. Na medida em que fala das suas vivências, faz-se arauto de vozes outras e questiona o silenciamento opressivo engendrado pela cisgeneridade. De igual forma, indaga qualquer sujeito privilegiado que não reconheça sua condição e, por isso, ignore o sofrimento de tantos outros. Esta aproximação feita por **Lua Minguante** tornou-se o fio condutor das análises, por revelar formações discursivas em que os participantes desta pesquisa estão inscritos: **Formação Discursiva de Inferno Social (FDIS)** e **Formação Discursiva de Liberdade Pessoal (FDLP)**. Na FDIS, o sujeito é instado ao silenciamento, à não produção de sentidos, ao emparedamento do dizer e à censura do acesso à memória discursiva, enquanto na FDLP há desidentificação com o controle exercido pela FDIS uma vez que ele ou ela busca formas de estilhaçar a dominância dos sentidos da FDIS. Este estilhaçar dos sentidos revela uma sutileza das/nas vidas LGBT+, também enunciada por **Lua Minguante**:

Lua Minguante “[...] eu sempre falava isso pra mim, sabe: **você vai ser aquilo que você é em todos os espaços**, entendeu. E eu sempre fiz isso, então... naqueles momentos em que **assim** eu não conseguia nem andar na rua, às vezes, sabe mesmo com óculos de sol, com o fone de ouvido, eu via o quanto as pessoas me olhavam, entendeu... mas a partir do momento que eu comecei a pensar: tá mais elas tão te olhando porque você tá questionando coisas que elas também questionam, entendeu. Muitas vezes não é só um olhar de violência, é um olhar **assim**... que.. né.. de desconstrução da pessoa, né. Então **eu passei a fazer isso, porque se eu não fizesse isso e outras pessoas não fizessem, as pessoas achariam que o mundo é assim**. Que o mundo se divide entre duas categorias somente, entendeu.” [grifos meus]

A vida LGBT+ é transgressora, provocativa e, por isso, sofre. Ela atrai olhares, chama a atenção, ela perturba os sentidos. Dentro do espectro dessa comunidade, há vidas que são

ainda mais provocadoras – como a das pessoas trans, ainda mais dos sujeitos não-binários: estas pessoas quebram uma série de conceitos considerados indispensáveis para a tessitura social. Neste embate simbólico entre o desejo da norma de parafrasticamente sedimentar os sentidos acerca de sexualidade, gênero, identidade social, as vidas LGBTQ+ parecem assumir uma natureza polissêmica, tensionando o estabilizado, criando rachaduras, forçando mudanças, estilhaçando sentidos. De certa forma, a marca linguística “assim” parece apontar para certos sentidos que encontram consonância com estes meus argumentos.

O advérbio “assim” será considerado a partir de três sequências discursivas, a saber:

Lua Minguante “[...] naqueles momentos em que **assim** eu não conseguia nem andar na rua, às vezes, sabe mesmo com óculos de sol, com o fone de ouvido, eu via o quanto as pessoas me olhavam, entendeu...” [grifos meus]

Lua Minguante “[...] é um olhar **assim**... que... né... de desconstrução da pessoa, né.” [grifos meus]

Lua Minguante “[...] as pessoas achariam que o mundo é **assim**. Que o mundo se divide entre duas categorias somente, entendeu.” [grifos meus]

A palavra “assim” é categorizada, pela gramática, como advérbio ou conjunção – informação que também é fornecida pelo dicionário quando a ela se refere:

Quadro 13 - Sintagma assim: sentidos dicionarizados

Assim – advérbio	
1	Deste, desse ou daquele modo.
2	Com tal qualidade, característica, natureza, forma, etc.
3	Pop. Com grande quantidade, cheio. [Usa-se ger. Acompanhado de um gesto que consiste em soltar intermitentemente as pontas dos dedos]
4	Desta altura, deste tamanho. [Usa-se ger. acompanhado de gestual que indica uma determinada elevação, altura, tamanho]
5	Prediz uma consequência.
6	Assinala uma conclusão; conseqüentemente; então; portanto.
7	Exprime desejo ou esperança, com o verbo no subjuntivo; oxalá, quem (me) dera. conj. concl.
8	Us. Para ligar duas orações coordenadas, indicando conclusão; logo; portanto; assim sendo.
9	Us. Para dar continuação a ideia, fato, situação, etc. anteriormente expressa. [Us. às vezes com função adjetiva significando “parecido” (com característica antes mencionada).

Fonte: material produzido pelo pesquisador

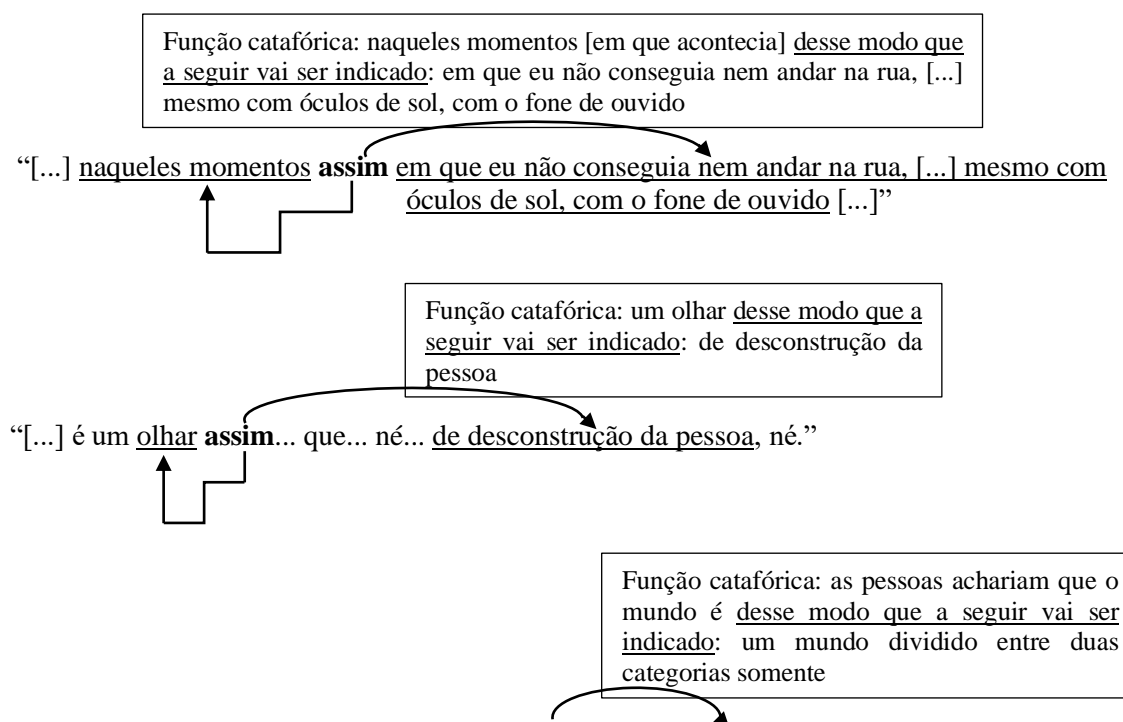
Em Neves (2000) e em Luft (2000), a partícula “assim” é conceituada como advérbio

de modo de natureza pronominal, locução conjuntiva temporal (nesse caso, referindo-se à expressão “assim que”) ou conjunção que expressa relação temporal (também considerando “assim que”).

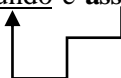
Neves (2000), especificamente sobre tal palavra, quando tomada como advérbio, propõe explicações bastante esclarecedoras no que tange ao seu funcionamento. Lembra a autora que o advérbio se constitui numa “[...] palavra periférica que funciona como satélite de um núcleo, atuando nas diversas camadas do enunciado” (NEVES, 2000, p. 234-235). O advérbio de modo, mais restritamente, funciona como referenciador textual, podendo ser substituído por “desse modo que a seguir vai ser indicado” (valor catafórico) ou “desse modo que acaba de ser indicado” (valor anafórico). “Os advérbios de modo constituem a subclasse mais característica dos advérbios, já que eles são qualificadores de uma ação, um processo ou um estado, isto é, modificam propriedades de verbos e adjetivos” (NEVES, 2000, p. 241). Nesse caso, eles podem exercer função semelhante a de um adjetivo em relação ao substantivo. O advérbio “assim”, além de manifestar tal comportamento sintático, também pode ocorrer incidindo sobre um substantivo, ou seja, na mesma posição sintática de um adjetivo. Daí ser possível concluir que o núcleo (o constituinte) sobre o qual ele incide pode estar representado tanto por um verbo quanto por um adjetivo ou por um substantivo.

Nos enunciados em análise, a partir de Neves (2000), é possível perceber a função catafórica do advérbio “assim”, significando “desse modo que a seguir vai ser indicado:

Figura 15 - Funcionamento catafórico do “assim”



“[...] as pessoas achariam que o mundo é assim. Que o mundo se divide entre duas categorias somente, entendeu.”



Fonte: material elaborado pelo pesquisador durante encontro de orientação

Ao referir formas remissivas não-referenciais livres, Ingedore Koch (2001, p. 43) inclui o advérbio pronominal “assim” nesta classificação, lembrando que se trata de uma forma “[...] que atua anafórica ou cataforicamente, apontando, de modo geral, para porções maiores do texto (predicados, orações, enunciados inteiros”. Logo, é importante observar para que sentidos apontam as palavras que antecedem o “assim”, ou seja, como a incidência do advérbio sobre elas participa do processo de cataforização dos sentidos.

Pode-se perceber que “naqueles momentos assim”, “um olhar assim” e o “o mundo é assim” referem dificuldades vividas por **Lua Minguante** e a atitude que assume diante delas, reverberando um **efeito de sentido de aflição e desconforto** (ESAD) em “naqueles momentos assim” ao mesmo tempo em que ecoa um efeito de sentido que com aquele se debate em “um olhar assim” e “o mundo é assim” – um **efeito de sentido de empoderamento** (ESEm): **Lua Minguante** enfrenta o olhar que a atravessa com crítica e cerceamento porque consegue ver o outro olhar – de desconstrução – e, também, em função do compromisso que assume de contribuir para que as pessoas percebam que o mundo não está dividido de forma binária em duas categorias apenas. Convém salientar que, para a construção de tais inferências, tanto o trabalho com o dicionário quanto com a sintaxe são importantes por representarem usos sistematizados, embora não seja possível esquecer de que cada uso é sempre diferente. Consoante adverte Fiss (2003), o enfoque linguístico vincula-se sempre ao enfoque discursivo, estando os dois articulados intrinsecamente. Logo, analisando discursivamente as sequências discursivas, é possível dizer que, nos três casos, “[...] a presença do termo assim [...] parece relacionar-se com a contingência de o sujeito constituir um referente, a partir da língua. As formulações se expandem, sendo as palavras retomadas, reparadas, re-explicadas” (MUTTI, 2000, p. 15). Ademais, ocorre o efeito de sentido de que **Lua Minguante**, ao usar o “assim”, encena uma relação de domínio sobre os sentidos, administrando sua ocorrência e o estabelecimento de relações possíveis entre eles – o que remete a Pêcheux quando discorre sobre o ilusão do sujeito de ser origem do sentido, dono do dizer – um sujeito em que está presente a vontade do completo, do um, do todo.

De certa forma, ao empregar “assim”, **Lua Minguante** também desmascara não apenas sutilezas inerentes à sua vida, mas relações de força entre discursos da tradição e dos (bons) costumes e discursos da diferença potente. Tal relação de forças em disputa parece se

materializar na natureza paradoxal do Brasil acerca das vidas LGBT+: o mesmo país que andava na direção da aprovação da “cura gay” (suspensa pelo STF em abril de 2019⁶²) foi o país que, no dia 13 de junho de 2019, passou a considerar crime⁶³ a LGBT+fobia.

Há, aqui, a necessidade de uma ressalva ao pensarmos sobre o “já esperado” nos relatos de pessoas LGBT+: a transgressão e o sofrimento. Quando tomamos algo por esperado, óbvio, evidente, é preciso se desconfiar dessa obviedade e desse algo que foi tornado óbvio: a ideologia está funcionando para produzir o evidente, o natural. Como colocam Pêcheux e Fuchs (2014, p. 164):

[...] “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”: esta lei constitutiva da *ideologia* nunca se realiza “em geral”, mas sempre através de um conjunto complexo determinado de *formações ideológicas* que desempenham no interior deste conjunto, em cada fase histórica da luta de classes, um papel necessariamente desigual na reprodução e na transformação das relações de produção, e isto em razão de suas características “regionais” (o Direito, a Moral, o Conhecimento, Deus etc.) e, ao mesmo tempo, de suas características de classe. Por esta dupla razão, as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas enquanto componentes.

Dito de outra forma, a ideologia, ao “interpelar os indivíduos em sujeitos”, “oferta” um lastro de “possibilidades” e “impossibilidades” acerca de determinado domínio das relações sociais, onde relações de força, antagonismo, dominância se dão. Dito de outra forma, a FI é a “grande base” a partir da qual se torna possível a interpretação, já que é através de uma parte da FI, a FD, que os efeitos de sentido são possíveis. Assim sendo, os domínios de uma FI são organizados em formações discursivas, limitando o que

[...] pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de um relatório, de um programa, etc.), a partir de dada posição em uma conjuntura, em outras palavras, em uma certa relação de lugares interna a um aparelho ideológico e inscrita em uma relação de classes. (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 164-165).

É a partir da vinculação a determinada FD que o sujeito interpreta os fatos sócio-históricos, em razão da posição que ocupa em uma dada conjuntura. Percebi que, na materialidade deste *corpus*, é a **Formação Ideológica dos Costumes (FIC)** que está em funcionamento. É a partir dela que sujeitos e sentidos se constituem desde sua inscrição, por vezes conflitante, na FDIS ou na FDLP. Na FIC movimentam-se vozes e práticas que buscam

⁶² Disponível em: < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/24/carmen-lucia-suspende-acao-que-liberou-terapia-cura-gay-a-pedido-do-paciente.ghtml> > Acesso: 22/06/2019.

⁶³ Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/cristaos-e-a-criminalizacao-da-homofobia/> > Acesso: 22/06/2019.

sedimentar a noção da sexualidade desde um viés unívoco a partir da pressuposição de que há apenas uma forma possível de expressão.

As vozes da Idade Média, com sua noção de “pecado nefando” vinculado à incredulidade e à heresia diante da dominação da crença católica (TREVISAN, 2018, p. 102), ainda ecoam. Em um contexto onde os corpos eram flagelados, queimados, torturados a fim de que o perdão da alma fosse conquistado e a verdade revelada, extraída através da confissão. As condições de produção do século XV ao século XVIII⁶⁴, no caso da Inquisição Portuguesa (presentes no Brasil colônia), permitiam que os corpos fossem assim tratados – o poder da Igreja apresentava-se de forma inquestionável, fazendo uso dos corpos sofredores como confirmação de seu poderio, ou, dito de outra forma, uma “confirmação da vontade de Deus”. A “sodomia” era o sintagma que se referia às práticas homossexuais e era entendido como um grave crime contra a fé. No Brasil colônia, o sacro e o profano coexistiram de forma evidente. As Ordenações Manuelinas foram o

[...] mais antigo Código Penal aplicado no Brasil, pois vigoravam em Portugal à época do descobrimento. Nelas, a sodomia passou a ser equiparada ao crime de lesa-majestade. Além da pena de fogo, foi acrescentado como punição o confisco dos bens e a infâmia sobre os filhos e descendentes do condenado. (TREVISAN, 2018, p. 161)

Apesar disso, foram as Ordenações Filipinas que duraram, com algumas alterações, mesmo após a independência do Brasil. Ambas as Ordenações continham normativas legais acerca da sodomia, sendo que as Filipinas contavam inclusive com penas para aqueles que não denunciasses sodomitas e para os casos de homens que “se vestissem como mulher” (TREVISAN, 2018, p. 162). Apesar da influência das Ordenações, em 1830, com a elaboração de um novo Código Penal para o Império, influenciado pelo pensamento iluminista francês (que se contrapunha à pena de morte a sodomitas), é eliminada a figura jurídica da sodomia. Surgiram, a partir deste Código Penal, os crimes “por ofensa à moral e aos bons costumes”: foi nesta classificação que a homossexualidade passou a ser encaixada, apesar de que nenhuma menção direta apontasse para tal vínculo (TREVISAN, 2018, p. 164).

Nos Códigos Penais posteriores (1940, 1969 e durante a ditadura de 64), manteve-se a perspectiva de ofensa moral e aos bons costumes, aplicando-se, porém, à impossibilidade de exposição ao público de qualquer material tomado por “indecente” – o que enquadrava representações “[...] cinematográficas, fonográficas ou teatrais, com detenção de seis meses a

⁶⁴ Apesar de ter sido oficialmente extinta apenas em 1821.

dois anos do culpado ou pagamento de multa correspondente [...]” (TREVISAN, p. 165, 2018). Figuras como a dos higienistas, dos médicos legistas e os psiquiatras começam a adentrar na questão. Na terceira década do século XIX, o Estado brasileiro recorre à medicina para estender seu controle sobre as famílias. Nesse contexto, as fogueiras e os flagelos da Inquisição dão lugar aos remédios e aos tratamentos psicoterápicos, são atualizados os mecanismos de controle. A figura do “sodomita” dá lugar à do “pederasta”, um sujeito doente. O viés religioso é secundarizado – não mais ocorrem as punições com a fogueira e flagelo público em nome “da salvação das almas” – mas a polícia prende os corpos a fim de “proteger a moral e o bons costumes”, enquanto a ciência tenta curá-los e salvar a pátria da dissolução. Passou-se a compreender que a qualidade da Pátria dependia da qualidade das famílias e, por consequência, da qualidade do homem. Dessa forma, os “efeminados” (como também os celibatários e os libertinos) abriam mão do seu dever essencial: de ser homem. Um problema que precisava ser prevenido e corrigido.

Brandindo a pederastia como uma forma de admoestação e um exemplo negativo, a higiene médica extraía dela consequências preventivas, para fins educacionais; e, com isso, buscava domesticar melhor a infância, impondo a educação cientificamente programada através da qual os meninos deveriam se esmerar em exercícios físicos, para evitar a efeminação [...]. (TREVISAN, 2018, p. 170).

Importante destacar que a homossexualidade, no contexto da ditadura militar, era tomada por parte dos militares como uma estratégia de destruição da nação. Como nos aponta Benjamin Cowan (2015, p. 32), em seu capítulo “Homossexualidade, Ideologia e ‘Subversão’ no Regime Militar”,

Direitistas da época dos integralistas [...] caracterizavam a homossexualidade masculina como parte – às vezes a parte mais importante – de uma catástrofe moral que se originara numa “revolução” muito generalizada. E durante os anos iniciais da Guerra Fria, policiais equipararam a prática homossexual com a suscetibilidade ao comunismo, e, portanto, prejuízo à segurança nacional.

Nos anos de 1970, na Escola Superior de Guerra, discutia-se a homossexualidade como uma ameaça patológica à nação. Em razão disso, fazia-se necessário assumir uma estratégia, uma “profilaxia social” que evitasse tal contaminação. Cabe ainda apontar que “[...] homossexualidade nunca chegou a ser a razão principal pela qual as pessoas foram presas, torturadas e sujeitas aos abusos dos direitos humanos e civis – mas formou parte de um conjunto de ansiedades sobre a ameaça, vaga e supostamente difusa, da subversão” (COWEN, 2015, p. 36). Este apanhado histórico de visadas acerca das sexualidades não-heterossexuais organiza-

se no interior da FI que designo como **Formação Ideológica dos Costumes** (FIC). Nela, os saberes possíveis acerca da moral, dos (bons) costumes, do bom cidadão, vinculam-se diretamente ao exercício de uma sexualidade bastante específica, não apenas na prática, mas em uma série de abordagens, concepções, comportamentos etc. De igual forma, as expressões de gênero são bastante claras – não há espaço para trânsito, não há espaço para desvios. Caso ocorram, não é apenas o sujeito que sofre, a depender do tempo histórico (condição de produção), é o divino que sofre, a alma, a sociedade, a família, a pátria.

É por estarmos (ainda) vinculados à FIC que o sofrimento do LGBTQ+ é tomado como e tornado, discursivamente, “evidente”, óbvio, natural. Esta evidência, entretanto, é interpretada a partir de diferentes Formações Discursivas e, portanto, mesmo ela é estilhaçada em função das inscrições ideológicas díspares de sujeitos que, ao se constituírem sempre como interpretantes, o fazem afetados pela ideologia. Desde uma **posição-sujeito conservadora (PSC)**, é “evidente” que os/as LGBTQ+ sofrem, afinal são desviados, pecadores, doentes, promíscuos etc. O sofrimento é consequência “natural” da “escolha” por uma vida problemática. Aqui abre-se espaço para afirmações que têm surgido em debates públicos acerca da “ditadura gayzista”, da não existência da discriminação e, sim, de uma tentativa de construção de privilégios⁶⁵. Em contraposição, desde uma **posição-sujeito progressista (PSP)**, conquanto o sofrimento também seja tomado como “evidente”, assim ocorre pelo reconhecimento da existência de LGBTQ+fobia, do trabalho da normatividade no ensejo de padronização, dos efeitos da opressão. Reconhece-se que a normatividade funciona ativamente no sentido de coibir o “diferente”, compreendendo que, em razão da FD à qual os indivíduos se assujeitam, o “diferente” estabelece-se, ou não, como tudo aquilo que não é heterossexual e cisgênero.

A relação que se estabelece entre uma palavra qualquer e o significado é polissêmica, então, podem existir vários sentidos e esse sentidos se relacionam com as condições de produção, isto é, a situação, o momento histórico, o sujeito. Uma mesma palavra pode significar uma coisa como pode significar outra. Do ponto de vista do discurso, as duas coisas se dão: uma mesma palavra significa várias coisas, como várias palavras diferentes, no funcionamento discursivo, significam uma só. Por exemplo, que modos há de se falar sobre sexualidade? Todas as maneiras de falar se referem ao mesmo fenômeno?

Sendo assim, quando se está trabalhando com o discurso, a relação do nome com os sentidos possíveis não é unívoca; ela é múltipla, polissêmica. E essa polissemia tanto se dá em

⁶⁵ Vide a notícia: <https://veja.abril.com.br/brasil/falta-coragem-para-enfrentar-a-ditadura-gay/>

relação aos vários significados da mesma palavra, como em relação a várias palavras diferentes que produzem o mesmo efeito de sentido. Se a linguagem não é unívoca, se ela tem um funcionamento a partir do qual tanto se abrem vários sentidos como vários sentidos convergem para um só, essa linguagem é opaca e, em sendo opaca, está produzindo efeito sobre a realidade. Por conseguinte, o acesso a essa realidade nunca é direto, eu nunca consigo ver os fatos como eles são, as **Luas** nunca conseguem ver os fatos como eles são, mas elas conseguem ver os fatos a partir de determinadas posições de sujeito, interpeladas ideologicamente. Surge, aqui, uma pergunta indispensável: a partir de que posições de sujeito as **Luas** conseguem ver suas experiências de vida? Esta é uma das questões que auxilia na percepção das Formações Discursivas desde as quais estes sujeitos produzem sentidos acerca da sua realidade, da sua vida, da sua existência.

7.1. FORMAÇÃO DISCURSIVA DE INFERNO SOCIAL (FDIS)

“Inferno”: um sintagma perturbador que, de acordo com o meu entendimento, conquanto retome dizeres representativos de saberes do campo dos discursos religiosos, se desfaz (e refaz) em outros discursos próximos de setores que se dizem comprometidos com a tradição e com os (presumidos bons) costumes. As circunstâncias de enunciação das quatro **Luas**, interlocutoras desta pesquisa, configuram saberes que constituem um lugar determinado no interior dos aparelhos ideológicos, que, conforme Pêcheux (2014, p. 131) “[...] não são a expressão da dominação da ideologia dominante”, mas, sim, “[...] o seu lugar e meio de realização”, indicando um espaço de efetivação de uma luta que, contendo o antagonismo da luta de classes, se alastra por outros campos como os da sexualidade e das relações de gênero. Diante de um sujeito que afirma viver um “inferno”, em razão dos caminhos trilhados, algumas questões surgem – quase que – espontaneamente: o que fez essa pessoa para ser condenada a um inferno? Que caminhos são esses que evocam tal tratamento? Que vida é essa? Quem são os juízes desta vida para lhe impor tal situação? Tais juízes têm jurisprudência para estabelecer esta condenação? Ou ainda: o que é viver um inferno? Como se vive nesta posição? Questões que ecoam em mim ao trabalhar com os enunciados das **Luas**, que se destacaram pelo “estranhamento” causado. Ainda que o “inferno” nunca tenha me poupado da percepção de sua existência materializada em discursos granulados por **sentidos de asco e rejeição do outro diferente** em que se constitui o sujeito LGBTQ+ em uma formação social capitalista organizada desde a perspectiva da heteronorma, estranhei o “inferno” nos enunciados sob análise pelo modo como ele é articulado: o inferno não resulta do assumir-se, porque isso é “libertador” e

“Amar nunca é feio” (**Lua Nova**), o inferno são os outros, seu olhar ou o abandono do sujeito LGBT+ pela ausência do ouvir e do ver – “Eu gostaria que as pessoas...vai parecer meio clichê, mas ah... vessem com os **olhos de ver...** ouvissem com **ouvidos de ouvir...** dessem importância pra o que tem realmente importância...” (**Lua Nova**). De certo modo, lembrando considerações de Ernst-Pereira e Mutti (2011), neste trabalho de análise, focalizei também no estranhamento que se opera a partir de rastros deixados, no discurso dos sujeitos LGBT+, da construção da identidade segundo a heteronorma que eles foram “convocados” a desejar – o que permite identificar, a partir de vários sintagmas que se enlaçam a “inferno”, um **efeito de sentido de conflito, ou mal-estar**, que se instaura no corpo e na palavra do sujeito:

Lua Cheia	<p>“Eu já pensei que ser gay, que ser um homem gay era um erro [...]”.</p> <p>“[...] as experiências negativas, né: o preconceito, a homofobia, essas coisas, eu sempre vivenciei desde cedo. Por isso, inclusive, que meu primeiro, meu primeiro pensamento do que é ser gay, era ser um erro”.</p>
Lua Crescente	<p>“[...] a criança [...] que eu fui... provavelmente não ia gostar do adulto que eu me tornei. Por que desde criança eu entendia que eu não deveria manifestar... ah... identidade sexual, orientação sexual, como quiser chamar, de uma forma que não fosse diferente da norma (sic)...”.</p>
Lua Minguante	<p>“[...] apesar de eu ter sido... uma pessoa designada masculina ao nascimento, eu nunca fiquei confortável nesse lugar. Esse lugar nunca foi confortável pra mim”.</p>
Lua Nova	<p>“[...] eu ainda não me sinto totalmente livre pra abrir totalmente... Porque teve momentos que eu brinquei, supostamente eu estaria brincando e as pessoas tiveram uma reação complicada e... eu tive que dizer “brincadeira”.</p> <p>“Ela quer casar comigo e ela merece que a gente possa andar de mãos dadas na rua sem medo. A gente anda na rua, ela quer pegar na mão e eu dou meu braço pra ela pegar, porque é menos “suspeito” andar de braços dados que são duas amigas, entende?”.</p> <p>“Como as pessoas vão reagir... Eu fiz isso inclusive na minha família... quando a minha mãe ainda era viva, eu brincava, eu falava “olha só que moça linda, não sei o quê”...E... eu fui casada, eu tive um casamento hetero, e o meu ex-marido sempre tinha uma reação de asco. De rejeição total a... a essa minha postura, essa minha condição, a essa minha escolha. Então eu mantive isso, por muitos anos, oculto [...]”.</p>

Quando as **Luas** enunciam, cada uma a seu modo, “pensei que ser gay [...] era um erro”, “[...] meu primeiro pensamento do que é ser gay, era ser um erro”, “[...] não deveria manifestar [...] de uma forma que não fosse diferente da norma”, “[...] designada masculina ao nascimento”, “[...] teve momentos que eu brinquei”, “[...] eu tive um casamento hetero” e “[...]”

mantive isso [...] oculto”, os enunciados produzem um **efeito de pré-construído**, pois remetem a algo pensado e acertado antes, em outro lugar, por instituições sociais e sem a consulta das quatro **Luas**. Buscando subsídios em Pêcheux (2014, p. 146-147), ele autoriza dizer que, se os sentidos das palavras não existem em si mesmos e resultam, por consequência, da conjuntura histórica das forças que estão em disputa, compete ao analista estar atento às posições sustentadas por aqueles que as empregam. Assim, as materialidades discursivas sob análise, neste trabalho, não podem ser consideradas desde uma suposta literalidade ou transparência da língua haja vista elas estarem habitadas por sentidos que derivam da relação entre a base linguística e um processo discursivo.

Dessa forma, a escuta de vozes do social a ressoarem nos enunciados justifica, em certa medida, pensar em uma **Formação Discursiva de Inferno Social** (FDIS) na qual saberes específicos, que afetam grupos sociais específicos, se condensam no sentido de condenação dos sujeitos “não-normativos”: aqueles e aquelas que desrespeitam as regras “haverão de ser punidos no fogo eterno” – os pecadores. Emergem o **Efeito de Sentido de Expurgo** (ESE) e o **Efeito de Sentido de Cerceamento** (ESC) a partir dos quais foi possível surpreender um modo de organização dos enunciados em função de regularidades identificadas quando são problematizadas as dificuldades da vida LGBT+.

Para a materialidade linguística “inferno”, destaco os seguintes sentidos dicionarizados:

Quadro 14 - Sintagma inferno: sentidos dicionarizados

Inferno – substantivo masculino	
1	MIT. Lugar subterrâneo em que habitavam as almas dos mortos.
2	REL. Para as religiões cristãs, habitação dos demônios e lugar destinado ao suplício das almas dos malvados, pecadores, perversos.
3	FIG. Situação de sofrimento ou de martírio.
4	FIG. Lugar, reunião, vida comum em que reina a discórdia, a confusão.
5	FIG. Enorme desordem, confusão, caos.
7	FIG. Algo que é ruim, de baixa qualidade, péssimo.
8	FIG. Pena intensa, tribulação veemente motivada pelas paixões e pelo remorso.
9	Descer ao inferno: sofrer, penar.
10	O inferno em vida: causa de muito sofrimento, um suplício.

Fonte: material produzido pelo pesquisador

Este “lugar subterrâneo em que habitam as almas dos mortos”, “habitação dos demônios e dos pecadores” ou essa “pena intensa, tribulação veemente motivada pelas paixões e pelo remorso” é o lugar social dos LGBT+s. Em razão da dominância da norma, este parece ser um dos

primeiros lugares ocupado pelos sujeitos deste grupo social, como nos indica **Lua Cheia** ao ser perguntado sobre que significados ele atribuiu, em diferentes etapas da sua vida, a ser um homem gay.

Lua Cheia [...] eu acho que a primeira... a **primeira sensação** quanto a isso seria... **de não entender**. Tipo de não entender mesmo, assim. Porque eu era uma criança muito boba em relação a isso. **Depois de ter medo**... eu acho que passei... duran... eu acho que... **passei toda a minha**... toda a década ali da **adolescência** assim, **com muito medo**. [grifos meus]

Lua Crescente também faz referência a este lugar de silenciamento, da dor que interdita o dizer. Durante a entrevista, falamos sobre uma noção muito clara, apresentada por ele, sobre o que ele poderia, ou não, ser desde a infância.

Lua Crescente No que diz respeito sobre a sexualidade **muito cedo**. Porque eu tenho uma irmã oito anos mais velha que eu. Somos eu e ela, só. E, algumas das lembranças mais antigas que eu tenho da minha irmã é... dela falando... quer dizer, falando... ela me xingando dizendo que eu sou bicha. E foi uma coisa que **eu não sabia o que que era, mas eu evidentemente não queria ser**... E daí eu rebatia... **eu devia ter uns cinco anos, quatro**, sei lá... [grifos meus]

Lua Nova, ao falar sobre o que diria diante do seu eu da infância, pontua que:

Lua Nova [...] eu diria pra essa Lua Nova (a da infância), que ela fosse ainda mais corajosa. Tivesse ainda menos medo. Porque, eu sei hoje que **eu poderia ter sido muito mais feliz ainda e realizada mesmo**, se eu não tivesse deixado de fazer tantas coisas com **medo do que os outros pensariam** [...]. [grifos meus]

Compondo estes enunciados, **Lua Minguante** fala da sua adultez, de momentos mais próximos do presente, de conflito e de embate de olhares que a faziam confrontar o Outro (a cultura) e o outro (interlocutor), numa relação conflitiva entre desejo de aceitação deste Outro/outro e uma necessidade de repulsão dos mesmos, dada a assunção de que esta acolhida não se dá.

Lua Minguante [...] **naqueles momentos em que assim eu não conseguia nem andar na rua,**

às vezes, sabe **mesmo com óculos de sol, com o fone de ouvido**, eu via o quanto as pessoas me olhavam, entendeu [...]. [grifos meus]

Esta troca de olhares, mediados por uma técnica/tentativa de invisibilidade (os óculos escuros, os fones de ouvido, as brincadeiras para “testar” as reações das pessoas ao redor), revela a polissemia da palavra “inferno”. Se, para os LGBTQ+, este inferno é sofrimento, é angústia, tortura (poder-se-ia dizer é Inquisição, prisão, ditadura), para sujeitos outros, o inferno é o “espetáculo”, um “freak show”. Esta relação remonta ao episódio 2 da segunda temporada de *Black Mirror*⁶⁶, “White Bear”. Nele, a personagem foco da narrativa foi responsável, junto de seu marido, pela morte e tortura de uma menina de seis anos. Sendo condenada pela justiça, sua pena é sofrer, todos os dias, o desespero causado à criança assassinada – assim, vive uma realidade ficcional na qual todos ao seu redor são afetados por uma transmissão feita via televisão e desejam matá-la. Sua pena conta com a participação de atores e civis, que assistem jubilosos “a justiça sendo feita”, enquanto dia após dia, tendo sua memória apagada, a mulher condenada revive o terror de ser perseguida – entendido, pelos civis e justiça, como uma justa condenação pelo terror e a morte causados à menina. Ao final do episódio, o cenário se abre, e a personagem se vê, desorientada, diante de um grupo de espectadores que aplaude entusiasticamente – plateia esta composta por pessoas de todas as idades, homens, mulheres, crianças, velhos. No trajeto de retorno, que a levará para um novo dia de cumprimento de sua pena, ela é colocada dentro de uma redoma, em um veículo. Passa, então, no meio dos espectadores que, incentivados pela organização do programa, xingam a condenada, arremessam esponjas embebidas em tinta vermelha, gritando palavras como “assassina”, “queime no inferno”, “bruxa maldita”. Para os “sujeitos da norma”, o inferno vivido pelas pessoas LGBTQ+ é esta condenação. Eles são espectadores ativos que exercem – e de certa forma rejubilam-se mediante – a pena, diante de um “assassino” que matou a “moral”, torturou os “bons costumes”, aviltou a “pátria”, feriu “deus” e/ou a “ciência”.

No *já-lá* acerca das sexualidades não-heterossexuais, está estabilizado o sentido de crime, de pecado, de desvio, de erro. Sentidos que escapam de noções que cobrem diferentes áreas do conhecimento, formando uma teia que, tal qual a criação da aranha, objetiva não deixar espaços para escape: a normatividade fez uso da religiosidade, da ciência, da lei, no intento de garantir a fixidez dos sentidos. O **Efeito de Sentido de Expurgo** (ESE) condensa a estratégia discursiva de imobilização do sujeito, de emparedamento da palavra pela ostracização do dizer

⁶⁶ Série da Netflix, criada por Charlie Brooker, roteirista britânico. A série aborda, de forma polêmica e obscura, as relações sociais intermediadas pela tecnologia.

– ele deixa de “pertencer ao mundo da luz”. Meiling Jin, uma poetiza britânica negra, de origem chinesa, citada por Homi Bhabha (1998) em seu livro **O local da cultura**, escreve sobre o retorno para casa após a deportação, a experiência de imigrantes ilegais que retornam para sua pátria de origem não por desejo seu, mas por exigências sobre as quais não têm domínio. Imigrantes que retornam para um lugar com o qual nem sempre estabelecem relação de pertencimento porque o lugar no qual aprenderam a existir não reconhece a legitimidade de sua existência nele. Eis um trecho do lindo poema de Jin descoberto na obra de Bhabha (1998, p. 78):

“Um dia aprendi
uma arte secreta,
Invisibili-Dade, era seu nome.
Acho que funcionou
pois ainda agora vocês olham
mas nunca me veem
Só meus olhos ficarão para vigiar e assombrar
e transformar seus sonhos em caos”.

Os LGBT+s parecem ser olhados como estrangeiros ilegais. No entanto, diferente de tais imigrantes dos poemas de Jin, os LGBT+s são olhados como estrangeiros ilegais em sua própria terra, uma terra na qual o direito a que sua presença e existência sejam reconhecidas como legítimas é questionado a todo momento. Uma terra da qual o outro/interlocutor quer ver o LGBT+/estrangeiro ilegal deportado. O inferno é o olhar desse outro/interlocutor e desse Outro/Cultura que vê o LGBT+ como clandestino, ilegal, criminoso, pecador. A tensão entre o modo como o LGBT+ se vê e o modo como é olhado relega ele ao inferno de não ser reconhecido em lugar algum. Ele é relegado ao “inferno social” explicitamente enunciado por **Lua Minguante** ou indicado pelas quatro **Luas** como parte do que vou chamar de **Família Parafrástica da Interdição** que se coaduna a uma **Posição-Sujeito de Cautela e Receio**:

Lua Cheia

[...] as experiências negativas, né: o **preconceito**, a **homofobia**, essas coisas, eu sempre vivenciei desde cedo. Por isso, inclusive que meu primeiro, meu primeiro pensamento do que é ser gay, era ser um **erro**.

Lua Crescente

[...] com a família é a questão do **sofrimento**, **aflição**, **ansiedade**... todos (sic) esses sentimentos que não são muito legais...

[...] **a criança [...] que eu fui... provavelmente não ia gostar do adulto que eu me tornei**. Por que desde criança eu entendia que eu não deveria manifestar... ah... identidade sexual, orientação sexual, como quiser chamar, de uma forma que não fosse diferente da norma (sic).

[...] eu tenho uma irmã oito anos mais velha que eu. Somos eu e ela, só. E, algumas

das lembranças mais antigas que eu tenho da minha irmã é... dela falando... quer dizer, falando... ela me **xingando** dizendo **que eu sou bicha**. E foi uma coisa que eu não sabia o que que era, mas **eu evidentemente não queria ser**... E daí eu rebatia...eu devia ter uns 5 anos, 4, sei lá... e eu rebatia.”

Lua Minguante [...] viver como travesti não-binário pra mim é muito libertador. A transgeneridade não é libertadora socialmente. Muito pelo contrário. Ela é uma **prisão** pra gente, é um **inferno**, entendeu. Eu sei que... né... eu quero falar de coisas felizes, de coisas boas, também... Pessoalmente pra mim é muito libertador, socialmente é um inferno.

Lua Nova [...] eu gostaria que ela dissesse pra mim que... que **eu não feri as pessoas que eu amo**. Que era uma preocupação tola... **Que a minha filha é super feliz e aceitou mesmo**...

Quando **Lua Minguante** declara que “A transgeneridade não é libertadora socialmente. Muito pelo contrário. Ela é uma **prisão** pra gente, é um **inferno**”, esses enunciados ressoam nas palavras das outras **Luas**, fazem eco nos seus dizeres e, ao ressoarem, deles escapam **sentidos de falta, de receio, de cautela, de desapontamento, de aflição** diante de discursos que tomam a homossexualidade como “erro” que justifica o pseudodireito social a culpabilizar o LGBT+ por ferir as pessoas que ama e, de certa forma, ser condenado a um tempo longo de dúvidas – é para isso que **Lua Nova** aponta: ao ser perguntada sobre o que gostaria de ouvir da **Lua Nova** do futuro – um dizer advindo da pessoa que ela será, para a pessoa que ela é, responde que “[...] gostaria que ela dissesse pra mim que... que **eu não feri as pessoas que eu amo**. Que era uma preocupação tola... **Que a minha filha é super feliz e aceitou mesmo**”. Em outras palavras, ela gostaria de receber um alvará de soltura da prisão que representa certa dúvida de que, talvez, se origemem perguntas não ditas, mas presumidas: “Eu feri as pessoas que amo? Minha filha de fato me aceita?”, restando aí, estilhaçado, um **sentido de dúvida** que é, ao mesmo tempo e contraditoriamente, **sentido de amor, de responsabilidade e de falta de amor** – se a adulta do dever precisa dizer para a pessoa que é sobre não ter ferido quem ama, é possível depreender que neste futuro, as pessoas que ama nunca lhe disseram isso. Como fio que ata todos os sentidos, percebe-se o **Efeito de Sentido de Cerceamento** (ESC) pulsando nos enunciados recortados do *corpus* e apontando para uma sensação de solidude, de abandono, de falta que constitui os/as LGBT+s como sujeitos sociais. Falta da palavra amorosa da família. Falta do olhar solidário do colega de trabalho. Falta da possibilidade de simplesmente ser quem é sem receios de ter seu corpo marcado pelo “inferno social”.

Orlandi (2012, p. 95), em **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**, lembra que

“[...] a linguagem é uma prática: não [apenas] no sentido de efetuar atos mas porque pratica sentidos, intervém no real. Essa é a maneira mais forte de compreender a práxis simbólica”. A partir de tais considerações da autora, posso surpreender, nos enunciados das quatro **Luas**, vozes de sujeitos históricos que, ao (d)enunciarem um **sentido de inferno** tecido com aflição, xingamento, receio e cautela, se colocam contra esse inferno na medida em que, pelo não-dito, deixam escapar algum inconformismo diante do “preconceito”, da “homofobia”, da incompreensão, do cerceamento: **Lua Minguante** declara que ela quer “[...] falar de coisas felizes, de coisas boas, **também**”, ressoando em “também” um **sentido de desejo** (que reverbera em “quero”) de soma de palavras serenas às tantas vivências e aos tantos “[...] sentimentos que não são muito legais” (**Lua Crescente**); **Lua Nova** revela, como parte de seu querer, a escuta da palavra que vai serenar o tempo de uma vida que teima em existir, portanto, em resistir. Apesar da dominância do **efeito de sentido de cerceamento** nas SDs em análise, ousou especular que, como sujeitos históricos, as quatro **Luas** militam contra certo assédio do que talvez seja a ideologia dominante na **Formação Ideológica dos Costumes**, militam contra efeitos de sentido que as posicionam em um *ethos* destituído de voz e legitimidade política e, ao mesmo tempo, realizam um esforço por dizer e não-dizer o que se espera de seu lugar social – que não sejam o que são, porque são “erro”.

7.1.1. Efeito de Sentido de Expurgo: “[...] esse mundo não tá pronto [...]”

“Expurgo”, de acordo com Caldas Aulete, refere-se à **expurgação** que, por sua vez, é: “(1) a ação ou resultado de expurgar-se; (2) limpeza, purificação; (3) eliminação do que é nocivo ou prejudicial (expurgação dos vícios); (4) expulsão de um grupo de pessoas tidas por prejudiciais (expurgação de alguns membros do clube)”. O inferno social “queima” os sujeitos “impuros” para que sejam expurgados do convívio social. Essas queimaduras deformam o corpo simbólico dos sujeitos, deixando-os marcados de forma indelével. Remontam às punições históricas contra os criminosos – marcá-los com ferro quente a fim de que todos saibam de sua condição de desvio.

Aqueles e aquelas que vivem no inferno social são jogados para um plano outro de existência, que se justapõe a planos diversos que coexistem em um mesmo espaço: a sociedade. Como em um baile de máscaras, os sujeitos sociais são interceptados uns pelos outros, que adequam seu dizer em razão dos seus interlocutores. Diante de diferentes sujeitos, diferentes “máscaras” – as formações imaginárias entram em funcionamento: quem sou eu para me dirigir desta forma a esta pessoa? Quem é esta pessoa para que eu lhe fale deste jeito? Em que lugar

vivemos para que eu possa lhe falar desta ou daquela maneira? Quais são as “regras” desse lugar para que eu possa assim falar?

Pêcheux (2010) definiu discurso como “efeitos de sentidos entre os pontos A e B”, sentidos estes que não estão previamente dados, constituídos, mas que se constituem em relação à língua em sua inscrição na história, bem como em sua relação com o sujeito. Este, por sua vez, é entendido enquanto uma posição discursiva, ou seja, o sujeito quando fala, fala de um lugar sócio-histórico, que o determina: o sujeito projeta no discurso a imagem que ele faz da posição que ele ocupa ao dizer.

Esse lugar teórico rompe com a ideia de que os sentidos estão nas palavras ou nos enunciados uma vez que eles se constituem em relação às condições de produção que possibilitam o discurso, em relação às posições ideológicas demarcadas no dizer, como afirma Pêcheux (2014). Em texto no qual enlaça a discussão a respeito da problemática das identificações de gênero à da contradição constitutiva dos processos de produção de sentido e do sujeito, especificamente quanto às formações imaginárias, elementos estruturais das condições de produção do discurso, Monica Zoppi-Fontana (2017, p. 65) lembra que:

No jogo especular das formações imaginárias, das projeções antecipadas que demandam diversos modos de estar no mundo, ser reconhecido e se reconhecer em relação ao funcionamento social e histórico das masculinidades e feminilidades, em toda sua dimensão contraditória e equívoca, faz parte do processo de constituição do sujeito do discurso.

Parece-me relevante fazer tais considerações e, também, destacar as relações em função do modo como identificações de gênero e sexualidade trabalham os processos imaginários, pois o mesmo sujeito que ocupa o lugar discursivo de pai, filho, marido, esposa, policial, vendedor, professor, professora, religioso, etc., ao se tratar de pessoas LGBTQ+, pode assumir a posição de juiz e, alternadamente, carrasco. Isso porque, diante de um corpo LGBTQ+, dos seus símbolos e sentidos, os sujeitos são interpelados ideologicamente pela norma a realizar o julgamento e aplicar a pena sobre aqueles e aquelas que desviam dos seus desígnios. Dito de outra forma: a máscara de “bom cidadão” dá espaço à “face do juiz” que logo dá espaço ao “capuz do carrasco”. O sujeito desliza de posição em posição, assumindo identificações diferentes para cada uma das posições ocupadas e age assim sobre a tessitura social, trabalhando, por vezes, no sentido da manutenção da tradição. Além disso, convém destacar que a figura da interpelação ideológica se faz sempre presente nesse processo de constituição discursiva do sujeito visto que é ela que nos permite compreender os processos de identificação que constituem o sujeito do discurso desde a sua inscrição no simbólico e na história, possibilitando, no caso desta pesquisa,

estender os gestos de interpretação até o ponto em que os estudos da linguagem se encontram com os estudos de sexualidade e gênero que, também neste estudo, é entendido do modo como propõe Zoppi-Fontana (2017, p. 64) – “[...] uma construção discursiva, efeito de um processo de interpelação complexo e contraditório”.

O “baile de máscaras”, referido anteriormente, é o que busca garantir o emparelamento dos sujeitos LGBT+s. Essencial, entretanto, destacar que este “inferno social” apresenta diferentes regiões. Tal qual a obra de Virgílio, a **Divina Comédia**, onde o inferno se divide em nove camadas, também o “inferno social” dos LGBT+s se subdivide. Alguns sujeitos estão mais próximos da “superfície”, mais nas bordas deste lugar social, o que pode permitir que, em determinados momentos, saiam do “inferno social” e se “camuflem” na norma. Em razão disso, sofrem a LGBT+fobia de maneira menos ostensiva: desde que seu “desvio” permaneça invisível. As condições de produção do discurso movimentam as posições-sujeito em regiões mais atacadas ou menos atacadas desse inferno social. Esta **FD Inferno Social**, na sua heterogeneidade, coloca em movimento diversas normatividades a fim de estabelecer seus parâmetros: ela usa do machismo, do racismo, do classismo, da branquitude e da cisgeneridade para definir os corpos que “haverão de queimar mais”. Quanto mais afastados destes parâmetros, maior a ação do expurgo social, mais marginalizados dentro da sociedade, maior a violência de que se tornam alvos. Dessa forma, os corpos trans são os mais atacados. Mais ainda os corpos trans e negros. As “camadas do inferno” que apresentam maior sofrimento são reservadas a essas pessoas: aquelas que mais tensionam a tradição, que o fazem por diversos lados, por diversos ângulos em função das posições de sujeito assumidas. Um homem gay tem a sua posição de sujeito organizada em razão do quão afeminado ele é. Quanto mais se afasta dos parâmetros da masculinidade, mais ele sofre discriminação.

A língua em seu funcionamento desvela saberes, que pertencem a determinados discursos, pelos quais os sujeitos se identificam e são interpelados. No que concerne a este ponto, Moreira e Gaelzer (2018, p. 99) esclarecem que, consoante Pêcheux em **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio,

[...] as palavras traduzem as relações do sujeito com aquilo que o representa, seja da ordem do político, do simbólico e/ou do ideológico. Isso significa que é na e a partir da materialidade da língua, que efeitos de sentido e sujeitos se constituem em uma fronteira tênue entre o linguístico, o histórico e o ideológico. Neste viés, a língua inscrita em uma ordem sócio-política significa e é concebida como prática social e em que a exterioridade lhe constitui e, ao mesmo tempo, escoam discursos e saberes que interpelam [os sujeitos] e com os quais eles se identificam, se reconhecem e discursivizam.

Observei, no conjunto de análises feitas, que os discursos produzidos nos depoimentos dos sujeitos LGBT+s interlocutores desta pesquisa apontam para efeitos de sentido que flutuam entre constrangimento diante do “inferno social” e desconforto em função dele. As expressões presentes em seus dizeres significam na exterioridade, nas e a partir das práticas sociais, apontando, sob certo aspecto, para discursos naturalizados sobre os sujeitos LGBT+ e, em igual medida, para um espaço em que ainda permanece a ausência de reconhecimento do corpo e da voz LGBT+ como legítimos.

No **Efeito de Sentido de Expurgo**, é o “fogo” que deixa pistas no dizer – são as formas de ataque empreendidas pela normatividade que se manifestam no intradiscurso. Dito de outra forma, os participantes enunciam as ferramentas da normatividade para sustentar a tradição, ferramentas essas que exercem um papel de duplo-aviso. Ao fazer “queimar os demônios”, os “pecadores”, punem os condenados e assustam os potenciais desviantes – é um recado indelével da necessidade de manter-se no caminho reto. Podemos observar o **Efeito de Sentido de Expurgo**, da vivência desse inferno social, ressoando nos dizeres dos entrevistados

“[...] eu ainda **não me sinto totalmente livre pra abrir totalmente...** porque teve momentos que eu brinquei, supostamente eu estaria brincando e as pessoas tiveram uma **reação complicada** e... eu tive que dizer “brincadeira”. Eu não penso em mim, porque eu sei me defender. Eu penso no que isso pode acarretar pra minha filha de onze anos... Porque **esse mundo não tá pronto...**” [grifos meus]

Lua Nova

“[...] quando a minha mãe ainda era viva, eu... brincava, eu falava “olha só que moça linda, não sei o quê”... E... eu fui casada, eu tive um casamento hetero, e o meu ex-marido sempre tinha uma **reação de asco. De rejeição** total a... a essa minha postura [...]” [grifos meus]

(ao falar da namorada)

“[...] A gente anda na rua, ela quer pegar na mão e eu dou meu braço pra ela pegar, por que é **menos “suspeito”**, andar de braços dado que são duas amigas, entende?” [grifos meus]

Lua Minguante

“[...] aconteceu situações assim que eu ia em alguns espaços que as pessoas ficavam falando o tempo todo “olha lá, ela chegou, a travesti chegou, a não-binária chegou!”. E isso é muito cansativo pra gente, é muito desgastante, é **muito violento**, sabe. Então **eu tava sempre nos espaços sendo lida como, só por esses atravessamentos de gênero e sexualidade e expressão de gênero**, entendeu. Era só isso que importava. **As outras áreas da minha vida não importavam mais.**” [grifos meus]

“[...] Eu aqui mesmo nessa universidade, várias vezes já fiz fala aqui, já falei sobre a minha vivência, quando eu acabei de falar a pessoa foi lá e... e... acabou praticando um *misgender* comigo, que é trocar meu gênero... sabe? É assim ó, **eu falava, falava, falava, depois no final a pessoa vinha e desconsiderava todo o**

meu discurso, assim, então... Hoje eu só falo quando... sabe? Então **o peso que a nossa palavra tem é muito menor.**” [grifos meus]

Lua Cheia

“(...) eu acho que ser LGBT no Brasil é viver **cercado de fantasmas** [...] sempre que tu vai (*sic*) numa entrevista de emprego, tu te coloca numa situação de tipo... até eu que sou pessoa que é muito difícil alguém duvidar que eu sou gay (risos), me coloco “Mas será que falo da minha sexualidade ou não? O que isso vai acarretar? Será que eu perco o emprego por ser gay?” [...] Teu dia a dia é cercado de fantasmas e dessas dúvidas [...] vou me sentar no ônibus, sabe, senta uma pessoa do meu lado e... isso já gera um desconforto do tipo: **eu posso apanhar se eu encostar na perna dessa pessoa**, no ônibus lotado sabe... tudo isso... são problemáticas né... de viver.” [grifos meus]

“Eu não tenho uma boa relação com meu pai... até hoje. É... apesar dele me aceitar e tudo mais, a gente nunca teve uma boa relação, porque meu pai não é uma pessoa muito carinhosa e tal. Aquela coisa da masculinidade tóxica e etc. Então... quando eu me assumi o meu pai ficou muito quieto. Por muito tempo. Porque meu pai não demonstra sentimentos, então **meu pai chorava sozinho**, quando eu não estava. **E a minha mãe me abraçou e tal e meu pai nunca fez nenhum movimento.**” [grifos meus]

Lua Crescente

(*ao ser perguntado sobre que conselho daria para o seu eu-criança*)
 “[...] acabei me dando conta de que... dependendo da idade minha que eu selecionar, é... a criança que eu foi, que eu fui (*sic*)... **provavelmente não ia gostar do adulto que eu me tornei**. Porque desde criança eu entendia que eu não deveria manifestar... ah... identidade sexual, orientação sexual, como quiser chamar...” [grifos meus]

Entrevistador: tu acha que... seria um encontro... de conflito pessoal muito grande?

“**Sim.**” [grifos meus]

As participantes e os participantes da pesquisa enunciam diversas dimensões desse expurgo, desse inferno social. Seja na família, seja no convívio coletivo fora de casa. Uma série de “batalhas familiares”, como enunciou **Lua Crescente** em certo momento da entrevista, se inicia em razão da percepção ou da assunção do “desvio”. Estas batalhas envolvem movimentos familiares, diretos ou indiretos, de negação da posição-sujeito assumida pelo/pela LGBT+: como dito antes, quem ocupava a posição de pai, rapidamente bate o martelo do juiz e veste a carapuça do carrasco e – nesta posição de executor – leva adiante a pena de forma mais ou menos violenta. Ainda, se o inferno é o “lugar dos mortos e dos demônios” que, por isso mesmo, habitam plano diferente do dos vivos, quem são os seus “fantasmas”? Numa inversão da lógica, se os vivos têm, nos mortos, na culpa, os seus fantasmas, os “mortos” teriam nos vivos a sua tormenta. Essa tormenta advém de uma lembrança constante do não convívio, da não-vida. Os

sujeitos LGBTQ+, mortos ou demônios sociais, sofrem as tormentas da não habitação no plano da vida.

Necessário ainda retomar o enunciado de **Lua Crescente**: “[...] Porque meu pai não demonstra sentimentos, então **meu pai chorava sozinho**, quando eu não estava. [...] E a minha mãe me abraçou e tal e **meu pai nunca fez nenhum movimento** [...]” [grifos meus]. O pai-juiz-carrasco é também alvo da condenação da qual foi ferramenta. Ele chora sozinho, apartado de tudo e de todos, impossibilitado de deixar-se ver, deixar-se tocar pelo outro, incapaz de permitir o afago, o abraço, o cuidado, em última instância, o perdão e o amor. A figura do pai é também queimada e, de tal forma que, ao tocar “no fogo que condena o filho”, arremete-se para longe desse, pois as marcas foram doloridas demais para serem tratadas – ele se exila, como que condoído dos próprios ferimentos, porém ciente do que eles significam: a irrefutável ligação a um “transgressor”. O ferro que marca o desviante, marca também os que dele se acercam – mais ainda os que o apoiam – e o pai, que aqui deixa de ser um indivíduo, mas passa a fulgurar como uma posição-sujeito conflitada, um epicentro de produção de sentidos, precisa aplicar a pena que lhe compete – afinal ele sabe: não é “possível” ser LGBTQ+, não é “aceitável”, “não é certo”, mas o peso da aplicação da pena acaba por flagelá-lo também. Sujeito feito na contradição que autoriza a pensar numa talvez inabilidade para amar o diferente que condena ao desterro este sujeito que assume a posição de juiz.

Importante assinalar, apesar de todas as ponderações esboçadas, que tal sujeito-pai (como qualquer outro sujeito desde a perspectiva da Análise de Discurso pecheuxiana) remete a um discurso que não é dele, um discurso já existente marcado pela historicidade, como afirma Pêcheux (2014). Todo discurso permeia uma incompletude, pois é sempre atravessado por outros discursos: “Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (ORLANDI, 2012, p. 39). Ademais, na AD, não existe possibilidade de discurso sem sujeito nem de sujeito sem ideologia, logo, não existe discurso neutro, ele apresenta marcas ideológicas do sujeito. Para Althusser em *Aparelhos Ideológicos de Estado* (obra publicada em 1970), a ideologia está relacionada com os modos de produção de uma sociedade. O sujeito está inserto nas relações de produção capitalista, sendo moldado a viver nessa sociedade, portanto, “[...] uma vez interpelado pela ideologia em sujeito, em um processo simbólico, o indivíduo, agora enquanto sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individual(izada) concreta” (ORLANDI, 2001, p. 107). A presença de um discurso de recusa (talvez triste, talvez magoada) do LGBTQ+ na fala de **Lua Crescente**, quando se refere ao pai, revela a existência de um *já-lá* sobre gênero e sexualidade que irrompe no choro enunciado do pai e aponta para saberes moldados pela sociedade homofóbica, LGBTQ+fóbica e machista dos

tempos do hoje e do ontem, sociedade que já capturou corpos diferentes e os submeteu ao flagelo.

O duplo efeito do expurgo é também enunciado por **Lua Nova** ao falar do ex-marido: “[...] eu fui casada, eu tive um casamento hetero, e o meu ex-marido **sempre tinha uma reação de asco. De rejeição total** a... a essa minha postura, essa minha condição, a essa minha escolha” [grifos meus]. Esta “(1) sensação de repugnância, nojo; (2) aversão, desprezo”⁶⁷ do ex-marido indica pistas deste duplo efeito do expurgo. Não foi apenas **Lua Nova** que sofreu a punição – apesar de ser a dela muito mais ostensiva. Na posição de ex-companheiro, o asco materializa no corpo uma dor infligida no simbólico, como a dizer “A mãe da minha filha é isso? Não vou aceitar”. A rejeição total, “sempre” graduada por este asco, parece mostrar uma particularidade do elemento fogo: quando ele começa a queimar, não escolhe a quem vai tocar. Ele consome a tudo e a todos que estão em seu raio de ação. A normatividade, apesar do apreço pelo controle, não é capaz de conter as queimaduras e a dor do seu jugo – a dor espalha-se como um fogo infernal.

7.1.2. Efeito de Sentido de Cerceamento (ESC): “A transgeneridade não é libertadora socialmente. Muito pelo contrário. Ela é uma prisão pra gente, é um inferno [...]”

Vinculado ao **Efeito de Sentido de Expurgo**, o **Efeito de Sentido de Cerceamento** revela uma face da experiência LGBTQ+ que se vincula a sentidos de repressão, de perda, de reclusão. As **Luas** enunciaram este sentido de forma mais evidente quando, durante as entrevistas, conversamos sobre a infância e as expectativas acerca do futuro. **Lua Minguante**, entretanto, enunciou este sentido nas experiências do presente. Cercear, de acordo com o Caldas Aulete, significa

Quadro 15 - Sintagma cercear: sentidos dicionarizados

Cercear – verbo	
1	Impor limites a; impedir que algo se dê ou se processe completamente, dificultar o desenvolvimento, a difusão, a circulação de (algo); limitar; restringir.
2	Tornar menor, suprimir ou anular (quase) inteiramente.
3	Cortar cerce, rente, pela base, pela raiz.
4	Fig. Acabar com, desfazer, extinguir, anular.

Fonte: material produzido pelo pesquisador

⁶⁷ Caldas Aulete – dicionário virtual.

Os sujeitos entrevistados apontaram essa “imposição de limites” que “impede o crescimento de algo”, uma “supressão”. **Lua Cheia**, ao falar sobre experiências de vida, aponta que viveu uma infância muito criativa, muito cheia de imaginação, mas que “[...] **as coisas** da vida fizeram eu... parar com aquilo sabe... tipo... meio que deixar aquilo em *stand by* [...]” [grifos meus]. As “coisas da vida”, enunciadas por **Lua Cheia**, encontram ressonância no enunciado de **Lua Crescente**, que também fala desse cercear, da experiência do abafamento:

Lua Crescente “[...] eu tinha um traço muito forte, **que eu não tenho mais**, de quando eu era criança, de quando eu era adolescente, que eu era extremamente sensível [...] eu sentia mais... o mundo... as coisas e... inspirações... e eu gostava de escrever histórias e tudo mais. E... **depois do processo de me assumir**... eu acho que eu meio que... **fechei essa sensibilidade um pouco**. [...]” [grifos meus]

Lua Cheia, em outro momento da entrevista, fala também: “[...] o preconceito, a homofobia, essas coisas, eu sempre vivenciei desde cedo. Por isso, inclusive, que meu primeiro, meu primeiro pensamento do que é ser gay, era ser um erro [...]”. É como se estivessem dizendo que “as coisas da vida” (nesse caso, é cabível compreender como um outro nome para a LGBT+fobia), “impõem limites, impedem, dificultam o desenvolvimento, limitam” estes corpos. Abrindo breve parênteses no tocante ao deslizamento de “coisas da vida” para “LGBTfobia”, lembro da insistência de certas palavras que, ditas demais, reiteram essa aproximação como possível. Em diferentes momentos de nossa conversa, as quatro **Luas**, ao falarem sobre as “coisas” de suas vidas, o fizeram por meio de palavras como “desconforto”, “fantasmas”, “asco”, “rejeição”, “violento”, “batalhas familiares”, revelando não apenas um sujeito que se forma por meio do outro, mas também os caminhos sinuosos de suas vidas quando espreitadas pelo olhar desse outro. Insistências no dizer, como as mencionadas, são uma marca forte da harmonia com os dizeres, e saberes, da **FD Inferno Social**, mobilizando pelo interdiscurso os pré-construídos e a memória que permitem esses dizeres em detrimento de outros, e que fazem esses dizeres carregados de sentido de cerceamento, exatamente por já estarem inscritos e já constituírem sentido em outro lugar, em outro momento.

O **Efeito de Sentido de Cerceamento** coloca o próprio sujeito como agente final da restrição: “[...] eu acho que **eu** meio que... fechei essa sensibilidade um pouco”, “[...] as coisas da vida fizeram **eu**... parar com aquilo [...]” ou, como aponta **Lua Nova**, “[...] **eu** mantive isso por muitos anos oculto [...] eu demorei muito pra... pra que isso fluísse. Porque **eu** me, **eu** me podei”. O “eu” se responsabiliza por cortar-se, por tolher-se, por cercear-se, criando um efeito

outro de evidência de que o “eu” é o único responsável pelo próprio bem-estar, como se não houvesse condições de produção específicas que agissem sobre este ou aquele sujeito, formações imaginárias, situações imediatas, memórias do dizer que não colocassem em movimento sujeitos e sentidos naquele ponto tenso em que língua, história e ideologia se encontram.

É possível pensar reescritas para os enunciados de **Lua Cheia**, **Lua Crescente** e **Lua Nova**, retirando do “eu” a responsabilidade da supressão:

Lua Cheia [...] as coisas da vida fizeram com que... aquilo parasse um pouco [...]

Lua Crescente [...] eu acho que meio que... essa sensibilidade se fechou um pouco [...]

Lua Nova [...] isso ficou, por muitos anos, oculto [...] demorou muito pra... pra que isso fluísse. Porque foi muito podado. [...]

Escrito desta forma, caberia a pergunta: quem ou o que gerou essa supressão? Esse cerceamento? Que força externa gerou esta imposição de limites, de desenvolvimento? As condições de produção ficam mais expostas mediante tais alterações. Pensadas a partir do “eu” como sujeito soberano e consciente de tudo o que faz, desde uma ilusão subjetiva que torna o sujeito evidente, borram-se os efeitos das condições de produção e individualiza-se um processo que, em verdade, é muito afetado pelo social. Resume-se, dessa forma, a questão do assumir-se, ou não, como sujeito LGBTQ+ a um domínio do pessoal, que pouco dialoga com o exterior, que pouco tem de político. O **efeito de sentido de cerceamento**, pensado desde a perspectiva do “eu” – “eu escolhi”, “eu decidi”, “eu podei”, gera uma ilusão de empoderamento para o sujeito, que passa a ser o único condutor da própria história. É como se as **Luas** dissessem: “Ninguém infere sobre meus caminhos, apenas eu mesmo”. É possível compreender este movimento como uma ilusão protetiva. A responsabilidade sobre o “eu” ameniza o embate do coletivo, pois internaliza algo que está presente no todo, no em redor, gerando uma ilusão de controle, de domínio: “No momento certo, **eu** vou fazer”. Esta ilusão de domínio foi manifesta por **Lua Nova** ao falar da namorada: “[...] lá pelas tantas vamos sair de mãos dadas na rua e deu. Vamos casar, ué. Como não vou sair com a minha esposa, vou beijar minha esposa, né? **Simples assim**. [...]” [grifos meus].

“Simples assim” surge como uma afirmação diante de uma dificuldade incontornável: o

social. Decidir “beijar a esposa”, “sair de mãos dadas”, entra em conflito com os medos enunciados por **Lua Nova** – “[...] eu tenho muito receio das pessoas que eu amo sofrerem. Entendeu... Do mundo... ser injusto com elas. É isso... É... Só isso. [...]”. O “simples assim” não é tão simples, pois tange uma série de escolhas que não cabem apenas ao “eu”. Decidir sair de mãos dadas com a futura esposa gera uma série de reações que remontam ao “inferno social”. O “eu” não consegue impedir que aconteçam, apesar de iludir-se de que pode ser responsável por contingenciar este sofrer. Este conflito entre o “eu-controlador” e as condições de produção também foi enunciado por **Lua Crescente** ao falar de experiências escolares.

Lua Crescente “[...] na escola eu sabia que eu precisava ficar... pra trás e não fazer essa performance ou **não manifestar qualquer uma dessas coisas**, porque eu tinha medo de chacota ou de comentário... **ao mesmo tempo eu queria fazer** essa coisas tanto porque... é como eu me constituo identitariamente, mas também porque **eu queria chamar atenção pra essas coisas**, porque... eu queria que as pessoas vissem isso em mim, **mas também não queria que elas vissem essas coisas em mim...**” [grifos meus]

O desejo de negar o cerceamento, a limitação, conflita-se com as condições de produção, afetadas pela ação das formações imaginárias: O que aconteceria se eu fizesse isso? Quem sou eu para agir desta forma? Quem são eles para que comentem minhas ações? As consequências seriam boas ou ruins? Estas questões são afetadas pelo trabalho da ideologia, que coloca em evidência a noção de que o “eu” é grande responsável pelos resultados. A questão do assédio contra mulheres parece orbitar em funcionamentos parecidos: “**Você** se vestiu com esta roupa”, “**Você** pediu”, “**Você** chamou a atenção”, “**Você** não se deu o respeito”. O “eu” é responsabilizado inteiramente pelo não exercício de um “já esperado cerceamento”, como esperado também dos e das LGBT+. O sujeito passa, então, a ser visto como o responsável por todo o sofrimento que enfrenta.

A ideologia trabalha colocando a responsabilidade individual em evidência e, por consequência, invisibiliza as condições de produção, a responsabilidade deste grupo social no qual dominam sentidos de machismo, de LGBT+fobia, de discriminação. Ao sujeito cabe cercar-se, limitar-se, restringir-se para que o “inferno social” não o pegue, não o capture. A vítima é significada aqui como algoz de si mesma, sujeito que, por invigilância, descuido, desrespeito ao social, sofreu o rebote da própria inconsequência. Sob certo aspecto, a análise, como tecida aqui, possibilita descrever, mesmo que minimamente, o movimento dos sujeitos LGBT+ por um processo de identificação que constitui as suas identidades e, ao mesmo tempo,

aponta para a dominância de certos sentidos na circulação e legitimação social do discurso a partir de um regime do político compreendido, desde Orlandi (1996), como o fato de que o sentido é sempre dividido, tendo uma direção que se especifica na história, pelo mecanismo ideológico de sua constituição.

Quando falo em identidade, busco elementos em Zoppi-Fontana (2003, p. 262) que a explica como um feixe provisório de processos de identificação que se definem em relação a posições de sujeito determinadas no interdiscurso pelo movimento sem fim das formações discursivas na história: “[...] consideramos que a identidade se constitui através de processos de identificação do indivíduo com posições de sujeito presentes no interdiscurso, processos que são de natureza ideológica e se dão pela inscrição do indivíduo na língua afetada pela história”. Sobre tal ponto, Orlandi (1996; 2012) complementa, esclarecendo que a identidade trata-se de um movimento do sujeito do discurso na história, movimento do qual, como analista, posso traçar os trajetos na materialidade do *corpus*. Especificamente no tocante às quatro **Luas**, é possível especular que do “eu” dito demais escoem **sentidos**, ao mesmo tempo, **de empoderamento** (pela ilusão subjetiva de um *ego* uno, estável e autoevidente) e de **enfraquecimento** (pela assunção individual da culpa/responsabilidade pela sua própria destinação social).

Considerando que sentidos e sujeito se constituem simultaneamente como efeitos do interdiscurso, a identificação de tais sentidos permite especular que as identidades LGBTQ+ se fazem na contradição entre espaços de identificação socialmente estruturados e legitimados. Tais espaços delegam aos sujeitos LGBTQ+ o pesado ônus por aquilo que é considerado desviante e errado – o ônus de ter que assumir a responsabilidade por si mesmo e pelas “coisas da vida” decorrentes de seu desvio desde uma vez que ele/ela escolheu, podou, decidiu. Como também o surgimento de novas articulações entre posições de sujeito que, mesmo sob o abrigo de uma ilusão, ao falar “eu” deixam escapar um desejo de protagonismo, um desejo de tomada de sua história com as próprias mãos, não pelo caminho da culpa e do cerceamento, mas por qualquer outro itinerário possível. Talvez o caminho do “beijar a esposa”, o do “sair de mãos dadas” sem temer o olhar do outro/Outro não porque o outro se deslocou de sua posição-sujeito juiz ou posição-sujeito carrasco, mas porque, lembrando o poema de Jin Meiling, as quatro **Luas** tenham, com seu contraolhar, transformado o sistema de evidências e significações, fornecido pelo discurso LGBTQ+fóbico, em caos como ele tentou estabilizar as “coisas da vida” delas em desterro.

Retornando ao *corpus*, **Lua Minguante** enuncia os efeitos cumulativos do cerceamento, da automutilação:

Lua Minguante

“[...] vivi um momento assim... é... da minha vida que parece que a minha **existência** foi tão **esvaziada**, sabe, foi tão questionada, que... parecia que eu **não tinha nem possibilidade mais de existir** nesse mundo, sabe, que eu **não cabia aqui** [...]”. [grifos meus]

A vivência como pessoa cisgênero gerou um cerceamento tão constante e tão profundo que a própria “existência foi esvaziada”, a vida pareceu ser impossível. Ocupar o lugar da transgeneridade, apesar das dificuldades e do inferno social, tem relação direta com a experiência da liberdade.

Lua Minguante

“[...] primeiramente, eu vivencio essa identidade e essa expressão por uma **questão de liberdade** eu **me sinto muito livre**... ah... me identificando dessa maneira e me expressando assim [...]”. [grifos meus]

Na busca de ressignificar a vida, de “preenche-la” novamente, fez-se indispensável uma contramedida ao cerceamento: a transgeneridade. A assunção de formas outras de produzir sentidos acerca do corpo, do ser e estar em sociedade, que vem acompanhada de efeitos de sentido de ruptura os quais permitem suspeitar da movência de uma posição de sujeito subalterno do inferno social para uma posição de sujeito que se quer livre, que se pensa possível numa condição de liberdade. Nos ditos de **Lua Minguante**, a transgeneridade a “[...] libertou de alguns armários [...]”. No entanto, o **Efeito de Sentido de Cerceamento** manteve sua dominância: **Lua Minguante** olha para o passado e aponta que “[...] antes, quando eu era uma pessoa cis e me identificava com bicha, **eu** também sempre **incomodei** dentro desse espaço [...] porque... tinha um limite até onde **eu** podia chegar [...]”. Ao fazê-lo, novamente a ilusão do eu origem do sentido de manifesta. Mas seria esse “eu” que incomodava ou os saberes de determinada noção acerca do ser “bicha” é que apontavam este “eu” como incômodo? O verbo seria “incomodei” ou “incomodou”? Antes de qualquer tentativa de respostas a tais questões, preciso atá-las aos lugares teóricos para os quais a Análise de Discurso me joga.

Desde concepções de Orlandi (2006, p. 21), a “[...] memória discursiva é trabalhada pela noção de interdiscurso: ‘algo fala antes, em outro lugar e independentemente’”. Dessa forma, o que dá sustentação para o discurso é a relação com sentidos outros produzidos em outros processos discursivos, isto é, quando enunciamos nos filiamos a “[...] todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2001, p. 33).

Se algo faz sentido é porque foi acionada toda uma memória discursiva, uma vez que, ao formular seu enunciado, o sujeito discursivo o faz acionando toda uma filiação a sentidos “já ditos”. Essa filiação a sentidos se relaciona com a posição ocupada pelo sujeito que diz, pois o processo de formulação de sentido ocorre também por um processo de identificação do sujeito com sentidos a respeito daquilo de que se fala.

A esse processo Pêcheux (2014, p. 147) definiu como formação discursiva: “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. Nesse sentido, é o interdiscurso que dá ao sujeito a autonomia para dizer o que pode/deve ser dito a partir da posição que ele ocupa, fornecendo ao sujeito um sistema de evidências e significações.

Em se tratado dos depoimentos de **Lua Minguante**, o que fala antes? O que fala em outro lugar? O que fala independentemente? Ao enunciar, **Lua Minguante** se filia a que “conjunto de formulações feitas e já esquecidas” que determinam o que ela diz? Que filiação a sentidos “já ditos” foi acionada por ela? **Lua Minguante** declara que:

Lua Minguante

“[...] vivi num momento assim... é... da minha vida que parece que a minha **existência** foi tão **esvaziada** sabe, foi tão questionada, que... parecia que **eu não tinha nem possibilidade mais de existir** nesse mundo, sabe, que **eu não cabia aqui** [...]” [grifos meus]

“[...] primeiramente, **eu** vivencio essa identidade e essa expressão por uma **questão de liberdade eu me sinto muito livre**... ah... me identificando dessa maneira e me expressando assim [...]” [grifos meus]

“[...] antes, quando eu era uma pessoa cis e me identificava como bicha, **eu** também sempre **incomodei** dentro desse espaço [...] porque... tinha um limite até onde **eu** podia chegar [...]” [grifos meus]

Ainda que “eu” insista em existir (e reverberar) nos dizeres de **Lua Minguante**, ele não parece apontar para um mesmo lugar de enunciação ou, como diz Zoppi-Fontana (2017), para uma mesma instância de circulação e legitimação do dizer. Se, por um lado, como afirmado antes, este sintagma pode remeter à ilusão do sujeito de ser origem do sentido e dono do dizer, a uma “[...] potência performativa como autossuficiente e fundadora de uma identificação sem falha” (ZOPPI-FONTANA, 2017, p. 70), ecoando **efeitos de sentido de empoderamento de um sujeito que se sente livre porque se assumiu** que se constituem no mesmo batimento que uma **posição-sujeito desejante de reconhecimento** (PSDR); por outro lado, o mesmo sintagma, na medida que é tocado por outros – “esvaziada”, “questionada”, “limite”, permite delimitar uma posição sujeito que, mesmo enunciada em um “eu”, se percebe dita e olhada

como não legítima, como estranha, talvez como incômoda – uma **posição-sujeito de interdição do eu** (PSIE). A identidade, na sua provisoriedade constitutiva, surge atravessada pela contradição em função mesmo dos efeitos do interdiscurso nas sequências discursivas. Na AD, o discurso é atravessado por outros discursos, como nos dizeres de **Lua Minguante** (e, também, de **Lua Nova, Lua Crescente, Lua Cheia**) em que os discursos LGBT+fóbicos, machistas e segregadores estão presentes mediados pela sociedade capitalista em uma formação social e em um tempo histórico que, pela retomada de certo *já-lá*, tende a agudizar ainda mais a rejeição ao diferente. A AD suscita o efeito de sentido provocado pela condição social e histórica do mesmo, ou seja, o discurso está inscrito na materialidade histórica da língua, não sendo possível prescindir da memória neste jogo.

É interessante observar que certos “malabarismos” de um “eu” que permite reconhecer duas posições de sujeito em conflito também provocam a evidenciação de espaços de memória de uma sequência no modo como propõe Pêcheux, no texto *Lecture at mémoire: projet de recherche*. Em tal trabalho, o autor enfatiza que a condição de enunciação de uma sequência da língua reside na existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos constituindo o espaço de memória da sequência. Seu foco refere, especificamente, modos a partir dos quais seja possível mostrar como os traços de memória, enquanto materialidade discursiva, exterior e anterior à existência de uma sequência dada, intervêm para constituí-la. Tais traços não devem, contudo, ser confundidos com elementos autônomos, soltos, disponíveis fora da sequência, pois é em relação à própria linguagem que se estabelecem as condições de constituição desses espaços de memória.

De forma direta ou indireta, à constituição de tais espaços se articula uma unidade de sujeito somente possível em decorrência de um esquecimento do discurso outro que habita constitutivamente sujeito e sentidos. Portanto, unidade que se faz pelas ilusões ou esquecimentos já discutidos por Pêcheux em **Semântica e Discurso**. Como dito antes, nos enunciados supracitados, além do funcionamento de “eu”, despertam a atenção os elementos a ele agregados – “livre”, “esvaziada”, “questionada”, “limite”. Tais palavras parecem exercer o papel de fixar lugares de memória a partir dos quais a vida LGBT+ ganha sentido. Pêcheux, em **O Papel da Memória**, ao tecer considerações sobre tal processo, lembra que a análise precisa remeter ao ponto em que a necessidade do dizer se encontra com o espaço de memória convocado por esse dizer, se constituindo, aí, um acontecimento enunciativo. Que acontecimento é possível vislumbrar aqui? Que lugares de memória tais itens lexicais fixam?

Parece-me que “livre” está associado a uma tomada de posição que coloca esse sujeito em um estado de liberdade pelo tanto que a transgeneridade, como algo que marca seu corpo,

repercute enquanto possibilidade de outro modo de enunciação de si que, por conta da memória, retoma dizeres de luta por reconhecimento que tem acompanhado a história das relações de gênero e sexualidade desde décadas atrás em nosso país e, também, em outros lugares do mundo, dizeres que ecoam de Stonewall e de muitos outros movimentos. E “esvaziada”, “questionada” e “limite” podem ser articuladas a uma posição que estabelece relação tensa com a anterior na medida em que, ao se impor ao sujeito, o faz pelo cerceamento do mesmo e aponta para a retomada de um discurso que, muito presente tanto no passado como nos tempos atuais, tende a demonizar o corpo diferente, fazendo com que ele corresponda a uma ideia de desordem pela qual, de uma maneira ou de outra, ele precisa ser responsabilizado – o que, de certa forma, escapa por alguns “eus” de **Lua Minguante**. Ela se sente questionada. Mas questionada em função do quê? Por quem? Por quê? Talvez questionada em função de seu desvio, da desordem que provocou em seu corpo, da desordem que pode provocar (ou já provoca) nos ditos bons costumes e boas tradições de que o pensamento conservador, que avança rápido, se julga defensor e guardião.

7.2. FORMAÇÃO DISCURSIVA DE LIBERDADE PESSOAL (FDLP)

Estabelecendo relação de contraposição aos saberes que circulam, com mais regularidade, na **Formação Discursiva Inferno Social (FDIS)**, identifico outra FD – a **Formação Discursiva Liberdade Pessoal (FDLP)** que, tocando as porosas fronteiras da **FDIS**, nela inclusive tenta se infiltrar como agente dissidente cujos saberes entram e circulam em espaço com que não está identificado, realizando um **movimento de desidentificação** com os saberes ali dominantes a tal ponto que uma nova FD é fundada. Sob certo aspecto, tais considerações preliminares nesta subseção se apoiam no próprio Pêcheux (1997) quando refere a heterogeneidade – assunto retomado por Denise Maldidier (em seu livro *A Inquietação do Discurso*) e, mais recentemente, por Cazarin (2010, p. 111) ao explicar que:

Em relação ao processo de configuração de uma FD, Pêcheux, em vários textos possibilita-nos a compreensão de que é o interdiscurso que delimita o conjunto do dizível e que uma FD existe historicamente no interior de determinadas relações de classe e deriva de condições de produção específicas; uma FD, segundo ele, identifica um domínio de saber e dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao interdiscurso das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas [...]. Em texto distinto [...], chama a atenção para o fato de que é impossível caracterizar uma FD como um espaço fechado, pois sua constituição é invadida por elementos que vêm de outro lugar, sob a forma de pré-construídos e de discursos transversos. Lemos, nessa passagem, a concepção das “fronteiras” movediças da FD – sempre entendendo “fronteira” como o lugar de entrelaçamento/entrecruzamento de discursos, e não como um limite divisório estático.

Nesse sentido, é fundamental destacar que, no caso deste estudo, de meu gesto analítico na configuração das duas FDs, isso apenas se tornou possível porque, levando em consideração a historicidade que lhes são próprias, atentei para o interdiscurso, acionei a memória discursiva. Interdiscurso, o já-dito em outro lugar e em outra época, refere o discurso que atravessa outro discurso, não permitindo compreender o sujeito como dono do dizer. Seria dizer que todo discurso já foi dito em outro lugar e em outra época, pois as palavras fazem sentido de acordo com a história. Portanto, busquei reconhecer discursos retomados pelos enunciados. Ademais, não ignorei as diferentes posições-sujeito que revelam tanto a heterogeneidade discursiva externa quanto interna das supracitadas FDs. Quanto a este ponto em particular, lembro síntese produzida por Jussana Daguerre Lopes, colega de grupo de pesquisa, na qual assim ela se coloca no tocante às três tomadas de posição pensadas por Pêcheux:

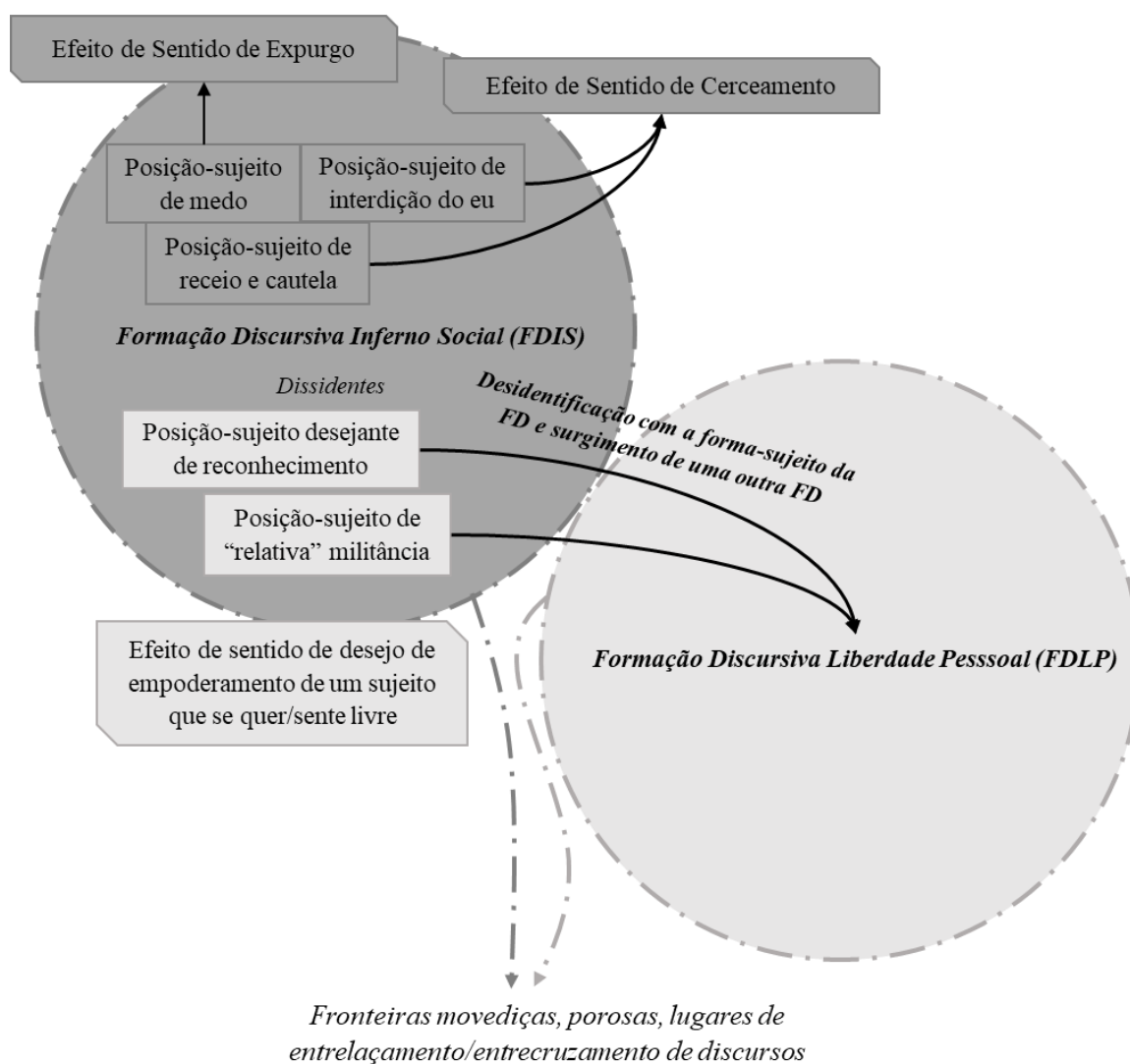
A partir de Pêcheux e Indursky, reconhecemos [...] a existência de uma posição-sujeito [...] que se identifica completamente com os saberes que nela circulam de forma dominante. Trata-se de um *bom sujeito* que reflete “espontaneamente” o sujeito do saber da FD. [...] O *mau-sujeito*, desde Indursky, corresponde ao sujeito do discurso que se contrapõe à forma-sujeito (se distancia, duvida, questiona, contesta, se revolta etc.), se contraidentificando. Não ocorre um afastamento total da primeira FD, [...] mas uma identificação com outra FD [...]. Ocorre um ligeiro deslocamento discursivo em relação ao discurso reproduzido na memória da FD dominante. Não chega a se fazer uma ruptura entre sujeito e forma-sujeito da formação discursiva, mas são engendrados espaços não dominantes no âmbito dessa mesma FD, imbricada a outras em função da porosidade de suas fronteiras. A forma-sujeito se divide em *bom* e em *mau-sujeito*, sendo ela fragmentada. [...] A terceira modalidade referida por Pêcheux se trata da *desidentificação*. Ela ocorre quando o sujeito não se identifica mais, passando a identificar-se com outra FD. Sobre a desidentificação, Indursky adverte que esta modalidade possibilita falar em “brecha” uma vez que, embora o sujeito não deixe de ser interpelado ideologicamente, existe “certo espaço de liberdade” o qual permite movimentação. Quando ela ocorre é porque, inconscientemente, o sujeito já está identificado com outro domínio do saber. (LOPES, 2019)

Em igual medida, cumpre ressaltar que foi considerada a relação entre o sentido e as posições inscritas na ordem da **Formação Ideológica dos Costumes** que se manifesta nas duas FDs identificadas. A FI desempenha a função de reprodução das relações de produção pelos gestos de sujeição que caracterizam o sujeito ideológico, estabelecendo a posição desse sujeito numa conjuntura situacional-histórica. Assim, pelo “todo complexo das FIs” se chega à concepção de FD: “[...] aquilo que, numa determinada FI dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina, pelo estado da luta de classes, o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2014, p. 166), o dito e o não-dito nessa produção se compoem “[...] nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras [...] de uma mesma formação discursiva” (PÊCHEUX, 2014, p. 161). A FD representa, na linguagem, um recorte da FI. De certa forma, retornando às inscrições e movências dos sujeitos discursivos, à

formulação e circulação dos sentidos assim como as compreendo, é possível arriscar uma representação, ainda parcial, das duas FDs reconhecidas:

Figura 16 - Formação Ideológica, Formações Discursivas e Posições-Sujeito

FORMAÇÃO IDEOLÓGICA DE TRADIÇÃO E DE COSTUMES



Fonte: material elaborado pelo pesquisador em reunião de orientação

Na FDLP as evidências que indicam a natureza pecaminosa, desviada, patológica dos sujeitos LGBT+ são questionadas, reviradas e, em alguns casos, estilhaçadas. Em movimentos polissêmicos diante da norma, sentidos outros se condensam, permitindo perceber estes sujeitos como sujeitos humanos, complexos para além das suas experiências sexuais, que encontraram caminhos de liberdade para viver apesar de todas as agressões e tentativas da normatividade de subjugar-los. Aliás, em duas declarações de **Lua Minguante** ecoam sentidos de inconformidade

com o fato de ela, em muitas vezes, não ser considerada em sua inteireza, mas apenas em função de sua transgeneridade:

Lua Minguante

“Eu não permito mais que as pessoas me usem pra... porque aconteceu situações assim que eu ia em alguns espaços que as pessoas ficavam falando o tempo todo: “Olha lá, ela chegou, a travesti chegou, a não binária chegou!”. E isso é muito cansativo pra gente, é muito desgastante, é muito violento, sabe. Então eu **tava sempre nos espaços sendo lida** como, **só por esses atravessamentos de gênero e sexualidade** e expressão de gênero, entendeu. Era **só isso que importava**. As outras áreas da minha vida não importavam mais [...]. Mas, além de ser travesti não binário, eu sou muitas outras coisas. Eu sou dona de casa, eu sou mãe de uma gata, eu sou estudante, eu sou amiga. Enfim, eu sou muita coisa, entendeu.”

“[...] Eu aqui mesmo nessa universidade, várias vezes já fiz fala aqui, já falei sobre a minha vivência, quando eu acabei de falar a pessoa foi lá e... e... acabou praticando um *misgender* comigo, que é trocar meu gênero... sabe? É assim ó, **eu falava, falava, falava, depois no final a pessoa vinha e desconsiderava todo o meu discurso**, assim, então... Hoje eu só falo quando... sabe? Então **o peso que a nossa palavra tem é muito menor**” [grifos meus]

Lua Cheia, ao ser perguntado sobre o que é ser LGBT, o que é ser homem gay, assim se manifestou:

Lua Cheia

Eu acho que se falar de responsabilidade e comprometido é falar de coletivo, assim. Eu acho que a gente não consegue construir nada se não foi coletivamente, eu acho importante falar que nós somos indivíduos, nós temos as nossas individualidades, né, e cada homem gay é diferente, né, eu acho que a gente compartilha das vivências, compartilha do medo, infelizmente, compartilha... e ao mesmo tempo a gente precisa falar de privilégios, porque a gente sabe... acho que a gente lidando com os nossos privilégios a gente consegue ter empatia com o próximo e a próxima... e... eu acho que... pra mim tem sido difícil ter uma visão otimista do movimento em geral, do movimento LGBT como um todo... mas ao mesmo tempo eu tenho muita fé na garra das pessoas, assim. Eu acredito nas pessoas. Eu acredito que... de alguma forma a gente vai conseguir... pensando na conjuntura atual, que a gente vai conseguir ah... travar essa batalha dignamente, assim, sabe? Acho que meu conselho... se conselho fosse bom a gente não dava... a gente vendia na verdade, não dava, mas enfim... Acho que meu conselho seria... Vamos se conversar e vamos olhar no olho assim e tipo tentar... ver o que pode ser feito de efetivo assim sabe? E pra prática e pra vida, assim sabe? Sair um pouco das paredes da mentalidade das coisas assim e ficar só pensando e refletindo assim e não agir. Aí é a famosa práxis, a famosa ação sobre reflexão. Eu acho que enquanto cidadão, enquanto morador do planeta terra, a gente precisa fazer isso. Eu acho que nós, enquanto comunidade LGBT, a gente precisa tá ciente que as coisas não são tão boas pro nosso lado e que ou a gente faz alguma coisa, nem que seja conversar... ou a gente... vai se foder bonito aí... Eu...pra mim, eu acho que é isso... Mas ah... não sei, foi isso que eu pensei agora. **No mais, é lindo! É lindo ser viado!**

Seu enunciado está saturado de referências, entrecortadas, a situações que são origem

de preocupação para ele – desde atitudes dos próprios LGBT+s que, segundo ele, talvez precisem se pensar como coletivo de um modo diferente do atual até questões que ele parece sintetizar com a afirmação “[...] a gente precisa tá ciente que as **coisas** não tão boas pro nosso lado”. Apesar das ressalvas em relação ao movimento LGBT e da percepção de que está vivendo um tempo de turbulências e sobressaltos, ele conclui sua fala declarando que “[...] **No mais, é lindo! É lindo ser viado!**”. “No mais” é uma expressão que indica os elementos restantes: **No mais** é “[...] locução adverbial com o sentido de “quanto ao mais, de resto, além do mais”. É hoje uma expressão muito usada para encerrar o assunto, como se fosse “quanto ao que ficou por dizer”⁶⁸. Sendo assim, este “No mais” é uma marca linguística que aponta na direção de todos os elementos restantes mencionados por ele, nesta SD e em outras ao longo da entrevista, e que podem ser compreendidos como as tentativas da heteronormatividade de padronização e apagamento do sujeito LGBT+.

Talvez, ao referir o que ficou por ser dito agora mas foi dito depois, constituindo-se em não-dito que tem suporte no dito anterior, ao referir tais elementos restantes, também seja necessário que eu pense sobre o funcionamento discursivo da palavra “coisas” na SD “[...] a gente precisa tá ciente que as **coisas** não tão boas pro nosso lado” desde seu enlace com outras SDs nas quais esta mesma palavra, ou “coisa”, é enunciada: **Lua Cheia** empregou 12 vezes a palavra “coisa” e 10 vezes a palavra “coisas” como pode ser conferido a seguir:

1. [...] as experiências negativas, né: o preconceito, a homofobia, essas **coisas**, eu sempre vivenciei desde cedo. (FDLP)
2. Eu sempre penso que... o sujeito, ser um sujeito LGBT, antes de mais nada, é ser um sujeito político... sabe? Ah... é... é colocar a pauta LGBT dentro da roda, digamos assim, sabe? Ahm... não é ser, não é uma questão de ser ativista ou militante, que aí a gente entraria em outra conversa, que também é interessante, pra desmistificar muita **coisa**, mas... é sim vivenciar ah... esse movimento político que é ser LGBT, assim.
3. Eu acho que... que é importante ter essa sensação de comunidade assim, a gente tem muito pouco... E entre as letrinhas ali todas, existe muuita, muita **coisa** a... a ser questionada, muito... muito... muita desconstrução pra ser feita, também...
4. [...] que que é pra mim hoje... do que que... não sei, quando tu fez a pergunta só veio **coisa** boa assim, do tipo “ai ser viado (risos) é ótimo (risos), num sei o que”... e estar de bem consigo mesmo, e empoderamento e tudo mais que, né, todos os adjetivos positivos de... de emancipação humana, assim sabe? (FDLP)
5. Porque todo LGBT já deve ter passado por isso, de ter pensado que não era apto a fazer qualquer tipo de **coisa**, né? E... claro, a gente... eu acho que ser LGBT no Brasil é viver cercado de fantasmas. (FDIS)
6. [...] eu acho que quando... eu pude falar de... relacionamentos ou de alguma atração por outro cara dentro de casa. Sabe? Do tipo... aquela **coisa** de comentar, sei lá, minha mãe diz “Ai, esse cara é muito bonito, né?”, tipo “Sim, ele é muito bonito, não sei o quê”. Eu achei isso super, tipo, nossa, ponto! (Um problema a menos). (FDLP)

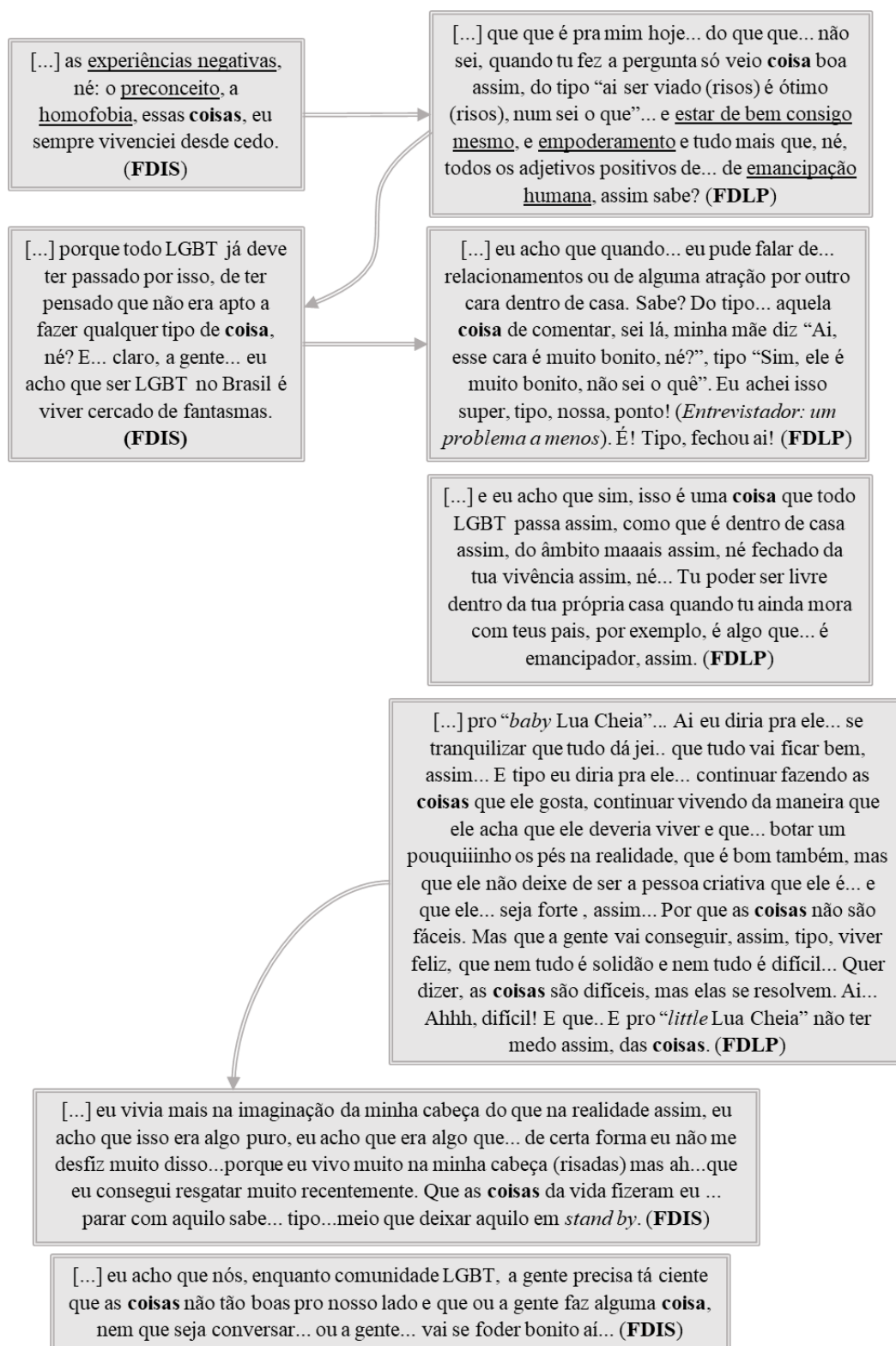
⁶⁸ Disponível em: <http://www.linguabrasil.com.br/mural-consultas-detail.php?id=9827&busca=>. Acesso em: 01 de junho de 2019.

-
7. E eu acho que sim, isso é uma **coisa** que todo LGBT passa assim, como que é dentro de casa assim, do âmbito maaais assim, né fechado da tua vivência assim, né... Tu poder ser livre dentro da tua própria casa quando tu ainda mora com teus pais, por exemplo, é algo que... é emancipador, assim. (FDLP)
-
8. Isso é uma **coisa** que é importante também assim, eu sou cria dos anos 90, né, adolescente nos anos 2000... tu também (indicando o entrevistador), a nossa época foi uma época de não existir referências e... de não existir referências na cultura... na liter..... bem na literatura nem vou comentar porque eu não posso dizer (risadas) mas ah... na cultura popular não existia... A gente não tinha uma Glória Groove, sabe?
-
9. E... até hoje eu sinto meio carência dessas referências, mesmo tendo uma produção muito grande de muita **coisa** assim... A gente ainda sente que ainda falta muita **coisa**, falta trabalhar muita **coisa** com mais respeito, talvez? Eu como sou muito ligado com as artes e gosto e leio e pesquiso e ouço e tudo assim, eu sempre procuro essas referências nesses lugares, assim e... a gente encontra muita **coisa** boa, mas... não necessariamente a gente vai encontrar **coisas** qualitativas, assim.
-
10. Pro *baby* Lua Cheia... Ai eu diria pra ele... se tranquilizar que tudo dá jeí.. que tudo vai ficar bem, assim... E tipo eu diria pra ele... continuar fazendo as **coisas** que ele gosta, continuar vivendo da maneira que ele acha que ele deveria viver e que... botar um pouquiinho os pés na realidade, que é bom também, mas que ele não deixe de ser a pessoa criativa que ele é... e que ele... seja forte, assim... Por que as **coisas** não são fáceis. Mas que a gente vai conseguir, assim, tipo, viver feliz, que nem tudo é solidão e nem tudo é difícil... Quer dizer, as **coisas** são difíceis, mas elas se resolvem. Ai... Ahhh, difícil! E que.. E pro little Lua Cheia não ter medo assim, das **coisas**. (FDLP)
-
11. Eu vivia mais na imaginação da minha cabeça do que na realidade assim, eu acho que isso era algo puro, eu acho que era algo que... de certa forma eu não me desfiz muito disso...porque eu vivo muito na minha cabeça (risadas) mas ah...que eu consegui resgatar muito recentemente. Que as **coisas** da vida fizeram eu ... parar com aquilo sabe... tipo...meio que deixar aquilo em *stand by*. (FDIS)
-
12. [...] o meu maior receio é de olhar pra trás e de pensar que eu não vivi o que eu poderia ter vivido, o que eu não vivi o bastante, sabe? E talvez por isso que... seria mais fácil... esperar por essa aprovação assim... do tipo: tu fez as **coisas** que tu queria.
-
13. Acho que meu conselho seria... Vamos se conversar e vamos olhar no olho assim e tipo tentar... ver o que pode ser feito de efetivo assim sabe? E pra prática e pra vida, assim sabe? Sair um pouco das paredes da mentalidade das **coisas** assim e ficar só pensando e refletindo assim e não agir. *Aí é a famosa práxis*, a famosa ação sobre reflexão.
-
14. Eu acho que, enquanto cidadão, enquanto morador do planeta terra, a gente precisa fazer isso. Eu acho que nós, enquanto comunidade LGBT, a gente precisa tá ciente que as **coisas** não são boas pro nosso lado e que ou a gente faz alguma **coisa**, nem que seja conversar... ou a gente... vai se foder bonito aí... (FDIS)
-

Ao empregar a palavra “coisa”, **Lua Cheia** faz referência a algo que já foi dito: concepções a serem desmistificadas sobre “ser ativista ou militante”, questionamentos a serem endereçados aos LGBT+ no que concerne ao movimento LGBT+, desconstruções sobre o movimento LGBT+, experiências positivas relacionadas ao “ser viado” como “estar de bem consigo mesmo”/”empoderamento”/”emancipação humana”, atividades para as quais não se julgou apto em algum momento da vida em função dos “fantasmas” pelos quais um LGBT+ está cercado, liberdade em família, atitudes de luta e resistência a serem assumidas pela comunidade LGBT+, ausência de referenciais LGBT+ no passado/presença de referenciais mais recentemente. Ao utilizar a palavra “coisas”, **Lua Cheia** aponta para “preconceito”,

“homofobia”, “experiências negativas”, limitadores, atividades de que gosta, referências LGBT+ que já existem sem estarem acompanhadas sempre por critérios de qualidade. O sujeito se move entre as duas Formações Discursivas, talvez sendo possível reconhecer, ainda, uma terceira FD mais associada a uma **posição-sujeito institucional** (PSI) de alguém que pensa o movimento LGBT e se preocupa com as formas que a luta têm assumido – uma **Formação Discursiva Institucional** (FDI) sobre a qual não se falará nesta pesquisa por não ser seu objetivo compreender a discursivização das lutas e dos movimentos LGBT+ nos depoimentos dos interlocutores da pesquisa. A movências de sujeitos e sentidos em disputa pode ser assim representada:

Figura 17 - As marcas linguísticas “coisa” e “coisas”, a movência do sujeito e os sentidos em disputa

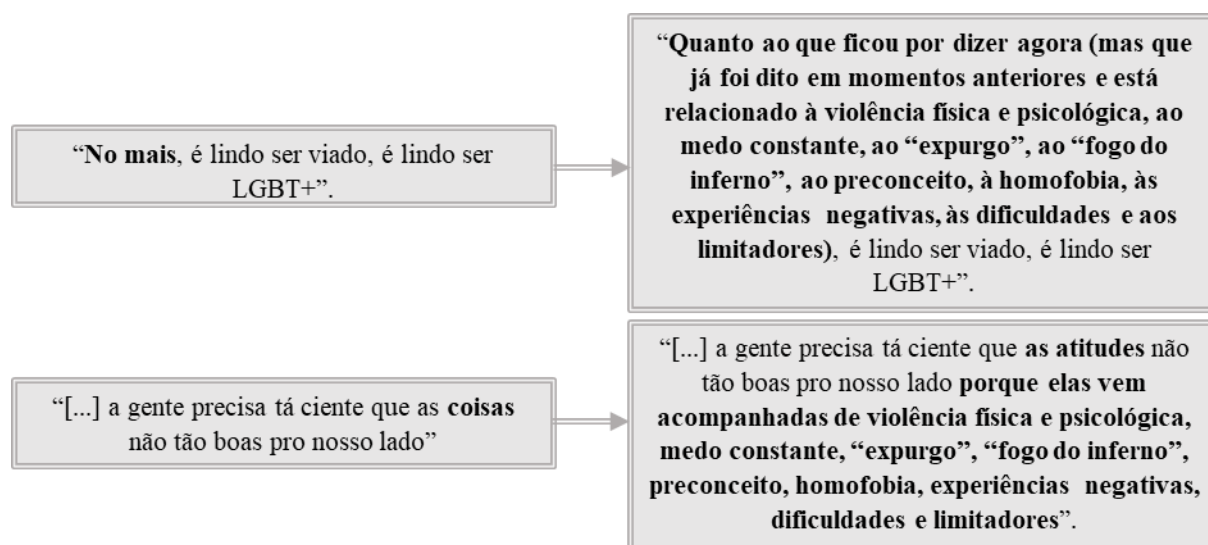


Fonte: material elaborado pelo pesquisador em reunião de orientação

Apesar da classificação feita, não se desconhece a heterogeneidade das FDs. A classificação se deu a partir do reconhecimento de saberes dominantes em cada SD que permitem sua associação a uma FD, que autoriza que aquele dito seja dito, e não a outra, embora

“saberes dissidentes” entrem e circulem nas duas como foi destacado parágrafos antes. “Coisas” parece construir um referencial discursivo na medida em que, como se utilizando de um fio invisível, o analista vai costurando os dizeres e tornando visível as relações de sentido constituídas entre eles que remetem para um exterior e, nesse exterior, encontram ruídos do cotidiano dos sujeitos LGBT em uma sociedade que ainda não reconhece totalmente o lugar e a voz deles como legítimas. Como se não bastasse, por movimentos que a Análise de Discurso autoriza realizar, “coisas” retorna em “No mais”. Contudo, nesse retorno ocorre uma perturbação: se, antes, o **efeito de sentido de cerceamento e expurgo** ressoava forte, agora ele precisará disputar espaço com o **efeito de sentido de humanidade** porque, apesar de tudo, “é lindo ser viado”. Tomando por base os elementos com que “coisa” e “coisas” se enlaçam, poder-se-ia reescrever, de novo, a afirmação de **Lua Cheia** segundo a qual “**No mais, é lindo ser viado, é lindo ser LGBT+**”, agregando ainda outra formulação – “[...] a gente precisa tá ciente que as **coisas** não tão boas pro nosso lado”, dizendo:

Figura 18 - Enlaces discursivos entre “No mais” e “coisas”



Fonte: material elaborado pelo pesquisador

Esta lindeza – “é lindo ser viado”, afirmada em meio a tanto sofrer, tanta dificuldade, parece ser uma das faces dessa formação discursiva: reorganização de sentidos de contenção, vergonha, punição que podem e devem ser ditos a partir da FIC, para uma retomada das vozes de *Stonewall Inn*, do “gay power”, da irreverência sexual brasileira que, desde o Brasil colônia, desconcertou e desorientou os europeus tão sedimentados nas suas verdades. Em outras palavras, como sugere Indursky (1997), por meio da mobilização da categoria de memória discursiva, foi possível relacionar o que é dito na sequência discursiva com o dizer de discursos

outros: o dito (“[...] as coisas não tão boas pro nosso lado”) que refere situações de dificuldade e retoma discursos sexistas e preconceituosos, dando visibilidade a uma **posição-sujeito ameaçada** (PSA), tensionado por um outro dito (“No mais, é lindo! É lindo ser viado!”) que retoma discursos libertários de tempos passados, discursos que ousavam transgredir o padrão no intuito de, quiçá, produzir perturbações nos sentidos estabilizados, impondo-se ao anterior e dando visibilidade a uma **posição-sujeito ousada** (PSO).

Tomando o sintagma “liberdade” como indispensável para a compreensão desta FD, busquei seu sentido dicionarizado. Encontrei, no Caldas Aulete Online, as seguintes acepções:

Figura 19 - Sintagma liberdade: sentidos dicionarizados

Liberdade – substantivo feminino	
1	Possibilidade de agir conforme a própria vontade, mas dentro dos limites da lei e das normas racionais socialmente aceitas.
2	Estado ou condição de quem é livre
3	Supressão das formas de opressão anormais, ilegítimas e imorais.
4	Autonomia, independência.
5	Condição de quem não está submetido a nenhum constrangimento físico ou moral.
7	Licença, permissão.
8	Atitude de quem tem familiaridade (às vezes um tanto atrevida) com a pessoa ou pessoas com quem fala.
9	Estado daquilo que está com os movimentos livres.
10	Condição de homem livre.
11	Fil. Condição de um ser que se encontra livre para expressar os diversos aspectos de sua natureza ou de sua essência.
12	Autonomia de que desfrutam certos grupos sociais.
13	Maneira mais ou menos atrevida ou audaciosa de agir.

Fonte: material elaborado pelo pesquisador

A partir destes significados, posso realizar algumas ilações no que tange à marca linguística “liberdade (pessoal)” que, aliás, caiu 17 vezes no fio do discurso quando conversamos **Lua Minguante** e eu – um dizer demais que, por ter chamado a minha atenção, compartilho a seguir, trazendo tais dizeres para este texto:

- 1.** [...] eu vivencio essa identidade e essa expressão por uma questão de **liberdade** eu me sinto muito livre... ah... me identificando dessa maneira e me expressando assim
- 2.** E no decorrer do meu processo de trânsito assim, eu fui vendo o quanto isso me trazia **liberdade... pessoal, né?**
- 3.** [...] a minha identidade e a minha expressão de gênero me possibilita... viver... com muita vontade assim, **liberdade**.
- 4.** [...] a gente tá, assim ó, possibilitando um caminho de **liberdade**, onde você também pode viver de outras formas, entendeu? De maneira mais livre. Então a palavra aqui é **liberdade**, nesse sentido.
- 5.** [...] como que eu equilíbrio essa relação de **liberdade**/felicidade com esse inferno social: eu escolho muito bem onde eu vou, nos lugares que eu vou... se eu percebo que esse lugar

-
- assim ó... ah... que eu tenho que fazer essa crítica tá, desculpa, mas vou fazer essa crítica...
-
6. Então essa **liberdade**, essa felicidade tem uma relação muito grande, a medida com que eu me relaciono com mais pessoas transgênero também. Que a gente troca coisa que não tem como uma pessoa cis trocar comigo

 7. Fazer essa relação de **liberdade**/felicidade com esse inferno social é se proteger. eu não espero ter aprovação... de ninguém, assim sabe, nesse sentido assim, que seja cis, a minha felicidade, minha **liberdade** não depende dessa pessoa

 8. E não depende também, apesar de ser um inferno, de eu enfrentar tudo isso, né, não sou eu né, pessoas trans, no social, a minha felicidade, meu conceito de **liberdade** não depende disso né...

 9. Mas pra mim o momento mais marcante assim, porque também tem uma relação com o social, enquanto pessoa trans, foi ter a possibilidade de retificar meu nome. Isso socialmente representa muita coisa pra mim, entendeu. Hoje eu ando com uma **liberdade** muito maior nas ruas.

 10. Era ressignificar o meu nascimento, entendeu. Era ter autonomia e a **liberdade**, pra nascer do jeito que eu quero...entendeu. sem imposição de um gênero que dizia “não essa pessoa pertence a tal gênero; essa pessoa terá tal nome”, entendeu.

 11. [...] essa **liberdade** que eu tenho e esses processos de violência também, eu começo a ter essa autonomia sobre eles, eu não deixo algumas coisas acontecerem mais na minha vida.

 12. [...] eu acho que eu consigo ser uma pessoa feliz e livre, hoje, dentro dessa possibilidade de **liberdade** e de felicidade, porque eu sou exatamente aquilo que eu gostaria de ser, entendeu. Eu vivo exatamente, eu vivo com muita **liberdade**, porque eu vivo só com a minha gata, sabe vivo muito sozinha, meus pais já se foram, minha família ta longe, entendeu

 13. [...] tem uma certa realidade nisso sabe, de que... a sua heroína e seu herói tão dentro de casa que são a sua mãe e o seu pai e aquela convivência, aquela **liberdade** que você tem entre a sua família, eu tinha uma família... eu tenho três irmãs e um irmão, então uma família...relativamente grande (riso) então sair daquele espaço, que é um espaço de conforto, assim, que é um espaço de conforto, pra ir pra um espaço mais amplo onde várias coisas estavam sendo colocadas ali.

 14. Aí eu acho que eu... eu imagino uma pessoa cansada de viver (risos) entendeu, uma pessoa bastante cansada de viver, mas uma pessoa com uma maturidade, com uma tranquilidade sabe. Uma pessoa de cabelos brancos, mais brancos do que eu estou agora entendeu (risos) e tranquila em relação as coisas também, sabe... que eu acho que...como eu tenho trinta e oito anos, já não sou tão jovem assim, já tô vivendo esse processo de tranquilidade, né. E uma pessoa também do futuro que talvez fez muita coisa que gostaria de ter feito, talvez mais ainda do que imaginava, né... Eu acho que eu vejo assim. E também me vejo dentro de um espaço de diálogo em relação a essas questões de identidade principalmente, **liberdade**...
-

Inicialmente, sinto-me inclinado a perguntar: que sujeito é esse que enuncia a conquista da “liberdade pessoal”? Ou, ainda mais precisamente. que sujeito é esse que **precisa** enunciar a conquista da “liberdade pessoal”? Que sociedade é essa para que lhe seja necessário fazer tal enunciado? Como essa tal sociedade vê este sujeito que, apesar de ser tomado como sujeito de direito, não é um sujeito de liberdade? Por que se fala, em determinado momento, em liberdade **pessoal** e não apenas liberdade?

Este é o sujeito em que a (1) “possibilidade de agir conforme a própria vontade [...]” não vigora completamente, pois ele não cabe “[...] dentro dos limites da lei e das normas

racionais socialmente aceitas”. A este sujeito não cabe (10) “a condição de homem livre”, tampouco é alvo da (3) “supressão das formas de opressões anormais, ilegítimas e imorais”. Parece-me impossível não ressaltar esta última parte: “[...] opressões **anormais, ilegítimas e imorais**”. Seriam as opressões sofridas pelos sujeitos LGBT+ consideradas anormais, ilegítimas e imorais? A depender da resposta, uma outra questão assoma – seria o sujeito LGBT+ um sujeito, a ser considerado, de direito e, por isso, digno de não sofrer “opressões anormais”? A partir da FDLP, a figura humana do sujeito LGBT+ se condensa, questionando esta visada acerca da liberdade, que, muito aos moldes da Revolução Francesa, apregoava a liberdade, mas mais para alguns do que para outros. Na FDLP, os sujeitos LGBT+ buscam estender para si estes sentidos de liberdade, fazendo valer seus direitos de, de fato, serem sujeitos de direito. Esta é a posição-sujeito por eles assumida desde a identificação com a FDLP: **posição de sujeito de direito** compreendido, aqui, do modo como Lagazzi (1988) propõe em **O desafio de dizer não**: ao percorrer a história da emergência do assim designado sujeito de direito, Lagazzi (1988, p. 19) explana que

O século XIII, marcado pela dominação da Igreja, reconhecia a existência de um “sujeito religioso! [...], totalmente subordinado ao texto e ao dogma, submisso à ideologia cristã e assujeitado às práticas rituais religiosas. Essa ordem religiosa do século XIII apoiava-se no direito das pessoas, mais que no direito centrado nas relações econômicas. Os imperativos da expansão econômica conduziram a uma redefinição do sujeito, e o Direito torna-se determinante frente ao religioso.

A emergência do sujeito de direito resultou do surgimento da ideia do lucro nas relações econômicas: de uma economia rural de subsistência, passou-se para uma economia artesanal e urbana. Artesãos, mercadores e camponeses passaram a buscar seus direitos, conduzindo à fundamentação do poder jurídico com o irrompimento do sujeito de direito – “[...] um sujeito responsável por suas ações, ao qual a história tensa de sua constituição foi atribuindo direitos e deveres” (LAGAZZI, 1988, p. 19). Soma-se a isso o fato de que, segundo perspectiva de Pêcheux, uma nova forma de assujeitamento aconteceu – a “forma plenamente visível da autonomia” articulada a uma espécie de reconfiguração do sujeito de direito que, em função do modo como o juridismo se inscreveu nas relações sociais, tem sua existência social permeada por direitos, deveres, responsabilidades, cobranças e justificativas. No contexto desta pesquisa, ao falar numa **posição de sujeito de direito** assumida, refiro-me a uma posição de sujeito ao qual correspondem direitos, deveres e responsabilidades, para o qual são feitas cobranças, do qual são solicitadas justificativas para suas ações. Convém destacar, aqui, que a tensão entre sujeitos de direito e sujeitos “não-tão-de-direitos” fez-se mais visível durante as eleições de

2018, quando a ONU (Organização das Nações Unidas) se pronunciou acerca dos riscos crescentes para a comunidade LGBTQ+, as mulheres e os negros.

Retomando, mais uma vez, um dos enunciados analisados de **Lua Cheia** – “No mais, é lindo! É lindo ser viado!” –, e retornando às SDs de **Lua Minguante** recortadas em função da presença da palavra “liberdade”, a partir delas é possível especular que a “liberdade pessoal” é a materialização de uma contraposição a uma “liberdade social” não existente, afinal, o que existe é o “inferno social”. Dessa forma, só resta especificar: a liberdade existe, mas é no campo pessoal. Existe (4) “autonomia, independência”, mas circunscritas à personalidade e não advinda de um grupo social acolhedor.

Esta “liberdade pessoal” é, então, no espaço social uma (13) “maneira mais ou menos atrevida ou audaciosa de agir” dos LGBTQ+, ou ainda uma (8) “atitude de quem tem familiaridade (às vezes um tanto atrevida) com a pessoa ou pessoas com quem fala”. Apesar do jogo social da normatividade, o LGBTQ+ tem familiaridade com este jogo e a organização de uma “liberdade pessoal” advinda de um espaço sem “liberdade social” é uma provocação, uma atitude atrevida, audaciosa. Esse jogo aparece no enunciado de **Lua Minguante**, quando ela diz que:

Lua Minguante [...] pra mim muitas vezes assim nesse meu processo, **era muito difícil sair na rua...** da maneira como eu sou, como eu gosto de me vestir, eu saia entendeu... sabe por quê? Eu pensava assim: **se eu não sair dessa maneira, se eu não viver dessa maneira, as pessoas vão achar que esse tipo de vida não existe**, entendeu. Então eu tenho que ser assim.

Apesar de ser “muito difícil sair na rua” (Inferno Social), **Lua Minguante** sabia que se ela “não sair dessa maneira, as pessoas não iriam saber de outras formas de existir” e, nesse movimento de contraposição ao possível social, **Lua Minguante** enuncia uma posição outra, uma **posição de contraposição**: por não ter reduplicado sua identificação com a forma-sujeito que organiza o que pode ou não ser dito no âmbito da **Formação Discursiva Inferno Social**, percebo em **Lua Minguante** um sujeito dividido um relação a ela mesma – o que se materializa numa **tomada de posição de desidentificação** frente aos saberes que estão inscritos na FD em que se inscreve. **Desidentificação** de que resulta o surgimento de uma outra FD – a **Formação Discursiva de Liberdade Pessoal** na qual identifiquei o **Efeito de Sentido de Esperança** (ESE) e o **Efeito de Sentido de Humanidade** (ESH). No primeiro, os participantes da pesquisa enunciaram a expectativa da felicidade vindoura, da afirmação de que, apesar das dificuldades

do presente, o amanhã trará mais motivos para sorrir, mais realizações, mais liberdade. No segundo, os e as participantes enunciam a pluralidade dos aspectos de ser LGBTQ+. Ser LGBTQ+ não se resume à sua sexualidade, abrange toda a complexidade da natureza humana.

7.2.1. Efeito de Sentido de Esperança: “eu tenho muita fé na garra das pessoas...”

Lua Nova, ao ser perguntada sobre o significado de ser uma mulher bissexual, assim se coloca: “[...] **quando** eu conseguir viver plenamente, significa **liberdade e felicidade** [...]”. “Quando” e não “Se”. Esta marca, o advérbio de tempo “quando”, chamou minha atenção, causou *estranhamento* no sentido de que, talvez, eu não esperasse encontrá-la neste contexto. O “viver plenamente” não é uma possibilidade, mas uma certeza no que está por vir: em “**quando** eu viver plenamente”, eu escuto um “**logo mais** eu viverei plenamente”, um “**no momento em que** eu viver plenamente” – este viver pleno há de chegar, sem dúvidas. Além disso, esse parece ser o “quando” do desejo em função mesmo dos sentidos, por vezes contraditórios, evidenciados nos dizeres de **Lua Nova** e que compõem o entorno discursivo de “quando” – efeitos de sentido de cerceamento, expurgo, receio, cautela, coragem, empoderamento, esperança, liberdade. Dito de outra forma, fazendo coro a Fiss (2003, p. 258), é como se o “quando” se constituísse no

[...] significante pelo qual desliza o desejo e que o organiza. Lacan, em **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** (1985), lembra que eu o desejo é uma relação do ser com falta. Esta falta é falta de ser, propriamente falando. Não é falta disto ou daquilo, porém falta de ser através do que o ser existe. Por extensão, tal falta acha-se para além de tudo aquilo que possa apresentá-la e o desejo se traduz como desejo de nada que possa ser nomeado. E se o desejo não ousa dizer seu nome é porque, este nome, o sujeito ainda não o fez surgir.

Assim sendo, e por ressoarem sentidos tão heterogêneos no entorno, mais ou menos próximo, de “quando”, é lícito afirmar que aí se manifesta certa demanda – a demanda de **Lua Nova** pela “liberdade social” para além da “liberdade pessoal”. Em sendo, segundo Fiss (2003, p. 259). “[...] a demanda uma forma de expressão comum do desejo, que se opõe à noção de necessidade”, especula-se a possibilidade de identificar em **Lua Nova** um sujeito desejante que demanda reconhecimento de seu desejo, reconhecimento por parte do outro/Outro ao qual dirige sua demanda. Apesar das chamas do inferno social, apesar do expurgo, do medo, o futuro reserva uma felicidade vindoura vinculada a uma contraposição ao Inferno Social e nisso parece residir sua demanda: mais do que pela felicidade vindoura, pelo reconhecimento de si como alguém que tem o direito de ser feliz. O **efeito de sentido de “feliz certeza” (ESFC)** ecoa

quando **Lua Nova** fala sobre a relação com sua parceira. Apesar de revelar, no começo da entrevista, seu receio de andarem de mãos dadas na rua, pois chamaria muito a atenção para elas, em determinado momento, emerge o **Efeito de Sentido de Esperança**:

Lua Nova “Lá pelas tantas vamos sair de mãos dadas na rua e **deu**. Vamos casar, ué? Como **não** vou sair com a minha esposa, vou beijar minha esposa, né? **Simples assim**.”
[grifos meus]

A relação que se estabelece entre “lá pelas tantas”, “e deu”, “como não vou sair com a minha esposa” e “simples assim”, parece indicar um movimento de banalização do Inferno Social com preponderância da Liberdade Pessoal. “Lá pelas tantas” faz uma indicação temporal que aponta para o fato de que algo considerado importante pela enunciadora, em algum momento, em dado momento do futuro, apesar das dificuldades e do contexto atual, vai acontecer: **Lua Nova** vai sair de mãos dadas com sua esposa “e deu”. Afinal, “como não iria sair com a sua esposa? Como não beijá-la? Simples assim”. “Simples assim” ressoa como se fosse uma expressão adjetiva que banaliza o Inferno Social, retirando dele a força coercitiva que se pressupõe ter: o efeito de sentido de cerceamento é esmaecido pelo **efeito de sentido de esperança**.

Essa banalização do Inferno Social (no sentido de tornar comum, insignificante, sem valor ou com menor valor) não se dá pelo ignorar seus efeitos ou, ainda, pela afetação de seus efeitos não ocorrer, mas por um movimento de ruptura com sua dominância: **Lua Nova** vislumbra um tempo em que as pressões sociais cerceadoras vão arrefecer, é como se concluísse, a respeito deste tempo, que “Lá pelas tantas, não vou mais me submeter e deu. Simples assim”.

Considerando, também, a marca linguística “não” em “Como **não** vou sair com a minha esposa, vou beijar minha esposa, né?”, vale lembrar que, se forem tomadas suas características enquanto advérbio, ela tanto pode indicar uma circunstância de negação quanto um esvaziamento do valor negativo para traduzir dúvida. No entanto, deslizando do funcionamento linguístico para o funcionamento discursivo e pensando sobre as relações de poder/saber com que a linguagem joga e que também articulam um jogo na linguagem, será possível reconhecer vestígios e indícios para outras interpretações possíveis. Assim sendo, a negação implícita (às vezes, explícita) na partícula “não” tem uma consequência particular que permite considerar tal fato enquanto funcionamento de singularização de sentidos. Ela implica uma outra inserção do

sujeito que autoriza desconfiar de certo desalojamento de sentidos, pois, de uma palavra que indica, habitualmente, sentidos negativos, pulsa, neste dizer de **Lua Nova**, sentidos positivos uma vez que o movimento de liberdade pessoal estabelece relação direta com a esperança de momentos melhores: é como se **Lua Nova** dissesse “O agora, apesar das dificuldades, vai passar, simples assim, e, quando isso acontecer, há de se viver plenamente a liberdade e a felicidade”. Não, porém, por **Lua Nova** ignorar os efeitos do “inferno social”. Ela enunciou os seus efeitos, ao ser indagada sobre o que diria para a sua versão da infância:

Lua Nova [...] eu diria pra essa (*nome próprio no diminutivo*), que ela fosse ainda mais corajosa. Tivesse ainda menos medo. Porque eu sei hoje que eu poderia ter sido muito mais feliz ainda e realizada mesmo, se eu **não** tivesse deixado de fazer tantas coisas com medo do que os outros pensariam, com medo do que, do choque que ia dar, por amor aos meus pais, né. [grifos meus]

Quando Lua Nova diz “Como **não** vou sair com a minha esposa, vou beijar minha esposa, né?”, em seu dizer ressoa um **sentido de certeza inelutável** sobre dias melhores... e esse sentido escoia de um “nãõ” que, mais do que marcado pelo esvaziamento do valor negativo em função de uma dúvida, faz ouvir a voz de um sujeito que assume uma posição esperançosa, empoderada, corajosa. Um sujeito que, dada à sua heterogeneidade, por vezes vacila e é revirado como no enunciado “Porque eu sei hoje que eu poderia ter sido muito mais feliz ainda e realizada mesmo, se eu **não** tivesse deixado de fazer tantas coisas com medo do que os outros pensariam [...]”: desse “nãõ” escapam sentidos que, embora não sejam de negação, afirmam recuos que correspondem à resposta dada por **Lua Nova** frente às “coisas da vida”, ao “inferno social”. Recuos dos quais ela se arrepende, porque percebe que “[...] poderia ter sido muito mais feliz ainda e realizada mesmo, se [...] não tivesse deixado de fazer tantas coisas”. A condição inerente à partícula “se” retorna sob a forma de esperança e o mesmo **sentido de esperança** se manifesta em quando fala sobre a janela do futuro, o que a **Lua Nova** do devir viria dizer à **Lua Nova** do presente.

Lua Nova Eu **gostaria** que ela dissesse pra mim [...] que bom que tu deixou de ser boba e viveu (ri) [...] eu **não** me arrependo... vai firme que tu **não** vai te arrepender de nada. [grifos meus]

A expectativa, o desejo, expresso através do verbo “gostaria” materializa a relação de forças estabelecida entre o presente, de incertezas, de dificuldades, de temores, e a esperança

de um futuro de maior júbilo. Pelos caminhos do não-dito, podemos observar que **Lua Nova** não desejou o não sofrimento. **Lua Nova** poderia, por exemplo, ter enunciado que gostaria de ser informada pela sua visitante do futuro que “os maus tempos passaram”, “que as dificuldades se foram”, “que ela sobrevive”. Entretanto, o contexto social não é o epicentro do desejo, apesar de, sem dúvida, ser o seu entorno: “[...] que bom que **tu** deixou de ser boba [...]” coloca no sujeito, **Lua Nova**, a chave do desejo. Ela “deixaria de ser boba” e, apesar do contexto, apesar das dificuldades que podem persistir no futuro, o “quando” teria chegado e a felicidade e a liberdade plenas também, ela viveria plenamente. **Lua Nova** parece não buscar o controle daquilo que está além de seu alcance – ela não pode mudar completamente o Outro/outro, isto é, nossa interlocutora não parece contar com transformações fáceis por parte dos sujeitos que constituem nossa sociedade ou do conjunto de poderes econômicos, políticos, sociais, sempre culturais, a partir dos quais ela se organiza. Porém, ela se acredita origem de uma possibilidade outra de produção de sentidos, pois se ela deixasse de ser boba, poderia viver plenamente a liberdade e a felicidade: “Simples assim”, “Deu”. Surpreendo, aqui, um sujeito iludido de sua autonomia que toma para si a responsabilidade pela liberdade e felicidade, portanto, um **efeito de sentido de autonomia do sujeito**. A própria projeção da **Lua Nova** do futuro é esperançosa: uma senhora de uns setenta anos “[...] e de cabelo colorido! (ri) Mais tatuagens! (ri) Surfando, se as juntas deixarem (ri) [...]”.

As outras **Luas** também apresentaram movimentos semelhantes ao serem questionados e questionada sobre suas versões do futuro. **Lua Cheia** emocionou-se ao pensar sobre isso. Apesar de não ter chorado ao olhar para a janela do passado, a infância, pensar na **Lua Cheia** que lhe falaria do futuro, tocou-lhe. De acordo com ele, emocionou-se, pois “[...] é difícil pensar num futuro agora, né...[...]”. Apesar disso, a **Lua Cheia** do futuro veio lhe trazer boas notícias. Um “[...] velhinho hippie bem louquinho [...] bem rodeado de gente e... contando história pras pessoas (se emociona) (sic) [...]”. Esse velhinho hippie viria lhe dizer “[...] que tudo **valeu a pena** [...]” [grifo meu] – a vida, apesar de tudo, valeu. A expressão “valeu a pena” materializa as relações do inferno social com o estilhaçamento de sentidos de que terminou surgindo a **Formação Discursiva de Liberdade Pessoal**.

De acordo com o Caldas Aulete, a expressão “valer a pena” refere-se a algo que é “compensador, que valeu o esforço, o sacrifício”. Dito de outra forma, a vida, apesar do inferno social, apesar do sofrimento, valeu a pena ser vivida, foi significativa. Como **Lua Cheia** enuncia ao final de sua entrevista: “No mais, é lindo! É lindo ser viado”.

Esse futuro, renunciado pelo **Lua Cheia** do amanhã, concretiza a boniteza de ser viado. Apesar de tudo, é lindo. Foi lindo. A jornada valeu. Essa esperança no futuro se materializa na

caracterização da velhice como um tempo de tranquilidade, de fazer o que deseja:

Lua Cheia “Eu quero que a Lua Cheia de setenta e tantos anos esteja... fazendo nada (ênfase) sinceramente, **tranquilo, numa casinha tranquila**, com monte de livro, de bicho, tomando seu chazinho [...] **curtindo minha tranquilidade!**” [grifos meus].

A paz, a tranquilidade, o equilíbrio do “velhinho hippie” apontam na direção de vivências realizadoras. Não isentas de dificuldade ou de problemas, tampouco **Lua Cheia** enunciou o desaparecimento de um contexto de dificuldades, de um contexto em que discursos LGBT+fóbicos deixem de ser praticados. Mas, ele enuncia esse estado de espírito de quem viveu o que gostaria de ter vivido, “sem arrependimentos”, como ele mesmo diz, fazendo uso da música da cantora francesa Edith Piaf, “*Je Ne Regrette Rien*” – “Eu não me arrependo de nada” em tradução livre. O **Lua Cheia** de setenta e tantos anos veio anunciar um futuro de não arrependimentos, ressoando, em suas palavras, **efeitos de sentidos de discreta alegria pelo vivido** e de **tranquilidade**.

Lua Minguante também falou deste devir de tranquilidade ao pensar em sua versão do futuro.

Lua Minguante “[...] eu imagino uma pessoa cansada de viver, (risos) entendeu, uma pessoa bastante cansada de viver, **mas** uma pessoa com uma **tranquilidade**, com uma **tranquilidade** sabe. Uma **pessoa** de cabelos brancos, mais brancos do que eu estou agora entendeu (risos) e **tranquila** em relação às coisas também, sabe... [...] uma pessoa também que do futuro que talvez **fez muita (ênfase) coisa que gostaria de ter feito**, talvez **mais (ênfase) ainda do que imaginava**, né [...]” [grifos meus] (sic).

As notícias vindas da **Lua Minguante** do futuro também não referiram-se diretamente ao contexto, mas a um sujeito que, apesar de cansado de viver, aos seus oitenta e três anos (curiosamente, uma inversão da idade da participante no momento da entrevista: trinta e oito), é “[...] tranquila em relação às coisas”. Um sujeito que, nas suas experiências, experiências que a cansaram, conseguiu fazer muita coisa que gostaria de ter feito e “mais ainda do que imaginava”. Nesta “tranquilidade”, enunciada duas vezes, nas conquistas realizadas nas experiências vividas além do que talvez se esperasse, ressoa um **efeito de sentido de esperança de superação do inferno social no exercício da liberdade pessoal**. Este exercício se materializa nos enunciados de **Lua Minguante** ao falar sobre sua relação com a

transgeneridade.

Lua Minguante “[...] eu vivencio essa identidade e essa expressão por uma **questão de liberdade eu me sinto muito livre...** [...] me identificando e me expressando assim [...] assumir essa identidade travesti não-binária, entendeu, e assumir essa feminilidade em mim, porque... **isso me libertou** de alguns armários, assim sabe? Eu sempre me sentia preso [...]” [grifos meus].

Esse futuro de “tranquilidade”, de conquistas além do esperado sustenta-se na vivência libertadora da identidade e da expressão de gênero. Assumir uma **posição-sujeito libertadora**, apesar das condições de produção de seus dizeres e de sua existência, parece ser geradora dessa esperança em um futuro “cansado, porém tranquilo”. Neste “cansaço” ressoam os efeitos do Inferno Social que ecoam no discurso como **efeito de sentido de expurgo e efeito de sentido de cerceamento**, “o fogo deixou suas marcas”, cansou o corpo flagelado. Porém, não foi capaz de destruí-lo. A tranquilidade sobrepuja este cansaço: “[...] uma pessoa bastante cansada de viver, **mas** uma pessoa com uma tranquilidade [...]”. O sintagma “**mas**” refuta o cansaço do viver, os sofrimentos do “inferno social”, o mais importante é a tranquilidade adquirida pela vivência da “liberdade pessoal”. Há o “inferno social”, ele gerou fadiga, esgotamento, **mas** a “liberdade pessoal”, a assunção de ser quem se deseja ser, resultou nessa tranquilidade enunciada do futuro por uma **Lua Minguante** do devir.

Lua Minguante reforça sua postura diante desta esperança. A mensagem deixada por sua versão do futuro é a da afirmação.

Lua Minguante “[...] **Nunca** deixe de ser você mesma. [...] porque se a gente deixa de ser... a gente mesma... [...] isso vai nos causando tanto medo e a gente vai ficando tão fraca, que a gente acaba sendo aquilo que as pessoas esperam que a gente fosse [...] e acaba vivendo de maneira infeliz, de uma maneira não livre. [...] eu acho que eu consigo ser uma pessoa feliz e livre, hoje, dentro dessa possibilidade de liberdade e de felicidade, porque **eu sou exatamente aquilo que eu gostaria de ser** [...]” [grifos meus].

Lua Minguante reconhece o contexto social: há limites para as possibilidades de liberdade e de felicidade, há “as coisas da vida” que a cercam como “fantasmas” conforme dito por outra **Lua** em momento anterior. Apesar disso, ela declara: “Nunca deixe de ser você mesma”. Se negar a si mesma é enfraquecedor, assumir-se é fortalecer-se a ponto de encontrar caminhos de felicidade e liberdade apesar dos sentidos de expurgo e de cerceamento que

escapam de discursos preconceituosos, apesar das práticas sociais a partir das quais tais discursos vivem. Encontra-se caminhos outros a serem percorridos e, nas frestas, na porosidade da normatividade, consegue-se ser feliz, esperançoso, livre. É possível ser “exatamente aquilo que se gostaria de ser”. Retomando o enunciado de **Lua Cheia**: o “no mais” é superado; ao final, “é lindo ser viado”. É lindo ser uma pessoa trans. Essa boniteza assumida no não-dito, reitero, não se dá em razão de um devaneio em relação ao sofrimento e às dificuldades, trata-se da materialização da resistência. Os sintagmas “nunca”, em “Nunca deixe de ser você mesma”, e “exatamente”, em “[...] eu sou exatamente aquilo que eu gostaria de ser”, permitem perceber que, apesar de tudo, a boniteza se faz, a esperança ecoa, os sentidos de controle e emparedamento dos sujeitos LGBT+ trincam na disputa com **sentidos resistência e enunciação de si**.

Lua Minguante fala sobre este raspar da normatividade, sobre a impossibilidade de existir cerceada, expurgada. Ao sair na rua e sentir-se alvo dos olhares do outro, retrabalha o sentido da opressão e olha-os de volta, indagando de sua inquietação, indagando-os do seu fitar e se fazendo ver “exatamente” por aquilo que é, por viver sua liberdade sendo “exatamente” aquilo que quer ser. O faz como um testemunho, pois, consoante disse, “[...] se eu não viver dessa maneira, as pessoas vão achar que esse tipo de vida não existe, entendeu. Então **eu tenho** que ser assim [...] [grifo meu].

Segundo consta no Caldas Aulete Digital, o verbo ter “[...] seguido de *que, de, a + v.* no infinitivo, expressa obrigatoriedade, necessidade”. Tal significado é evidente no enunciado de **Lua Minguante** haja vista “Eu tenho” funcionar como uma afirmação de que “eu preciso, é indispensável que eu faça isso”. Neves, em sua **Gramática dos usos do português**, acrescenta, quando fala sobre os verbos em geral, que eles constituem predicados das orações, designando as propriedades ou relações que estão na base das predicções que se formam quando eles se constroem com os seus argumentos (os participantes da relação predicativa) e com os demais elementos do enunciado. Salienta, no entanto, que nem todos os verbos se definem, gramaticalmente, a partir desse funcionamento. Incluem-se no grupo dos verbos que não constituem predicado aqueles que “[...] modalizam (poder, dever, precisar etc.), os que indicam aspecto e os que auxiliam a indicação de tempo e de voz” (NEVES, 2000, p. 25). No que se refere ao verbo “ter, ele se define, no enunciado em análise, como “operador gramatical”, não predicado, uma vez que indica “modalidade deôntica” (ligada ao dever). Ao afirmar que tem que ser assim, viver da maneira que vive, Lua Minguante refere algo de que ela não apenas precisa, mas pelo qual deve obrigatoriamente se responsabilizar, sendo possível identificar no verbo “ter” uma necessidade deôntica ou obrigação em relação ao que se diz.

No caso em questão, a que se ligam tanto a necessidade quando a obrigação? Segundo **Lua Minguante**, ela inevitavelmente precisa ocupar o lugar que ocupa, pois, sem isso, “[...] as pessoas vão achar que este tipo de vida não existe [...]”. Entretanto, cabe a pergunta: quem assume para si uma posição de tamanho risco? Que sujeito é esse que, reconhecendo o não entendimento “das pessoas” que não (re)conhecem outros estilos de vidas, faz-se epicentro de provocação ao “inferno social”? **Lua Minguante** responde a estas perguntas:

Lua Minguante “[...] sou uma **pessoa que procura viver a vida de uma maneira muito positiva eu sou muito esperançosa**, eu acho que isso é que me move também, sabe... tenho positividade na vida, ter esperança né, de que a gente vive no mundo, assim... atualmente, né, num contexto bastante complicado e... de tanta censura e tal né... e de tanta opressão, eu acho que quero fechar essa entrevista dizendo que... **eu quero sempre acreditar num mundo melhor**, sabe? Num mundo onde a diversidade tenha espaço de habitar, sabe. [...] **Quero sempre acreditar num mundo onde todas as possibilidades de vida sejam “vivíveis”, que sejam possíveis....**” (sic) [grifos meus].

Este querer crer num mundo de “vivibilidade” para todos de que ressoa um **efeito de sentido de reconhecimento do outro na e pela sua inteireza** (ESRO) aponta para uma **posição-sujeito de esperança e justiça** (PSEJ) inscrita numa **Formação Discursiva Liberdade Pessoal** que, margeando as fronteiras da **Formação Discursiva Inferno Social**, dela se desidentifica, produzindo sentidos outros que vão na contramão do possível – a esperança LGBT+ pulsa no impossível, afeta a interpretação do real partindo do lugar da utopia, do não realizável, um mundo onde “todos possam viver como são e como querem ser”. É possível apontar que “querer” acreditar em algo seria uma marca de instabilidade nesta crença, ela não “é” uma crença consolidada, é uma vontade, um desejo. Apesar disso, a movência do sujeito, que se faz sujeito desejante da esperança, dá pistas sobre a presença do sujeito “condenado” pelo “inferno social” – um sujeito que, apesar das tentativas constantes de emparedamento pelo não reconhecimento da legitimidade de sua voz e seu corpo, “deseja, quer, almeja, anseia” sempre acreditar num mundo melhor. Novamente, os sujeitos participantes desta pesquisa apresentaram uma similitude: apesar das dificuldades, deseja-se acreditar no melhor, espera-se o melhor.

Dos dizeres de **Lua Cheia** também ressoa um efeito de sentido de esperança quando, ao final da entrevista, falou sobre problemas na comunidade LGBT+ que parece não avançar em pautas importantes em termos de consolidação da ideia de comunidade:

Lua Cheia	“[...] pra mim tem sido difícil ter uma visão otimista do movimento em geral, do movimento LGBT como um todo... mas , ao mesmo tempo, eu tenho muita fé na garra das pessoas, assim. Eu acredito nas pessoas. Eu acredito que... de alguma forma a gente vai conseguir... pensando na conjuntura atual, que a gente vá conseguir ah... travar essa batalha dignamente, assim, sabe? [...]” [grifos meus].
------------------	--

A conjunção “mas” funciona, nesta SD, demarcando que, mesmo diante da dificuldade de ter uma visão otimista, a fé, a crença nas pessoas é preponderante. A esperança no coletivo é maior. De alguma forma, de alguma maneira, há de se superar as complicações. O **Efeito de Sentido de Esperança** se mostra neste enunciado no qual uma crença no futuro de felicidade, de conquista, de surpresas positivas, de conquistas inesperadas se sobrepõe ao contexto de opressão e de dificuldades.

O fogo do “inferno social” não consegue emparedar por completo estes sujeitos – afinal, o sentido não pode ser contido, ele sempre escapa. Neste escapar, revelam-se possibilidades, caminhos outros, por onde estabelecem-se mecanismos de resistência a sentidos estabilizados de que discursos conservadores se fazem porta-vozes.

7.3. Efeito de Sentido de Humanidade: “[...] eu me sinto amada”

Em relação bastante simbiótica ao **Efeito de Sentido de Esperança**, deparei-me com o **Efeito de Sentido de Humanidade**. As quatro Luas enunciaram – pode-se dizer que sentiram a necessidade de fazê-lo – acerca do caráter humano das pessoas LGBT+. **Lua Crescente**, ao ser perguntado sobre o que significa ser um homem gay, respondeu que:

Lua Crescente	“[...] eu acho que representa muito mais do que o fato de eu gostar, estar a fim, transar, enfim, com outro cara... envolve uma série de processos que... é... trazem com eles o sofrimento e a aceitação e viver e superar o preconceito em vários momentos... Então... seria muito mais do que aquilo que a gente faz “entre quatro paredes [...]” [grifos meus].
----------------------	---

Neste enunciado, o termo “muito mais” destacou-se em razão da forma como foi utilizado. Ser um homem gay é ser “muito mais” do que um homem gay. A classificação que qualifica o sujeito como LGBT+ não é o limitador da sua existência, tampouco o sentido unívoco desta personalidade. Ser gay é “muito mais” do que transar com outros homens, é

“muito mais” do que se interessar por eles. Há uma história que se inscreve nestes corpos. Uma história que é, sim, afetada pela sexualidade – e, de certa forma, não seriam todas as histórias marcadas pelas vivências da sua sexualidade? –, mas que não se restringe a este marcador, não se limita a essa dimensão. Ser um homem gay não apenas “representa mais do que [...]”, representa “muito mais”, representa algo que vai muito além do apreendido na concepção corrente. Poder-se-ia dizer que representa algo que vai muito além do que correntemente se espera, podendo inclusive gerar espanto, surpresa, afinal, vai pelos caminhos do inesperado. **Lua Crescente**, ao dizer ser “muito mais”, parece voltar-se para a sociedade e, diante dela, afirmar não ser “apenas” gay. Pelos caminhos do não-dito, o “ser muito mais” tangencia um “ser apenas”. A sequência discursiva aponta na direção de uma invisibilidade do sujeito LGBTQ+, muito ao gosto do que fala Foucault em **História da Sexualidade**, como também muito ao gosto do funcionamento ideológico: evidencia-se tanto a homossexualidade, que ele passa a ser apenas isso, um homossexual.

Passa a ser “evidente” para a sociedade que o sujeito LGBTQ+ é LGBTQ+, essa evidência, entretanto, invisibiliza características outras desse sujeito, como que o circunscrevendo a um único lugar social: o gay, a lésbica, a travesti, a/o assexual, a/o bissexual, a/o transgênero... E, neste emparedamento do sujeito, as formações imaginárias funcionam intensamente, produzindo sentidos sobre este sujeito, sentidos que ocupam o imaginário social, criando, praticamente, uma espécie de folclore sexual: homens gays são promíscuos e gostam de ser passivos em suas relações sexuais; travestis são violentas e perigosas; lésbicas são sempre masculinizadas; bissexuais são indecisos acerca de seus desejos. A noção de essencialidade da característica sexual é exaltada ao máximo: ele é homossexual; ela é lésbica. Está decidido, inevitável e indefinidamente aquele sujeito está marcado.

Tudo isso autoriza destacar a identificação, nessa SD (e ao longo das análises feitas de outras SDs), da emergência de um avesso ao discurso, ou seja, o discurso do outro/Outro. Daí se pensar que o discurso não se reduz ao seu dizer explícito, mas carrega com ele o peso do outro/Outro que questiona a crença em um sujeito pensante autônomo cartesiano. Nessa esteira, a Análise de Discurso termina por envolver um trabalho, como o que tenho feito, que busca escutar as diferentes vozes no discurso, identificando também diferentes posições de sujeito. Importante mencionar, igualmente, o quanto a categoria de memória discursiva tem sido relevante para as análises produzidas aqui e o modo como tem sido compreendida por mim: ela é entendida, acompanhando Eni Orlandi (2012, p. 31), como “[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”. Em outras palavras, a memória corresponde ao

já-dito, aos sentidos a que já não temos mais acesso, que foram constituídos ao longo de uma história e que estão em nós, independentemente de consentirmos isso ou não. Por fim, cabe reiterar que “[...] o sujeito se movimenta entre o interdiscurso e o intradiscurso, identificando-se de modo inconsciente e determinado sócio-histórico e ideologicamente com saberes da ordem interdiscursiva” (HANSEN, 2010, p. 139).

Sendo assim, e em função de tais concepções que orientam o trabalho do analista inscrito na Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux, é fundamental referir os sentidos em disputa e as posições-sujeito em confronto na SD sob análise. Na medida que **Lua Crescente** declara que ser gay significa “[...] **muito mais** do que o fato de eu gostar, estar a fim, transar [...] com outro cara... envolve uma série de processos [...] Então... seria **muito mais** do que aquilo que a gente faz “entre quatro paredes [...]” [grifos meus], percebo saberes da ordem interdiscursiva segundo os quais é preciso garantir uma clara identificação dos sujeitos a serem condenados ao inferno social e expurgados e, para isso, tentativas de reduzi-los à sexualidade têm sido feitas. Ao longo de uma história, independentemente de autorização, sentidos são constituídos e, muito vezes, eles acompanham um imperativo de que, para além da clara identificação, é preciso um mecanismo que impeça a empatia social para com estes sujeitos que teimam no “impossível”. Para isso, o apagamento das outras dimensões dos LGBTQ+ é indispensável. Desumaniza-se, coisifica-se. Não é mais um ser humano que ali está, é “**um gay**”, “**uma lésbica**”, “**uma travesti**”, “**um bissexual**”, uma coisa. No momento em que aquele corpo passa a ser lido como sujeito LGBTQ+, mas **também** como sujeito filho/a, sujeito pai, sujeito mãe, sujeito cidadão, sujeito profissional, sujeito religioso... como sustentar a condenação de um sujeito que é “**muito mais**” do que apenas desvio da normatividade? Como garantir o expurgo do filho gay, da mãe lésbica, da médica bissexual, da professora travesti? Ou, ainda mais, do filho, gaúcho, gay, professor? Da filha, médica, católica, mãe e bissexual? O emparedamento do sujeito é mecanismo indispensável para a discriminação. Vozes identificadas com tais ideias estão presentes nos dizeres de **Lua Crescente**, nos dizeres das quatro **Luas**.

Entretanto, no discurso das **Luas**, desde a identificação com uma **Formação Discursiva Liberdade Pessoal**, é exatamente a quebra de tais sentidos estabilizados que se manifesta, eles são escovados e, como consequência, estilizados e atualizados na medida em que as **Luas** insistem: “Somos “muito mais” do que LGBTQ+”. Enunciar este “muito mais” é confrontar a condenação da normatividade, devolvendo o olhar de julgamento com o olhar de uma assertiva: sou LGBTQ+, mas sou “muito mais”, também sou seu irmão/sua irmã; sou seu vizinho/a; sou seu/sua colega de trabalho; sou seu/sua conterrâneo/a; sou brasileiro/a; torço para o mesmo time

que o seu; ouço as mesmas bandas que você; danço as mesmas músicas; pago meus impostos como você... **Lua Minguante** enunciou este confronto ao dizer:

Lua Minguante

“[...] aconteceu situações assim que eu ia em alguns espaços que as pessoas ficavam falando o tempo todo “olha lá, ela chegou, a travesti chegou, a não binária chegou!”. E isso é muito cansativo pra gente, é muito desgastante, é muito violento [...] muitas vezes as pessoas cis só querem saber de como eu vivo enquanto travesti. Mas, além de ser travesti não binário, eu **sou muitas outras coisas**. Eu **sou dona de casa**, eu **sou mãe de uma gata**, eu **sou estudante**, eu **sou amiga**. Enfim, eu **sou muita coisa**, entendeu” [grifos meus].

Questiona-se o apagamento da multiplicidade, da fluidez dos sujeitos, da constituição do sujeito que transita – não se nega o fato de ser LGBTQ+, refuta-se o fato de que se é **apenas** LGBTQ+. Dito de outra forma: LGBTQ+ sim, mas “muito mais”, humano. O **Efeito de Sentido de Humanidade** se baliza numa assunção do caráter humano do sujeito LGBTQ+. Esta assunção busca romper com o intento de engessamento perpetrado pela normatividade, reestabelecendo a noção intervalar dos sujeitos, a pluralidade dos sentidos possíveis, das posições ocupadas. Na medida em que se realiza este movimento, os estabelecidos como possível e impossível são revirados, provocados, perturbados.

Para a **Formação Discursiva Inferno Social**, é impossível considerar um desviante, um pecador, um criminoso como um ser humano. É necessário que assim seja, é preciso “coisificar” o sujeito. Em uma sociedade afetada pela cultura ocidental cristã, onde circulam orientações como “ame o próximo como a ti mesmo” ou “faça aos outros o que querem que eles te façam”, onde noções como “todos são iguais perante a lei” são enfaticamente enunciadas, uma sociedade que se pretende coerente com a concepção de sujeito de direito, é preciso encontrar subterfúgios que permitam o flagelo do corpo desviante. O **Efeito de Sentido de Humanidade** se contrapõe a essa desumanização, reconstituindo elementos que remontam ao “sujeito humano” cujas tentativas de apagamento no discurso revelam o modo como a ideologia está funcionando.

Lua Minguante enuncia o funcionamento do que designo como “folclore sexual”, isto é, noções construídas acerca das travestis que apontam para a presença de discursos outros no discurso dela. O interdiscurso é o espaço externo no qual são localizados e acionados outros discursos também em circulação, discursos constitutivos de uma formação discursiva. Ele se lineariza no intradiscurso a partir de certo recorte. Segundo Pêcheux (2014), o interdiscurso pode ser definido como corpo de traços formado na memória discursiva. Considerando a

natureza teórica do olhar do analista, com ênfase em princípios, como os recém apresentados, que orientam e conferem especificidade ao fazer analítico, é possível conjecturar que o enunciado de **Lua Minguante** recupera/retoma saberes sócio-históricos disponíveis para o sujeito, produzidos no exterior de uma FD e incorporados por ela em função das posições ideológicas. Em outras palavras, quando **Lua Minguante** (d)enuncia que “[...] **além de ser travesti não binário, eu sou muitas outras coisas**. Eu sou dona de casa, eu sou mãe de uma gata, eu sou estudante, eu sou amiga. Enfim, **eu sou muita coisa**”, constatamos, mais uma vez, que os sentidos são constituídos desde sua relação com a exterioridade, movimentando-se outros saberes associados a uma compreensão intencionalmente reducionista do LGBTQ+ que contribui para seu desmerecimento como humano, para o abafamento de sua humanidade – tais saberes se fazem presentes como ausência também constitutiva do dito, como não-dito, e, em certa medida, são recuperados por uma **posição-sujeito conservadora** (PSC) que assume uma relação de embate com uma posição-sujeito outra, uma **posição-sujeito de resistência** (PSR) que a expressão “muito mais” autoriza nomear.

Lua Minguante

“[...] os espaços são majoritariamente cisgênero, se a gente fala alguma coisa, ainda tem aquele, aquele estereótipo de que a travestis são violentas, as pessoas trans sempre falam com muita violência, mas tem uma reprodução, uma reação da reprodução da violência em relação a nós, entendeu, a margina... a marginalidade a qual nós somos subju... submetidas. Eu tenho essa sensação de que sempre quando eu falo aqui: lá vem a Lua Minguante. Nessa universidade, entendeu. Lá vem ela fazer barraco. [...]” [grifos meus].

Deste o ponto de vista da norma, é “evidente” que **Lua Minguante** é violenta e “fará barraco”, afinal ela é uma travesti e “é isso que travestis fazem”. Entretanto, as **Luas** se contrapõem ao “folclore sexual”: “somos muito mais...”. Nesse movimento, o “muito mais” de **Lua Crescente** e o “sou muitas outras coisas” de **Lua Minguante** funcionam de forma semelhante: tais dizeres materializam no intradiscurso a humanidade destes sujeitos, a pluralidade das suas experiências, assim se linearizando nele o interdiscurso visto que essas afirmações retomam **sentidos de empoderamento e luta por direitos** que atravessam a história da comunidade LGBTQ+. A luta por direitos iguais vincula-se à noção de humanidade, que se costura aos sentidos de liberdade: (1) “possibilidade de agir conforme a própria vontade, mas dentro dos limites da lei e das normas racionais socialmente aceitas”, (3) “supressão das formas de opressão [...]”, (4) “autonomia, independência”. Ser “muito mais” do que apenas LGBTQ+ é garantir os direitos mínimos à existência, é quebrar a limitação do mero “sobreviver”, à margem

da sociedade, para a construção do “viver em sociedade”.

O **Efeito de Sentido de Humanidade** reverbera dos dizeres de **Lua Cheia** quando ele fala sobre as significações por ele atribuídas ao ser gay. No começo, na sua infância, ser gay era visto por ele como um erro. Posteriormente, passou a produzir sentidos como uma possibilidade, um caminho possível na medida que **Lua Cheia** passou a entender-se, então, ser gay passou a ser uma vivência. A partir desse ponto, ser um homem gay passou a ser associado a sentidos de humanidade, de “ser uma pessoa”. Em suas palavras:

Lua Cheia “[...] posso te responder, hoje, que **ser um homem gay é ser uma pessoa**. Com tudo, com toda a profundidade que isso pode ter, com todos os defeitos e qualidades que isso pode ter [...] hoje eu posso dizer que, por isso que eu optei ali na primeira pergunta por dizer que é ser um ser humano, por que eu acho que eu consegui... passar de fase assim, sabe? [...]” [grifos meus].

Conceber o ser LGBTQ+ como “muito mais” exigiu um “passar de fase”. Esse passar de fase, enunciado nos dizeres de **Lua Cheia**, vai encontrar ressonância na sequência discursiva de **Lua Crescente** ao dizer que ser gay “[...] envolve uma série de processos que... é... trazem com eles o sofrimento e a aceitação e viver e superar o preconceito em vários momentos [...]” É preciso passar por essa “série de processos”, superá-los a fim de “passar de fase” e, assim, conceber o sujeito LGBTQ+ como um ser humano, uma pessoa, como “muito mais”.

Como a ideologia está funcionando nos dizeres das quatro **Luas**? Em alguns momentos, ela funciona pela produção de certa saturação na adjetivação dos LGBTQ+ como aqueles e aquelas que estão no erro, no desvio, na incapacidade, na menorização pelo seu não reconhecimento para além do que o “folclore sexual” estabelece como lhes sendo próprio. E isso ocorre de tal modo que são autorizadas crenças segundo as quais os sujeitos LGBTQ+, antes de superarem as dificuldades impostas pela tradição, não conseguem se reconhecer como humanos ou não podem ser reconhecidos como tal. Percebem-se, esvaziados de sentido, como **Lua Minguante** enuncia:

Lua Minguante “[...] Eu...eu vivi um momento assim... é... da minha vida que parece que a minha existência foi **tão esvaziada**, sabe, foi **tão questionada**, que... parecia que eu não tinha **nem possibilidade mais de existir** nesse mundo, sabe, que **eu não cabia aqui** [...]” [grifos meus].

Nesse momento, ser LGBTQ+ não era ser “muito mais”, era ser o “impossível”, o “não

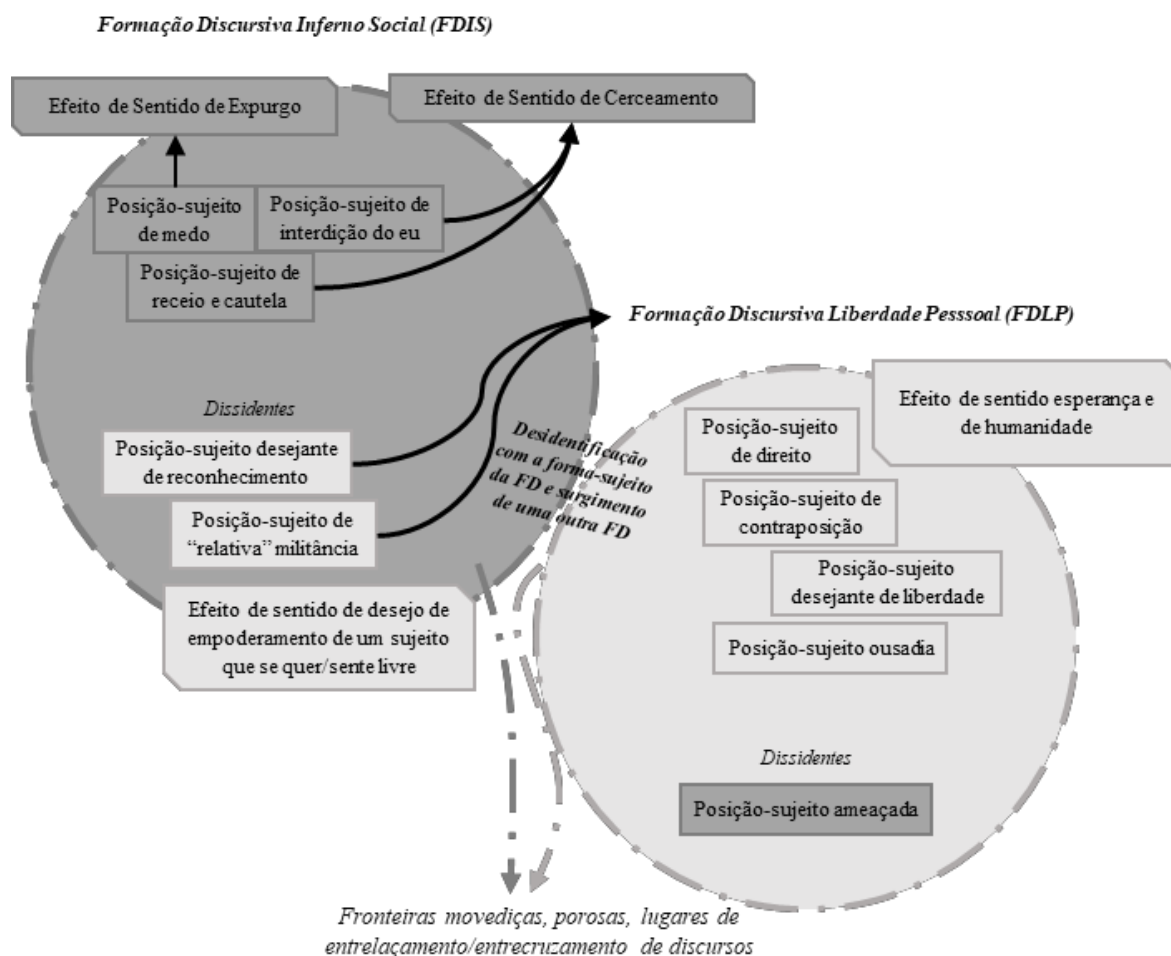
habitável nesse mundo”, momento em que a possibilidade de “simplesmente” ser um ser humano não era possível dado o emparedamento do sujeito. O **Efeito de Sentido de Humanidade** indica perturbações em uma rede de sentidos e abertura para sentidos outros também possíveis. Ele vincula-se ao **Efeito de Sentido de Esperança** no ponto em que, ao perceber-se “muito mais”, o sujeito LGBT+ “espera mais” para si mesmo. Como a própria **Lua Minguante** diz, ao olhar da janela do futuro para o momento presente, seu eu do devir faria muita coisa que gostaria de ter feito e “[...] mais ainda do que imaginava [...]”. Isso porque, ao humanizar-se, ao reconhecer-se humano, o sujeito LGBT+ percebe-se como sujeito capaz. Capaz de “muito mais”, capaz de ir além. Este “estar apto” aparece na fala de **Lua Cheia** ao comentar acerca dos sentidos de ser um homem gay.

Lua Cheia

“[...] quando tu fez a pergunta só veio coisa boa assim, do tipo “ai ser viado (risos) é ótimo (risos), num sei o que”... e **estar de bem consigo mesmo**, e **empoderamento** e tudo mais que, né, todos os adjetivos positivos de... de **emancipação humana**, assim sabe? No sentido de ... de... **ser uma pessoa apta**, né? Por que todo LGBT já deve ter passado por isso, de ter pensando que não era apto a fazer qualquer tipo de coisa, né? [...]” [grifos meus].

É do campo da “emancipação humana” estar “apto a fazer qualquer tipo de coisa”. Seres humanos sentem-se aptos; “erros”, “pecados”, “impossibilidades”, não. Para sentir-se apto, para sentir-se possível, é preciso sentir-se humano. Para isso ser exequível em termos simbólicos, é preciso ser “muito mais” do que aquilo que discursos conservadores afirmam acerca de um sujeito LGBT+. A desidentificação com a normatividade é indispensável para que o sujeito se constitua como possibilidade, para que se constitua na movência, no trânsito. “Ser uma pessoa apta” passa pela assunção de que ser LGBT+ é não ser **apenas** LGBT+. E nisso, tomo novamente as contribuições de **Lua Cheia** ao dizer que “[...] ser um sujeito LGBT, antes de mais nada, é ser um **sujeito político** [...]”. O sujeito político LGBT+ é o sujeito da contestação. Não porque “naturalmente” contestador, mas porque a sua constituição depende da ruptura dos sentidos dominantes na Formação Discursiva Inferno Social – é preciso encontrar caminhos outros para significar a experiência LGBT+, para não ser emparedado dentro dela. Sob certo aspecto, neste momento de fechamento dos gestos analíticos empreendidos, vale a pena refazer a Figura 16, atualizando com a inclusão de elementos que constituem a **Formação Discursiva Liberdade Pessoal**:

Figura 20 - Formação Ideológica, Formações Discursivas e Posições-Sujeito – a FDLP



Fonte: material elaborado pelo pesquisador em reunião de orientação

Estabelece-se uma curiosa relação: ser um sujeito LGBT+ “livre” depende da quebra da univocidade do ser LGBT+ desde a perspectiva de uma Formação Discursiva cujos saberes dominantes reivindicam a identificação com noções que envolvem emparedamento, controle e punição da diferença, do diferente. É preciso reconhecer-se como “muito mais” a fim de que sentidos outros acerca deste corpo, desta identidade, possam ser produzidos de formas não invisibilizadoras, imobilizadoras. É preciso reconhecer-se, como diz **Lua Minguante**, “mãe de gata, amiga, dona de casa, estudante...” a fim de trincar o controle da norma. A assunção da complexidade das vivências dos corpos LGBT+ é provocação polissêmica que desestabiliza certos já-lá, resultando disso a atualização da memória discursiva das relações de gênero e sexualidade, dos costumes, da tradição: as quatro **Luas** não se aceitam como apenas LGBT+, elas são “muito mais” exatamente por serem LGBT+.

Na ilusão do fechamento deste trabalho, momento em que me vejo implicado pelo tempo e pelo espaço designados a uma dissertação de mestrado, a momentaneamente pausar este escrito, é-me impossível não contemplar a jornada teórica que foi escrevê-lo. E em razão disso refletir sobre duas – dentre tantas – dimensões que aqui se deram – as implicações que esta pesquisa tem para o campo da Educação e as afetação que eu, como sujeito pesquisador e analista de discurso em formação, sofri no seu processo.

Sinto que, para o campo da Educação esta pesquisa aponta para a necessidade de reflexão acerca dos currículos escolares – o que não é, em verdade, nenhuma afirmação inovadora. Este trabalho, porém, traz elementos novos acerca das experiências de vida de pessoas LGBTQ+, o que nos provoca a pensar, como educadores, professores e professoras, no quanto que a escola – e ainda os espaços não-escolares – contribuem ou não para a sustentação deste sofrimento, desta desigualdade. Os sujeitos LGBTQ+ estão na escola, hoje menos camuflados do que no tempo em que eu frequentei o ensino básico, em que a solidão era um “brado retumbante”. Por estarem nas instituições de ensino, a afetam e são por ela afetados, incitando modificações diversas na comunidade escolar, como também no simbólico de professores/as e estudantes. Os LGBTQ+ mostram outras formas de viver e interpretar o social para além da normatividade, reafirmando a noção de que a univocidade – seja do saber, seja dos caminhos da vida – é uma grande ilusão. Tal provocação, ressoa sobre as formas como produzimos a escolarização, já que convoca para dentro deste campo, uma série de experiências que, pelo currículo tradicionalista não tem valor e tampouco deveriam ser consideradas. Este trabalho, de igual forma, aponta para a necessidade de reforço do compromisso da Educação com a luta contra as mais diversas formas de preconceito, tão enraizados na nossa cultura. Ele alerta para a “silêncio curricular” que não pode mais ser perpetuado – na medida em que a escola cala, ela consente com a opressão. É verdade que este quadro tem sido transformado. Porém, é preciso manter os olhos atentos, em tempos de conservadorismo, para que as pequenas conquistas não sejam desmontadas por discursos tradicionalistas, repaginados de libertários.

Abordar as experiências de pessoas LGBTQ+, da mesma forma que abordar as experiências das mulheres, das negras e negros, dos indígenas, das pessoas com deficiência, enriquece a dimensão humana do processo educativo. Puxa para o centro da discussão um conceito que deveria ser epicentro de todo este processo: a diversidade. Não desde a perspectiva da tolerância, que ainda mantém uma hierarquia específica da normatividade sobre o “diferente”, mas desde o lugar do respeito, pela assunção de que, nas nossas particularidades e especificidades, somos todos diferentes. Reconhecer o sofrimento que a

heteronormatividade impõe aos LGBT+ e mesmo às pessoas heterossexuais (apesar da clara diferença entre estas violências) é indispensável para uma educação humanizadora e fomentadora da real igualdade de direitos.

Pelo lado da minha experiência como analista, os encontros, as surpresas, as inquietações, as ansiedades, os pesares, as lágrimas movidas por emoção. É do exercício científico o levantar hipóteses, entram em funcionamento as formações imaginárias acerca do tema que foi elencado e, também acerca dele, realizamos gestos interpretativos preliminares. Há, entretanto, na essência da Análise de Discurso, do trabalho de Michel Pêcheux, uma potência dotada da capacidade de sempre nos surpreender. O trabalho do analista é, sempre, um encontro com o inesperado, com o inimaginável, que só conseguimos vislumbrar, por vezes, no momento exato em que com ele nos deparamos. Comigo, o desenvolvimento deste trabalho foi exatamente isto: uma sucessão de encontros com o imprevisto.

Diante dos interlocutores e das interlocutoras desta pesquisa, vi-me defrontado pela minha própria incompletude ao ser provocado por eles e por elas a assumi-la de forma inegável. Pelo não-dito, pareciam dizer-me: “Se não assumires tua falta, nossas palavras não terão sentido para ti”. Como alguém que já enfrentou uma assunção, um “sair do armário”, defrontar outro “assumir-se” parece simples. Mas nunca é. Na nossa ilusão de sermos origem, de sermos senhores do nosso dizer e dos mais adequados sentidos, assumir-se incompletude, assumir-se falta é um desafio. Mas foi este exercício (que a mim parece fazer ressoar um sentido de humildade, de compreensão da nossa limitação), foram a provocações feita por **Lua Minguante**, por **Lua Cheia**, por **Lua Crescente** e por **Lua Nova**, que permitiram o despontar desta pesquisa. Eles e elas confiaram seus dizeres e suas histórias, compartilhando vivências, medos e esperanças e, desta confiança, emergiu o que aqui se apresentou.

Em primeiro momento, acreditei estar diante de uma Formação Ideológica da Tradição e não dos Costumes. A ideologia trabalha, gerando suas evidências, e parecia-me evidente que a tradição era dominante nesta FI. Entretanto, observando o movimento das **Luas**, a forma como enunciaram certo “dançar de posição em posição” instigou um olhar outro sobre o *corpus* constituído. A impressão inicial de que existiria uma dominância da tradição dita em discursos conservadores, por vezes, não-dita, mas presente no silêncio, foi se desmanchando. Parece-me que nunca chegamos a ter uma FI da Tradição, porque, em se tratando de costumes, sempre houve resistência forte. Por que a necessidade de perseguir tanto os diferentes? Flagelar corpos? Intimidar? Produzir dor? Porque a resistência sempre

existiu, nunca esteve ausente dos jogos de poder, tanto quanto possível, trincou a tradição, impediu que ela imperasse, assumisse o domínio. De tais “surpresas” foi se delineando o reconhecimento de uma Formação Ideológica dos Costumes manifestada em duas Formações discursivas – a Formação Discursiva Inferno Social (FDIS) e a Formação Discursiva Liberdade Pessoal (FDLP). A FDIS precisa tornar evidente o “impossível de ser” LGBT+. Assim funciona a ideologia. Porém, surge a FD de Libertação Pessoal. Aquilo que antes parecia impossível, indissolúvel, inquebrantável, tremula. Como uma imagem impenetrável que começa a esmaecer, a “impossibilidade” de ser LGBT+ começa a dar espaço a caminhos do “vivível” como disse **Lua Minguante**. Neste caminho que emerge, como miragem diante dos olhos, a impenetrabilidade aparente da normatividade se fragiliza. A tradição, como um conceito monolítico que não pode ser enfrentado, parece ter seu espaço fragilizado. Certa rede de sentidos sofre perturbações. Talvez se possa falar na atualização da memória das relações de gênero e sexualidade.

Não parece equivocado afirmar que a normatividade ainda tem dominância nas relações de forças que permeiam as sexualidades e as expressões de gênero. Entretanto, é trabalho dela mesma a ilusão da sua força irrevogável – a melhor armadura não seria a evidência de impenetrabilidade? Quem tentaria atravessar uma defesa “evidentemente” intransponível? Porém, muitos tentaram. E conseguiram. E têm conseguido. No intransponível da tradição, da heteronormatividade, da cisgeneridade, vidas LGBT+ irromperam, alterando o dizível, revolvendo a memória, gerando acontecimentos. Sujeitos do “apesar”. Apesar do fogo do inferno social, do flagelo da inquisição, da tentativa de cura da medicina, da prisão judicial, apesar da violência, apesar da discriminação e do medo, “fizeram-se ser”. Dito de outra forma, e tomando os dizeres das **Luas**: sujeitos do “muito mais”. Muito mais do que a tradição e os bons costumes conseguiriam dar conta. Muito mais do que a intolerância, muito mais do que o pânico moral, muito mais do que a morte do corpo. Muito mais do que indivíduos de carne e osso, “organismos biológicos individuais”, sujeitos do dizer, habitantes da memória do mundo inscritos no repetível histórico e, por isso, provocação aos discursos conservadores.

É verdade que efeitos de sentido de expurgo e de cerceamento escoaram de seus dizeres, eclodiram destes corpos, muito marcados pelo sofrimento. Mas, “muito mais” do que isso, resplandeceram sentidos de esperança e de humanidade. Efeitos de sentidos marcados por uma movência constante de posições-sujeitos, deslizamentos contínuos em que, “muito mais” do que apenas sofrendores e oprimidos, os sujeitos LGBT+s constituem-se permeados por sentidos de “liberdade”, de “esperança”, de “humanidade”, de

“resistência”, de “luta”, de “inquietação”, de “transformação”. Um manancial de sentidos de “emancipação humana”, como disse **Lua Cheia**, é nascente destes sujeitos, que aprenderam a encontrar, na pretensamente opaca e intransponível armadura da normatividade, espaços para ser e viver. Mesmo dentro do inferno social, **Lua Minguante** vive com muita liberdade e expressa exatamente quem ela quer ser. Mesmo cercado por fantasmas, **Lua Cheia** tem muita fé na garra das pessoas, afinal, “ser viado é lindo”. Mesmo com as batalhas familiares, com o sofrimento da LGBT+fobia enunciado por **Lua Crescente**, ele sonha em transformar vidas, espalhar pequenas transformações, adotar um filho. Mesmo ante o medo de ferir os seus, **Lua Nova**, lá pelas tantas, vai sair de mãos dadas com sua futura esposa. “Simples assim”. Afinal, elas irão casar e ela se sente muito amada. Ser LGBT+ é ser muito mais do que “este mundo que não está pronto” consegue dar conta. Por isso, estes sujeitos, que por vezes tiveram suas existências tão esvaziadas de sentido, continuam resistindo e provocando o olhar do outro a repensar a si mesmo.

Este estudo é momentaneamente finalizado com o desejo da continuidade. Há diversas questões que emergem. A Análise de Discurso propõe ricos caminhos para sua reflexão. Pensar nas relações entre a FIC e suas FDs parece um caminho no devir – como esta formação ideológica viu-se tocada por sentidos de liberdade pessoal desses sujeitos transgressores? Como a tradição viu sua dominância ser minada por sujeitos considerados tão marginais dentro de seus domínios? Que outros sentidos podem emergir deste *corpus*? Que outras posições-sujeitos podemos vislumbrar? Questões que provocam este analista de discurso, que me movimentam na direção do estudo, do empenho teórico, de novos gestos analíticos. Se há alguma coisa que aprendi com esta pesquisa é que assumir-se incompleto, assumir-se falta abre espaço para um ilimitado “muito mais”.

8. OITAVO SEGREDO: A ILUSÃO DE FECHAR

Na ilusão do fechamento deste trabalho, momento em que me vejo implicado, pelo tempo e pelo espaço designados a uma dissertação de mestrado, a momentaneamente pausar este escrito, é-me impossível não contemplar a jornada teórica que foi escrevê-lo. E, em razão disso, refletir sobre duas – dentre tantas – dimensões que aqui se deram – as implicações que esta pesquisa tem para o campo da Educação e as afetações que eu, como sujeito pesquisador analista de discurso em formação, sofri no seu processo.

Sinto que, para o campo da Educação, esta pesquisa indica a necessidade de reflexão acerca dos currículos escolares – o que não é, em verdade, nenhuma afirmação inovadora. Este trabalho, porém, traz elementos novos relativamente às experiências de vida de pessoas LGBTQ+, o que nos provoca a pensar, como educadores, professores e professoras, no quanto a escola – e ainda os espaços não-escolares – contribuem ou não para a sustentação deste sofrimento, desta desigualdade. Os sujeitos LGBTQ+ estão na escola, hoje menos camuflados do que no tempo em que eu frequentei a educação básica, em que a solidão era um “brado retumbante”. Por estarem nas instituições de ensino, as afetam e são por elas afetados, incitando modificações diversas na comunidade escolar como também no simbólico de professores/as e estudantes. Os LGBTQ+ mostram outras formas de viver e interpretar o social para além da normatividade, reafirmando a noção de que a univocidade – seja do saber, seja dos caminhos da vida – é uma grande ilusão. Tal provocação ressoa sobre as formas como produzimos a escolarização, já que convoca, para dentro deste campo, uma série de experiências que, desde o currículo tradicionalista, não tem valor e tampouco deveria ser considerada. Este trabalho, de igual forma, aponta para a necessidade de reforço do compromisso da Educação com a luta contra as mais diversas formas de preconceito tão enraizadas na nossa cultura. Ele alerta para a “silêncio curricular” que não pode mais ser perpetuado – na medida em que a escola cala, ela consente a opressão. É verdade que esse quadro tem sido transformado. Porém, é preciso manter os olhos atentos, em tempos de conservadorismo, para que as pequenas conquistas não sejam desmontadas por discursos tradicionalistas, repaginados de libertários.

Abordar as experiências de pessoas LGBTQ+, da mesma forma que abordar as experiências das mulheres, das negras e dos negros, dos indígenas, das pessoas com deficiência, enriquece a dimensão humana do processo educativo. Puxa para o centro da discussão um conceito que deveria ser epicentro de todo esse processo: a diversidade. Não desde a perspectiva da tolerância, que ainda mantém uma hierarquia específica da

normatividade sobre o “diferente”, mas desde o lugar do respeito, pela assunção de que, nas nossas particularidades e especificidades, somos todos diferentes. Reconhecer o sofrimento que a heteronormatividade impõe aos LGBT+, e mesmo às pessoas heterossexuais (apesar da clara diferença entre estas violências), é indispensável para uma educação humanizadora e fomentadora da real igualdade de direitos.

Pelo lado da minha experiência como analista, os encontros, as surpresas, as inquietações, as ansiedades, os pesares, as lágrimas movidas por emoção. É do exercício científico o levantar hipóteses, entram em funcionamento as formações imaginárias acerca do tema que foi elencado e, também acerca dele, realizamos gestos interpretativos preliminares. Há, entretanto, na essência da Análise de Discurso, do trabalho de Michel Pêcheux, uma potência dotada da capacidade de sempre nos surpreender. O trabalho do analista é, sempre, um encontro com o inesperado, com o inimaginável, que só conseguimos vislumbrar, por vezes, no momento exato em que com ele nos deparamos. Comigo, o desenvolvimento deste trabalho foi exatamente isto: uma sucessão de encontros com o imprevisto.

Diante dos interlocutores e das interlocutoras desta pesquisa, vi-me defrontado pela minha própria incompletude ao ser provocado por eles e por elas a assumi-la de forma inegável. Pelo não-dito, pareciam dizer-me: “Se não assumires tua falta, nossas palavras não terão sentido para ti”. Como alguém que já enfrentou uma assunção, um “sair do armário”, defrontar outro “assumir-se” parece simples. Mas nunca é. Na nossa ilusão de sermos origem, de sermos senhores do nosso dizer e dos mais adequados sentidos, assumir-se incompletude, assumir-se falta é um desafio. Mas foi este exercício (que a mim parece fazer ressoar um sentido de humildade, de compreensão da nossa limitação), foram as provocações feitas por **Lua Minguante**, por **Lua Cheia**, por **Lua Crescente** e por **Lua Nova** que permitiram o despontar desta pesquisa. Eles e elas confiaram seus dizeres e suas histórias, compartilhando vivências, medos e esperanças e, dessa confiança, emergiu o que aqui se apresentou.

No primeiro momento, acreditei estar diante de uma Formação Ideológica da Tradição e não dos Costumes. A ideologia trabalha, gerando suas evidências, e me parecia evidente que a tradição era dominante nesta FI. Entretanto, observando o movimento das **Luas**, a forma como enunciaram certo “dançar de posição em posição” instigou um olhar outro sobre o *corpus* constituído. A impressão inicial de que existiria uma dominância da tradição dita em discursos conservadores, por vezes, não-dita, mas presente no silêncio, foi se desmanchando. Parece-me que nunca chegamos a ter uma FI da Tradição, porque, em se

tratando de costumes, sempre houve resistência forte. Por que a necessidade de perseguir tanto os diferentes? Flagelar corpos? Intimidar? Produzir dor? Porque a resistência sempre existiu, nunca esteve ausente dos jogos de poder, tanto quanto possível, trincou a tradição, impediu que ela imperasse, assumisse o domínio. De tais “surpresas” foi-se delineando o reconhecimento de uma Formação Ideológica dos Costumes manifestada em duas Formações Discursivas – a Formação Discursiva Inferno Social (FDIS) e a Formação Discursiva Liberdade Pessoal (FDLP). A FDIS precisa tornar evidente o “impossível de ser” LGBT+. Assim funciona a ideologia. Porém, surge a FD de Liberdade Pessoal. Aquilo que antes parecia impossível, indissolúvel, inquebrantável, tremula. Como uma imagem impenetrável que começa a esmaecer, a “impossibilidade” de ser LGBT+ começa a dar espaço a caminhos do “vivível” como disse **Lua Minguante**. Nesse caminho que emerge, como miragem diante dos olhos, a impenetrabilidade aparente da normatividade se fragiliza. A tradição, como um conceito monolítico que não pode ser enfrentado, parece ter seu espaço fragilizado. Certa rede de sentidos sofre perturbações. Talvez se possa falar na atualização da memória das relações de gênero e sexualidade.

Não parece equivocado afirmar que a normatividade ainda tem dominância nas relações de forças que permeiam as sexualidades e as expressões de gênero. Entretanto, é trabalho dela mesma a ilusão da sua força irrevogável – a melhor armadura não seria a evidência de impenetrabilidade? Quem tentaria atravessar uma defesa “evidentemente” intransponível? Porém, muitos tentaram. E conseguiram. E têm conseguido. No intransponível da tradição, da heteronormatividade, da cisgeneridade, vidas LGBT+ irromperam, alterando o dizível, revolvendo a memória, gerando acontecimentos. Sujeitos do “apesar”. Apesar do fogo do inferno social, do flagelo da inquisição, da tentativa de cura da medicina, da prisão judicial, apesar da violência, apesar da discriminação e do medo, “fizeram-se ser”. Dito de outra forma, e tomando os dizeres das **Luas**: sujeitos do “muito mais”. Muito mais do que a tradição e os bons costumes conseguiriam dar conta. Muito mais do que a intolerância, muito mais do que o pânico moral, muito mais do que a morte do corpo. Muito mais do que indivíduos de carne e osso, “organismos biológicos individuais”, sujeitos do dizer, habitantes da memória do mundo inscritos no repetível histórico e, por isso, provocação aos discursos conservadores.

É verdade que efeitos de sentido de expurgo e de cerceamento escoaram de seus dizeres, eclodiram destes corpos, muito marcados pelo sofrimento. Mas, “muito mais” do que isso, resplandeceram sentidos de esperança e de humanidade. Efeitos de sentidos marcados por uma movência constante de posições-sujeitos, deslizamentos contínuos em

que, “muito mais” do que apenas sofrendores e oprimidos, os sujeitos LGBT+s constituem-se permeados por sentidos de “liberdade”, de “esperança”, de “humanidade”, de “resistência”, de “luta”, de “inquietação”, de “transformação”. Um manancial de sentidos de “emancipação humana”, como disse **Lua Cheia**, é nascente destes sujeitos, que aprenderam a encontrar, na pretensamente opaca e intransponível armadura da normatividade, espaços para ser e viver. Mesmo dentro do inferno social, **Lua Minguante** vive com muita liberdade e expressa exatamente quem ela quer ser. Mesmo cercado por fantasmas, **Lua Cheia** tem muita fé na garra das pessoas, afinal, “ser viado é lindo”. Mesmo com as batalhas familiares, com o sofrimento da LGBT+fobia enunciado por **Lua Crescente**, ele sonha em transformar vidas, espalhar pequenas transformações, adotar um filho. Mesmo ante o medo de ferir os seus, **Lua Nova**, lá pelas tantas, vai sair de mãos dadas com sua futura esposa. “Simples assim”. Afinal, elas irão casar e ela se sente muito amada. Ser LGBT+ é ser muito mais do que “este mundo que não está pronto” consegue dar conta. Por isso, estes sujeitos, que por vezes tiveram suas existências tão esvaziadas de sentido, continuam resistindo e provocando o olhar do outro a repensar a si mesmo.

Este estudo é momentaneamente finalizado com o desejo da continuidade. Há diversas questões que emergem. A Análise de Discurso propõe ricos caminhos para sua reflexão. Pensar nas relações entre a FIC e suas FDs parece um caminho no devir – como essa formação ideológica viu-se tocada por sentidos de liberdade pessoal desses sujeitos transgressores? Como a tradição viu sua dominância ser minada por sujeitos considerados tão marginais dentro de seus domínios? Que outros sentidos podem emergir deste *corpus*? Que outras posições-sujeitos podemos vislumbrar? Questões que provocam este analista de discurso, que me movimentam na direção do estudo, do empenho teórico, de novos gestos analíticos. Se há alguma coisa que aprendi com esta pesquisa é que assumir-se incompleto, assumir-se falta abre espaço para um ilimitado “muito mais”.

REFERÊNCIAS

BALESTRIN, Patrícia Abel. Introdução aos estudos de Gênero e Sexualidade. IN: SILVEIRA et al. (org). **Educação em Gênero e Diversidade**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2017. p. 9-22.

BARROS, Enéas Martins de. **Nova gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Atlas, 1985.

BRASIL. **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil**: ano de 2013. Secretaria Especial de Direitos Humanos - Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Brasília. 2016. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/LGBT+/dados-estatisticos/Relatorio2013.pdf>> Acesso: 06.nov.2016.

CARRETERO, Mario. Três sentidos da História. In: CARRETERO, Mario. **Documentos de Identidade**: a construção da memória em um mundo globalizado. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. Nas tramas do discurso da reforma do Ensino Médio: acontecimento, ideologia e memória. **Conexão Letras – Língua, Discurso e Ensino**. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 13, n. 19, p. 59-68, 2018.

CAZARIN, Ercília Ana. Gestos interpretativos na configuração metodológica de uma FD. **Organon - A pesquisa em Análise do Discurso no PPG-Letras/UFRGS e sua expansão institucional**, Porto Alegre, v. 14, n. 48, janeiro/junho 2010, p. 103-118.

ERNST-PEREIRA, Aracy; MUTTI, Regina Maria Varini. O analista de discurso em formação: apontamentos à prática analítica. **Educação & Realidade** - Dossiê Língua, discurso e sujeito na educação, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 817-833, set./dez. 2011.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. A trama enfática do sujeito. In: INDURSKY, Freda. FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 99-118.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O caráter singular na língua no discurso. **Organon - Discurso, língua e memória**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 189-200, 2003.

FISS, Dóris Maria Luzzardi. **Os processos de construção da autoria e do mal-estar docente numa escola pública estadual**. Porto Alegre: UFRGS, 1998. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 1998.

FISS, Dóris Maria Luzzardi. **Territórios incertos: os processos de subjetivação das professoras da rede pública estadual**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 288 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. trad. ALBUQUERQUE, Maria T. C. e ALBUQUERQUE, J. A. G. 11ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 10 ed.. Petrópolis, RJ Vozes, 2012. p. 64-69.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Método de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HERBERT, Thomas. **Observações para uma teoria geral das ideologias**. Revista Rua. Campinas, Vol. 1, 1995. p. 63-89.

HENRY, Paul. Os Fundamentos Teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993. p. 13-38.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

KATZ, Jonathan Ned. **A Invenção da Heterossexualidade**. Trad. Por Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. 14. Ed. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)

KOSIK, Karel. Reprodução espiritual e racional da realidade. IN: KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Trad. NEVES, Célia; TORÍBIO, Alderico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

LAGGAZI, Suzy. Em torno da prática discursiva materialista. **Organon - História das ideias: diálogos entre linguagem, sociedade e história**, Porto Alegre, v. 30, n. 59, p. 85-100, jul./dez. 2015.

LIMA, Marcos Salmo Silva de; FISS, Dóris Maria Luzzardi. Permanência, pertencimento e desejo de docência: efeitos de sentidos de ser professor. **Conexão Letras – Língua, Discurso e Ensino**. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 13, n. 19, p. 69-88, 2018.

LOPES, Jussana Daguerre. **BNCC E(M) DISCURSO**: competências, sentidos e posições-sujeito. Trabalho apresentado no 8º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e 3º Seminário Internacional de Estudos Culturais na ULBRA/Canoas em junho de 2019. Texto digitado. 13 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **A Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira**. 14. Ed. São Paulo: Globo, 2000.

LUFT, Celso Pedro. **Pequeno dicionário da língua portuguesa**. 14. ed. São Paulo: Scipione, 2000.

MINAYO, Maria C. de Souza. O Desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria C. de Souza (org); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007a. p. 9-29.

MINAYO, Maria C. de Souza. Trabalho de Campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria C. de Souza (org); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007b. p. 61-77.

MOREIRA, Raquel Ribeiro; GAELZER, Vejane. Os sujeitos e os sentidos: o caso de alunos de engenharia. **Conexão Letras – Língua, Discurso e Ensino**, v. 13, n. 19, p. 89-100, 2018.

MUTTI, Regina Maria Varini. Assim... assim... dizem os alunos. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **Linguagem & Ensino – Revista do Curso de Mestrado em Letras**, Universidade Católica de Pelotas, v. 3, n. 1, jan. 2000. p. 11-26.

MUTTI, Regina Maria Varini. Indisciplina e discurso pedagógico: efeitos de sentidos diversos em confronto. **Educação**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 347-358, set.-dez. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18082/12443>

MUTTI, Regina Maria Varini. O texto jornalístico no discurso pedagógico: o que diz o aluno. In: CORACINI, Maria José; ERNST-PEREIRA, Aracy (Orgs.). **Discurso e sociedade: práticas em análise de discurso**. Pelotas: ALAB/EDUCAT, 2001. p. 157-186.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy; ORLANDI, Eni P. (Orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem. Discurso e Textualidade**. Campinas, SP: Pontes, 2006

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. 2. Ed. São Paulo: Cortez; Campina, São Paulo: UNICAMP, 1993.

ORLANDI, Eni P. Do sujeito na história e no simbólico. In: ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto**. Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Editora Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. São Paulo: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni P. Boatos e Silêncios: os trajetos dos sentidos, os percursos do dizer. In: ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto**: formulações e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001. p. 127-139.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 10. Ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993. p. 61-162.

PÊCHEUX, Michel. Lecture at mémoire: projet de recherche. In: MALDIDIER, Denise. **L'iquétude du discours – Textes de Michel Pêcheux**. Editions des Cendres, Ouvrage publié avec le concours de Ctre National des Lettres, 1990. p. 285-293.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 2. Ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: Pierre et all. **Papel da Memória**. Campianias: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Trad. Eni Puccinelli et al. 5ª ed. Campinas: Unicamp, 2014

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2010. p. 163-252.

PETRI, Verli. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. **Conexão Letras – Língua, discurso e ensino**, v. 13, n. 19, p. 47-58, 2018.

SANTOS, Sônia Sueli Berti. Pêcheux. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p. 209-234.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT+**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

STONEWALL Uprising. Direção: Kate Davis; Davis Heilbroner. Produção: Kate Davis; David Heilbroner; Mark Samels. United States: First Run Features, 2010. 1 DVD.

TEIXEIRA, Marlene. O “sujeito” é o “outro”? Uma reflexão sobre o apelo de Pêcheux à psicanálise. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 61-88, março 1997.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VEYNE, Paul. **Como se escreve história e Foucault revolucionando a história**. Brasília: Ed. Da UNB, 1998.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 35-82.

ZANDWAIS, Ana. Discurso, texto e sentidos: um olhar para além das heranças positivistas. **Organon – História das ideias: diálogos entre linguagem, sociedade e história**, Porto Alegre, v. 30, n. 59, p. 71-83, jul./dez. 2015.

ZOPPI-FONTANA, Monica Graciela. Identidades (in)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. **Organon – Revista do Instituto de Letras**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 17, n. 35, 2003, p. 245-282.

ZOPPI-FONTANA, Monica Graciela. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência.

Conexão Letras – A Análise do Discurso, v. 12, n. 18, p. 63-71, 2017.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa é proposta por **Lucas Carboni Vieira**, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientando da professora **Dra. Dóris Maria Luzzardi Fiss**. A presente investigação comporá parte dos dados utilizados no projeto de dissertação requerido para obtenção do título de Mestre em Educação. A temática do projeto diz respeito ao(s) modo(s) **como pessoas LGBTQ+ falam sobre as suas experiências de vida e aos sentidos que reverberam em seu dizer**. Tal etapa do trabalho objetiva realizar escuta atenta e respeitosa de vivências de pessoas deste grupo social, buscando compreender como significam suas histórias de vida, seus desafios, seus enfrentamentos, suas alegrias e conquistas. Após conversa inicial, na qual o pesquisador se disponibilizará a sanar suas dúvidas acerca da pesquisa, caso você esteja de acordo, será realizado o levantamento dos dados em duas etapas:

- 1) preenchimento dos dados sociodemográficos, registrados pelo pesquisador em formulário destinado a este fim;
- 2) realização de entrevista individual, registrada por meio de mecanismo de gravação de áudio, apenas para análise posterior. Os áudios da entrevista **não serão divulgados** em quaisquer meios de comunicação. Estes registros serão transcritos para utilização na pesquisa.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, **sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo**: serão omitidas quaisquer informações que permitam sua identificação. Você pode se sentir à vontade para compartilhar convicções e pontos de vista acerca dos assuntos em pauta. Para esta pesquisa o mais importante é a forma com que você narra a sua história. A participação neste estudo é voluntária. Se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade para fazê-lo.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, você estará fornecendo elementos para a produção de conhecimento científico. Esta pesquisa está profundamente comprometida com a problematização da realidade sociocultural a que sujeitos LGBTQ+ estão submetidos, como também com a reflexão sobre formas de empoderamento deste grupo social. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelos pesquisadores através dos endereços eletrônicos: carboni.vieira@gmail.com (telefone: 999674465) e fiss.doris@gmail.com (telefone: 991446742 e institucional: 33084547).

Atenciosamente

Lucas Carboni Vieira

Dóris Maria Luzzardi Fiss

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste Termo de Consentimento.

Nome e assinatura do/da participante

Porto Alegre, ____ de _____ de 201__

APÊNDICE B – ANÁLISE DE DISCURSO, ESTUDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE: UM GESTO DE ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM DISCURSOS LGBT

O COMEÇO DE UMA JORNADA

Este trabalho se desenvolveu ao longo do segundo semestre de 2016, como pré-requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sua temática surge do encontro de três elementos: vivências pessoais como sujeito LGBT, militância no diretório acadêmico e oportunidade de ser bolsista de iniciação científica. Se, como homem gay, fui defrontado com a discriminação e a inquietação do porquê deste tratamento, na militância organizei em mim a necessidade de luta contra as mais diversas opressões e na iniciação científica, conhecendo o trabalho de Michel Pêcheux, me vi provocado a pensar, pelo fio do discurso, os ataques sofridos por pessoas LGBTs.

No desejo de dar voz às pessoas que, como eu, enfrentam cotidianamente uma cultura opressora, estabeleci como tema os discursos das pessoas LGBT acerca de sua situação social, enfocando as questões da discriminação e das formas de resistência. Objetivei, assim, compreender discursos nos quais reverberam sentidos de LGBTfobia e de militância, buscando entender também como esses sentidos se vinculam – ou não – a movimentos de resistência à heteronorma e a seus desdobramentos. Para a realização deste trabalho, mobilizei conceitos da Análise de Discurso (AD) franco-brasileira de Michel Pêcheux, através do próprio fundador e de autores outros, como Eni Orlandi, Aracy Ernst-Pereira e Maria Cristina Leandro Ferreira. Busquei, também, pesquisas sobre a história dos e das LGBTs, trazendo para o estudo Jonathan Ned Katz e Júlio Assis Simões e Regina Facchini.

Surpreendi, no trabalho com o *corpus*, nove efeitos de sentido, que apontaram no sentido de um silenciamento da possibilidade de dizer dos sujeitos LGBTs, ainda submetidos, de uma forma ou de outra, à heteronormatividade. Estes sentidos, que apresentam movimentos cambiantes e mesmo paradoxais, se dão inscritos em duas formações discursivas (FD) antagônicas: Formação Discursiva da Heteronormatividade e Formação Discursiva de Gênero Transgressora, ambas inscritas em uma Formação Ideológica de Heteronorma. Essa inscrição das FDs em uma mesma FI não indica, entretanto, a não resistência ou luta de sujeitos LGBT acerca do discurso dominante, mas sim que o discurso da heteronormatividade ainda domina o dizer LGBT, gerando efeitos de silenciamento e de censura. Em razão da extensão deste escrito, vamos apresentar a análise de dois dos sentidos descobertos: o efeito de sentido de militância guardiã e o de militância sobrevivente. O primeiro se inscreve na FD de Gênero Transgressora

e o segundo na FD da Heteronormatividade. Nesta FD, se sustentam concepções que, pelo silêncio de recusa da palavra ao outro diferente, chancela a norma vigente que regula e oprime; por outro lado, a FD de Gênero Transgressora, apesar de ainda envolvida no silêncio, explode os princípios reguladores da sexualidade na medida que desafia a norma, buscando desconstruí-la e fundando, nesse silêncio, sentidos outros de enfrentamento.

CAMINHOS TRILHADOS – METODOLOGIA

Qualifica-se, este trabalho, como uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. Como nos diz Minayo, acerca da investigação social, ela envolve profunda relação entre o pesquisador e seu campo de estudos: “A visão de mundo de ambos está implicada em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto aos resultados do trabalho e à sua aplicação. Ou seja, a relação, neste caso, entre conhecimento e interesse deve ser compreendida como critério de realidade e busca de objetivação” (MINAYO, 2007, p. 13-14). Como analista de discurso, é a partir do lugar de LGBT, pedagogo, homem, branco, brasileiro e gaúcho que este trabalho se desenvolve. Se fossem outras as experiências que me constituíram, outro seria o olhar sobre o corpora, outras seriam as descobertas. Corroboram, ainda, Lüdke e André quando afirmam que é “[...] importante lembrar que, como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferencias, interesses e princípios que orientam o pesquisador” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 3)

Participaram 16 entrevistados, entre as quais encontravam-se pessoas a-gêneros, do gênero masculino e feminino; pansexuais, assexuais, bissexuais, gays e lésbicas; as idades variavam de 19 a 36 anos, com formações que iam do Ensino Médio até o Mestrado. Os participantes residem em Porto Alegre, Alvorada, Canoas e Gravataí. Foram produzidos 105 enunciados. Para a formação do corpora deste trabalho, realizei um questionário semiestruturado através da plataforma virtual *Survey Monkey*. O mesmo apresentou dez questões. As três primeiras são de cunho sociodemográfico. Solicitei que indicassem o gênero e a orientação sexual com a qual se identificavam, a cidade de residência, a idade, a profissão e a formação. Este último item foi organizado em uma questão de múltipla escolha com 12 variáveis⁶⁹, incluindo a busca de informação sobre curso e instituição de realização. Aqui as respostas são fechadas e estruturadas.

Nas perguntas seguintes, entretanto, o respondente é instado, questão após questão, a

⁶⁹ Ensino Fundamental, Ensino Médio, Técnico, Tecnólogo, Graduação em curso, Graduação, Especialização, Especialização em curso, Mestrado, Mestrado em curso, Doutorado e Doutorado em curso.

aprofundar a reflexão acerca da questão da militância LGBT e da LGBTfobia. As questões desenvolvem-se em dois eixos: o primeiro é a questão da militância e o segundo, aprofundando as questões do eixo anterior, é sobre discriminação. O questionário apresentava estes enunciados: 1) Para você o que é militância? 2) Para você militância e ativismo têm o mesmo significado? Quais são suas semelhanças ou diferenças em termos de significado? 3) Para você o que significa política? 3) Existe homofobia? Se sim, você sofre com isso? 4) Você acha que a homofobia pode ser combatida? Como? 5) Se você acredita que é possível combater a homofobia, o que você faz para combatê-la?

A décima questão era optativa, convidando o participante a discorrer livremente sobre alguma experiência de vida relacionada ao fato de ser um sujeito LGBT. Em razão da extensão do trabalho, ela não foi diretamente utilizada na análise, mas provocou a retomar todo o olhar lançado anteriormente sobre o *corpus*: o silenciamento fez-se pulsante aqui.

UMA TRAJETÓRIA – LGBTs NA HISTÓRIA

Simões e Facchini (2006) mostram que a trajetória do movimento LGBT é longa, passando pela Europa e Estados Unidos, antes de chegar em terras brasileiras. No Velho Continente, os movimentos de defesa dos direitos dos homossexuais começam com as defesas de Ulrichs, Kertbeny e Magnus Hirschfeld, médico e sexólogo alemão, fundador do Instituto de Ciência Sexual (KATZ, 1996). Em 1940, os Estados Unidos serão palco do movimento LGBT, com pesquisas psicológicas tematizando a sexualidade e a criação de grupos de militância pelos direitos desta comunidade, objetivando a construção de uma identidade respeitável para estes sujeitos. Com o movimento *hippie* de contracultura, em 1950-1960, este movimento se ressignifica, assumindo posturas mais radicais, respondendo a repressão cultural da sociedade norte americana, então atravessada pelo macarthismo e pela Guerra Fria. Em 28 de junho de 1969, um acontecimento histórico transforma o movimento LGBT - a Revolta de *Stonewall Inn*. A partir deste momento, surge o “*gay power*” como forma de ser e estar em sociedade, uma forma de existir no espaço da luta, da resistência, do combate aos valores conservadores que violentavam todos aqueles e aquelas que escapavam de seu controle.

No Brasil, os primeiros registros de movimento homossexual datam de 1950. Estes grupos, entretanto, não tinham a pretensão de militância sistemática, de uma luta organizada por direitos sociais, preocuparam-se na criação de pequenos espaços de confraternização. A primeira onda de militância politizada surge em 1978, com a fundação do jornal *O Lampião* e a posterior criação do grupo *Somos*. O movimento *hippie* e *underground* chega ao Brasil em

1970 – dois anos depois do decreto do Ato Institucional nº 5, por Costa e Silva – servindo de base para grupos como *Secos & Molhados* e *Dzi Croquettes*, gerando rachaduras nos paradigmas sociais. Em 1981 surge o Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF). Em 1980 são realizados o 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO) e o 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO). Em dezembro deste ano, é formado o Grupo Gay da Bahia (GGB) que atua até hoje mapeando os dados da violência contra pessoas LGBT.

A segunda onda da militância LGBT no país surge a partir de 1981, com o início da redemocratização e o aparecimento da AIDS. O movimento passa então a se dar através da institucionalização. Os próximos anos seriam dedicados ao combate da AIDS, com o desenvolvimento de grupos específicos de apoio. Em 1985, o GGB, apoiado por grupos menores e em parceria com políticos – Franco Montoro, Ulysses Guimarães, Darcy Ribeiro e outros – conquista a retirada da homossexualidade do Código de Classificação de Doenças do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (INAMPS). Em 1988 consolida-se o Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis DST/AIDS. A década de 90 presencia o começo da visibilização de travestis e transexuais. Em 1995, a 17ª Conferência Internacional da Internacional Lesbian and Gay Association (ILGA), ocorre no Rio de Janeiro. Em 2000 começam a surgir candidaturas de homossexuais para cargos públicos. Quatro anos depois o governo brasileiro lança o Programa Brasil Sem Homofobia. Em 2013 é legalizado o casamento entre pessoas do mesmo sexo (BRASIL, 2013). Em 2015, demonstrando o poder de organização das bancadas conservadoras, a obrigatoriedade de discussão das questões de gênero e sexualidade é retirada do Plano Nacional de Educação.

Essa historicidade da realidade LGBT é de indispensável consideração, pois é a partir deste momento e lugar que os sujeitos entrevistados enunciam acerca de sua situação sociocultural. As condições de produção dos sujeitos LGBTs é uma condição de constante risco e ameaça. Em 2015, de acordo com o GGB (Grupo Gay da Bahia), 318 homossexuais foram mortos no Brasil (TALENTO, 2016), destacando-se a violência com que estes crimes são perpetrados (esquartejamentos, incinerações, mutilações). Importante destacar que estas estatísticas são levantadas a partir de crimes veiculados na mídia. Não é possível ter a real noção da violência contra este grupo, pois muitos dos crimes são registrados com outras alegações, uma vez que homofobia não é considerada crime no Brasil. O Relatório de Violência Homofóbica no Brasil (BRASIL, 2016), do ano de 2013, apresenta esta particularidade em se tratando de crimes contra LGBTs: são dados de difícil coleta estatística.

A AD é uma disciplina de entremeio que tem sua origem na década de 60. Michel Pêcheux (1938-1983), seu fundador, foi um filósofo francês, aluno de Louis Althusser, que bebeu de seus trabalhos desde a releitura de Marx e os aparelhos ideológicos de estado. Pêcheux mobiliza conceitos originários da teoria marxista (relida por Althusser) e da psicanálise freudiana (relida por Lacan) a fim de repensar a língua desde a compreensão apresentada por Ferdinand de Saussure, relida por Pêcheux, e formular um novo objeto: o discurso. Necessário destacar o que torna possível o encontro entre Pêcheux, Lacan e Althusser: um gesto epistemológico comum – a subversão nos respectivos gestos disciplinares da compreensão estritamente biossocial da ordem humana pelo reconhecimento da castração simbólica. “Pêcheux é um herdeiro não subserviente do Marxismo, da Linguística e da Psicanálise na Análise de Discurso que propõe e que trabalha as relações entre o sujeito, a língua e a história” (FERREIRA, 2005, p. 11).

Dito de outra forma, acompanhando Pêcheux e Fuchs (2010, p. 163-164), o quadro epistemológico da AD se compõe a partir da articulação de três campos do conhecimento científico atravessados por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica:

7. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
8. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
9. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

A língua é a materialização do discurso. Parafraseando Orlandi (2012), quando refere suas potencialidades, a AD oferece contribuições relevantes para o campo dos estudos da linguagem desde as interfaces constituídas com outras regiões de conhecimento – ela provoca a: problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem; perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade; saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. Eni Orlandi aponta que:

O discurso é [...] palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Na Análise de Discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. (2012, p. 15.)

A AD não pensa apenas o dito, mas reflete sobre os processos e as condições de sua produção e as relações tramadas entre ele e os sujeitos que os enunciam. O analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade. Como esclarece Pêcheux (1997, p. 78),

[...] os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento, mas com a condição de acrescentar imediatamente que esse funcionamento não é integralmente linguístico [...] e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto do discurso [...].

A análise de discurso implica um esforço de compreensão do funcionamento do discurso por meio da observação dos processos e mecanismos de constituição de sentidos e sujeitos. É imprescindível considerar a opacidade da linguagem, ou seja, o conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção (CP) do discurso. “Um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas” (PÊCHEUX, 1997, p. 77) que apontam para o sujeito (posição dos protagonistas do discurso e formações imaginárias) e para a situação de surgimento do mesmo (referente, contexto no qual aparece o discurso). Seria dizer que, ao mencionar sujeito, Pêcheux não está referindo a presença física de organismos humanos individuais, mas lugares determinados na estrutura de uma formação social – o lugar de professor, o lugar de aluno, de pai, de mãe, de mulher, de homem e assim por diante. Esses lugares estão afetados pelos contextos históricos sociais, instados a interpretar os fatos ao seu redor a partir destas condições de produção.

A Análise de Discurso compreende a língua como algo não transparente. Ela é opaca, fugidia. Não somos senhores do seu significado, tampouco detemos o sentido daquilo que falamos. Partindo desse pressuposto, sua preocupação não é dizer o que determinado texto significa, atravessando-o e chegando à verdade. À AD cabe compreender como o enunciado analisado significa. “Ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica⁷⁰: ela o concebe em sua discursividade” (ORLANDI, 2012, p. 18). Essa perspectiva é essencial para a Análise de Discurso, que se preocupa em mostrar que a relação linguagem-palavra-mundo não é retilínea e unívoca. A história está na língua haja vista os fatos históricos existirem sob efeito da interpretação. A história se inscreve na língua, portanto, a exterioridade não corresponde a um exterior empírico, mas se constitui no próprio trabalho dos sentidos

⁷⁰ Área da Linguística que estuda o significado das palavras em ação no texto. “A linguagem é constituída da soma de sons e significados. A Semântica [...] se interessa pela natureza, função e uso desses significados. A Semântica não estuda os significados como um dicionário trata as palavras da língua, mas da maneira como os significados ocorrem integrados nos textos falados e escritos” (CAGLIARI, 2008, p. 45).

(FERREIRA, 2005). Um traço permanente desta disciplina de entremeio é o fato de ela continuar “[...] se pautando por uma teoria materialista dos sentidos, que considera a língua na sociedade e na história, fazendo intervir a ideologia” (FERREIRA, 2005, p. 195).

A Psicanálise contribui com o deslocamento da noção de sujeito idealista para a de sujeito descentrado, este constituindo-se na relação com o simbólico, com a história. Enquanto o sujeito idealista é compreendido como fonte intencional do sentido que ele exprime por meio de uma língua transparente, o sujeito descentrado é o sujeito produzido pela linguagem, um sujeito do inconsciente, um sujeito desejante se considerado desde concepções freudo-lacanianas. “Ao construir sua teoria do inconsciente, Freud põe em questão a ideia de um sujeito natural, cuja unidade está assegurada pela consciência” (ERNST-PEREIRA et al., 1996, p. 45). Lacan, desde a releitura que faz de Freud, adverte que, para este, o processo de conhecimento não se faz enquanto modalidade de desvendamento da verdade a partir do real, sendo impossível ao sujeito escapar ao primado do simbólico. Nesses termos, o sujeito não é um agente homogêneo, mas se constitui desde uma relação complexa que implica o inconsciente e a ideologia. O “eu” perde a sua centralidade e, disperso, diluído, embora falado, também fala e, ao falar, intervém nos sentidos já-dados.

EFEITOS DE SENTIDO – MILITÂNCIA GUARDIÃ E MILITÂNCIA SOBREVIENTE

Esta etapa de análise focou as questões 1, 2 e 3 do questionário. Dos enunciados, destaquei três palavras: *defender* (presente em três enunciados), *lutar* (presente em sete enunciados) e *ativamente* (presente em dois enunciados). *Defender* e *lutar* me provocaram em razão da sua ausência. Em razão da minha experiência como membro do diretório acadêmico, militância é um termo atravessado por tais palavras. Isso, entretanto, não aconteceu: apenas 12 respostas, das 48 produzidas nas três perguntas deste eixo, fizeram referência a *defender* e *lutar*. Apenas uma resposta relaciona as três palavras.

A fim de apreender os sentidos estabilizados dessas expressões, recorri ao dicionário virtual Caldas Aulete⁷¹. Este movimento é importante, porque tais significados compõem certa parte da memória discursiva destes termos, do interdiscurso, caminhando sempre no intervalo entre estabilização e renovação dos sentidos. Neste momento de passagem pela superfície linguística, encontrei os seguintes significados:

Defender: proteger-se de ataque; manifestar-se favoravelmente a; lutar em favor de, advogar em

⁷¹ Disponível em: <http://www.aulete.com.br>. Todos os sentidos dicionarizados utilizados neste trabalho foram retirados deste dicionário virtual.

benefício de; afastar risco, perigo, de si mesmo ou de alguém.

Lutar: desferir golpes, brigar; participar de combate ou batalha; fazer frente a, resistir a algo ou alguém; trabalhar com afinco, para sobreviver ou obter compensações.

Ativamente: adv. || de modo ativo. || (Gram.) Em sentido ativo, na voz ativa.

No que concerne, especificamente, ao advérbio *ativamente*, é importante lembrar que, segundo Barros (1985), os advérbios em geral são palavras adjuntas, modificadoras, porque podem ser determinantes do adjetivo, do advérbio, do pronome, do verbo e mesmo de orações e substantivos. Acrescenta, igualmente, que “só o contexto caracteriza e define o advérbio. Só o contexto lhe indica as circunstâncias” (op. cit., p. 203). No que concerne aos advérbios em *mente*, sublinha que eles não apenas comunicam ideia de tempo, de modo, mas também de qualidade. “A anteposição comunica ao advérbio o valor adjetival que atinge o sujeito e a oração inteira” (op. cit., p. 305). Bomfim (1988), ao discutir o mesmo assunto, indica o caráter subjetivo da maioria dos advérbios, que não se comportam meramente como a gramática tradicional os posiciona na frase, ligando-se, isto sim, ao sujeito da enunciação, ao emissor responsável pelo enunciado.

Pensar no funcionamento sintático do advérbio *ativamente*, tomando a SD na qual ele foi utilizado, obriga evocar, também, o que Luft (2000) destaca quando fala a respeito. O autor explica que os elementos com valor adverbial não são rigorosamente necessários à compreensão básica do enunciado, tendo a (sub)função de determinar, qualificar e modificar outros termos. Destaquei, do *corpus*, a sequência discursiva de Garwin⁷² que, ao responder à questão “Para você o que é militância?”, apresentou os três itens lexicais selecionados:

SD3 – É *defender* uma causa e *lutar ativamente* a favor dela.

Nesta formulação, fica evidenciada a função de modificador e de intensificador do advérbio que, uma vez considerado o funcionamento sintático, influencia outros elementos – *defender* e *lutar* que devem ser feitos de modo ativo, profundamente intencional. O sujeito que luta ou defende *ativamente* é um sujeito que toma a frente na ação de forma diferente daquele que simplesmente luta/defende. Dito de outra forma, a mera luta poderia não ser sistemática ou ainda profunda o suficiente para envolver o sujeito. *Lutar ativamente*, ou *defender ativamente*, denota uma entrega e uma decisão pessoal profundas.

Na SD utilizada como exemplo, um sujeito LGBT aponta que a militância é o exercício

⁷² Nome fictício para preservar a identidade do participante.

da defesa – ativa, intensa, profunda – de uma causa. É possível escrever este enunciado de outra forma, no momento em que substituímos os itens lexicais “defender” e “lutar” por um de seus significados estabilizados. Apresentarei os deslizamentos dos sentidos que podem, sempre, ser outros. É possível dizer, a partir desta SD, que a militância:

Deslizamento 1 – Item lexical: Defender

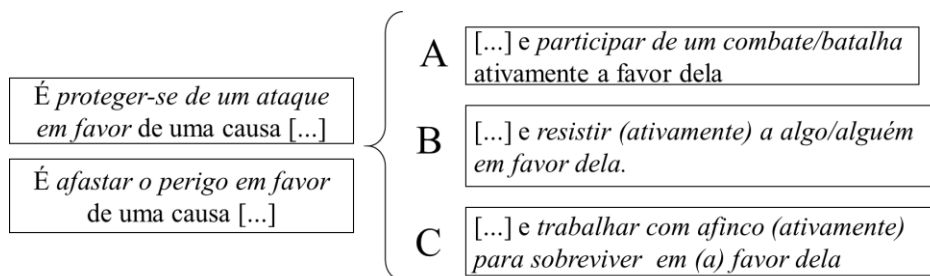
A) *É proteger-se de ataque em favor de uma causa e lutar ativamente a favor dela.*

B) *É afastar o perigo em favor de uma causa e lutar ativamente a favor dela*

A partir desta transformação do dito, surgem outras questões como: de quem ou do que é preciso se proteger? Quem é este sujeito atacante que exige do militante uma ação de proteção? Seguindo para o segundo deslizamento: que perigo é esse que precisa ser afastado pelo militante para que a sua causa tenha andamento? A militância parece ser, então, um processo de combate ao perigo, de resguardo daquele que a pratica, pois ele (ou a causa que defende) sofre ataques intensos com poder suficiente para destruí-la.

Passei, então, para o deslizamento 2, onde substituí o termo *lutar*, usando as mesmas alterações lexicais já realizadas com o termo *defender*, o que permitiu 6 combinações possíveis de deslizamento:

Deslizamento 2 – Item lexical: Defender + Lutar



Através dos sentidos estabilizados, militância, além de ser um ato de proteção que envolve afastar o perigo eminente, que ameaça de forma efetiva a causa daquele que se coloca na situação de militância, trata-se de uma situação de sobrevivência, de resistência, de combate. O sentido de ameaça se intensifica. O militante não é só aquele que está sob perigo, sob risco de uma ação que lhe é violenta, como sobrevivente, ele resiste não por mera contraposição: sua própria existência está ameaçada. Militar é uma questão de vida ou morte.

Considerado, agora, como objeto discursivo que escapa às armadilhas da suposta transparência da língua, evidencio dois efeitos de sentidos: *militância guardiã* e *militância sobrevivente*. Efeitos de sentidos que se interpenetram, que dialogam profundamente, pois a militância guardiã assume este posto de protetorado em razão da ameaça destruidora que recai

sobre o militante, ou sobre a causa de sua proteção. Diferente da condição de sobrevivente, a militância guardiã está mais empoderada do seu papel e da sua identidade de militante e por isso consegue tornar-se protetor de outrem – ele milita não apenas para si mesmo, mas para o grupo que representa, compreendendo que militar por si mesmo, reverbera na proteção de todos. Digo “ameaça destruidora”, pois não é qualquer espécie de oposição que demanda uma “batalha intensa”, um “trabalho dedicado pela sobrevivência”. Sobreviver é sobrepor-se a uma fatalidade, a uma força que, em muitos casos, pode ser maior que aquele que contra ela luta. No dicionário, sobreviver está definido como “permanecer vivo após desaparecimento de outros, ou após passar por perigo mortal, doença, dificuldades”. Este perigo mortal representado pela oposição à causa do militante, ao meu ver, só pode ser considerado mortal por afetar dimensões do sujeito militante que se costuram à própria essência do seu viver. Tomemos, por exemplo, a causa LGBT: aqueles que atacam a causa LGBT, atacam o próprio direito de ser dos gays, das lésbicas, dos bissexuais, das travestis e dos/das transexuais. Outros e outras já desapareceram antes, foram derrotados pela ameaça. Aqueles que militam são guardiões da própria existência e da existência de sua causa, como também militam no esforço do sobreviver.

CONCLUSÃO

Inscrevendo-se em uma FD de Gênero Transgressora, encontramos o efeito de sentido militância guardiã, enquanto em uma FD da Heteronormatividade, encontramos o efeito de sentido de militância sobrevivente. Se, por um lado, militar torna-se um ato de manifestação pública e de resistência, de proteção, criando rachaduras na heteronormatividade, “apenas” – o digo entre muitas aspas – sobreviver a ação dela materializa seu intento: subjugar aqueles que desviam de seu desejo, de sua ordem. Ninguém vive em plenitude na condição de sobrevivente. Militar é um ato que habita na dualidade do desejo de liberdade – de romper com a normativa, com o controle, com a opressão, com a proteção do direito de uma vida plena – e no desejo de sobreviver – de ver-se perseguido, caçado, marcado, obrigado, de uma forma ou de outra, a encontrar subterfúgios para resistir à uma “força maior”. O sujeito LGBT ainda se vê demandado a resistir e sobreviver a força de uma norma opressora, que, pelos fios do discurso, busca interditar a possibilidade do dizer acerca de si mesmo, em perspectivas outras, que não sejam as tomadas por este contexto de discriminação e transgressão. Muito se conquistou em termos de direitos sociais, mas ainda se faz indispensável conquistar mais, criar novas rachaduras e alçar novos voos na direção da possibilidade do dizer mais pleno, não obnubilado por uma normatividade sufocante e injusta.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, Enéas Martins de. *Nova gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Atlas, 1985.
- BOMFIM, Eneida. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988.
- BRASIL. *Decreto nº 175, de 14 de maio de 2013*. Disponível em: <http://www.abglt.org.br/docs/CNJ_Res175-14-05-2013.pdf> Acesso em: 04.set.2016.
- BRASIL. *Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2013*. Secretaria Especial de Direitos Humanos - Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Brasília. 2016. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/Relatorio2013.pdf>> Acesso: 06.nov.2016.
- ERNST-PEREIRA, Aracy et all. O discurso pedagógico: a presença do outro. *Letras – Revista do Mestrado em Letras da UFSM (RS)*, janeiro de 1996
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O Caráter Singular da Língua Na Análise de Discurso. *Organon*, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 189-200, 2003.
- KATZ, Jonathan Ned. *A Invenção da Heterossexualidade*. Tradução por Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. *A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- LUFT, Celso Pedro. *Pequeno dicionário da língua portuguesa*. 14. ed. São Paulo: Scipione, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 10. Ed. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2. Ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2010. p. 163-252.
- TALENTO, Biaggio. *318 homossexuais foram mortos no Brasil em 2015*. A Tarde – UOL, 2016. Disponível em: <<https://ggb.org.br/2016/01/28/assassinato-de-lgbt-no-brasil-relatorio-2015>>. Acesso em: 19 de out. de 2016

APÊNDICE C – “OPRESSÃO E RESISTÊNCIA: EFEITOS DE SENTIDO EM DISCURSOS LGBT”

Introdução

No intento de compreender como sujeitos LGBT significam a discriminação e a militância da nossa comunidade, realizei esta pesquisa ao longo de 2016, balizando-me na Análise de Discurso de Michel Pêcheux. Desejei ainda compreender a relação dos sentidos atribuídos pelos entrevistados com a heteronormatividade que ainda afeta, direta ou indiretamente, a comunidade LGBT. Busquei, para além do aporte teórico de Pêcheux, os trabalhos de Eni Orlandi (2012), Aracy Ernst-Pereira (1996) e Maria Cristina Leandro Ferreira (2005). Busquei, também, pesquisas sobre a história dos e das LGBTs, trazendo para o estudo Jonathan Ned Katz (1996), Júlio Assis Simões e Regina Facchini (2009)⁷³.

Surpreendi-me, através do trabalho com o corpus, com duas formações discursivas (FD) que se antagonizam – Formação Discursiva da Heteronormatividade e Formação Discursiva de Gênero Transgressora, ambas inscritas em uma formação ideológica (FI) que identifiquei como Formação Ideológica da Heteronorma. Essa inscrição das FDs em uma mesma FI não indica, entretanto, a não resistência ou luta de sujeitos LGBT acerca do discurso dominante, mas sim que o discurso da heteronormatividade ainda domina o dizer LGBT, gerando efeitos de silenciamento e de censura. Inscritos nestas duas FDs, apreendemos nove efeitos de sentido, dos quais apresentaremos dois que ilustram a complexidade contraditória em que estes sujeitos se encontram. São eles o efeito de sentido de militância guardiã e o de militância sobrevivente. O primeiro se inscreve na FD de Gênero Transgressora e o segundo na FD da Heteronormatividade. Nesta FD, se sustentam concepções que, pelo silêncio de recusa da palavra ao outro diferente, chancela a norma vigente que regula e oprime; por outro lado, a FD de Gênero Transgressora, apesar de ainda envolvida no silêncio, explode os princípios reguladores da sexualidade na medida que desafia a norma, buscando desconstruí-la e fundando, nesse silêncio, sentidos outros de enfrentamento.

Metodologia

⁷³ Em função dos objetivos deste artigo, os estudos de Katz, Simões e Facchini não foram explorados nesta produção, mas suas descobertas acerca da história de sexualidade e da história do movimento LGBT no mundo afetaram diretamente as análises aqui realizadas. Suas contribuições serão retomadas em artigo mais longo que se encontra em fase de elaboração.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa do tipo estudo de caso. Como nos aponta Minayo (2007), as pesquisas de cunho social apresentam profundas afetações advindas da relação do pesquisador com seu objeto de estudo. Não é possível pensar o processo da pesquisa ignorando a subjetividade do pesquisador, seu desenvolvimento se dá em razão das particularidades do sujeito que a desenvolve. O reconhecimento dessa relação entra em consonância com a perspectiva dialética que constitui o trabalho da/na Análise de Discurso: o sujeito-pesquisador também é interpelado pelo seu contexto sócio-histórico, também é afetado por seu contexto e por seu lugar sociocultural. Foi a partir dessa relação de ser e estar na história que constituí este trabalho, implicado pelas especificidades e pelas marcas culturais que agem sobre mim. Foi como analista de discurso, como LGBT, pedagogo, homem, branco, brasileiro, gaúcho que esta pesquisa se constituiu. Corroboram, ainda, Lüdke e André quando afirmam que é “importante lembrar que, como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador (1986, p. 3)”

Como um estudo de caso, esta investigação coloca em análise os enunciados de um grupo específico de pessoas, sujeitos LGBT, e a produção de dados foi realizada com dezesseis interlocutores de pesquisa, através de um questionário virtual semiestruturado. Se qualquer colaborador desta pesquisa fosse substituído, todo o *corpus* analítico teria sofrido modificações consideráveis e, por consequência, o gesto de análise sobre ele seria outro, pois outros seriam os enunciados, outros os dizeres. Assim sendo, o objeto de estudo é, justamente, o conjunto dos enunciados dos participantes. Os dados produzidos contam com a participação de pessoas agêneros, do gênero masculino e feminino, pansexuais, assexuais, bissexuais, gays e lésbicas; as idades variam de 19 a 36 anos, com escolaridades que vão do Ensino Médio até o Mestrado. São residentes em Porto Alegre, Alvorada, Canoas e Gravataí. Ao total foram produzidos 105 enunciados. O questionário, realizado através da plataforma virtual *Survey Monkey*, apresentava aos respondentes dez questões. As três primeiras perguntas eram de caráter sociodemográfico, enquanto as questões restantes convidaram os colaboradores da pesquisa a refletir sobre a questão da militância LGBT e da LGBTfobia. Os enunciados eram os seguintes: 1) Para você o que é militância? 2) Para você militância e ativismo têm o mesmo significado? Quais são suas semelhanças ou diferenças em termos de significado? 3) Para você o que significa política? 3) Existe homofobia? Se sim, você sofre com isso? 4) Você acha que a homofobia pode ser combatida? Como? 5) Se você acredita que é possível combater a homofobia, o que você faz para combatê-la? A décima questão era optativa, convidando o participante a discorrer

livremente sobre alguma experiência de vida relacionada ao fato de ser um sujeito LGBT.

O filósofo e sua obra

A Análise de Discurso (AD) é uma disciplina de entremeio que tem sua origem na década de 60. Michel Pêcheux (1938-1983), seu fundador, foi um filósofo francês, aluno de Louis Althusser, que bebeu de seus trabalhos desde a releitura de Marx e os aparelhos ideológicos de estado. Com relação às suas primeiras produções, é necessário abrir breve parênteses a partir do qual estabelecemos conexão entre elas e os tempos que antecipam e preparam a fundação da AD. Entre 1966 e 1969, Pêcheux deslizou de um momento, o da escrita dos textos *Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia geral* (1966) e *Observações para uma teoria geral das ideologias* (1967), no qual assinava sob o pseudônimo Thomas Herbert, para outro, o da escrita de *Análise de conteúdo e teoria do discurso* (1967)⁷⁴ e *Por uma técnica de análise do discurso* (1968), no qual os escritos já não mais se abrigavam sob a guarda de Herbert. O uso de um pseudônimo se explica não apenas por uma cautelosa atitude assumida por ele, mas sobretudo pela identificação com projetos de trabalho que, embora relacionados, atendiam, inicialmente, a propostas diferentes. Enquanto Herbert evidenciava engajamento no projeto althusseriano de construção de uma teoria geral das ideologias, Pêcheux endereçava seu interesse maior para a elaboração da Análise de Discurso. Portanto, a análise do discurso pode ser considerada como um projeto teórico mais amplo de Michel Pêcheux que nasceu no interior da elaboração de uma teoria geral das ideologias na esteira de Louis Althusser.

Pêcheux mobiliza conceitos originários da teoria marxista (relida por Althusser) e da psicanálise freudiana (relida por Lacan) a fim de repensar a língua desde a compreensão apresentada por Ferdinand de Saussure, relida por Pêcheux, e formular um novo objeto: o discurso. Necessário destacar o que torna possível o encontro entre Pêcheux, Lacan e Althusser: um gesto epistemológico comum – a subversão nos respectivos gestos disciplinares da compreensão estritamente biossocial da ordem humana pelo reconhecimento da castração simbólica. “Pêcheux é um herdeiro não subserviente do Marxismo, da Linguística e da Psicanálise na Análise de Discurso que propõe e que trabalha as relações entre o sujeito, a língua e a história” (FERREIRA, 2005, p. 11). Dito de outra forma, acompanhando Pêcheux e Fuchs (2010, p. 163-164), o quadro epistemológico da AD se compõe a partir da articulação de três

⁷⁴ A referência utilizada para este texto é do livro “Por uma Análise Automática do Discurso” organizado por Gadet e Hak (1993 – p. 61 a 105).

campos do conhecimento científico atravessados por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica:

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

A língua é a materialização do discurso. Parafraseando Orlandi (2012), quando refere suas potencialidades, a AD oferece contribuições relevantes para o campo dos estudos da linguagem desde as interfaces constituídas com outras regiões de conhecimento – ela provoca a: problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem; perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade; saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. Eni Orlandi aponta que:

O discurso é [...] palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Na Análise de Discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. (2012, p. 15.)

A AD não pensa apenas o dito, mas reflete sobre os processos e as condições de sua produção e as relações tramadas entre ele e os sujeitos que os enunciam. O analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade. Como esclarece Pêcheux (1997, p. 78),

[...] os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento, mas com a condição de acrescentar imediatamente que esse funcionamento não é integralmente linguístico [...] e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto do discurso [...].

A análise de discurso implica um esforço de compreensão do funcionamento do discurso por meio da observação dos processos e mecanismos de constituição de sentidos e sujeitos. É imprescindível considerar a opacidade da linguagem, ou seja, o conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção (CP) do discurso. “Um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas” (PÊCHEUX, 1997, p. 77) que

apontam para o sujeito (posição dos protagonistas do discurso e formações imaginárias) e para a situação de surgimento do mesmo (referente, contexto no qual aparece o discurso). Seria dizer que, ao mencionar sujeito, Pêcheux não está referindo a presença física de organismos humanos individuais, mas lugares determinados na estrutura de uma formação social – o lugar de professor, o lugar de aluno, de pai, de mãe, de mulher, de homem e assim por diante. Esses lugares estão afetados pelos contextos históricos e sociais, instados a interpretar os fatos ao seu redor a partir destas condições de produção.

A Análise de Discurso compreende a língua como algo não transparente. Ela é opaca, fugidia. Não somos senhores do seu significado, tampouco detemos o sentido daquilo que falamos. Partindo desse pressuposto, sua preocupação não é dizer o que determinado texto significa, atravessando-o e chegando à verdade. À AD cabe compreender como o enunciado analisado significa. “Ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica⁷⁵: ela o concebe em sua discursividade” (ORLANDI, 2012, p. 18).

Essa perspectiva é essencial para a Análise de Discurso, que se preocupa em mostrar que a relação linguagem-palavra-mundo não é retilínea e unívoca. A história está na língua haja vista os fatos históricos existirem sob efeito da interpretação. A história se inscreve na língua, portanto, a exterioridade não corresponde a um exterior empírico, mas se constitui no próprio trabalho dos sentidos (FERREIRA, 2005). Um traço permanente desta disciplina de entremeio é o fato de ela continuar “[...] se pautando por uma teoria materialista dos sentidos, que considera a língua na sociedade e na história, fazendo intervir a ideologia” (FERREIRA, 2005, p. 195).

A Psicanálise contribui com o deslocamento da noção de sujeito idealista para a de sujeito descentrado, este constituindo-se na relação com o simbólico, com a história. Enquanto o sujeito idealista é compreendido como fonte intencional do sentido que ele exprime por meio de uma língua transparente, o sujeito descentrado é o sujeito produzido pela linguagem, um sujeito do inconsciente, um sujeito desejante se considerado desde concepções freudolacanianas. “Ao construir sua teoria do inconsciente, Freud põe em questão a ideia de um sujeito natural, cuja unidade está assegurada pela consciência” (ERNST-PEREIRA et al., 1996, p. 45). Lacan, desde a releitura que faz de Freud, adverte que, para este, o processo de conhecimento

⁷⁵ Área da Linguística que estuda o significado das palavras em ação no texto. “A linguagem é constituída da soma de sons e significados. A Semântica [...] se interessa pela natureza, função e uso desses significados. A Semântica não estuda os significados como um dicionário trata as palavras da língua, mas da maneira como os significados ocorrem integrados nos textos falados e escritos” (CAGLIARI, 2008, p. 45).

não se faz enquanto modalidade de desvendamento da verdade a partir do real, sendo impossível ao sujeito escapar ao primado do simbólico. Nesses termos, o sujeito não é um agente homogêneo, mas se constitui desde uma relação complexa que implica o inconsciente e a ideologia. O “eu” perde a sua centralidade e, disperso, diluído, embora falado, também fala e, ao falar, intervém nos sentidos já-dados.

Militância Guardiã e Militância Sobrevivente: efeitos de sentido

Esta etapa de análise focou as perguntas 1, 2 e 3 do questionário. Dos enunciados, destaquei três palavras: *defender* (presente em três enunciados), *lutar* (presente em sete enunciados) e *ativamente* (presente em dois enunciados). *Defender* e *lutar* me provocaram em razão da sua ausência. Em razão da minha experiência como membro do diretório acadêmico, militância é um termo atravessado por tais palavras. Isso, entretanto, não aconteceu: apenas 12 respostas, das 48 produzidas nas três perguntas deste eixo, fizeram referência a *defender* e *lutar*. Apenas uma resposta relaciona as três palavras.

A fim de apreender os sentidos estabilizados dessas expressões, recorri ao dicionário virtual Caldas Aulete⁷⁶. Este movimento é importante, porque tais significados compõem certa parte da memória discursiva destes termos, do interdiscurso, caminhando sempre no intervalo entre estabilização e renovação dos sentidos. Neste momento de passagem pela superfície linguística, encontrei os seguintes significados:

Defender: proteger-se de ataque; manifestar-se favoravelmente a; lutar em favor de, advogar em benefício de; afastar risco, perigo, de si mesmo ou de alguém.

Lutar: desferir golpes, brigar; participar de combate ou batalha; fazer frente a, resistir a algo ou alguém; trabalhar com afincamento, para sobreviver ou obter compensações.

Ativamente: adv. || de modo ativo. || (Gram.) Em sentido ativo, na voz ativa.

No que concerne, especificamente, ao advérbio *ativamente*, é importante lembrar que, segundo Barros (1985), os advérbios em geral são palavras adjuntas, modificadoras, porque podem ser determinantes do adjetivo, do advérbio, do pronome, do verbo e mesmo de orações e substantivos. Acrescenta, igualmente, que “só o contexto caracteriza e define o advérbio. Só o contexto lhe indica as circunstâncias” (BARROS, 1985, p. 203). No que concerne aos

⁷⁶ Disponível em: <http://www.aulete.com.br>. Todos os sentidos dicionarizados utilizados neste trabalho foram retirados deste dicionário virtual.

advérbios em *-mente*, sublinha que eles não apenas comunicam ideia de tempo, de modo, mas também de qualidade. “A anteposição comunica ao advérbio o valor adjetival que atinge o sujeito e a oração inteira” (BARROS, 1985, p. 305). Bomfim (1988), ao discutir o mesmo assunto, indica o caráter subjetivo da maioria dos advérbios, que não se comportam meramente como a gramática tradicional os posiciona na frase, ligando-se, isto sim, ao sujeito da enunciação, ao emissor responsável pelo enunciado.

Pensar no funcionamento sintático do advérbio *ativamente*, tomando a SD na qual ele foi utilizado, obriga evocar, também, o que Luft (2000) destaca quando fala a respeito. O autor explica que os elementos com valor adverbial não são rigorosamente necessários à compreensão básica do enunciado, tendo a (sub)função de determinar, qualificar e modificar outros termos. Destaquei, do *corpus*, a sequência discursiva de Garwin⁷⁷ que, ao responder à questão “Para você o que é militância?”, apresentou os três itens lexicais selecionados:

SD3 – *É defender uma causa e lutar ativamente a favor dela.*

Nesta formulação, fica evidenciada a função de modificador e de intensificador do advérbio que, uma vez considerado o funcionamento sintático, influencia outros elementos – *defender* e *lutar* que devem ser feitos de modo ativo, profundamente intencional. O sujeito que luta ou defende ativamente é um sujeito que toma a frente na ação de forma diferente daquele que simplesmente luta/defende. Dito de outra forma, a mera luta poderia não ser sistemática ou ainda profunda o suficiente para envolver o sujeito. Lutar ativamente, ou defender ativamente, denota uma entrega e uma decisão pessoal profundas.

Na SD utilizada como exemplo, um sujeito LGBT aponta que a militância é o exercício da defesa – ativa, intensa, profunda – de uma causa. É possível escrever este enunciado de outra forma, no momento em que substituimos os itens lexicais “defender” e “lutar” por um de seus significados estabilizados. Apresentarei os deslizamentos dos sentidos que podem, sempre, ser outros. É possível dizer, a partir desta SD, que a militância:

Deslizamento 1 – Item lexical: Defender

C) *É proteger-se de ataque em favor de* uma causa e lutar ativamente a favor dela.

D) *É afastar o perigo em favor de* uma causa e lutar ativamente a favor dela

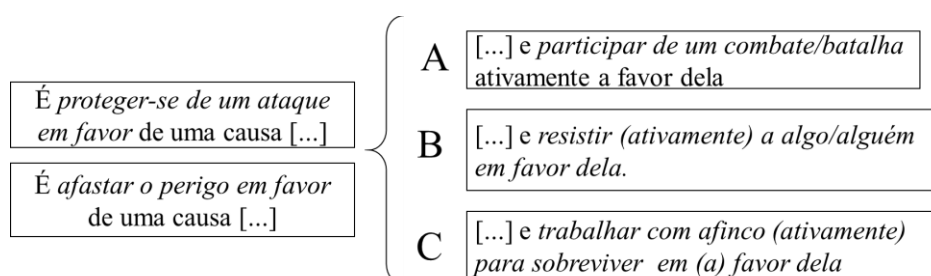
A partir desta transformação do dito, surgem outras questões como: de quem ou do que é preciso se proteger? Quem é este sujeito atacante que exige do militante uma ação de

⁷⁷ Nome fictício para preservar a identidade do participante.

proteção? Seguindo para o segundo deslizamento: que perigo é esse que precisa ser afastado pelo militante para que a sua causa tenha andamento? A militância parece ser, então, um processo de combate ao perigo, de resguardo daquele que a pratica, pois ele (ou a causa que defende) sofre ataques intensos com poder suficiente para destruí-la.

Passsei, então, para o deslizamento 2, onde substituí o termo *lutar*, usando as mesmas alterações lexicais já realizadas com o termo *defender*, o que permitiu 6 combinações possíveis de deslizamento:

Deslizamento 2 – Item lexical: Defender + Lutar



Através dos sentidos estabilizados, militância, além de ser um ato de proteção que envolve afastar o perigo eminente, que ameaça de forma efetiva a causa daquele que se coloca na situação de militância, trata-se de uma situação de sobrevivência, de resistência, de combate. O sentido de ameaça se intensifica. O militante não é só aquele que está sob perigo, sob risco de uma ação que lhe é violenta, como sobrevivente, ele resiste não por mera contraposição: sua própria existência está ameaçada. Militar é uma questão de vida ou morte.

Considerado, agora, como objeto discursivo que escapa às armadilhas da suposta transparência da língua, evidencio dois efeitos de sentidos: *militância guardiã* e *militância sobrevivente*. Efeitos de sentidos que se interpenetram, que dialogam profundamente, pois a militância guardiã assume este posto de protetorado em razão da ameaça destruidora que recai sobre o militante, ou sobre a causa de sua proteção. Diferente da condição de sobrevivente, a militância guardiã está mais empoderada do seu papel e da sua identidade de militante e por isso consegue tornar-se protetor de outrem – ele milita não apenas para si mesmo, mas para o grupo que representa, compreendendo que militar por si mesmo reverbera na proteção de todos. Digo “ameaça destruidora”, pois não é qualquer espécie de oposição que demanda uma “batalha intensa”, um “trabalho dedicado pela sobrevivência”. Sobreviver é sobrepor-se a uma fatalidade, a uma força que, em muitos casos, pode ser maior que aquele que contra ela luta. No dicionário, sobreviver está definido como “permanecer vivo após desaparecimento de outros,

ou após passar por perigo mortal, doença, dificuldades”. Este perigo mortal representado pela oposição à causa do militante, ao meu ver, só pode ser considerado mortal por afetar dimensões do sujeito militante que se costumam à própria essência do seu viver. Tomemos, por exemplo, a causa LGBT: aqueles que atacam a causa LGBT, atacam o próprio direito de ser dos gays, das lésbicas, dos bissexuais, das travestis e dos/das transexuais. Outros e outras já desapareceram antes, foram derrotados pela ameaça. Aqueles que militam são guardiões da própria existência e da existência de sua causa, como também militam no esforço do sobreviver.

Conclusão

Inscrevendo-se em uma FD de Gênero Transgressora, encontramos o efeito de sentido militância guardiã, enquanto em uma FD da Heteronormatividade, encontramos o efeito de sentido de militância sobrevivente. Se, por um lado, militar torna-se um ato de manifestação pública e de resistência, de proteção, criando rachaduras na heteronormatividade, “apenas” – o digo entre muitas aspas – sobreviver à ação dela materializa seu intento: subjugar aqueles que desviam de seu desejo, de sua ordem. Ninguém vive em plenitude na condição de sobrevivente. Militar é um ato que habita na dualidade do desejo de liberdade – de romper com a normativa, com o controle, com a opressão, com a proteção do direito de uma vida plena – e do desejo de sobreviver – de ver-se perseguido, caçado, marcado, obrigado, de uma forma ou de outra, a encontrar subterfúgios para resistir a uma “força maior”. O sujeito LGBT ainda se vê demandado a resistir e sobreviver à força de uma norma opressora, que, pelos fios do discurso, busca interditar a possibilidade do dizer acerca de si mesmo, em perspectivas outras, que não sejam as tomadas por este contexto de discriminação e transgressão. Muito se conquistou em termos de direitos sociais, mas ainda se faz indispensável conquistar mais, criar novas rachaduras e alçar novos voos na direção da possibilidade do dizer mais pleno, não obnubilado por uma normatividade sufocante e injusta.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, Enéas Martins de. *Nova gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Atlas, 1985.
- BOMFIM, Eneida. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2008.
- ERNST-PEREIRA, Aracy et all. O discurso pedagógico: a presença do outro. *Letras – Revista*

do Mestrado em Letras da UFSM (RS), janeiro de 1996

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O Caráter Singular da Língua Na Análise de Discurso. *Organon*, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 189-200, 2005.

HERBERT, Thomas (1967). Observações para uma teoria geral das ideologias. *Rua*, Campinas, 1995, n. 1, p. 63-89.

HERBERT, Thomas (1966). Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social. In: ORLANDI, Eni P. (org.). *Análise do Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011. p. 21-54.

KATZ, Jonathan Ned. *A Invenção da Heterossexualidade*. Tradução por Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. *A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LUFT, Celso Pedro. *Pequeno dicionário da língua portuguesa*. 14. ed. São Paulo: Scipione, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 10. Ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Analyse de contenu et théorie du discours, *Bulletin du CERP*, v. 16, n. 3, Paris, CNRS, 1967, p. 211-227.**

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2. Ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Vers une technique d'analyse du discours, *Psychologie Française*, v. 13, n. 1, 1968, p. 113-117.**

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2010. p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise. HACK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993. p. 61-105.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

APÊNDICE D - O SILÊNCIO QUE MATA: ESCOLA, CURRÍCULO E VIDAS LGBT

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um prolongamento de uma pesquisa realizada em 2016, com o objetivo de compreender como pessoas LGBT produziam sentidos acerca da LGBTfobia e da militância. Revelou-se, através do trabalho com a Análise de Discurso de Michel Pêcheux, um grande encontro com o silenciamento: os dizeres da comunidade LGBT ocupavam este espaço de significação para demonstrar sua resistência e a violência da heteronormatividade. Este conceito refere-se a ideia de uma “heterossexualidade compulsória”, funcionando de tal forma que “[...] faz crer que a heterossexualidade é a forma mais natural, normal e saudável de viver a sexualidade. Quando o sujeito foge a essa norma, ele é tido como desviante, anormal, doente, incompleto, imaturo” (BALESTRIN, 2017, p. 18). Implicado pelas conclusões então levantadas, desejei aproximar a questão do espaço escolar, da produção de significados sociais através do currículo. Com isso, desenvolveu-se esta pesquisa de caráter qualitativo, do tipo estudo de caso, aproximando escola, currículo e as vidas LGBTs que as instituições escolares, de forma geral, insistem em silenciar, enclausurar, invisibilizar. Essa violência simbólica “[...] se reflete em taxas de suicídio superiores destes jovens quando comparada com as taxas em jovens que se identificam como heterossexuais” (VERDIER; FIRDION, 2003 apud NARDI; QUARTIERO, 2007, p. 77). O objetivo deste escrito é problematizar a natureza heteronormativa do currículo, e seus efeitos danosos a uma formação cidadã e à justiça social. Novamente fazendo uso do escopo teórico da Análise de Discurso, fui surpreendido pela reverberação dos sentidos: as descobertas feitas em 2016, ressoavam no relatório⁷⁸ da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR)⁷⁹ sobre as situações de estudantes LGBT nas escolas brasileiras, publicado no mesmo ano. O relatório temo título de “Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil”. Pesquisas diferentes, com sujeitos diferentes, de idades diferentes, evidenciaram o silenciamento e a violência sofridos pela comunidade LGBT.

⁷⁸ Utilizaremos a palavra Relatório, escrito com letra maiúscula para referenciar a pesquisa feita pela ABGLT.

⁷⁹ A parceria também se estendeu a grupo internacionais como Fundación Todo Mejora (Chile); Gay, Lesbian & Straight Education Network (GLSEN – EUA).

O PROJETO DE PÊCHEUX

O trabalho de Michel Pêcheux, preocupado com a materialização da ideologia na linguagem, resultou na consolidação de uma teoria materialista do discurso. Tal teoria tencionou a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. O discurso, objeto teórico, é processo sócio-histórico que permite observar o encontro da língua com a ideologia, tomando a primeira como sua materialidade. Tratar o discurso como objeto sócio-histórico, implica dizer que ele é constantemente afetado pelas relações de poder. Corporifica-se, ao longo do denso trabalho de seu fundador, para a Análise de Discurso uma série de conceitos-chaves, para a produção do conhecimento em AD: sujeito, discurso, história, ideologia e sentido são elementos nodais do trabalho pecheuxtiano. O discurso, como conceituou Pêcheux, “é efeito de sentido entre interlocutores” (PÊCHEUX, 1993, p. 82), interlocutores não-empíricos, sujeitos historicamente determinados. O discurso é um processo social que tem na língua a sua materialidade. É nele que podemos observar “[...] as relações entre ideologia e língua, bem como os efeitos do jogo da língua na história e os efeitos desta na língua” (FERREIRA, 2003, p. 193).

No caso deste trabalho, o corpus provocou a necessidade de buscar o conceito do silêncio assim como é trabalhado por Orlandi (1993). A autora apresenta uma nova perspectiva para pensar esta questão, propondo um papel ativo para o silêncio na produção dos sentidos. Se na perspectiva comum, ele é sinal do não-dizer, da ausência de significação, Orlandi aponta que, em verdade, é uma das formas possíveis de estar no sentido, de significar. Afirma que

A linguagem, por seu lado, já é *categorização* do silêncio. É movimento periférico, ruído. [...] A linguagem é conjugação significativa da existência e é produzida pelo homem, para domesticar a significação. A fala divide o silêncio. Organiza-o. O silêncio é disperso, e a fala é voltada para a unicidade e as entidades discretas. Formas. Segmentos visíveis e funcionais que tornam a significação *calculável*. (ORLANDI, 1993, p. 34).

Mais ainda: o silêncio é “horizonte e iminência do sentido” (ORLANDI, 1993, p. 13). Ademais, difere o **silêncio** – como lugar de possibilidades dos sentidos e respiração das palavras – e o **silenciamento** – a política do silêncio – que age no sentido de coibir a possibilidade do dizer, censurando o sujeito. É esta dimensão do silêncio que ressoa neste trabalho. O silenciamento de pessoas LGBT pela heteronormatividade, efetivado de tal forma que cala a experiência vivida destes sujeitos no momento em que são convidados a falar de sua realidade. Apesar deste efeito da heteronormatividade, é preciso considerar que “[...] o silêncio pode ser considerado tanto como parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua

contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência).” (ORLANDI, 1993, p. 31)

O que aponta para a natureza dividida e contraditória do sujeito, que se constitui na relação de forças entre sedimentação e renovação do dizer, ou ainda, entre a paráfrase e a polissemia. Vejo o sexo como uma das possíveis regiões ideológicas a que Pêcheux se refere em *Semântica e Discurso* (1995), estando a serviço da heteronormatividade no que tange aos interesses das classes dominantes (brancas, cristãs, heterossexuais...) na manutenção dos sentidos acerca das possibilidades de vivência sexual. A partir desta concepção, é possível entender as relações entre o silenciamento e o silêncio de resistência encontrados nos enunciados que compuseram esta pesquisa.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A discussão que aqui se propõe, deu-se em razão da aproximação de enunciados coleados na pesquisa realizada em 2016 e dos depoimentos reunidos no relatório da ABGLT. Tal aproximação reforçou as descobertas realizadas anteriormente e reverberou o debate para a dimensão da escola e do currículo. A coleta das sequências discursivas deu-se através da plataforma virtual *Survey Monkey*, contando com 16 participantes, todos moradores do Rio Grande do Sul. Todos os colaboradores da pesquisa são sujeitos LGBT, que apesar das diferentes trajetórias de vida, tem em comum a experiência escolar. Dos efeitos de sentidos presentes no corpus discursivo, selecionamos o efeito de sentido de violência e o aproximamos dos depoimentos contidos na “Pesquisa Educacional sobre o Ambiente Escolar no Brasil”. Selecionamos 8 depoimentos que ressoaram com o efeito de sentido de violência, demonstrando que os sujeitos LGBTs, em diferentes lugares do Brasil, são afetados pelos mesmos efeitos de cerceamento do dizer e sofrimento.

VIOLÊNCIA, CURRÍCULO E ESCOLA

O efeito de sentido de violência demonstra que os dizeres de LGBTs são sempre ladeadas pela heteronormatividade que se manifesta através do medo, do receio, da violência. Na primeira pesquisa realizada, neste efeito de sentido, o medo de ser alvo do preconceito e da dor transpareceu nas sequências discursivas (SD). A violência é um sentido pulsante em todos os dizeres, entrando em direta relação com as sequências destacadas do relatório da ABGLT. Destacamos da primeira pesquisa, respostas para a questões 7: Você considera que existe

LGBTfobia? Você sofre com isso?

SD 1	Sei que existe, pois já sofri na infância. Agora não mais. Mas temo sofrer. [...]
SD 2	Sim. Sofro no quesito cotidiano, mas nenhuma violência física me atingiu. Ainda.
SD4	Sim. Existe e podemos observar em diversos veículos midiáticos. Eu não sofro com isso diretamente, porém influência nas minhas atitudes sociais.

O dizer LGBT está marcado pela violência de todas as formas – seja no passado, em experiências vividas; seja no presente, sofrendo as ações das imposições culturais; seja no devir, com o medo de ser alvo dela no futuro. Observando as marcas da violência nos discursos LGBT, chega-se aos efeitos que a heteronormatividade e seus mecanismos de controle condensam nos sujeitos. A violência não é uma realidade distante ou impossível, muito pelo contrário – ela é uma certeza, um fato concreto, que há de acontecer em algum momento da história dos LGBT. Seja na infância, no trabalho, na família, etc. Se não o foi no passado, acontecerá seja no presente ou no futuro. Ser LGBT é reconhecer a irrefutabilidade da discriminação e do preconceito, que a qualquer momento pode se manifestar.

Observando os enunciados encontrados do Relatório, podemos observar a materialização deste temor, o do sofrimento direito do preconceito. Se nas SDs 1, 2 e 3 é o medo que faz interface com a irrefutabilidade da violência, nas SDs 4, 5, 6, 7 e 8 de estudantes do Ensino Médio é a dor que toma conta dos dizeres:

SD4	Certa vez ao sair da escola com a minha amiga (lésbica), dois garotos da nossa sala nos perseguiram até quase chegarmos à minha casa (moro a 5 km da escola). Enquanto corríamos com medo, os dois gritavam coisas como: aberrações, filhos do capeta, abominação e coisas do tipo. Depois do ocorrido fui para a escola por mais uma semana, e depois desisti de estudar aquele ano (2015), pois não me sentia seguro.
SD5	O meu ensino médio foi horrível, graças aos meus colegas estudantes e aos funcionários da minha escola. Era difícil para mim acordar todos os dias e ir para aquele inferno.
SD6	Uma vez sofri bastante preconceito em minha sala de aula, fui até o diretor pedindo para mudar de sala, e ele insinuou que a culpa era minha pelo jeito de me comportar, vestir etc.
SD7	Ainda existe tanto preconceito; é tão angustiante se sentir sozinho, sem compreensão, com os xingamentos; somos considerados uma escória, se não fosse por alguns poucos amigos que compreendem nossa batalha diária; vejo o futuro com tanto pessimismo, que tristeza.
SD8	Meu professor de história foi demitido por ter me ajudado quando sofria muito bullying. Os outros pais e estudantes fizeram abaixo assinado contra ele porque ele começou a propor trabalhos com temas LGBT.

Os estudantes que deram estes depoimentos, então na faixa dos 15 aos 21 anos e são dos estados de São Paulo, Piauí, Mato Grosso e do Rio Grande do Sul. Nessas SDs a

heteronormatividade se manifesta gritantemente na escola. A escola, como lugar de passagem obrigatória e voltada para a formação da infância e da juventude, é lugar privilegiado de afetação social. Quer se tematize ou não a questão da cidadania no processo educativo, terminada a “quarentena escolar”, a sociedade recebe um novo cidadão. Em razão disso, é indispensável pensar que tipo de cidadania está sendo tematizada na escola – tematização essa que também pode ser feita através do silêncio, do não-falar, da convivência com o *status quo*. Que cidadão é esse que sai da escola? O que ele apre(e)nde ao vivenciar a escolarização? De que forma esse sujeito foi provocado a interpretar a sua realidade e aquela que o cerca? Como foi incitado a pensar sua atuação no seu contexto sociocultural?

A instituição escolar é (ou deveria ser) espaço de aproximação do conhecimento científico da realidade dos sujeitos que ali estão, não para produzir apagamentos das identidades das crianças e dos jovens, mas para complexificar a sua capacidade de entender o mundo que os cerca. Tal complexificação só pode ser feita dialogicamente, no estreitamento das relações das experiências coletivas e individuais com os conhecimentos científicos. Santos, ao falar sobre o paradigma dominante e o paradigma emergente, coloca que o segundo, ao gerar uma revolução científica, é uma proposta de “[...] um conhecimento prudente para uma vida descente” (1988, p.60). Aponta, ainda, que este novo paradigma “[...] não pode ser apenas um paradigma científico, tem de ser também um paradigma social (ibi., p. 60), o que significa dizer que é preciso pensar uma nova forma de entrelaçar conhecimento e vida social. A escola tem papel fundamental nisso.

O conceito freiriano do “pensar certo” parece caminhar na direção destas provocações, pois rejeita qualquer forma de discriminação, a fim de um exercício mais pleno da democracia (FREIRE, 1996). Esse refutar dos preconceitos passa pela necessidade de reestruturação cultural de uma sociedade, repensando as formas com que enxerga os sujeitos que são alvo de sua discriminação. É preciso repensar como são lidos socialmente todos aqueles grupos que são alvos de preconceito: as mulheres, os negros, os indígenas, os/as LGBTs e ainda as mais diversas expressões de gênero. A escola possui privilegiada posição para provocar essas transformações, já que é também ela uma das instituições responsáveis pela perpetuação destes preconceitos.

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. [...] O intelectual memorizador [...] repete o lido com precisão, mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética mas pensa mecanicistamente. Pensa errado. E como se os livros a cuja leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo. A realidade com que eles têm que

ver é a realidade idealizada de uma escola que vai virando cada vez mais um dado aí, desconectado do concreto. (FREIRE, 1996, p 26-27).

Essa busca pela realidade, provocada pelo “pensar certo”, que não se desconecta do dia a dia, da materialidade da vida e diretamente voltada a negar preconceitos, caminha na direção da justiça social. A escolarização, então, seria um processo de aproximação dos educandos com ferramentas de leitura da sua realidade, possibilitando-os refletir de forma crítica e qualificada, não para que, individualmente, se tornassem capazes de ascender socialmente. Focar na possibilidade de ascensão econômica do indivíduo parece-me uma perpetuação de um sistema gerador de desigualdades – trata-se de uma sustentação do sistema meritocrático: destaca-se apenas quem melhor se desenvolve na escolarização.

Como defendido por Connell, pensar a justiça social é algo que deve ser pauta de todos aqueles que se envolvem no sistema educativo (professores, familiares, educandos e gestores). Para ela, há três razões que devem ser consideradas (1993): 1) o sistema escolar é um grande bem público, com grande investimento do governo. Logo é importante refletir sobre quem recebe os benefícios deste sistema – quem consegue acessar os níveis mais elevados de educação e quem vê suas expectativas (quando as tem) frustradas?; 2) a importância dos sistemas escolares tende a crescer no futuro – o sistema de produção faz uso do conhecimento organizado, o que coloca a escola em uma posição de importância: ela não apenas distribui os bens públicos, como também molda o tipo de sociedade que teremos; 3) educar envolve um aprendizado moral que, ao ser evitado, resulta em lições de indiferença moral e falta de responsabilidade. Connell aponta, ainda, que privilegiar uma criança em detrimento de outras é dar-lhe uma educação corrompida. Tomando o terceiro aspecto referido por Connell, sobre a aprendizagem ético-moral, é preciso refletir sobre como o currículo desencadeia, pelos silenciamentos, pelas negativas, pelas invisibilidades, este efeito de indiferença moral e falta de responsabilidade. Todo currículo que não se comprometa com questões da justiça social acaba por validar as opressões que a sociedade vivencia. Ignorando o feminicídio, permite que se chamem de loucas as mulheres que lutam contra a violência; ignorando o racismo, permite que se chamem de vitimistas os negros que se levantam contra ele; ignorando a LGBTfobia, permite que se chamem de doentes aqueles que amam e vivem o prazer fora do regime heteronormativo.

Importante destacar os dados levantados no Relatório: é gritante a materialidade desse sofrimento e dessa desigualdade que se corporifica no ambiente escolar. A ABGLT contou com 1016 participações coletadas entre todos os estados do Brasil (com exceção de TO). Contribuíram estudantes de escolar particulares e públicas, com faixa etária de 13 a 21 anos. Os moldes da investigação seguiram a Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Escolar (National

School Climate Survey) da GLSEN, que vem sendo aplicada, desde 1999, nos EUA, e tem sido adaptada e aplicada em outros países. Dos estudantes participantes da pesquisa 60% se sentiam inseguros na escola por conta de sua orientação sexual; 48% ouviram com frequência comentários LGBTfóbicos feitos por seus pares; 73% foram agredidos verbalmente por sua orientação sexual e 68% por sua identidade/expressão de gênero (ABGLT, 2016, p. 19) Que escola é essa que permite níveis tão elevados de violência contra aqueles que deveria instruir? Ou ainda, que formação é essa que permite o exercício da discriminação de forma tão escancarada e violenta em espaços escolares? Guacira Lopes Louro nos dá a resposta, apontando que, apesar do possível reconhecimento da existência de outras formas de exercício da sexualidade e das expressões de gênero,

uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. [...] é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico. (LOURO, 2003, p. 43-44).

A heteronormatividade está profundamente costurada nas propostas de currículo, através do silenciamento da história LGBT no Brasil e no mundo. Abre-se espaço para a educação corrompida de que fala Connell, como por exemplo a associação do vírus HIV exclusivamente a homens gays, ignorando o fato de que doenças sexualmente transmissíveis não “escolhem” orientação sexual. Permite, asserções sobre a inexistência de práticas homossexuais no passado, momento em “que a ordem estava realmente estabelecida”. Afirmação que ignora a história da humanidade e da sexualidade, por desconhecer que, por exemplo, o termo ‘heterossexual’ só surge a partir do século XIX, ou que, na Alemanha, em 1920, havia um instituto de estudos da sexualidade que já realizava cirurgias de transgenitalização – financiadas pelo governo alemão – e que foi destruído pelos nazistas em 1933 (KATZ, 1996; SIMÕES; FACCHINI, 2009). A escola não pode permitir que discursos desta ordem sejam reproduzidos e perpetuados dentro das suas paredes e sob a sua chancela.

Em razão da onda conservadora no país, desde 2010, os debates sobre sexualidade foram retirados das escolas via Assembleias Legislativas, o que afeta diretamente os jovens estudantes que, apesar do maior acesso à internet, possuem menos acesso a informações qualificadas sobre o tema – resultando no aumento da AIDS, da sífilis congênita e da gravidez na adolescência, como aponta Georgiana Braga-Orillard, diretora da UNAIDS Brasil, em uma entrevista à BBC (COSTA, 2016, s/p). A heteronormatividade, em conluio com outros aspectos do

conservadorismo, manifesta na escola e no currículo, não atinge única e exclusivamente as pessoas LGBT. Ela afeta a todas as crianças e jovens que veem-se impossibilitados de acessar, no ambiente escolar, as informações necessárias acerca de sexualidade. As escolas devem tratar, por exemplo, do incrível movimento realizado por artistas como *Dzi Croquettes* e *Secos & Molhados*, que, em plena ditadura militar, questionavam padrões de sexualidade e gênero, criando rupturas na estrutura dominante. É preciso que se diga que o maior índice de assassinatos de pessoas LGBT está nesse país⁸⁰ e que, apesar da falha jurídica de não haver uma lei contra a homofobia, a Constituição Federal, no inciso quarto do 3º Artigo, afirma que um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil é “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988). A escola precisa dizer que, na esteira deste objetivo, surgem diversos estatutos e leis que dão conta da discriminação de raça e etnia, do ataque à infância, à juventude e à velhice. O mesmo, entretanto, não aconteceu às questões de sexualidade, demonstrando uma lacuna na aplicação dos direitos dos cidadãos LGBTs brasileiros. Isso se corporifica como uma precarização da democracia. Por que esta diferenciação se as estatísticas gritantes apresentam a necessidade de políticas públicas de proteção? Estes questionamentos devem ser levantados no espaço da escola como dimensão formativa da cidadania.

Débora Britzman (1998) apresenta a sexualidade como uma potente e complexa dimensão humana que deve ser valorizada. É a partir dela que a curiosidade humana se desenvolve. Não devemos pensá-la única e exclusivamente como uma manifestação erótica, mas sim, como um catalizador da vontade de conhecer, de ter prazer em aprender. Esta leitura deve englobar as relações ontológicas e sociológicas. A autora propõe que se veja a sexualidade como “[...] uma paixão entre pessoas e como um viver apaixonado. Em termos mais gerais, eu lhes pedirei que pensem sobre o que a sexualidade tem a ver com a liberdade e com o direito de construir uma sociedade interessante, relevante e vital” (ibid., p. 155). Catalizadora da curiosidade e da possibilidade da construção de uma “sociedade mais interessante”, a sexualidade é um direito imbricado na formação da cidadania, na criação de

[...] um eu capaz de defender-se, de sentir de forma apaixonada a situação dos outros, de criar uma vida a partir das experiências de aprender a amar e de fazer dessa aprendizagem do amar, o amor por aprender. Esse direito a construir a sexualidade é,

⁸⁰ Vide: A) Revista Galileu - <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/05/brasil-ainda-e-o-pais-que-mais-assassina-lgbts-no-mundo.html>;

B) Catraca Livre – <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-lgbts-no-mundo-1-cada-25-horas>;

C) Folha Uol – <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1884666-brasil-patina-no-combate-a-homofobia-e-vira-lider-em-assassinatos-de-lgbts.shtml>

assim, composto de movimentos minúsculos e cotidianos: o direito de construir o eu, o direito ao prazer, o direito à informação adequada, o direito a fazer perguntas, o direito a ler, o direito a juntar-se ao social, o direito à curiosidade, o direito a amar. (ibid., p. 156).

Direitos esses garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O ECA (BRASIL, 1990) aponta que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos das crianças e dos adolescentes. Direitos que englobam a educação, a dignidade, o respeito, a liberdade e a convivência comunitária. No artigo 5º, o Estatuto afirma que: “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punindo na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”. No Capítulo II do Estatuto (BRASIL, 1990), encontramos ainda os artigos 17, 18 e 18-A, que seguem:

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Art. 18-A. A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los.

Apesar do claro desrespeito do ECA por parte das escolas, a cultura heteronormativa permite e incentiva que esses abusos sejam perpetrados contra a infância e a juventude, em nome da norma. Esse ataque aos direitos das crianças e dos adolescentes entra em dissonância com o que Freire fala sobre o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. Ensinar exige que se dê espaço para as identidades dos educandos, para as suas marcas culturais, para as suas expressões, e, em um jogo muito interessante de palavras, possibilitado pela pluralidade dos sentidos possíveis, ele diz:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a

exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade do meu *eu*. (FREIRE, 1996, p. 41).

A assunção de si mesmo, que Freire propõe, coloca o sujeito em um contexto histórico, em um contexto cultural – ele não é um indivíduo começo e fim do próprio sentido: ele está imerso em uma realidade que o afeta. Curiosamente, a expressão “assumir-se” transformou-se em uma expressão que se refere à declaração da sexualidade não-heterossexual. Dando ainda outra potente leitura para este parágrafo de Freire: o espaço da escola, dentro da sua necessária sensibilidade, respeito e comprometimento com o pensar certo, deveria ser o melhor lugar para “assumir-se”. Para dizer de si, para tratar da sua sexualidade de forma sadia e protegida, amparada por professoras e professores capacitados (o que implica o repensar acerca da formação docente) a tratar dessa dimensão essencial da sociedade e do sujeito – a sexualidade. Local onde a experiência pessoal e o conhecimento científico se encontram, a escola deveria ser espaço privilegiado para acolher a diferença e a pluralidade como formas sadias de ser e estar na vida.

PALAVRAS FINAIS

A escola deveria ser o espaço mais seguro para o “assumir-se”. Seguro porque capacitado a compreender o direito dos educandos de se constituírem como cidadãos plenos em uma sociedade democrática. A sexualidade deveria ser vista como potência, catalizadora da curiosidade, superando uma visão erotizada e vinculada ao ato sexual em si – a busca do prazer por aprender também é sexual. Esta pesquisa demonstra o quanto os dizeres LGBT são afetados pela violência da heteronormatividade, que reverbera nos dizeres, buscando silenciar, dominar os sentidos, conter os dizeres. Estes efeitos de contenção são contrários à uma perspectiva educativa que se balize em valores de igualdade e justiça social, demandando alterações estruturais que, no caso da escola, tem afetações curriculares. Duas pesquisas diferentes possibilitaram aproximações de sentidos de forma tal, que reforça a necessidade da luta contra a LGBTfobia. A necessidade de continuação do estudo é premente, na intenção de melhor compreender os efeitos da heteronormatividade na escola.

As vidas LGBTs veem-se constantemente ameaçadas. A escola reproduz/perpetua esse estigma cultural ao descer o véu de silêncio e invisibilidade que a sociedade tenta, a todo custo, jogar sobre essa comunidade. Seria exagero dizer que, da forma como funciona hoje, a escola corrobora com o assassinato dessas pessoas? Apesar do peso da afirmativa, não creio que seja exagerada. Negando-se a tratar do assunto, refutando o tema, as instituições escolares, pela

passividade, diante do seu potencial de intervenção cultural, permitem a continuidade do preconceito. Retomemos os dados da pesquisa da ABGLT: 56% dos entrevistados sofreram assédio sexual na escola; 25% agressão física em razão da sua identidade/expressão de gênero; 27% agressão física por sua orientação sexual; 73% sofreram agressões verbais por sua orientação sexual e 68% por sua identidade/expressão de gênero. Como não tomar esta escola como violenta e também responsável pela morte de 415 LGBTs no Brasil em 2017? Acredito plenamente no potencial da escola para ser o epicentro de grandes transformações sociais. Mas, assumir-se é preciso, e as instituições escolares precisam tomar para si a função científica e social de tratar de gênero, sexualidade, cidadania e direitos humanos, as escolas não podem se dar ao luxo de permanecer silentes. O silêncio mata.

REFERÊNCIAS

ABGLT, 2016. **Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais nos nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016. Disponível em: <<http://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>>

BALESTRIN, Patrícia Abel. Introdução aos estudos de Gênero e Sexualidade. IN: SILVEIRA et al. (org). **Educação em Gênero e Diversidade**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2017. p. 9-22.

BRITZMAN, Débora P. Sexualidade e Cidadania Democrática. IN: Silva, Luiz H. (org). **A Escola Cidadã no Contexto da Globalização**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 154-171.

CONNELL, R. W. **Schools and social justice**. Philadelphia: Temple University Press, 1993.

COSTA, Camila. Como homens gays voltaram a ser os mais vulneráveis ao HIV no Brasil, contrariando tendência mundial. **BBC**, 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37981194>>

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O Caráter Singular da Língua na Análise de Discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 189-200, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KATZ, Jonathan Ned. **A Invenção da Heterossexualidade**. Trad. Por Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 41-52

NARDI, Henrique Caetano; QUARTIERO, Eliana Teresinha. Pesquisa: subjetividade e sexualidade no cotidiano das práticas escolares. In: PASINI, Elisiane (org.). **Educando para a Diversidade**. Porto Alegre: Nuances, 2007. p. 77-93.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio Nos Movimentos dos Sentidos**. 2. Ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Campinas: Unicamp, 1995

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993. p. 61-162.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 2, n. 2, Aug. 1988

APÊNDICE E – “VIDAS DIVIDIDAS: TRANSGRESSÃO E NORMATIVIDADE NOS DISCURSOS LGBT”

Fundamentado na Análise de Discurso de Michel Pêcheux, este trabalho objetiva compreender de que maneira a discriminação e a resistência são enunciadas por pessoas LGBT. Retomamos um corpus analisado em 2016, composto por dezesseis participantes, residentes de Porto Alegre e Região Metropolitana (RS). Foi possível observar a natureza intervalar dos sujeitos, que se constituem entre silêncio e transgressão. Identificamos, assim, duas formações discursivas: uma da Transgressão e outra da Normatividade. Se na primeira ecoam vozes de enfrentamento, resistência e libertação, configurando um efeito de sentido de luta, na segunda encontramos ressonâncias da inquisição, da medicina patologizante e da ação policialesca, em um efeito de sentido de violência. Michel Pêcheux e Eni Orlandi são pensadores indispensáveis para compreender esta relação de forças que afeta os sujeitos e as suas possibilidades de exercício do dizer. Observamos que a heteronormatividade ainda é condicionante dos enunciados de sujeitos LGBT, que encontram na disrupção a possibilidade de romper com o silenciamento. A proposta da Análise de Discurso, de uma aproximação menos ingênua do dizer, desvela o que não é perceptível em primeiro momento: o jogo linguageiro de opressão e resistência que pessoas LGBT enfrentam em uma cultura tomada pela heteronormatividade.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Michel Pêcheux; LGBT.

APÊNDICE F – “SILENCIAMENTO E TRANSGRESSÃO: A DISRUPÇÃO NO DIZER LGBT”

Como os sujeitos LGBT significam a situação de opressão em que vivem? Que sentidos atribuem a movimentos de militância que põem resistência à discriminação? Como esses sujeitos se posicionam diante da LGBTfobia? Que sentidos outros poderiam eclodir dos discursos praticados por pessoas LGBT? Tais questões fomentaram uma pesquisa qualitativa a partir da qual intentamos compreender os discursos, evidenciando efeitos de sentidos relacionados à LGBTfobia e à militância e os modos como esses sentidos se relacionam à heteronormatividade. A Análise de Discurso (AD) fundada por Michel Pêcheux foi basilar para o desenvolvimento deste estudo, possibilitando uma aproximação menos ingênua com a língua(gem). Jonathan N. Katz, Júlio Assis Simões e Regina Facchini ofereceram subsídios importantes para pensar as questões da sexualidade. Pêcheux e Eni Orlandi são referências centrais para pensar o jogo linguageiro, provocando o olhar a perceber rupturas entre o institucionalizado e possibilidades outras do dizer. Essa relação paráfrase/polissemia se corporifica nos dizeres analisados, revelando a constituição intervalar do sujeito LGBT: ele oscila entre silenciamento e transgressão. A contraposição de Orlandi entre silêncio fundante e silenciamento implicou em um gesto analítico atento aos enunciados silentes dos participantes – era a censura do dizer que pulsava. Fomos surpreendidos por nove efeitos de sentido, inscritos em duas formações discursivas (FD) antagônicas – FD de Gênero Conservadora e FD de Gênero Transgressora. Na primeira FD, ainda subjugada à heteronormatividade, inscrevem-se os efeitos de sentido de concessão, de transformação, de militância impessoal, de militância da informação conservadora/iludida e de militância sobrevivente. Na segunda, em que movimentos de resistência à norma, tentativas de ruptura da censura são identificados, inscrevem-se os efeitos de sentido de militância guardiã, militância manifesto, militância da informação de ruptura e de LGBTfobia inconstitucional. Estas descobertas evidenciaram a contradição em que os sujeitos são constituídos, demonstrando como LGBTs, apesar dos direitos conquistados, ainda se veem interpelados pela formação ideológica da heteronormatividade. Essa interpelação resulta na tentativa de controle da identidade através da censura do dizer, realizando quebras na possibilidade de deslizamento do sujeito no fio do discurso. A busca pela significação dos LGBT se dá entre silenciamento e transgressão.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Michel Pêcheux; LGBT; Militância.

ANEXO A – AGE OF AQUARIUS/LET THE SUNSHINE IN

5th Dimension

<p><i>When the moon is in the Seventh House, and Jupiter aligns with Mars then Peace will guide the planets and love will steer the stars...This is the dawning of the age of Aquarius...</i></p>	<p>Quando a lua estiver na Sétima Casa e Júpiter se alinhar com Marte, então a Paz guiará os planetas e o amor guiará as estrelas... Este é o alvorecer da era de Aquário...</p>
<p><i>...Harmony and understanding, sympathy and trust abounding. No more falsehoods or derisions, golden living dreams of visions. Mystic Crystal revelation and the mind's true liberation. Aquarius...</i></p>	<p>Harmonia e compreensão, simpática e confiança abundam. Sem mais mentiras e escárnios, visões vivas de sonhos dourados. Revelação do cristal místico e a verdadeira libertação da mente. Aquário</p>
<p><i>Let the sunshine, let the sunshine in, the sunshine in, oh, let it shine, c'mon. Now everybody just sing along: let the sun shine in. Open up your heart and let it shine on in. When you are lonely, let it shine on. Got to open up your heart and let it shine on in and when you feel like you've been mistreated and your friends turn away just open your heart, and shine it on in.</i></p>	<p>Deixe o sol brilhar, deixe o brilho do sol entrar, deixe o brilho do sol entrar, oh deixe brilhar. Agora todos cantem junto: deixe o brilho do sol entrar. Abra seu coração e deixe o brilho do sol entrar. Quando você estiver sozinho, deixe o brilho do sol entrar. Você tem que abrir seu coração e deixa-lo brilhar e quando você sentir que foi maltratado e seus amigos viraram as costas, apenas abra seu coração deixe-o brilhar.</p>

ANEXO B – STAND!

Sly & the Family Stone

<p><i>Stand. In the end you'll still be you. One that's done all the things you set out to do. Stand. There's a cross for you to bear. Things to go through if your're going anywhere. Stand. For the things you know are right. It's the truth that the truth makes them so uptight. Stand. All the things you want are real. You have you to complete and there is no deal. Stand, stand, stand, stand.</i></p>	<p>Agente. No final, você ainda será você. Aquele que fez tudo aquilo que se propôs a fazer. Agente. Há uma cruz para você carregar. Coisas para passar se você está indo a qualquer lugar. Agente. Pelas coisas que você sabe que estão certas. É verdade que a verdade faz tudo tão difícil. Agente. Tudo o que você quer é real. Você tem a você mesmo para completar e não há acordo. Agente, agente, agente, agente.</p>
<p><i>Stand! You've been sitting much too long. There's a permanent crease in your right and wrong. Stand! There's a midget standing tall and the giant beside him about to fall! Stand. stand, stand! Stand! They will try to make you crawl, and they know what you're saying makes sense and all. Stand! Don't you know that you are free, well at least in your mind if you want to be! Everybody: stand, stand, stand.</i></p>	<p>Agente! Você está sentado há tempo demais. Há um vínculo permanente em seus acertos e erros. Agente! Há um anão mantendo-se de pé e um gigante ao lado dele prestes a cair! Agente, agente, agente! Agente! Eles vão tentar te fazer rastejar, e eles sabem que o que você diz tem todo sentido. Agente! Você não sabe que é livre. Bem, ao menos em sua mente se você quiser ser! Todo mundo: agente, agente, agente.</p>

ANEXO C – “THIS IS MY LIFE”

Shirley Bassey

Funny how a lonely day, can make a person say: what good is my life! Funny how a breaking heart, can make me start to say: what good is my life! Funny how I often seem, to think I'll find another dream in my life till I look around and see, this great big world is part of me And my life. This is my life. Today, tomorrow, love will come and find me, but that's the way that I was born to be. This is me! This is me! This is my life and I don't give a damn for lost emotions I've such a lot of love I've got to give Let me live! Let me live!

Engraçado como um dia solitário, pode fazer alguém dizer: como minha vida é boa! Engraçado como um coração partido, pode me fazer dizer: como minha vida é boa! Engraçado como eu muitas vezes penso que irei achar um outro sonho na minha vida, até eu olhar a volta e ver, que este grande mundo faz parte de mim e dela. Esta é minha vida. Hoje, amanhã, o amor virá e me encontrará, mas este é o jeito que eu nasci para ser! Esta sou eu! Esta sou eu! Esta é minha vida e pouco me importam as emoções perdidas. Eu tenho tanto amor para dar. Deixe-me viver! Deixe-me viver!

ANEXO D – GLOSSÁRIO⁸¹

Análise de Discurso: disciplina de entremeio, ela se forma no lugar em que a linguagem tem que ser referida necessariamente à sua exterioridade, para que se apreenda seu funcionamento enquanto processo significativo. Sua marca fundamental é a relação constitutiva entre a língua e a exterioridade, ou seja, entre o dizer e as condições de produção desse dizer.

Condições de produção: elas envolvem, sobretudo, os sujeitos e a situação, fazendo parte também a memória de produção do discurso. Em sentido estrito, elas remetem ao contexto imediato ou às circunstâncias da enunciação. Em sentido amplo, elas incluem o contexto socio-histórico, ideológico.

Discurso: conjunto de enunciados, fundado num critério que determine um lugar de enunciação, isto é, um espaço social circunscrito historicamente. Efeito de sentidos entre locutores posicionados em diferentes perspectivas.

Efeito parafrástico: é a matriz do sentido, o que se repete, o já-dito, isto é, aquilo que no dizer algo se mantém.

Efeito polissêmico: é a fonte do sentido, são os sentidos que surgem no acontecimento, um a se dizer, ou melhor, aquilo que no dizer produz novos efeitos de sentidos tomado o devir.

Forma-sujeito: indivíduo assujeitado pela ideologia, ela se constitui como a identificação do sujeito do discurso com a formação discursiva que o domina.

Formação Discursiva: matriz onde se articulam os sentidos formulados através do discurso, ela também revela diferentes posições assumidas pelo sujeito cuja identificação se torna possível por meio da percepção dos deslizamentos dos sentidos articulados no texto e articuladores do mesmo. Ela pode ser entendida como “[...] aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2012a, p. 43).

Formação ideológica: elemento suscetível de intervir como uma força em confronto a outras forças em uma conjuntura ideológica característica de uma formação social, em um dado momento. A formação ideológica tem uma existência material através do discurso.

Formação imaginária: designa “[...] o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 2010, p. 82).

História: segundo a AD, ela não é contexto concreto, empírico, não fica de fora. A história determina o que acontece no interior de um processo discursivo. Seu conceito integra-se à ordem do discurso, inscrevendo-se na língua a fim de que esta signifique.

Ideologia: é a base das práticas discursivas. A ideologia marca sua existência no discurso por meio da língua e da história. De modo mais claro, a ideologia é uma prática que significa,

⁸¹Glossário extraído, com autorização da autora, da Dissertação **Os processos de construção da autoria e do mal-estar docente numa escola pública estadual** (FISS, 1998) e atualizado.

surgindo como efeito da relação indispensável entre a língua e a história para o sentido existir.

Interdiscurso: processo de reconfiguração incessante no qual o saber de uma formação discursiva é levado a incorporar elementos pré-construídos produzidos no exterior dele mesmo, é levado, ainda, a suscitar a retomada de seus próprios elementos e a organizar sua repetição, mas também a provocar, eventualmente, o apagamento de seus elementos, seu esquecimento ou até mesmo sua denegação.

Intradiscurso: materialidade linguística.

Língua: para a AD, ela não é transparente, pois seu sentido não existe em si mesma, necessita da história para significar, isto é, uma palavra, expressão ou proposição tem seu sentido determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico onde aquela é produzida. A língua é o aspecto material do discurso.

Marcas linguísticas: marcas responsáveis pelas diferentes formas de funcionamento dos discursos.

Posições de sujeito: lugares de onde o sujeito fala vinculados ao papel social que ocupa na sociedade.

Sujeito: na concepção da AD, abandona-se o pensamento de um sujeito idealista, imanente, configurando-se num sujeito da linguagem e não um sujeito em si, mas, tal como existe socialmente, interpelado pela ideologia. Nesse sentido, ele não é origem, fonte absoluta do sentido, pois, no seu dizer, é atravessado por um já-lá, outro dizer que já foi dito.